



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

MARINA NASCIMENTO MINARELLI

**Educação e religiosidade evangélica nos meios populares:
expectativas das famílias sobre escolarização e educação
moral**

Campinas

2020

MARINA NASCIMENTO MINARELLI

Educação e religiosidade evangélica nos meios populares: expectativas das famílias sobre escolarização e educação moral

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração de Educação.

Supervisor/Orientador: Mauricio Ernica

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA MARINA NASCIMENTO MINARELLI E ORIENTADA PELO PROFESSOR DR. MAURICIO ERNICA

Campinas

2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Minarelli, Marina Nascimento, 1991-

M661e Educação e religiosidade evangélica nos meios populares : expectativas das famílias sobre escolarização e educação moral / Marina Nascimento Minarelli. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Mauricio Ernica.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Desigualdades socioeducacionais. 2. Sociologia da educação. 3. Brasil - Religião - Aspectos religiosos. 4. Periferias urbanas. 5. Religiosidade. I. Ernica, Mauricio, 1972-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Education and evangelical religion in the popular groups : family expectations about schooling and moral education

Palavras-chave em inglês:

Socio-educational inequality

Sociology of education

Urban peripheries

Religiosity

Brazil - Religion - Religious aspects

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Mauricio Ernica [Orientador]

Kimi Aparecida Tomizaki

Carly Barboza Machado

Data de defesa: 14-02-2020

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-4968-6555>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/0927366493668539>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Educação e religiosidade evangélica nos meios populares:
expectativas das famílias sobre escolarização e educação
moral**

Autora: Marina Nascimento Minarelli

COMISSÃO JULGADORA:

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Ernica

Profa. Dra. Carly Barboza Machado

Profa. Dra. Kimi Aparecida Tomizaki

A Ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

AGRADECIMENTOS

De maneira direta ou indireta, muitas pessoas e instituições foram essenciais para que esse trabalho fosse concluído, sendo muito difícil nomear todas em poucas linhas. Aqui tento expressar meus sinceros agradecimentos a todas elas.

Agradeço esse trabalho principalmente aos meus pais, Maria e Luis, por terem investido em mim e por terem apoiado minhas decisões. Ao meu irmão Guilherme que me inspirou e viveu junto comigo todas as etapas desse processo, sabendo sempre, com sabedoria e carinho, trazer boas ponderações.

A todos os amigos que estiveram presentes ao longo de todo esse processo, compartilhando alegrias e ansiedades, sempre me incentivando e ouvindo minhas inquietações. Mylena, Laura, Monique, Paula, minha prima Mariana, Lúcio, Thales, Irina e Júlia Toledo, muito obrigada pela paciência e pelo apoio. À Lilian que cuidadosamente leu meu trabalho e também esteve presente ao longo do processo. À Júlia Audi e mais uma vez ao Gui por se tornarem grandes companheiros de trabalho, deixando a jornada mais leve e contribuindo com diversas reflexões. Ao Gustavo que com nossos cafés ajudava a aliviar a rotina. Agradeço também toda a família Spina que sempre me recebeu com muito carinho em Campinas.

Agradeço a todos os professores e colegas da Faculdade de Educação da Unicamp que durante as aulas e nas reuniões do Focus contribuíram para a minha formação e para o desenvolvimento do meu trabalho. Aos professores e colegas também do Laboratório de Antropologia da Religião que contribuíram para que eu adentrasse em uma área que até então eu pouco conhecia.

Às professoras Carly Machado e a Kimi Tomizaki que aceitaram participar da minha qualificação e fizeram contribuições valiosas nessa primeira etapa, aceitando também retornar para o exame de defesa.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Dr. Mauricio Ernica, que com muita paciência e cuidado orientou meus passos e minha escrita. Obrigada pela exigência e pelos desafios intelectuais que me proporcionaram um aprendizado ímpar. Agradeço também por seu incentivo e disponibilidade, superando minhas expectativas de orientação e de realização de pesquisa.

Agradeço a agência de fomento à pesquisa CAPES, pela concessão da bolsa de estudos que me permitiu manter dedicação exclusiva ao longo do processo, garantindo um melhor aprendizado e resultado de trabalho.

À Biblioteca Mario de Andrade que foi o cenário desse projeto antes mesmo de eu ingressar no programa, tornando-se um lugar de estudos, de calma e também de cultura.

De maneira especial, agradeço a todas as pessoas do território estudado que sempre tiveram paciência e disponibilidade para me receber. Obrigada pela confiança de permitir o registro de experiências, muitas vezes, tão pessoais e caras à sua trajetória. Aprendi com vocês muito mais do que buscava responder e os agradeço profundamente por isso.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. N° do processo: 88882.434757/2019-01

Resumo

Esta pesquisa estuda a possível relação entre a participação religiosa e a construção de expectativas e investimentos escolares. O objetivo foi apreender os possíveis efeitos da religiosidade evangélica sobre as expectativas escolares e os modos de se relacionar com o ensino em famílias populares. O objeto dessa pesquisa nasce da intersecção de dois conjuntos de análises: a sociologia da educação e os estudos sobre religiões evangélicas. Os trabalhos do primeiro conjunto sustentam que famílias populares, por estarem expostas à necessidades sociais cotidianas e por serem culturalmente mais distantes da escola, manteriam uma relação ambivalente com a escolarização: ocupam uma relação dominada, aceitando a autoridade escolar e, por outro lado, não possuem os meios rentáveis para investir na educação, sendo seus esforços distantes das práticas valorizadas no espaço escolar. As pesquisas sobre religião evangélica, por sua vez, apontam algumas características desse fenômeno em expansão nos grupos mais pobres e menos escolarizados, indicando que o modo de vida evangélico pode ter influências em outros domínios da vida social. Marcado pelo asceticismo e pelo discurso institucional das igrejas que traça uma projeção positiva para o futuro, a religiosidade evangélica produziria disposições de comportamento afins às expectativas escolares. Considerando essas análises, a pesquisa empírica foi realizada em uma periferia metropolitana, em um território no qual também foi possível considerar a variação da posição social das diferentes famílias investigadas. Foi realizado o reconhecimento das igrejas do território e posterior aproximação e entrevista com as famílias evangélicas com crianças e jovens em idade escolar. As principais conclusões são: foram identificadas três frações das classes populares que se relacionam de maneiras distintas com a educação escolar e com a religiosidade; a maioria das igrejas do território são locais, pequenas, com líderes do próprio bairro, muitos com baixa escolarização, e se distanciam do discurso institucional das grandes igrejas evangélicas apontadas pela literatura. Para as famílias entrevistadas a religiosidade está associada a estratégias negativas, de evitação dos males do território; contudo, os investimentos escolares dependem de outros tipos de estratégias, as positivas, orientadas para o futuro. Apenas as famílias das frações mais altas das classes populares conseguem garantir estratégias positivas e negativas, os demais grupos não têm estratégias positivas e, portanto, suas ambições escolares são menores. Esse grupo mais bem posicionado tem como horizonte escolar o Ensino Superior. O grupo social intermediário ambiciona a conclusão do Ensino Médio, procurando permanecer no sistema de ensino até o fim da escolarização obrigatória e tem estratégias negativas, para as quais possui meios para assegurar alguma eficácia e conta com a religiosidade como suporte de evitação do que consideram perigos do bairro. Quanto ao grupo mais baixo, não se pode dizer que consiga empreender estratégias negativas, apesar dos discursos dessas mães se assemelharem aos gerados pelas práticas negativas dos outros grupos, elas não possuem força para fazer frente às circunstâncias em que vivem e no máximo buscam a regulação da própria mãe e da figura masculina; quanto às ambições escolares, elas são ainda menores e não asseguram sequer a conclusão da escolarização obrigatória.

Abstract

This research studies the possible relationship between religious participation and the construction of school expectations and investments. The objective was to apprehend the possible effects of the evangelical religiosity on school expectations and ways of relating to education in popular families. The object of this research is born from the intersection of two sets of analyzes: the sociology of education and studies on evangelical religions. The works of the first set maintain that popular families, because of their exposure to daily social needs and by being more culturally distant from school, would maintain an ambivalent relationship with schooling: a relationship of domination, accepting school authority and, on the other hand, do not have the fruitful means to invest in education, their efforts being distant from practices valued in the school space. Research on evangelical religion points to some characteristics of this expanding phenomenon in the poorest and least educated groups, indicating that the evangelical way of life can have influences on other domains of social life. Marked by asceticism and by the institutional discourse of the churches that outlines a positive projection for the future, evangelical religiosity would produce dispositions of behavior similar to school expectations. Considering these analyzes, the empirical research was carried out in a metropolitan periphery, in a territory where it was also possible to consider the variation of the social position of the different families investigated. The fieldwork was developed with the recognition of the churches in the territory and, later, investigating the evangelical families with school children. The main conclusions are: three fractions of the popular classes were identified, which are related in different ways to school education and religiosity; most of the churches in the territory are local, small, with leaders from the neighborhood themselves, many with low schooling, and distance themselves from the institutional discourse of the large evangelical churches pointed out by literature. For the interviewed families, evangelical religiosity is associated with negative strategies to avoid the ills of the territory; however, school investments depend on other types of strategies, positive ones, oriented towards the future. Only the families of the highest fractions of the popular classes are able to guarantee positive and negative strategies, the other groups do not have positive strategies and, therefore, their school ambitions are lower. This better positioned group has the Higher Education as its school horizon. The intermediary social group aspires to complete high school, attempts to remain in the education system until the end of compulsory schooling; and has negative strategies, for which it has the means to ensure some effectiveness and relies on religiosity as a support to avoid what they consider the dangers of the neighborhood. As for the lowest group, it cannot be said that they are able to undertake negative strategies, because although the discourses of these mothers are similar to the negative practices of the other groups, they do not have the strength to face the situations in which they live and most seek the regulation of the mother herself and the male figure; as for school ambitions, they are even smaller and do not even guarantee the completion of compulsory schooling.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|---|
| AACD | Associação de Assistência à Criança Deficiente |
| AD | Assembleia de Deus |
| CCA | Centro para Crianças e Adolescentes |
| CEP | Código de Endereço Postal |
| CIEE | Centro de Integração Empresa-Escola |
| Cogieb | Convenção Geral das Igrejas Evangélicas do Brasil |
| CPAD | Casa Publicadora da Assembleia de Deus |
| CPTM | Companhia Paulista de Trens Metropolitanos |
| EF | Ensino Fundamental |
| EM | Ensino Médio |
| EMEI | Escolas Municipais de Educação Infantil |
| EMEF | Escola Municipal de Ensino Fundamental |
| Ideb | Índice de Desenvolvimento da Educação Básica |
| IURD | Igreja Universal do Reino de Deus |
| LA | Liberdade Assistida |
| MDC | Igreja Pentecostal Ministério de Cristo |
| MEC | Ministério da Educação |
| OSC | Organização da Sociedade Civil |
| SMP | São Miguel Paulista |
| TP | Teologia da Prosperidade |
| UBS | Unidade Básica de Saúde |

Sumário

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| Metodologia | 15 |
| 1. EDUCAÇÃO E RELIGIOSIDADE EVANGÉLICA | 19 |
| 1.1. Escola e religião: ethos cristão e o debate entre instrução e educação | 19 |
| 1.2. Religião como variável no desempenho escolar | 21 |
| 1.3. A leitura da Bíblia | 25 |
| 1.4. Estratégias familiares: religiosidade evangélica e socialização | 27 |
| 2. RELIGIÃO: O PENTECOSTALISMO EM SUAS CARACTERÍSTICAS E CONTEXTOS | 30 |
| 2.1. Ondas pentecostais | 31 |
| 2.2. A luta contra o mal: a ascese como estilo de vida | 35 |
| 2.3. Sociabilidade pentecostal e rede de proteção social | 38 |
| 2.4. Classes populares e pentecostalismo | 42 |
| 3. DISPOSIÇÕES ESCOLARES EM CLASSES POPULARES | 47 |
| 3.1. Estratégias educativas em meios populares | 51 |
| 3.2. Mulheres das classes populares | 54 |
| 4. O TERRITÓRIO | 58 |
| 4.1. São Miguel Paulista – Bairro Vila Harmonia | 58 |
| 4.2. As escolas do bairro | 60 |
| 4.3. As igrejas do bairro | 65 |
| 4.3.1. Igreja Católica | 68 |
| 4.3.2. Igreja Batista de São Miguel Paulista | 70 |
| 4.3.3. Congregação Cristã do Brasil | 74 |
| 4.3.4. Assembleia de Deus – Ministério de Belém – Setor 2 | 78 |
| 4.3.5. Igreja Pentecostal Ministério de Cristo | 83 |
| 4.3.6. Igreja Pentecostal Tempo de Avivamento | 86 |
| 4.3.7. Comunidade Cristã Nascidos para Vencer | 88 |
| 4.3.8. Igreja Pentecostal Amor e Prosperidade com Cristo | 90 |
| 4.3.9. Igreja Pentecostal Raridades de Cristo | 94 |
| 4.3.10. Igreja Evangélica Pentecostal Céu da Glória | 95 |
| 4.4. Considerações | 97 |
| 5. ENTREVISTAS | 100 |
| 5.1. Família A – Mãe Silvia | 100 |
| 5.1.1. História pessoal – “Né, essas lembranças assim vêm meio como flash, né, mesmo sendo muito criança. Então, assim, a gente teve muita dificuldade” | 101 |
| 5.1.2. Religiosidade – “Porque pra mim, essa coisa de religião, é uma coisa de cada um, você tem que se sentir bem, né?” | 102 |

| | |
|--|-----|
| 5.1.3. Relação com o território – “as pessoas começaram a me chamar pelo nome; eu comecei a escutar a história daquelas pessoas” | 105 |
| 5.1.4. Escolarização pessoal e familiar – “A educação estourou minha bolha” | 107 |
| 5.1.5. Educação das filhas – “Uma vez eu até fui falar com a professora de português – tudo bem que eu trabalho com isso – ‘Qual o livro que você tá lendo com os alunos?’ Não tinha.” | 110 |
| Escolarização | 112 |
| Regulação social e moralidade | 118 |
| Expectativas de futuro | 120 |
| 5.2 Família B – Mãe Sônia | 123 |
| 5.2.1. História pessoal – “Eu não tive luxo, mas tinha um lugar pra morar, né?” | 125 |
| 5.2.2. Religiosidade – “É que quando a gente tem filhos a gente começa a ter um pensamento diferente, a gente começa a ter medo de umas coisas, a gente sabe que tem que levar nossos filhos no caminho certo” | 126 |
| 5.2.3. Relação com o território – “porque tem bairro que te levanta, né? Que te puxa pra cima. E não só o bairro, são as pessoas, você vê as pessoas progredir mais, mais estudiosos, sabe?” | 131 |
| 5.2.4. Escolarização pessoal e familiar – “Pra mim, naquela época, eu achava que fazer uma faculdade estava muito longe pra mim, não era fácil. Não é fácil que nem é hoje” | 133 |
| 5.2.5. Educação dos filhos – “Eu sempre queria procurar uma escola melhor. Sempre ficava pensando assim, é melhor, é melhor, e ia trocando.” | 138 |
| Escolarização | 139 |
| Regulação social e moralidade | 146 |
| Expectativas de futuro | 149 |
| 5.3. Família C – Avó Angelina | 152 |
| 5.3.1. História pessoal – “Mas a gente sempre fica com uma mágoa dentro de si. Eu tenho; porque de homem e filho eu não tive sorte” | 153 |
| 5.3.2. Religiosidade – “E agora que eu sou da igreja também, que eu também não sou santa” | 155 |
| 5.3.3. Relação com o território – “Aqui, antes, matava 10 e deixava 15 pra mais tarde” | 157 |
| 5.3.4. Escolarização Pessoal e Familiar – “Eu não sei ler não, Marina; mas eu penso, eu penso” | 159 |
| 5.3.5. Educação escolar e moral dos filhos – “A Claudia nunca gostou de trabalhar, nunca, nunca, nunca...” | 160 |
| 5.3.6. Educação da neta – “A Barbara é da casa pra igreja, da casa pra escola, mas também porque eu fico em cima” | 161 |
| Escolarização | 162 |
| Regulação social e moralidade | 163 |
| Expectativas de Futuro | 164 |
| 5.4. Família D – Mãe Júlia | 166 |
| 5.4.1. História pessoal – “Necessidade eu já passei, até de ir de porta em porta eu já passei, de não ter o que comer. Eu não me envergonho de falar” | 168 |
| 5.4.2. Religiosidade – “Até quem tá no altar tem gente pra contar que foi traficante, que foi isso, foi aquilo... Tudo o que acontece não é por acaso: algum propósito tem: os planos de Deus é perfeito” | 171 |
| 5.4.3. Relação com o território – “Nisso, graças a Deus, Deus nunca me desamparou nessa parte: de pessoas, né, pra ajudar a gente quando precisa” | 175 |

| | |
|---|-----|
| 5.4.4. Escolarização pessoal e familiar – “Então eu tive que abrir mão dos meus estudos, né, da minha vida por ela” | 177 |
| 5.3.5. Educação dos filhos – “Com as dores que a gente passa, a gente tem experiência e essa experiência, a gente mostra pra eles de uma maneira que eles possam entender e não fazer o mesmo erro que a gente” | 178 |
| Escolarização | 179 |
| Regulação social e moralidade | 186 |
| Expectativa de futuro | 189 |
| 5.5. Família E – Mãe Tereza | 192 |
| 5.5.1. História pessoal | 194 |
| 5.5.2. Religiosidade | 195 |
| 5.5.3. Relação com o território | 196 |
| 5.5.4. Educação dos filhos e dos sobrinhos | 197 |
| Escolarização | 198 |
| Regulação social e moralidade | 199 |
| Expectativa de futuro | 200 |
| 6. CONCLUSÃO | 201 |
| BIBLIOGRAFIA | 213 |

INTRODUÇÃO

A religiosidade pode desempenhar papel importante na vida cotidiana das pessoas, formando disposições geradoras de práticas e modos de perceber e atribuir sentido ao mundo. Essas disposições podem repercutir em domínios diferentes do religioso. É o caso, por exemplo, do domínio escolar. Por sua vez, outras disposições de comportamento dos sujeitos – pertencentes a diferentes grupos sociais – também podem desempenhar papel chave na construção de suas expectativas escolares e do modo como se relacionam com o sistema de ensino. Sendo assim, esta pesquisa se interessa pela possível vinculação entre a participação religiosamente ativa na transformação das relações com a escola. Meu objetivo é compreender se e como a religiosidade transforma a relação com a escolarização, considerando a posição social dos sujeitos e a denominação religiosa da qual fazem parte. Mais especificamente, será estudado um grupo preciso: famílias pertencentes aos grupos populares, evangélicas¹, com crianças e jovens em idade escolar e que vivem em um bairro da periferia do município de São Paulo. O bairro em questão, no extremo Leste da cidade, possui em seu próprio interior desigualdades sociais bem marcadas e conta com grande número de igrejas evangélicas de diferentes denominações.

Assim, o objeto dessa pesquisa nasce da intersecção entre dois domínios científicos: a sociologia da educação e os estudos sobre religiões evangélicas.

A literatura sobre sociologia da educação que aborda a relação entre população que vive em alta pobreza com a escola fala que esses grupos, por estarem mais expostos às urgências das necessidades sociais não atendidas e por serem culturalmente mais distantes da escola, mantêm uma relação ambivalente com o ensino escolar. Se, por um lado, aderem à autoridade escolar, ocupando em relação a ela uma posição dominada, por outro, não têm meios para fazer investimentos rentáveis na escolarização, terminando por manter uma relação conflituosa e orientada por trajetórias mais curtas, com mais expectativas quanto a aprendizagens ético-morais e menores expectativa quanto às aprendizagens conceituais

¹ Seguindo outros pesquisadores (ALMEIDA, 2015; MARIANO, 2011) adotaremos evangélicos como categoria abrangente; compreendendo, porém, se tratar de um fenômeno plural como mostro no decorrer do trabalho. A partir do Censo de 1991 foram acrescentadas as seguintes distinções: Evangélicos Protestantes tradicionais – Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Adventista e Outras pentecostais tradicionais –; Evangélicos Pentecostais – Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, O Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Deus é Amor –; Outras pentecostais; além de “Evangélicos sem vínculo institucional, com múltipla pertença ou não determinados”.

(THIN, 2006; PAIXÃO, 2005; LAREAU, 2007; SÁ, 2017).

A literatura sobre religiosidade evangélica aponta que a progressiva expansão desse segmento ocorre principalmente entre os grupos mais pobres e menos escolarizados. A conversão e o envolvimento com a crença evangélica promoveria nos fiéis a adesão a um estilo de vida (NOVAES, 1985; MARIANO, 2014) marcado pelo ascetismo e a decorrente evitação de situações moralmente repreendidas – vícios, violências, controle da sexualidade –, marcando o discurso institucional das igrejas que traça uma projeção positiva para o futuro e, também, com intensa valorização da união e do bem-estar familiar. Todos esses aspectos também são valorizados pela escola, sendo associados à produção de comportamentos adequados a suas expectativas.

Essa literatura, por sua vez, ao focar no discurso institucional das igrejas, ou analisando denominações com grandes estruturas, considera apenas secundariamente a noção de classe social, pouco nos revelando como o discurso e os dogmas religiosos inferem diretamente na vida dos fiéis. Sabe-se que a ação dos indivíduos não é um espelho do que se espera da doutrina, sendo necessário considerar para a prática religiosa a influência de outros domínios sociais (DUARTE, 2014). Assim, ao a literatura pontuar o modo de vida ascético evangélico com forte sociabilidade entre os irmãos de fé, com redes de apoio, possuindo também atividades internas da igreja análogas às lógicas escolares – crença baseada na leitura da Bíblia, escolas dominicais, o aprendizado de um instrumento, ou de outras atividades oferecidas em grupos –, pouco nos revela de como essas práticas inferem na vida dos indivíduos transformando suas relações em outros domínios sociais, mais especificamente, o escolar.

Assim, considerando as formas típicas de se relacionar com a educação escolar dos grupos populares, levantada pela literatura da sociologia da educação, e as características das denominações evangélicas que promoveriam um modo de vida orientado pelo ascetismo, proponho a questão: nos meios sociais marcados de pobreza, a vida religiosa ativa, evangélica, transformaria a relação com a escolarização? Mais especificamente, o modo de vida religioso nesse meio social, impulsionado pela crença e pelo envolvimento em uma comunidade evangélica, transforma os comportamentos, as práticas e as ambições de famílias populares em relação à educação escolar e moral?

Nos primeiros capítulos, apresento os debates pertinentes à questão da pesquisa: primeiramente, é discutida a literatura sobre educação e religiosidade, atentando-se para o lugar que o conceito de classe social ocupa nesses trabalhos. Em seguida, abordo o debate sobre a religiosidade evangélica no Brasil e quais suas características. Ainda na apresentação teórica, apresento a literatura sobre escolarização em meios populares, com destaque para aquelas que abordam as estratégias e expectativas familiares em educação, que orientará as análises. A parte final do trabalho é destinada a descrição e análise da pesquisa de campo.

Metodologia

A pesquisa empírica foi desenvolvida no bairro Vila Harmonia², na subprefeitura de São Miguel Paulista (SMP), no extremo da Zona Leste de São Paulo. Essa subprefeitura é uma região mais pobre do que as regiões centrais da capital paulista, mas apresenta no seu próprio interior desigualdades sociais bem marcadas. Por sua vez, a Vila Harmonia está fisicamente próxima ao centro de SMP, mas é mais pobre; internamente, há uma estrutura social desigual no bairro que está marcada nos padrões de ocupação do solo e das habitações. Há três grandes posições sociais: i) a mais alta, concentrada em áreas de melhor urbanização e casas de alvenaria bem acabadas, muitas em lote único; ii) a intermediária, com urbanização e construções precárias, marcada por vielas e habitações dividindo o mesmo terreno, por vezes em verticalizações improvisadas e iii) a área mais recente e mais pobre, sem infraestrutura e com barracos de palafita por em cima do córrego que recebe esgoto da região.

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas, sendo as duas primeiras essenciais para compreensão dos sujeitos investigados quanto a sua posição social. A etapa final foi para apreender o objetivo proposto de investigar as possíveis relações entre participação religiosa ativa, evangélica, e os modos de relacionar com a educação escolar.

A **primeira etapa** consistiu na construção, em linhas gerais, do liame que estrutura o segmento do campo religioso existente no bairro, associando-o às relações que estruturam desigualdades socioespaciais da região.

² Para preservar a identidade dos participantes e poder utilizar os nomes verdadeiros das igrejas investigadas – importante para a caracterização –, o nome do bairro investigado é fictício.

Para isso, inspirei-me no conceito de campo, de Bourdieu (1983), entendido como espaço social de posições objetivas externas umas às outras que é estruturado e possui “leis de funcionamento invariantes”, específicas. Em cada campo define-se objetos e formas de disputas entre os agentes neles envolvidos pelos bens materiais e simbólicos que dão acesso às suas posições. Dessa forma, a existência do campo implica relações objetivas entre os agentes interessados no capital disputado, que são dotados de disposições específicas (*habitus*) e que conhecem as “leis imanentes do jogo, dos objetos de disputa, etc.” do campo.

A construção das relações do campo religioso foi iniciada por meio do contato com líderes comunitários e educadores sociais, investigando quais as principais igrejas e suas localidades e a relação delas com o espaço social. Após esse conhecimento prévio, a aproximação com as igrejas e seus integrantes e frequentadores se deu por cadeias de referências, a partir da estratégia *snowball* (BIERNARCKI; WALDORF, 1981; VINUTO, 2014), iniciada com os contatos estabelecidos previamente. Esses primeiros informantes, residentes do bairro e/ou trabalhadores de uma Organização da Sociedade Civil (OSC) atuante no local, puderam me apresentar tanto a líderes religiosos locais como a pessoas que frequentam as diferentes denominações. Devido a quantidade grande de igrejas (quanto mais eu conhecia o campo, mais descobria igrejas) e considerando que meus informantes iniciais são pessoas associativamente ativas (presidente de uma associação do bairro, agentes comunitárias de saúde, funcionários da OSC), não consegui ter acesso e informação sobre todas. Ao longo da pesquisa foram mapeadas 23 igrejas cristãs frequentadas por moradores do bairro (14 no território pesquisado, 9 no Centro de SMP), sendo apenas dois espaços católicos e nenhum outro estabelecimento de outras confissões. Durante essa etapa, também estabeleci contato com outras igrejas que não ficam localizadas na Vila Harmonia, mas que recebem fiéis desse bairro. Ao longo de toda a pesquisa a diferença entre católicos e evangélicos foi marcada por informantes, religiosos ou não; dessa forma, também apresento brevemente a Igreja Católica do bairro. Ao total, presenciei 31 rituais (missas, cultos, reunião de células) entre as 10 igrejas visitadas, nas quais tive maior ou menor grau de aproximação de acordo com a disponibilidade do líder religioso e dos informantes. Duas delas, por serem muito pequenas e pela dificuldade de contato com o pastor, só foi presenciado um culto em cada; a denominação pentecostal Amor e Prosperidade com Cristo, por suas particularidades de ter uma pastora mulher que ministra a maior igreja local da Vila Harmonia, com cultos diários e recebendo um público em situação de alta vulnerabilidade social, foi a denominação mais visitada, com sete idas ao culto. Além dos rituais, conforme permitido pelo líder religioso,

foram também estabelecidos outros contatos, entrevista ou conversa informal, com líderes de cinco dessas denominações.

A **segunda etapa** consistiu na construção, em linhas gerais, da teia de relações sociais que estrutura o segmento do campo escolar em São Miguel Paulista, priorizando a região que atende a população da Vila Harmonia. Para tanto, foram utilizados trabalhos produzidos anteriormente, de cuja equipe o orientador deste projeto fez parte (Cf ERNICA, BATISTA, 2012; ERNICA, 2013; BATISTA, CARVALHO-SILVA, 2013; ALVES, BATISTA, RIBEIRO, ERNICA, 2015). Assim como na primeira etapa, a construção do segmento do campo educacional existente no território teve papel secundário na análise, muito embora tenha sido essencial a análise dos dados que respondem à pergunta de pesquisa.

A **terceira etapa** diz respeito à investigação dos agentes centrais dessa pesquisa: as famílias. Uma vez construídas as relações dos campos religioso e escolar no território, foram contatadas famílias evangélicas responsáveis por crianças ou jovens em idade escolar para investigar sua relação com a religiosidade e com a escolaridade, atentando-se principalmente às expectativas quanto à trajetória e à educação dos filhos. A partir dos dados apurados nas etapas anteriores, a escolha foi feita pelo reconhecimento de outras famílias e de líderes religiosos quanto a: a forte crença religiosa; a assiduidade nos rituais e a ativa socialização religiosa; a presença de crianças e jovens em idade escolar no lar. A seleção das famílias também foi feita de modo a que fossem selecionadas famílias de todas as principais posições sociais identificadas no bairro. Inspirada nos retratos sociológicos de Lahire (2004), foram estabelecidos ao menos três contatos com cada família, centrando a investigação na pessoa responsável pela condução da vida religiosa e da escolarização dos filhos.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas situadas em local do cotidiano da família, a ser definido por elas. Apenas com a mãe Tereza, da família entrevistada que vive em condições de vulnerabilidade social extrema, por sua desconfiança com a pesquisadora, foram realizadas apenas duas visitas a sua casa e a nossa entrevista durou menos de uma hora; as demais famílias se sentiram mais confortáveis em conversar com a pesquisadora e permitiram um contato mais aproximado, ocorrendo ao menos três visitas para cada família, com entrevistas de uma média de três horas.

Diferente da maioria das pesquisas que analisam a relação educação e religião a partir

de uma abordagem do interior da escola³, nessa pesquisa optei por investigar como as famílias se relacionam com a religião em seu cotidiano, buscando compreender se e como a religiosidade transforma a relação com a escolarização, considerando a posição social dos sujeitos e a denominação religiosa da qual fazem parte.

Para isso, considero a teoria de Bourdieu (1998) das estratégias de reprodução de classe, na qual os indivíduos atuam no espaço social em relação aos seus recursos disponíveis, fruto do *habitus* adquirido via socialização e referente a experiências passadas. Recursos esses que estão distribuídos de maneira desigual no espaço social e que são traduzidos em vantagens ou desvantagens nos jogos sociais. Assim, especificamente sobre a educação escolar, as chances de investimento e a relação com a escolarização dependem de quanto esse sistema é importante para a sua reprodução social; assim como suas ações educativas dependem do *habitus* de classe e das referências passadas do indivíduo (BOURDIEU, 1998).

Se a religiosidade evangélica tem capacidade de promover modos de vida – evitando situações moralmente repreendidas, regulando os papéis familiares, marcado por um discurso institucional de projeção positiva para o futuro – essa pesquisa buscou averiguar se a participação religiosa ativa transforma as relações de sujeitos de grupos populares com a escolarização, promovendo uma transformação em comportamentos, práticas e ambições escolares.

³ Há uma vasta literatura que discute a presença do ensino religioso nas escolas. Para saber mais, ver: CUNHA, 2006; CURY, 2004; DINIZ, LIONÇO, CARRIÃO, 2010.

1. EDUCAÇÃO E RELIGIOSIDADE EVANGÉLICA

1. 1. Escola e religião: ethos cristão e o debate entre instrução e educação

A escola, tal como a conhecemos hoje, tem sua origem na Europa do século XVI e XVII, iniciada, principalmente, por ordens católicas (ARIÈS, 1981). Ela não tinha como função apenas a instrução de conhecimentos, mas também se preocupava com a formação moral e espiritual dos alunos:

“A disciplina escolar teve origem na disciplina eclesiástica ou religiosa; ela era menos um instrumento de coerção do que de aperfeiçoamento moral e espiritual, e foi adotada por sua eficácia, porque era a condição necessária do trabalho em comum, mas também por seu valor intrínseco de edificação e ascese” (ARIÈS, 1981, p. 126).

Foucault (2014), ao descrever as técnicas de controle que foram necessárias para a emergência e manutenção da Idade Moderna, sinaliza como essas escolas cristãs estavam presentes na concepção dessas técnicas de controle do corpo e da mente: formas de organização espacial, de divisão do tempo e do conhecimento, assim como a disciplina, os modos de avaliação e da ordenação do corpo. Apesar de inúmeras pedagogias terem sido desenvolvidas após os primeiros colégios religiosos, o ethos escolar é cristão em sua gênese e ainda possui algumas dessas características no seu formato educacional, tanto no que tange a disciplina como na concepção de socializar os indivíduos em uma moral cristã.

A história da educação brasileira, baseada nos moldes europeus, também se inicia com o ensino religioso: com os jesuítas, era “fato incontestado que a educação era sinônimo de educação religiosa” (XIMENES, 2009, p. 92). Mesmo após a separação entre o Estado e a Igreja Católica em 1890, a instituição religiosa continuou exercendo papel de destaque nas disputas educacionais, buscando promover uma educação com princípios cristãos (SAVIANI, 2015): articulou estratégias para garantir o oferecimento do ensino religioso, única disciplina citada na Constituição Federal; e também sofreu mudanças no seu próprio interior para se adequar às transformações políticas após a década de 1940 (MUNIZ, 2014). Amplamente equiparada em estrutura para formar docentes, com universidades católicas tradicionais, editoras e histórico de atuação no meio educacional, a Igreja Católica mantém a sua hegemonia religiosa no espaço escolar.

Montero (2012), ao investigar a primazia simbólica e política do catolicismo na transmissão dos valores para as normas, pontua que

“longe de “privatizar-se”, as religiões, desde sempre, imiscuíram-se das mais variadas formas na construção e na gestão do espaço público. A presença histórica das igrejas cristãs nas áreas de educação, saúde, assistência social, etc. correspondeu a uma delegação consentida e pactuada pelo próprio Estado” (MONTERO, 2009, p. 9).

Assim, essa presença cristã na esfera pública brasileira acaba por modelar “o espaço cívico tendo como referência simbólica a *civis cristã*” (MONTERO, 2012), que se faz muito presente na instituição escolar, vide o calendário que segue as principais celebrações católicas.

A escola moderna que tem em sua gênese um ethos cristão e que visava a formação do indivíduo moral, além dos saberes gerais, desde os princípios foi alvo de disputas ideológicas na hegemonia da transmissão de visões de mundo (CATROGA, 2006). A relação conflituosa que se estabelece ao longo da história entre dogmas religiosos e a modernidade é constante, mas pode ser mais bem evidenciada em momentos de rupturas político-sociais. Na educação, essa disputa se expande para outros interesses e outros agentes no campo educacional. Hoje, diferentemente dos debates jurídicos da história brasileira (XIMENES, 2009), a disputa não é mais apenas sobre a laicidade do Estado, mas é uma disputa no interior do próprio campo religioso: ao analisar a preponderância da *civis-cristã* na esfera pública, Montero (2009), destaca que o protestantismo pentecostal com seu progressivo crescimento e visibilidade tem desafiado a hegemonia católica.

Nessas disputas de formação de saberes e de percepção de mundo surgem problemáticas escolares entre conhecimentos curriculares seculares e conhecimentos religiosos, nas quais os grupos evangélicos aparecem como importantes atores. Pesquisas empíricas como as de Santos (2012), Rocha et al (2016) e Cruz e Jesus (2013) têm apontado como este tipo de disputa aparece na escola em relação aos conteúdos de história e cultura africana, que também podem possuir temas religiosos; ou na pesquisa de Costa (2011), que ao investigar a família pluralmente religiosa e a concepção de seus agentes sobre a educação escolar e a educação religiosa aponta que famílias evangélicas compreendem a escola apenas como instituição de ensino-aprendizagem

Entretanto, é no interior do templo, nas interações, discussões e interpretações da bíblia que se realiza a reflexão, que se constroem **conhecimentos e verdades**. Os projetos escolares não são assim

interiorizados no que diz respeito ao conteúdo, porque são negados como verdades. A verdade da escola distancia-se assim da “verdade” do templo (p.92, grifos da autora).

Podemos ler esses resultados não como a negação da escola como espaço de educação moral e cidadã, mas como uma busca das famílias pelo aumento do seu poder de educar moralmente, o que, por sua vez, corresponde ao aumento do poder das igrejas educarem moralmente sobre o poder das instituições de ensino público-estatais. Em decorrência, tem-se o conflito com os ensinamentos e as atividades escolares, sobretudo com os contrários a suas convicções religiosas⁴, diminuindo também o poder de educação moral e cidadã da escola.

1.2. Religião como variável no desempenho escolar

A relação entre educação e religião vem sendo pesquisada por diversas áreas do conhecimento. Estudos da área da economia da educação e da economia da religião, embasados pela literatura da sociologia da religião, como os de Cunha, Rios-Neto e Oliveira (2014) e Anuatti-Neto e Narita (2004), no Brasil, e Evelyn Lehrer (2004) e Fan (2008), nos Estados Unidos, têm apontado uma influência da participação religiosa na escolarização, relacionada à aquisição de capital humano no interior familiar e/ou pela socialização religiosa.

As pesquisas nacionais têm como foco a relação entre participação religiosa e o resultado de avaliações de desempenho escolar. Cunha, Rios-Neto, Oliveira (2014) apontam uma associação positiva entre envolvimento religioso e performance nas avaliações de matemática e de português. Eles explicam esse resultado afirmando que a socialização religiosa colocaria os jovens em contato com recursos que reforçam os valores educacionais, como o controle social, o suporte social e de valores. Porém, o principal resultado encontrado por Anuatti-Neto e Narita (2004) e por Cunha, Rios-Neto, Oliveira (2014) é a diferença de desempenho escolar entre filiações religiosas: os pentecostais e neopentecostais apresentam os piores resultados nas avaliações de desempenho, se comparados aos católicos e aos

⁴ O Movimento Escola sem Partido, criado por Miguel Nagib, incentiva a criação de um Projeto de Lei que obriga a fixação de um cartaz com os “Deveres do Professor” em todas as salas de aula. O 5º dever do professor consiste: “O Professor respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções”. A popularidade deste movimento a partir de 2015 corrobora com a hipótese de que os pais estão mais atentos aos conteúdos ministrados em sala de aula, principalmente os que são contrários às suas convicções. Sobre o Movimento Escola sem Partido, ver em <<http://www.escolasempartido.org/apresentacao>>. Acesso em 04 de jun. de 2017.

protestantes históricos. Segundo os autores, essa desvantagem escolar pode estar relacionada ao fato de essas denominações serem preponderantemente formadas por grupos de baixa renda e baixo nível escolar; uma outra hipótese para os bons resultados dos protestantes históricos em português seria a alta valorização da educação e da prática cotidiana de leitura da Bíblia nessas denominações. Assim, tanto a classe social quanto os próprios valores das religiões seriam variáveis que influenciam na educação escolar.

As pesquisas internacionais, por sua vez, não fazem uso do conceito de classe social, focando apenas nas doutrinas e características de cada religião. Fan (2008), a partir de um modelo de análise baseado nas literaturas da sociologia e da economia da religião, aponta como a participação religiosa pode ser propícia para a formação de capital humano, afetando positivamente a educação das crianças. Segundo a autora, participar de uma filiação religiosa estaria relacionado a uma preocupação com a acumulação de capital que pode, mesmo sem intencionalidade, colaborar para a aquisição de comportamentos propícios à educação escolar ao enfatizarem a responsabilidade, a disciplina e o compromisso com o trabalho; além de afastarem os jovens dos consumos de drogas e de comportamentos violentos.

Lehrer (2004), também em debate com a literatura da formação de capital humano, destaca os aspectos da religião no ordenamento da vida individual e matrimonial nas diferentes denominações religiosas e aponta, a partir de uma perspectiva econômica, justificativas para a variável religião nos desempenhos educacionais. Ao considerar a religiosidade importante para as tomadas de decisões individuais e familiares, a autora reflete sobre como as filiações religiosas afetam os retornos e os custos dos investimentos adicionais em educação. Segundo a Leher, diferentes denominações teriam características que impulsionam mais ou menos a condições favoráveis ao desempenho escolar: as religiões protestantes conservadoras, por exemplo, apresentariam um efeito negativo de investimentos educacionais ao se contrapor a escolarização secular; por sua vez, a religião judaica se caracterizaria pelo forte investimento educacional. Assim, segundo ela:

“Do lado da demanda [dos investimentos educacionais], a afiliação religiosa pode afetar os retornos dos investimentos em educação: entre os grupos religiosos caracterizados por maiores benefícios da escolarização, os incentivos à educação são mais fortes e, portanto, um nível mais alto de realização é esperado, *ceteris paribus*. Do lado da oferta, a afiliação religiosa pode afetar os pais na disposição e capacidade de fornecer fundos para investimentos em educação: um nível mais alto de educação é esperado para

grupos religiosos em que os pais têm uma maior disposição e capacidade de fornecer fundos para tais investimentos, *ceteris paribus*” (Ibid, p.13, tradução minha)⁵.

Já na área de educação, em uma pesquisa qualitativa no Brasil sobre a relação desempenho escolar e participação religiosa, Ramos (2014) aponta que os bons resultados escolares estão mais atrelados ao nível socioeconômico e ao tipo de arranjo familiar do que a própria denominação em si. A autora alerta para a necessidade de “discriminar a qualidade da rede que se forma [na socialização religiosa], pois algumas podem favorecer o acesso a posições e instituições privilegiadas mais que outras” (p.31).

Assim, considerando esses trabalhos, podemos concluir que, para compreender os efeitos educacionais da religiosidade, seria preciso atentar-se à relação entre variações de posição de classe, com seus respectivos *habitus*, e os contextos denominacionais, que envolvem as características de cada igreja no que diz respeito a socialização e a produção de disposições.

Com outra perspectiva da relação educação e religião, o antropólogo Juliano Spyer, em entrevista ao jornal El País sobre o uso das redes sociais nos meios populares, ressalta a participação dos evangélicos nas mídias e aponta diferentes aspectos desse segmento com a educação. Segundo ele, os evangélicos se destacariam no uso das mídias sociais ao alterarem

“(…) uma certa desconfiança que as camadas populares demonstram em relação à utilidade da educação. Em famílias que não são evangélicas, os pais temem que a escola fará o filho ficar preguiçoso e desrespeitoso, porque ele não aprende a trabalhar duro desde cedo e também porque esse filho acaba passando muito tempo entre seus pares. Os pais evangélicos se convertem à religião e também à ideia de que a educação é um componente importante para a transformação da vida de sua família. Algumas igrejas do povoado ofereciam cursos de alfabetização para adultos que se sentem envergonhados nos cultos por não poderem ler a Bíblia. Mas a principal consequência dessa transformação é como esses pais passam se orgulhar de

⁵ “On the demand side, religious affiliation can affect the returns from investments in education: among religious groups characterized by larger benefits from schooling, the incentives to pursue education are stronger and thus a higher level of attainment is expected, *ceteris paribus*. On the supply side, religious affiliation can affect the parents’ willingness and ability to supply funds for investments in schooling: a higher level of education is expected for religious groups in which the parents have a greater willingness and ability to supply funds for such investments, *ceteris paribus*”.

dizer que seus filhos estão estudando. E por causa desse apreço pela educação, a Internet passa a se tornar, para eles, uma ferramenta que complementa a educação formal.” (SPYER, 2017).

A valorização da educação em famílias evangélicas percebida por Spyer, contrária aos seus demais pares dos meios populares, é um dado que se contrapõe às análises de Lehrer (2004) e de Scott e Cantarelli (2004) que percebem um efeito negativo dos investimentos educacionais entre protestantes fundamentalistas e entre jovens pentecostais, respectivamente. Por outro lado, Spyer se aproxima do que Kersch e da Silva (2012) apontam sobre a possibilidade de letramento a partir da leitura da Bíblia, com igrejas oferecendo cursos de alfabetização aos fiéis, documentado também por Moreira Salles e Marcos Sá no documentário Santa Cruz (2000) sobre o nascimento de uma comunidade evangélica em uma ocupação clandestina da periferia do Rio de Janeiro.

Assim, essas pesquisas que fazem uma relação entre filiação religiosa e escolarização sinalizam a importância de se atentar aos aspectos referentes às diferentes denominações religiosas e aos diferentes contextos sociais. As análises de caráter qualitativo confirmam o que Cunha, Rios-Neto, Oliveira (2014) analisam ao controlarem a variável *posição social*, sendo essa variável determinante para compreender os efeitos da participação religiosa sobre a construção de disposições.

Assim, a literatura que discute a relação entre religião e educação sinaliza diferentes resultados que parecem variar de acordo com a denominação. Por um lado, há uma literatura mais geral de análise dos efeitos da religião nos resultados educacionais, indicando coerência entre as lógicas religiosas e as lógicas escolares; por outro lado, alguns autores apontam como certas crenças religiosas promoveriam a cisão entre educação e instrução, pretendendo limitar a escola à instrução, reservando à família e à igreja a educação (entendida como educação de valores), havendo conflitos entre as lógicas socializadoras da escola e dessas religiões.

A partir dessa literatura da relação entre educação e religião, podemos nos questionar: em contexto de vulnerabilidade social – com altas taxas de abandono escolar, violência e consumo de drogas – a vida religiosa ativa evangélica estaria promovendo comportamentos também valorizados no contexto escolar? Ou, por outro lado, estariam essas mesmas famílias preocupadas e interessadas no currículo escolar de maneira a achar que este pode interferir negativamente na educação moral e religiosa familiar? O contexto social a qual essas famílias

estão inseridas influência – e de que forma – a sua relação com a educação?

1.3. A leitura da Bíblia

A religiosidade como promotora de atividades de leitura é um tema de destaque na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (4ª edição), realizada pelo Ibope Inteligência em 2016. Segundo os resultados, a Bíblia é o livro mais citado desde 2007 como a última ou atual leitura do pesquisado; os livros religiosos (exceto a Bíblia) ficaram na segunda posição nessa última edição.

Na análise realizada pelo Instituto Pró-Livro, esses resultados poderiam ser consequência do crescimento evangélico no país nas últimas décadas. Segundo a pesquisa, esse segmento religioso leu o dobro de livros religiosos (incluindo a Bíblia) nos três meses anteriores à pesquisa de campo, em contraposição ao segmento dos católicos. Essa mesma pesquisa ainda destaca que, quanto maior o nível de escolaridade, menores são as motivações de leitura de origem religiosa, indicando que o crescimento verificado da literatura religiosa se deu, principalmente, nos meios sociais menos escolarizados.

A leitura do livro sagrado pauta os cultos religiosos e muitas das atividades do interior das igrejas evangélicas, além de haver o estímulo a sua leitura também fora dos eventos religiosos. Dessa forma, pode-se dizer que as religiões evangélicas “centram-se em atividades letradas, pois todos os eventos de letramento desenvolvidos no domínio da igreja têm a leitura da Bíblia como atividade central” (KERSCH e DA SILVA, 2012). Ao analisarem o letramento em contextos religiosos, em grupos com diferentes escolaridades (mais de 8 anos ou menos de 5 anos na escola), Kersch e Da Silva (2012) defendem que essa prática de leitura colaboraria para o desenvolvimento de determinadas habilidades e para a construção de identidades sociais, principalmente em contextos de baixa escolaridade. Ao especificarem o letramento litúrgico, as autoras apontam que todos os grupos estudados são letrados nesse domínio, em que o nível de escolaridade não é decisivo para a compreensão do texto, que é compartilhado entre o grupo não apenas pela leitura, mas em diversas práticas de discussão de textos religiosos.

“Ao assumir a existência de letramentos, constatamos que o domínio dos gêneros que circulam em determinada esfera habilita os integrantes dessa esfera a agirem e se locomoverem dentro dela, com propriedade. Podem ser

menos letrados em algum âmbito, mas o são no domínio religioso (litúrgico)” (KERSCH e DA SILVA, 2012, p. 406).

Assim, as autoras apontam um incentivo inegável à prática de leitura na participação religiosa evangélica, que, apesar de se restringir a esse contexto e não exigir necessariamente criticidade, poderia também ser transferido com êxito para outros domínios da vida social, como, por exemplo, o da educação escolar. A família religiosa, com o hábito de ler a Bíblia, também poderia ser importante para a constituição do futuro leitor, incentivando os não letrados a que se tornem leitores. Essa família, assim, promoveria, mesmo sem intenção, eventos de letramento e até mesmo disposições valorizadas no contexto escolar:

“(…) [o] valor dos eventos de letramento providos no lar, nos quais a criança tem contato com histórias, aprende a ouvir, desenvolve habilidades diversas, sente-se mais à vontade para perguntar e responder. Isso tudo pode contribuir para que, na escola, essa criança seja desinibida, boa leitora e com chances de melhor desenvolvimento, uma vez que a orientação de letramento do lar se aproxima à da escola” (KERSCH e DA SILVA, 2012, p.402).

Dessa forma, as autoras sinalizam duas afinidades entre lógicas religiosas e escolares: (i) o incentivo à leitura e (ii) as formas de interação com outro e de discussão sobre um texto, que envolvem a respeitabilidade, a habilidade de perguntar e de responder.

Podemos problematizar a pesquisa das autoras levantando três questões. Em primeiro lugar, apesar de as autoras analisarem dois grupos de diferentes graus de escolaridade de uma mesma zona urbana, não especificam os meios sociais de origem dos entrevistados, que permite diferenciar a qualidade dos momentos de letramentos. Em segundo lugar, elas não cobrem um espectro amplo das possibilidades de vida religiosa e, a esse respeito, sabemos que a centralidade do letramento religioso levantada pelas autoras como característica comum aos evangélicos quase não aparece nos trabalhos sobre pentecostalismo em meios populares. Em terceiro lugar, elas não fazem pesquisa empírica extensa para confirmar a hipótese das possíveis transferências das disposições produzidas no letramento litúrgico para outros domínios da vida social; o letramento religioso, em contexto de forte regulação da interpretação, pode não desenvolver, necessariamente, competências leitoras e de discussão de texto exigidas em outras práticas letradas.

1.4. Estratégias familiares: religiosidade evangélica e socialização

A família⁶, sendo há séculos a instituição de articulação entre religião e sociedade (MACHADO, 1996), assume importante espaço de reafirmação dos preceitos religiosos. Como a primeira e principal instituição socializadora na vida dos filhos, a família é valorizada na religião como local de suporte material e simbólico dos seus membros, assumindo o compromisso de transmitir os preceitos valorizados no interior da comunidade religiosa (MACHADO, 1996). Esse esforço religioso de regulação moral de âmbito familiar e privado ocorre, segundo Duarte (2006), em oposição aos valores modernos individualizantes, hedonistas, que seriam uma ameaça aos pertencimentos transgeracionais religiosos. Assim, como instância contraposta ao individualismo moderno, o fortalecimento da família é o fortalecimento de um coletivo que deve regular e organizar a vida dos indivíduos.

Diferente do catolicismo, em que a prole herda a religiosidade familiar, as religiões evangélicas não são de atribuição: o indivíduo para ser batizado precisa fazer isso como escolha individual, podendo tomar essa decisão apenas depois dos 12 anos de idade. Por essa razão, a família preocupada em transmitir o ethos religioso aos filhos precisa criar estratégias de transmissão dos valores religiosos.

“Essa ênfase [da vontade individual para a conversão], associada à intensa preocupação com a transmissão intergeracional do ethos religioso, produz uma tensão muito particular na educação das novas gerações, instadas a reproduzir a tradição familiar, desde que por aquisição, e não por atribuição; por adesão interior subjetiva, e não por conformismo tradicional” (DUARTE et al, 2006, p. 27) .

Ferreira (2017), ao investigar os modos de construção da realidade religiosa na vida pentecostal, nota entre os sujeitos investigados o que chama de *nascidos no evangelho*, famílias em que normalmente os cônjuges possuem a mesma religião e tratam desde cedo de transmitir os valores religiosos aos filhos. Segundo o autor, os indivíduos nascidos nesses lares são apresentados desde bebês aos ritos e aos ensinamentos religiosos que “denota a responsabilidade e o desejo dos pais em incutir no desenvolvimento cultural do filho os

⁶ Compreende-se nesse trabalho, o termo “família” como a união de pessoas que vivem na mesma casa e que possuam laços de parentesco por sangue, aliança ou relações de afetividade.

ensinamentos necessários “à boa prática do evangelho”” (p. 41). Por ainda não serem batizadas, as crianças antes dos 12 anos de idade não possuem obrigações diante dessas investidas familiares, mas, por serem responsáveis dos adultos com os quais vive, “a criança cresce em função das escolhas feitas por seus pais, sendo uma dessas escolhas o ser pentecostal” (p. 41). Assim, “Desde cedo, a noção de identidade do pentecostal é trabalhado de forma muito sistemática” (p. 42).

Além da socialização familiar capaz de transmitir esses valores; em igrejas pentecostais, tanto como para os adultos, há a oferta de atividades para o público infantil e jovem. Elas são principalmente ligadas à música ou às escolas dominicais, mas também há grupos de teatro, cultos específicos, reuniões, excursões etc. Assim, mesmo antes do batismo, muitas igrejas já oferecem atividades religiosas e de lazer para o público infanto-juvenil, que reforçam as ações familiares voltadas ao pertencimento religioso, pretendendo, assim, construir disposições duráveis e, ao mesmo tempo, ser uma oportunidade de desenvolvimento de conhecimentos e habilidades⁷.

Essas pesquisas tratam da religiosidade sem utilizar, de modo central, classe social como categoria analítica. Também fazem uma abordagem institucional da religião evangélica, analisando igrejas grandes que reúnem recursos suficientes para criar essa rede de fiéis e oferecer essas práticas de lazer (ALMEIDA, 2004; MARIANO, 2014). No caso das classes populares, especialmente quando se observa a população que vive em contexto de grande vulnerabilidade social, em regiões concentradoras de alta pobreza, a rede de sociabilidade criada pela religião parece atender a outras necessidades, relacionadas às especificidades do território.

Oliveira e Pedroso (2017) e Mafra & Almeida (2009), ao analisarem contextos de vulnerabilidade social, apontam a religião também como estratégia familiar de afastamento das situações de violência do bairro. O pertencimento religioso permitiria “um sentimento de igualdade compartilhada nas ideias e crenças comuns” (OLIVEIRA, PEDROSO, 2017, p.6) construindo uma rede de confiança na qual os “irmãos de fé” podem ser considerados pessoas de maior confiabilidade para os cuidados dos filhos do que os próprios familiares de sangue, não colocando “em risco a ordem moral por eles propostas” (OLIVEIRA, PEDROSO, 2017, p.6) que percebem estar em constante risco no território em que vivem.

⁷ Como veremos adiante nas descrições das igrejas, a oferta de grupos musicais é muito comum, sendo também uma oportunidade de aprendizado. Na Congregação Cristã do Brasil e na Igreja Batista visitadas, por exemplo, há uma orquestra e o ensino sistemático dos instrumentos entre os “irmãos de fé”.

Dessa forma, em contextos de grande vulnerabilidade social, a rede de sociabilidade criada pela religião se torna um recurso para fazer frente às necessidades e às adversidades da vida nesses territórios. As investidas familiares para a participação religiosa evangélica então parecem possuir uma dupla motivação, a de transmissão de valores – comum também em diversos contextos religiosos – e a possibilidade de controle e proteção a partir da rede de sociabilidade religiosa.

2. RELIGIÃO: O PENTECOSTALISMO EM SUAS CARACTERÍSTICAS E CONTEXTOS

O conceito de religião foi construído historicamente em oposição à ideia de racionalidade que se desenvolveu no período Iluminista, que se opunha à hegemonia da religião no ordenamento da vida individual e pública (CATROGA, 2006; DUARTE, 1983). A divisão entre público e privado – que pretendia circunscrever a religião ao privado, preservando a laicidade como princípio regulador do público – foi muito difundida analiticamente. Entretanto, ela, encontra problemas ao se deparar com a participação de instituições religiosas nos espaços públicos e a sua capacidade de influência sobre modos de vida que não se limitam ao indivíduo religioso; analogamente, as concepções seculares, modernas, influenciam concepções religiosas, em uma constante relação (MONTERO, 2012).

Montero (2016), ao fazer uma crítica ao conceito de campo religioso de Bourdieu que separa as esferas pública e privada compreende que essa teoria

“avança quando abre mão do conceito de *sociedade* como instrumento privilegiado de interpretação das relações. Mas, a nosso ver, esse avanço obrigaria, em contrapartida, o abandono de uma teoria geral das relações entre os campos. Com efeito, ao fazer do *campo do poder* o espaço geral no qual se movem todas as lutas, Bourdieu acaba por reduzir sua teoria geral do poder às estruturas estatais – objeto privilegiado da disputa entre os agentes situados nos diferentes campos. Nesse mesmo movimento faz desaparecer o *espaço social*, espaço que emerge no processo histórico de diferenciação da sociedade diante do Estado e da vida privada” (MONTERO, 2012, p. 138).

Assim, a autora propõe a superação dessa dicotomia permitindo um olhar mais atento aos atores religiosos e às dinâmicas contemporâneas, na qual o público não se reduza “ao objeto da imposição das “crenças”” (p.141).

Focando na perspectiva da religião com a modernidade e a sua relação com o indivíduo subjetivo, Duarte (2014) também aponta a necessidade de considerar a influência de outros domínios sociais, não apenas o religioso para se pensar a religiosidade. Considerando que a categoria religião foi construída historicamente a partir de uma concepção ocidental dominante em oposição à modernidade – individualidade/racionalidade – o autor pontua a presença do individualismo nas práticas religiosas, ou seja, um aspecto laico no religioso.

Nesse sentido, há uma diferença entre os valores e a lógica do ethos religioso institucional e a prática dos fiéis, em que esses últimos negociam em seus contextos os dogmas religiosos mais do que aderem a totalidade das concepções das instituições religiosas – diferente do que é muito difundido pela mídia ao falar de evangélicos, caracterizando-os como fundamentalistas.

Olhando especificamente os grupos populares e a sua relação com o religioso, Duarte (1983) aponta que a religião para esses grupos não representa “uma totalização a priori”, não se inserindo “nesse universo segundo o modelo ideal de Sujeito que aí deveria existir. Sabiamente, aliás, pois a rudeza da luta pela sobrevivência não só em nada lhes inspira aproximar-se desse modelo como lhes desvela a cada momento muito cruamente sua ilusão e falsidade” (p.61).

Os sujeitos, como sinaliza Duarte (1983), estão posicionados na estrutura social e se relacionam com as instituições religiosas – que se querem universalistas – a partir da posição de classe que ocupam na estrutura social; sendo essencial para a compreensão das dinâmicas religiosas considerar tanto a *denominação* quanto a *posição social* de seus adeptos.

A literatura que caracteriza o pentecostalismo, por sua vez, ao focar no discurso institucional das igrejas, analisando denominações com grandes estruturas e sem considerar, ou considerando secundariamente, a noção de classe social, pouco nos revela de como os discursos e dogmas religiosos inferem na vida dos fiéis. Os tópicos a seguir sobre a religiosidade evangélica e suas características têm como referência, principalmente, pesquisas que abordam os discursos institucionais e igrejas que possuem certa visibilidade no debate público; ou seja, não trazem especificamente as contradições entre os discursos religiosos e as práticas e vivências dos fiéis. Essa literatura serviu de base para a formulação da hipótese dessa pesquisa; porém, essa pesquisa de campo realizada na periferia de São Paulo buscou compreender como a religiosidade evangélica opera nos meios populares, atentando-se às flexibilizações, dissociações e negociações entre as práticas dos fiéis e os discursos institucionais, analisando a relação desses sujeitos em outros domínios sociais; mais especificamente com a escolarização.

2.1. Ondas pentecostais

A expansão evangélica ocorreu, principalmente, a partir da década de 1970 com mudanças ocorridas no interior desse segmento (FREESTON, 1993; MARIANO, 2014). Essas

mudanças, como dito anteriormente, são relacionadas a contextos externos que não se restringem a debates sobre concepções teológicas. Freston (1993), a partir de uma análise histórico-institucional, organiza a história do movimento pentecostal no Brasil em três momentos, fazendo uso da metáfora marinha de *ondas*, em que o pentecostalismo se renova com rupturas e continuidades em relação ao movimento anterior, relacionando-se ao contexto político-social.

A primeira onda pentecostal, denominada clássica, é marcada pela chegada ao Brasil da Congregação Cristã em 1910 e pela Assembleia de Deus em 1911. É caracterizada pelo anticatolicismo e pelo forte sectarismo e asceticismo contra as *coisas do mundo*, na linguagem nativa. Desde sua chegada e até os dias atuais, o perfil social majoritário dessa vertente são pessoas de renda mais baixa e de baixa escolaridade, distinto da maioria do público do protestantismo histórico⁸ (ALMEIDA, 2015).

A segunda onda teve início na década de 1950 e é marcada pelo evangelismo de massa trazido por missionários norte-americanos, com grande foco na cura divina, principal diferença teológica em relação à onda anterior. Ao falar das características dessa onda, Mariano (2014) afirma que, “com mensagens sedutoras e métodos inovadores e eficientes, atraíram, além de fiéis e pastores de outras confissões evangélicas, milhares de indivíduos de estratos mais pobres da população, muitos dos quais migrantes nordestinos” (p.30). Essa expansão se origina em São Paulo e cresce, principalmente, nas regiões periféricas em períodos de migração. Apesar de controvérsias entre pesquisadores desse movimento sobre as causas e motivos da expansão nesses contextos (MARIANO, 2011), há o consenso de que essa religiosidade possui mais adesão nos segmentos mais pobres e menos escolarizados.

A terceira onda, designada como neopentecostal, tem início na década de 1970 e trouxe grandes novidades em relação aos movimentos anteriores. Ricardo Mariano (2014), em densa pesquisa sobre esse movimento, nos fala de suas características: em comum às ondas anteriores, essa onda faz uso dos meios de comunicação de massa e prega a cura a divina; entre suas principais novidades, estão: 1) a ênfase à guerra espiritual contra o Diabo; “2) a pregação enfática da Teologia da Prosperidade; 3) a liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade” (p.36).

⁸ As principais igrejas protestantes históricas no Brasil são: batistas, presbiterianos, metodistas, congregacionais, luteranos e anglicanos.

A Teologia da Prosperidade (TP) compreende a prosperidade da vida como uma dádiva de Deus, sendo que o sujeito deve manter a ascese e buscar meios de prosperar na vida (MARIANO, 2014). É importante ressaltar, porém, que a prosperidade não está relacionada sistematicamente à esfera econômica, mas a uma lógica que regula comportamentos cotidianos em diferentes esferas da vida e que podem ou não influenciar dimensões econômicas. Teixeira (2013), analisa que a TP na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) estaria mais relacionada a concepções de sacrifício, perseverança e aprendizado, na qual haveria

“(...) a produção de uma pedagogia da prosperidade. Segundo essa pedagogia, a prosperidade permanece na lógica da conquista, porém essa conquista deve ser apreendida a cada dia. Seu aprendizado se dá por meio de um conjunto de dispositivos educacionais, são eles, cultos, campanhas especiais, reuniões etárias, livros, cursos específicos e programas de televisão, configurando um importante circuito de atividades que passam a gerenciar a vida e os corpos” (TEIXEIRA, 2013, p.15).

Destarte, a TP pressupõe uma orientação dos sujeitos em relação ao futuro, em que a regulação das ações no presente tem em vista ganhos futuros, não apenas de âmbito espiritual, mas também secular. A escolarização também pressupõe orientação para o futuro ao ser um investimento de longo prazo, valorizando a gestão das atividades cotidianas e práticas racionalizadas (LAHIRE, 1997; LAREAU, 2007); poderíamos, então, nos questionar se TP favoreceria os investimentos educacionais, ou comportamentos valorizados na escola?

Em relação à liberalização dos costumes, há um afrouxamento das práticas e costumes comuns às ondas pentecostais anteriores, como a permissão da vaidade estética, dos diversos gêneros musicais religiosos e a vinculação do sexo ao prazer. Em relação à estética feminina, não há mais a orientação para que as mulheres usem apenas saias e vestidos com comprimento abaixo do joelho, ou que não deixem à vista o colo e os ombros; os cabelos podem ser cortados. Tais liberalizações continuam acompanhadas do incentivo a alguns ascetismos, como a proibição do uso de drogas, do tabaco, do álcool, do sexo não matrimonial, da pornografia, dos jogos de azar e da homossexualidade (MARIANO, 2014).

Essas características são as principais distinções desse movimento que traz certa ruptura com o sectarismo e o forte asceticismo marcado nas ondas anteriores. A principal instituição de referência nas análises acadêmicas sobre neopentecostais é a Igreja Universal

do Reino de Deus, porém há outras denominações que se aproximam dessas características inovadoras. Mariano (2014) sinaliza o processo de “neopentecostalização” (p.39), em que demais vertentes religiosas são influenciadas pela Teologia da Prosperidade e pelos rituais de sucesso da terceira onda.

Como as vertentes anteriores, esse movimento se expandiu principalmente nos grupos mais pobres e menos escolarizados da população, sendo mais expressivo nas periferias das grandes metrópoles (ALMEIDA, 2011).

Os delineamentos da organização analítica de ondas pentecostais nos é útil para compreender a complexidade e a flexibilidade do movimento pentecostal no Brasil em âmbito histórico-institucional (MARIANO, 2014). Entretanto, não é suficiente para categorizar as diversas denominações do segmento evangélico que, em constante relação com outras mudanças de âmbito socioeconômico e político, vão se transformando de forma pulverizada e diversificada, impossibilitando a generalização de um discurso evangélico.

Pesquisadores do fenômeno de expansão pentecostal apontam uma maior pluralidade religiosa, concomitante à transitoriedade entre crenças e denominações, “em que a prática dos adeptos tem sido mais transitiva e menos fiel a sistemas únicos, como se esta fosse mais alargada do que o conjunto de ideias e ritos confessado por uma só instituição religiosa” (ALMEIDA, 2004, p.15). Nesse contexto de diversidade de igrejas evangélicas e transitividade religiosa (ALMEIDA, 2015), os indivíduos seguem sua fé com menos confiança nas instituições, e/ou mais flexíveis diante dos dogmas, na qual a trajetória do indivíduo determina sua denominação e suas práticas religiosas, e não o contrário.

Em função da transitividade dos fiéis, pressupondo a disjunção entre a prática dos indivíduos e o discurso institucional, as diversas denominações e seus respectivos dogmas se influenciam reciprocamente; por amálgama vão se definindo e redefinindo. Assim, se uma classificação rígida a partir da análise de ondas pode ser problemática, a análise histórico-institucional proposta por Freston nos será útil como um guia geral.

Afora as diferenças entre as ondas e as diversas denominações existentes no pentecostalismo brasileiro, há algumas características do movimento pentecostal que são comuns a muitas instituições e que nos ajudam a compreender como essa religiosidade opera em contextos de vulnerabilidade social. Para os fins dessa análise, pontuo duas dessas características que aparecem em muitas pesquisas sobre pentecostalismo nos meios populares

e que corroboram para a formação da questão levantada da relação entre participação religiosamente ativa, evangélica, e a transformação da relação com a educação escolar e moral; a saber: 1) a luta contra o mal, que impulsiona o comportamento ascético, e 2) a forte sociabilidade no interior das denominações pentecostais e a consequente rede de proteção que parece existir em contextos de vulnerabilidade social.

Por mais que esses aspectos sejam comuns a muitas denominações pentecostais, até mesmo caracterizando-as, é importante destacar, mais uma vez, como apontado pelos estudos de Duarte (1983), que não há espelhamento dos discursos institucionais religiosos com as práticas dos fiéis, estando estes constantemente negociando suas necessidades, histórias e vontades diárias com os dogmas religiosos. Apesar da literatura apontar a adesão de um estilo de vida pentecostal concomitante a inserção da prática e da vida religiosa (NOVAES, 1985; MARIANO, 2014; SCOTT e CANTARELLI, 2004), minha pesquisa de campo, assim como outras análises qualitativas sobre o tema⁹, evidenciam a inexistência de vidas exemplares como o esperado pelo discurso religioso – universalista. Assim, a vida cotidiana precisa ser negociada com a vida esperada, como norma, no discurso institucional.

2.2 A luta contra o mal: a ascese como estilo de vida

A batalha espiritual contra o mal é uma característica presente no movimento pentecostal como um todo e pode ser compreendida na dicotomia entre o que é de Deus (do bem) e o que é do Diabo (do mal), entidades que atuam tanto no mundo espiritual quanto no mundo secular (ALMEIDA, 2009; MARIANO, 2014). Nessa compreensão, “as dificuldades materiais e de outras situações, como familiar e de saúde, são compreendidas como decorrentes das ordens morais e espirituais” (ALMEIDA, 2009, p.40), ou seja, de interferências do mal na vida da pessoa.

Enquanto religião de salvação, em que há a recusa de “males” seculares para se ter “bens” espirituais e seculares, o crente deve evitar ao máximo a proximidade com as “coisas do mundo” que não seriam de Deus, assumindo postura e comportamento que condiga com o que se é esperado no interior de cada denominação evangélica e a sua interpretação bíblica, estando assim mais próximo do sagrado. As “coisas do mundo” se colocam principalmente

⁹ DUARTE, HEILBORN, BARROS, PEIXOTO, 2006; MACHADO, 1996.

em relação a indústria cultural moderna, que pode ir desde as restrições de vestimentas, presente no pentecostalismo clássico, até a negação das diversas maneiras de se compreender a sexualidade e a união familiar, discussões que ganharam espaço político nos últimos anos.

Novaes (1985), Mariano (2014), Scott e Cantarelli (2004) entre outros pesquisadores brasileiros, têm apontado como o moralismo evangélico corresponde a adesão de um estilo de vida que deve ser afastado de vícios – tanto do jogo como de drogas lícitas e ilícitas –, com controle da sexualidade e valorização da família nuclear heteronormativa e, preferencialmente, entre irmãos de fé; o contrário disso pode ser considerado a presença do mal na vida da pessoa. Dessa forma, é na esfera do lazer e da sexualidade que os fiéis mais necessitam se autorregular para se salvarem diante de Deus (MARIANO, 2014):

“Na busca da salvação, portanto, devem resistir às tentações, ser radicais na rejeição do mundo e obedecer aos mandamentos divinos. Devem ser virtuosos, ter autodeterminação e possuir rigidez monástica, para não sucumbirem ao mundanismo e serem arrastados pelo caminho largo dos prazeres da carne e das paixões do mundo” (p.191)

Assim, essa luta contra o mal é uma luta interna ao sujeito, a começar por suas pulsões e desejos, e que pretende interiorizar um determinado princípio (dado por divino) de autorregulação que tenha efeitos duráveis no tempo e ao longo de diferentes esferas da vida social, de modo que o ser evangélico caracteriza uma identidade dos sujeitos.

Em densas pesquisas qualitativas, Matos (2007), Leite (2009), Carly Machado (2014) e Novaes (1985) apontam que em contextos de vulnerabilidade social esse estilo de vida de forte regulação moral adotado pelos evangélicos pode promover melhoras na qualidade de vida, inclusive atribuindo ganhos de reputação: em situações de violência e tráfico, a adesão ao estilo de vida pentecostal aparece como “uma das principais modalidades de afastamento simbólico dos moradores de favelas em relação ao campo da marginalidade e do crime” (LEITE, 2009, p.211). Leite (2009) e Carly Machado (2014), ao analisarem contextos da periferia urbana do Rio de Janeiro e o discurso de violência combatido a partir de valores e rituais religiosos, pontuam como os pentecostais, na crença da transformação do indivíduo por meio da adesão religiosa, tornam-se importantes nesses contextos em que os novos fiéis se afastam dos “erros do passado”. Um outro fator social positivo levantado por Leite (2009) seria a “desvinculação dos “crentes” dos estigmas dirigidos aos favelados em geral” (p.211), sendo mais valorizados social e moralmente entre seus pares, o que fortalecia sua própria autoestima. Dessa forma,

“A conversão religiosa pode ser pensada também como uma alternativa no “campo de possibilidades” dos moradores de favela para enfrentar o contexto de risco, insegurança e isolamento em que vivem. (...) A marca moral positiva emprestada por essa adesão religiosa lhes proporcionaria uma espécie de salvo-conduto nesses locais, permitindo-lhes circular e agir sem se contaminar moralmente” (LEITE, 2009, p.211-212).

Assim, em contextos de vulnerabilidade social esse comportamento valorizado no interior das igrejas pode ser reconhecido como positivo também fora da comunidade religiosa, ao ser concebido como modelo de comportamento no que diz respeito à sexualidade, ao comportamento familiar e aos vícios (NOVAES, 1985, LEITE, 2009). Seriam então, comportamentos religiosos rentáveis em outros contextos. Na escola, é inegável que tais comportamentos também são valorizados.

Sendo essa regulação moral uma característica dos pentecostais, os fiéis e os recém convertidos podem se tornar objeto de vigilância por parte de crentes e não crentes que julgam se os evangélicos estão ou não seguindo a conduta moral esperada. Por essa forte ascese e sua consequente vigilância, as igrejas pentecostais teriam forte influência na subjetividade dos fiéis (MACHADO, 1996; MARIANO, 2004; NOVAES, 1985). A auto exigência de controle moral é a incorporação da exigência da ascese que circula no meio, a qual um fiel cobra do outro esse compromisso promovendo um impulso para o mundo social ascético.

Assim, vemos que a literatura sobre o movimento pentecostal e suas implicações para a vida cotidiana em meios populares aponta para um ganho simbólico dos participantes a partir da socialização religiosa.

Nesse contexto da batalha espiritual contra o mal e do autocontrole moral, a desigualdade social não é percebida como decorrente de problemas estruturais.

“A participação evangélica, por fim, parte da ideia de que a desigualdade e a pobreza decorrem de problemas de ordem individual, e em menor medida da estrutura social. Disso decorre a cobrança desses indivíduos para que sejam disciplinados, ordenados moralmente e estimulados a “subir na vida” pelo esforço pessoal” (ALMEIDA, 2011, p.134).

Assim, de maneira geral, a ascese possui uma ideia de projeção, de ganho futuro, apesar de não ser necessariamente financeiro. Esses pressupostos de prosperidade são mais comuns nas igrejas neopentecostais que pregam a Teologia da Prosperidade, mas não se limitam a elas, como apontado por Mariano (2014) sobre a neopentecostalização de igrejas evangélicas, e

também percebido em igrejas visitadas da presente pesquisa. De maneira geral, há um discurso de responsabilização dos indivíduos que estimula a adesão de um estilo de vida ascético, autorregulado, que parece promover comportamentos rentáveis a outros contextos: pela marca moral positiva (LEITE, 2009) em um contexto mais amplo e/ou em comportamentos específicos que afetam mais diretamente os ambientes por onde os indivíduos circulam, na escola, no trabalho, na família, etc.

É excessivo falar que a educação pressupõe a ascese como estilo de vida ao valorizar determinados comportamentos também religiosos; mas é correto dizer que exige um ordenamento das condutas para os aprendizados escolares, o que pede certa disciplina dos corpos e racionalização a partir da gestão das atividades cotidianas. Além disso, o comportamento ascético que afasta os jovens do tráfico de drogas, dos vícios, da prostituição e da gravidez precoce também é benéfico para as trajetórias escolares. Dessa forma, podemos nos questionar: a ascese religiosa, ao produzir modos de vida que evitam trajetórias negativas, estimulando também uma ordenação dos corpos e pulsões, também seria benéfica a outros contextos sociais, mais especificamente, à escolarização de famílias populares, que tradicionalmente se encontram em desvantagens no espaço escolar? As famílias religiosamente ativas, em contexto de vulnerabilidade social, internalizariam tais valores e comportamentos, tendo também condições de transmitir esses valores e condutas para seus filhos, transformando-os em comportamentos análogos à escolarização?

2.3. Sociabilidade pentecostal e rede de proteção social

Também relacionada ao asceticismo, a forte sociabilidade no interior das denominações evangélica é outra característica do pentecostalismo em meios populares apontada na literatura. Na busca da aproximação com Deus e do afastamento das “coisas do mundo” (seculares) as igrejas promovem intensos programas de socialização, com cultos frequentes e outras atividades com momentos de lazer e amizade, as quais, por serem junto aos pares, não atualizam ou estimulam as tendências indesejáveis que são contrárias aos preceitos religiosos, o que também permite e incentiva os sujeitos a manter esse núcleo social religioso (SOUZA, 2012).

Além da frequência aos cultos, muitas denominações possuem atividades como o ensinamento da Bíblia, escolas dominicais, vigias de oração, visitas a casas de fiéis, grupos de

música, teatro etc. Assim, as próprias denominações suprem seus fiéis com lazer, competindo “com outras atividades no uso do tempo livre” (ALMEIDA, 2004, p.21). Tal característica justificaria a alta frequência e participação dos fiéis nas atividades religiosas nesse segmento, em comparação aos católicos. Confirmando essa literatura, Scott e Cantarelli (2004) analisam jovens de três diferentes movimentos religiosos em camadas populares, tendo como representantes do movimento pentecostal jovens integrantes da Assembleia de Deus (AD), da primeira onda pentecostal. Diferentemente dos presbiterianos (protestantes históricos) e dos católicos de um mesmo bairro, os jovens da AD afirmam não se envolver em atividades de lazer que não estejam no escopo religioso e declaram que seus amigos são também da igreja; o que é confirmado pelos demais jovens dos outros movimentos que reafirmam terem dificuldades de aproximação com os assembleianos.

Mariano (2014), a partir de Max Weber, e Mariz (2006), ao olharem para a vida coletiva em comunidades religiosas, afirmam que esse incentivo à sociabilidade mais restrita é necessário para a plausibilidade do discurso religioso, que se vê ameaçado pelo pluralismo de valores, principalmente os relacionados aos modos de vida modernos e seculares.

Destarte, a forte sociabilidade entre os pares religiosos, somada ao asceticismo, possibilitaria que disposições duráveis fossem criadas a partir da perspectiva da doutrina, na qual a conversão à religiosidade evangélica implicaria a adesão a um estilo de vida (NOVAES, 1985; MARIANO, 2014; SCOTT, CANTARELLI, 2004). Dessa forma, em um contexto de interação face a face, o sujeito é incentivado e recompensado pelo âmbito social religioso com exemplos presentes e tangíveis, que atualizam a disposição de seguir os preceitos religiosos, ascéticos, manifestos em todas as ondas pentecostais.

Jessé Souza (2012), em pesquisa em meios populares, analisa a prática do testemunho¹⁰ como chave nessa relação, em que “a exemplaridade é a forma reflexiva do *habitus*” (p.343), impulsionando disposições de autocontrole, com disciplina e com pensamento prospectivo. No testemunho, a prosperidade do outro mostra o resultado possível de que apostas são viáveis, o que é fundamental para empreender esforços, compreendidas enquanto potencialidades objetivas (BOURDIEU, 2007).

Mais uma vez, essa literatura está mais atenta a grandes denominações, com estruturas capazes de fornecer tais atividades para seu público, suprimindo o lazer dos fiéis e estreitando

¹⁰ O testemunho é a prática de declarar, afirmando sua fé, um bom acontecimento que tenha ocorrido; entendido pela comunidade de fé como uma prova da presença de Deus na vida do fiel.

seus laços. Tais denominações teriam grande capacidade de mover ações que corroboram com a pedagogia da prosperidade, analisada por Teixeira (2013) na IURD, e atividades que se assemelham às atividades escolares, como grupos divididos por faixas etárias e gênero que se propõe ao estudo da Bíblia ou de outras atividades de aprendizado – musicais e artísticas. Como também veremos adiante, na pesquisa de campo, as diferenças de tamanho das igrejas e a conseqüente capacidade de mobilizar ações para fortalecer a instituições e oferecer atividades aos fiéis inferem tanto na capacidade dessas igrejas atraírem seu público e a estreitar os laços entre os irmãos de fé, quanto na proximidade do discurso religioso e de suas práticas com as lógicas escolares.

Assim, a literatura sobre religiões evangélicas ressalta a existência de um discurso religioso que criaria um ethos que em si tem relações que são muito valorizadas na escola. Em síntese: o ordenamento do corpo e de pulsões, reforçado pelo investimento em formas de sociabilidade entre pares que partilham o mesmo ethos; o afastamento de trajetórias que costumam atrapalhar o desempenho escolar, como os vícios, o contexto de violência e a gravidez precoce; a ascese relacionada à ideia de ganho futuro, lógica presente na escolarização; a prática de leitura; e a sociabilidade que, em contextos de aprendizagem ou de organização do grupo, tem intrínseco a ideia de respeitabilidade e pode se assemelhar à dinâmica escolar, como as escolas dominicais e os encontros musicais que se aprendem instrumentos. Porém, ao focarem nos discursos institucionais – principalmente das grandes denominações – e usando apenas secundariamente o conceito de classe, essas pesquisas não captam como a religiosidade infere na vida dos fiéis. Sendo parte da vida de sujeitos de uma classe social e com disposições próprias desses meios, a religiosidade evangélica, que é plural, também opera de maneira plural nas diversas classes e frações de classes nas quais está presente. Essa pesquisa, então, se propôs a analisar como essa religiosidade está presente na vida de famílias evangélicas de meio populares, focando na sua relação com a escolarização.

Além das pesquisas já citadas que apontam que o asceticismo pode corroborar para uma melhora de vida em contextos de vulnerabilidade social, esses e outros trabalhos têm pontuado como a forte sociabilidade pentecostal promove o adensamento dos laços sociais, firmando uma rede de proteção, de confiança e fidelidade entre os fiéis. No interior das igrejas pode ser comum a solidariedade emocional e também material, o que produziria um efeito de proteção social em meios populares (ALMEIDA, 2011; MARIANO, 2014). Nesses meios, no interior do pentecostalismo “há circuitos de trocas que envolvem dinheiro, alimento,

utensílios, informações, recomendações de trabalho” (ALMEIDA, D’ANDREA, 2004, p.103); que como práticas assistencialistas são formadas como redes de amparo ao sanarem as necessidades mais básicas de seus fiéis (RIBEIRO, 2017).

Esse adensamento dos laços sociais é apontado por alguns autores como um dos motivos do sucesso pentecostal nos contextos de vulnerabilidade social, que

“Operando em redes alheias ou paralelas ao mercado e ao Estado, esses sistemas informais – baseados em relações face-a-face, contínuas e organizadas em obrigações recíprocas e princípios de autoridade – veiculam benefícios e provêm os indivíduos com recursos não somente afetivos ou "espirituais", mas também materiais. Enfim, a estrutura das relações sociais modela a "estrutura de oportunidades" dos indivíduos, na medida em que o capital social reside no vínculo *entre* as pessoas e não nas próprias pessoas”. (RIBEIRO, 2017, p.106)

Isso não significa, porém, que a participação religiosa leve a uma ascensão social mais ampla em relação aos pares não religiosos; Mafra (2009) e Almeida (2009), que se dedicam à análise do pentecostalismo em metrópoles brasileiras, afirmam que a sociabilidade no interior das igrejas é aberta – pelo próprio princípio evangélico da prática do proselitismo – ao mesmo tempo que é restrita, ao orientar o matrimônio entre pessoas da mesma denominação e criar atividades entre os pares religiosos no tempo livre. Essa restrição da sociabilidade, segundo os autores, possui pouca extensão lateral (ALMEIDA, 2009), ao impulsionar mais as relações intra-classes (MAFRA, 2009), o que limitaria as possibilidades de mobilidade social a partir do meio religioso. Contudo, criaria um certo capital social, ao produzir recursos nas relações sociais as quais os indivíduos podem acessar em situações específicas.

Esse discurso genérico deve ser confrontado com a realidade empírica da heterogeneidade do movimento pentecostal. Não são todas as denominações que possuem essa característica de adensamento dos laços sociais. Almeida (2011) pontua que os neopentecostais, por sua vez, possuem vínculos de menor densidade, com maior circulação de pessoas. Segundo o autor, apesar desse laço mais fraco comparado as religiões congregacionais¹¹, a circulação de pessoas possibilita acessos e contatos que, “de alguma

¹¹ As religiões congregacionais possuem entre seus integrantes vínculos comunitários, “uma associação voluntária organizada sobre fortes laços religiosos que se expandem por laços de amizade, parentesco, confiança, afeto, entre outros” (ALMEIDA, 2011, p. 134). São igrejas e modelo congregacional Assembleias de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Deus é Amor etc.

maneira, permitem ter mais soluções para os problemas materiais de ordem cotidiana” (p.134) e, assim, aumentaria o capital social.

Apesar das ressalvas ao discurso geral que podem ser feitas ao se considerar a diversidade pentecostal, há um consenso entre pesquisadores de que a participação religiosa promove uma rede de proteção social em meios populares, tanto no que diz respeito a uma solidariedade afetiva, quanto material; essa rede variaria conforme os contextos.

2.4. Classes populares e pentecostalismo

A literatura apresentada até o momento foca, principalmente, em questões institucionais das religiões evangélicas, salvo algumas pesquisas qualitativas que analisam pontos específicos da atuação dessa religiosidade em alguns contextos, principalmente nos grupos populares: capacidade de promover a leitura, a autoestima, aposta no futuro e pensamento prospectivo, sociabilidade, a rede de proteção e confiança etc. Nesse tópico, porém, a partir das pesquisas de Jessé Souza (2009; 2012) sobre classes populares, apresento uma perspectiva analítica dessa religiosidade que reafirma as questões levantadas para essa pesquisa, mas também sinaliza para algumas limitações da potencialidade da participação religiosa na formação de disposições. Jessé Souza faz uma análise das frações de classes nos meios populares e faz uso do conceito evangélico como categoria analítica única, sem divisão de denominações como os trabalhos mais comuns da sociologia ou da antropologia da religião.

Para Souza (2012), o pentecostalismo se expandiu nas classes populares ao incorporar e construir disposições específicas desses grupos, devendo seu sucesso também a sua diversidade e autonomia interna. O autor sustenta seu argumento afirmando que o pentecostalismo promove um suporte institucional para manter ativa a luta por um futuro digno; luta nada óbvia em contextos sociais de constantes riscos de rebaixamento social e de exposição à pobreza extrema. Essa religiosidade, a partir dessa premissa de manutenção da fé, porém, possui dinâmicas variadas nas frações dessas classes.

A fração de classe mais bem posicionada no interior dos meios populares é chamada pelo autor de *batalhadores*. Esse grupo não vive ameaças constantes de rebaixamento social, possuindo certa estabilidade no trabalho, na família, em moradia etc., mas conquistou essa posição no espaço social a partir

“de extraordinário esforço: à sua capacidade de resistir ao cansaço de vários empregos e turnos de trabalho, à dupla jornada na escola e no trabalho, à extraordinária capacidade de poupança e de resistência ao consumo imediato e, tão ou mais importante que tudo o que foi dito, a extraordinária crença em si mesmo e no próprio trabalho” (SOUZA, 2012, p.50).

E é esta disposição de batalhador que as igrejas pentecostais teriam incorporado e construído, atraindo esse grupo social. Já possuindo as disposições para o trabalho árduo e a crença na possibilidade de conquista de melhores condições de vida, os batalhadores encontrariam nas igrejas pentecostais um ambiente propício para o cultivo dessas disposições, sendo que a forte sociabilidade e o controle ascético entre seus pares, materializado nos testemunhos, atualizariam a fé no futuro melhor e as disposições de autocontrole, com disciplina e pensamento prospectivo.

Essas disposições do batalhador também possuem homologia com disposições valorizadas na escola: a disciplina; o autocontrole dos desejos e impulsões; o planejamento do presente com práticas racionalizadas que visam um bem-estar futuro – compreendendo que a escolarização é um projeto árduo e de longo prazo.

Assim, a pergunta levantada nessa pesquisa a partir da literatura da sociologia da religião que considera principalmente o discurso institucional das igrejas pentecostais, parece ir ao encontro do que Souza (2012) aponta sobre a relação dos batalhadores com a religiosidade evangélica. Essa fração de classe, por não viver constantemente os riscos de rebaixamento social, consegue manter ativa a sua luta por um futuro melhor, assumindo investimentos cotidianos que parecem ser estimulados e reforçados dentro do âmbito religioso. Porém, diferente da classe média, os batalhadores, por seu baixo capital econômico e cultural, constroem sua “fé no futuro sem uma estratégia segura fundada numa posição social estável ocupada no presente” (p.317), o que pode limitar a capacidade dessas disposições construídas e reforçadas pela religiosidade produzirem resultados positivos em outros domínios sociais, como o escolar.

A outra fração de classe popular que Jessé Souza analisa e que também apresenta forte adesão ao pentecostalismo é a denominada *ralé*, termo empregado pelo autor de maneira provocativa devido ao abandono político e social a qual essas pessoas vivem. Diferente dos batalhadores, esse grupo social está em constante instabilidade no trabalho e na família, vivendo, assim, uma exclusão social estável (SOUZA, 2009). Segundo o autor, o pentecostalismo também teria nessa fração de classe a capacidade de manter ativa a fé no

futuro; porém, devido às condições de emergência a qual a ralé está submetida, a sua relação com o tempo é imediata – suprir as necessidades cotidianas de sobrevivência – fazendo com que o suporte institucional das igrejas que mantém ativa a luta por um futuro opere de maneira distinta do que opera entre os batalhadores. Assim, diferentemente do grupo mais bem posicionado nas classes populares, a ralé não possui condições para, cotidianamente, fazer investimentos apostando em ganhos no futuro distante; esse grupo não possui as disposições para agir em relação a esse futuro: pensa nele, mas está impossibilitada de senti-lo enquanto chances objetivas.

A luta contra o mal, enquanto característica das religiões pentecostais, tal como apontado anteriormente, atuaria de forma mais marcante nesse grupo que vive preso às emergências diárias. Souza aponta que é na ralé que o mal e os fracassos da vida aparecem de maneira mais proeminente como ações de uma força espiritual externa. Os sujeitos desse grupo, impossibilitados de agirem efetivamente para melhorar suas condições de vida, mantêm as esperanças acesas ao identificar a origem dos males que lhes acometem em forças exógenas. Esse apelo à responsabilização externa desresponsabilizaria o indivíduo e outras ações não individuais – sociais, econômicas, políticas, culturais –, o que acabaria por tornar plausível a crença no futuro improvável, criando condições para a fé na ação individual. Esse otimismo, presente nos discursos dessa fração de classe, é explorado pelo autor a partir da trajetória de Carlos, evangélico pentecostal, que busca na igreja e na sua fé os meios de não desanimar diante das dificuldades da vida e, assim, não ceder aos maus hábitos que tinha antes da conversão religiosa – problemas com drogas e com familiares. Compreender os insucessos da vida a uma força externa é essencial para esse otimismo:

“O enfoque no desânimo, que Carlos confessa ser sua maior preocupação, é o enfoque na disposição para se conformar ao destino do fracasso, ela própria criada pela vivência do fracasso. A ação ritual não deixa de ser, no entanto, uma confissão estereotipada do que não se pode tematizar no dia a dia, ou seja, o desânimo com esse destino de fracasso, esse prévio desencanto com a vida. O ritual de inversão toma o encosto como “foco” de todo esse destino maligno, imposto pelas disposições capazes de se conservarem na “zona mais oculta dos corpos”. (SOUZA, 2009, p. 226)

Assim, a ascese da ralé opera também de forma diferente da ascese dos batalhadores, em que esse último possui uma autorregulação moral e financeira já enquanto disposição própria da sua fração de classe, que batalha. Segundo o autor, a ralé encontraria na ascese

religiosa um meio contra suas “más disposições”, já que “a experiência do fracasso é mais forte do que a promessa de sucesso” e a narrativa da cura espiritual alimenta “a sua narrativa de vitória” (SOUZA, 2009, p.225). Assim, essa cura espiritual é diária e não há um combate efetivo dessas disposições, ou condições reais para a produção de novas.

“O futuro não é planejado, a condução da vida dia após dia continua não obedecendo a um desenvolvimento linear. O futuro é apenas um horizonte aberto para expectativas otimistas. O mesmo ritmo de viver pautado pela imediatividade e a mesma percepção do tempo de vida incapaz de conceber o futuro como um campo de possibilidades e impossibilidades *bem definidas* são mobilizados na conversão mágica e no seu reavivamento constante. Os rituais e as crenças mágicas dessa religião são feitos para viabilizar um comportamento disciplinado para pessoas que não *incorporaram* (não tornaram tendências pré-reflexivas) as disposições da disciplina.” (SOUZA, 2009, p.229, grifo do autor)

Desse modo, as pesquisas de classes populares realizada por Jessé Souza, que perpassam pela relação dessas frações de classe com o pentecostalismo, elucidam pontos que a literatura sobre sociologia das religiões, que enfatiza suas características e ações de grande denominações, pouco explora: sobretudo a presença da religião na construção de disposições de comportamento de indivíduos pertencentes a frações diferentes das classes populares. Segundo Jessé Souza, por o pentecostalismo incorporar disposições desta classe, a participação religiosa não promoveria disposições vantajosas em outros espaços sociais.

As pesquisas da sociologia e da antropologia das religiões enfatizam a variação das denominações e os discursos institucionais, operando pouco e apenas secundariamente com a categoria classe social; os trabalhos da economia da religião e economia da educação consideram a variação das denominações quando muito de modo genérico (evangélicos e católicos) e costumam usar informações sobre posição social, mas quase sempre como variável de controle. O trabalho de Souza se insere no campo da sociologia das classes sociais e inverte a relação: aqui, a variação de classe social é o princípio analítico, sendo que pouco e apenas secundariamente é explorada a variação das denominações religiosas e seus discursos institucionais.

Nessa pesquisa, no entanto, procuro trabalhar simultaneamente com as categorias de variação de classe social e de denominação religiosa, buscando ainda estabelecer relações

entre, por um lado, as disposições desses grupos em suas relações com a religião e, por outro, as disposições valorizadas no espaço escolar. Dessa forma, compreendo que a categoria classe social ao se estudar religião permite perceber que as práticas dos fiéis não correspondem ao discurso unívoco da instituição religiosa, sendo importante atentar-se também a perspectiva de classe na formulação de disposições e suas possíveis implicações em outros espaços sociais, como o escolar.

Assim, essa pesquisa se concentra em grupos populares, com indivíduos das duas frações de classes apontadas por Souza, na qual a distinção que o autor faz entre batalhadores e ralé é importante e será mobilizada. Porém, assim como Sá (2017) os dados da pesquisa de campo sinalizam variações no interior do grupo que o autor chama de ralé: no interior desse grupo que vive necessidade diárias e não possui disposições para agir em relação ao futuro há ainda outras divisões importantes na condição de moradia, renda, acesso ao trabalho, à educação etc. Na ponta mais vulnerável desse grupo, os indivíduos que vivem em situações de extrema pobreza parecem não possuir condições até mesmo de planejar o presente, possuindo condições muito limitadas para mobilizar esforços para se reproduzirem socialmente (SÁ, 2017). Assim, no interior do grupo que não possui disposições para agir em relação ao futuro, há variações de vulnerabilidades em relação a vícios, violências, contato com crime, condições de moradia, relação com a educação e relação também com a religiosidade.

Dessa forma, na presente pesquisa, ao focarmos nas trajetórias das pessoas religiosas responsáveis por crianças e jovens em idade escolar, podemos levantar a hipótese de que o discurso institucional evangélico – ascético, com forte controle de sociabilidade e com investimentos mais intensos no processo de escolarização – só é análogo às lógicas escolares se as disposições típicas do meios sociais já possuem tais inclinações.

3. DISPOSIÇÕES ESCOLARES EM CLASSES POPULARES

Os trabalhos sobre escolarização em meios populares costumam enfatizar o conflito entre as lógicas socializadoras das famílias e das escolas (THIN, 2006; 2010). Essa relação seria marcada por uma ambivalência que se manifestaria, simultaneamente, como sendo uma relação dominada, heterônoma, salientadora de faltas e ausências, nas famílias, de atributos e práticas valorizados no espaço escolar, e também como uma relação de afastamento e busca por autonomia das práticas familiares em relação à lógica socializadora do espaço escolar.

Trabalhos como os de Thin (2006, 2010) e Lahire (1997), na França, e, no Brasil, dentre outros, os de Zago (2000, 2012), Resende, Nogueira e Nogueira (2011), Batista e Carvalho-Silva (2013) e Sá (2017) procuram investigar, a partir do posicionamento das famílias no espaço social, as suas condições de existência, suas práticas socializadoras e suas disposições de comportamento, analisando os fenômenos resultantes da relação tensa que mantêm com a escola. Em comum, assumem a tese de Bourdieu (2007) segundo a qual famílias de diferentes classes sociais, em função do volume e da composição de seus capitais e em função da necessidade que têm das credenciais escolares para sua reprodução, se relacionam com a educação escolar diferentemente. Segundo esse autor, as diferentes classes nutrem expectativas escolares e sociais a partir do escopo de possibilidades de rentabilidade das credenciais escolares e das necessidades que possuem delas, a partir de suas posições no espaço social.

Assim, as famílias populares mais presas às urgências das necessidades em seu cotidiano não teriam condições de promoverem ações sistemáticas que visem um longo futuro escolar, comum aos meios médios e elitizados (ZAGO, 2000; PAIXÃO, 2005; SÁ, 2017). Ademais, com baixa escolarização, estariam distantes das lógicas escolares: letradas, com necessidade de gestão constante e rotinizada das atividades cotidianas, racionalizadas, com determinado ordenamento corporal, com resultados apenas no longo prazo (LAHIRE, 1997). Diante dessa distância em relação às lógicas escolares, essas famílias são constantemente percebidas pelos agentes escolares como seres com falta de atributos e de práticas valorizados no espaço escolar, estando distantes do ideal.

“Os discursos sobre a “omissão” dos pais são emitidos pelos professores principalmente quando os pais estão ausentes do espaço escolar. Eles não são “vistos”, e essa *invisibilidade* é imediatamente interpretada – principalmente

quando a criança está com dificuldade escolar – como uma *indiferença* com relação a assuntos de escola em geral e da escolaridade da criança em particular. Alguns professores até parecem pensar que a ausência de relações, a ausência de contatos com algumas famílias (populares, é claro), explicaria o “fracasso escolar” das crianças.” (LAHIRE, 1997, p.335; grifos da autora).

Lareau (2007), a partir de pesquisa etnográfica densa, realizada no cotidiano de famílias norte-americanas, investiga lógicas socializadoras correspondentes a diferentes classes sociais e que se manifestam em disposições de comportamento em relação à escola e também em outras instituições dominantes. Estas podem ser descritas como lógicas culturais de criação dos filhos, pelas quais ela observa que, “mesmo quando pais de diferentes classes sociais pareciam ter princípios similares, suas motivações eram diferentes” (p. 71).

Nos termos da autora, as classes médias promoveriam um *cultivo orquestrado*, motivando atividades e práticas cotidianas com intensa racionalização, tentando cultivar talentos e habilidades dos filhos, percebidos em suas individualidades. Tal lógica socializadora estimularia “um sentimento emergente de direito” (p.13) diante das instituições, de modo que as crianças terminariam por possuir mais condições para fazer com que essas atuem a seu favor. Por outro lado, as famílias de origem popular promoveriam um *crescimento natural*, não estando sistematicamente preocupadas em cultivar e desenvolver habilidades para o futuro, mas em propiciar um crescimento seguro. Com isso, as crianças desenvolveriam disposições mais distantes das valorizadas nas instituições como a escola, o que, afirma Lareau, resultaria na formação de um sentido de restrição diante das instituições.

O cultivo orquestrado, próprio das classes médias, ocorre por sua proximidade com as lógicas escolares racionalizadas, pela maior disponibilidade de recursos financeiros, necessários para os investimentos em atividades extracurriculares, e por sua capacidade de mobilizar o tempo, uma vez que a organização da vida dos filhos implica a reestruturação de toda a organização familiar. As classes populares, por sua vez, não dispõem de tais privilégios, recorrendo a outras estratégias de educação que não necessariamente estão atreladas a promoção sistemática do desenvolvimento de talentos e habilidades com lógica semelhante aos saberes escolares.

Assim, essas pesquisas sustentam que as ambições escolares das famílias populares podem parecer restritas se vistas pela ótica das ambições mais valorizadas na escola, típicas

dos grupos com maiores condições para almejá-las e realizá-las (ZAGO, 2000; SÁ, 2017; LAHIRE, 1997).

Neste sentido, Sá (2017), Batista e Carvalho-Silva (2013) e Paixão (2005), ao analisarem o sentido da escolarização em grupos de alta vulnerabilidade social, evidenciam que mesmo em situações econômicas e sociais precárias pode haver a valorização da educação e estratégias educativas. Não, porém, a das classes médias.

Diante dos saberes e recursos que dispõem para investir na escolarização dos filhos, as famílias dos meios populares tendem a acreditar “na escolarização como melhor estratégia de evitação dos aspectos negativos do território: a violência, indignidade, vergonha do analfabetismo, burrice, xurice, redução da vida às necessidades de urgência” (SÁ, 2017, p. 257); características que também repercutem nas condições de maior ou menor vulnerabilidade.

“Ao contrário de outros grupos sociais, [nas famílias dos meios populares] a preocupação com o desempenho, com o sucesso dos filhos na escola não é central. Elas desejam que os filhos aprendam a ler e a escrever, que permaneçam na escola. Mas não formulam preocupações quanto aos certificados a serem obtidos, quanto aos atrasos na relação idade-série” (PAIXÃO, 2005, p. 161-162).

Por essa distância das famílias populares com as lógicas escolares, Thin (2006) e Paixão (2005) destacam que grupos populares tendem a manter relação *instrumental* com a escola, isto é, orientada pela expectativa de que os conhecimentos ali adquiridos sejam eficazes em termos simbólicos e econômicos, dando acesso a posições mais estáveis no mercado de trabalho que os afastem da exposição contínua aos riscos da pobreza (Cf. SÁ, 2017). Dessa forma, saberes que se distanciam da utilidade da vida prática, com fins em si mesmos, são considerados inúteis ou encarados com desconfiança (THIN, 2006). Esses, de fato, são característicos das classes mais ricas em capital cultural, que se aproximam mais das lógicas escolares (BOURDIEU, 2007).

Assim, as famílias de meios populares tendem a demandar da educação escolar a aquisição de saberes fundamentais, sendo também reconhecida como local de socialização e proteção dos filhos em relação aos perigos da rua: violência, drogas e má companhias; “indicando a inseparabilidade entre instrução e socialização” (ZAGO, 2000). Tal relação com a escola, faz com que as ações educacionais dos meios populares pareçam pequenas, ou até

mesmo invisíveis aos olhos dos grupos que fazem fortes apostas na escolarização; como os próprios docentes que diante desses contextos veem seu trabalho dificultado (PAIXÃO, 2012; LAHIRE, 1997).

Sá (2017), com base em Bourdieu, entretanto, identifica um limite de condições de vida definido pela exposição às urgências da necessidade do qual as famílias perdem condições de planejar o futuro e, por isso, de assegurar esforços educativos, ainda que os típicos dos meios populares. Assim, apesar das vulnerabilidades sociais que enfrentam cotidianamente, essas famílias valorizam a educação por saberem que a escolarização aumenta as chances de alcançar posições mais altas e estáveis no espaço social. Porém, “estão distantes dos preceitos escolares e demonstram fragilidade nos meios que possuem para assegurar aos filhos um futuro de sucesso na instituição” (SÁ, 2017, p. 259). Dessa forma, quase não falam sobre as dimensões cognitivas que devem ser desenvolvidas pela escola, esperando mais da instituição a promoção da integração à sociedade, ocupando-se da socialização das crianças e jovens (PAIXÃO, 2005).

De modo semelhante a Jessé Souza (2009), Sá (2017) observa que nos grupos pobres com maior estabilidade de trabalho, de moradia e de relações sociais se desenvolvem ambições educacionais maiores e mais orientadas para o longo prazo. Porém, no grupo de indivíduos mais expostos às urgências de necessidades diárias, denominado por Jessé Souza (2009) como ralé, há também diferenças internas de maior ou menor vulnerabilidade social, na qual Sá (2017) identifica famílias que vivem condições de extrema pobreza e perdem a capacidade de organizar o presente, afetando também sua relação com a educação dos filhos. No caso da pesquisa de Sá sobre circulação de crianças, essas são as mães biológicas que devido a extrema situação de vulnerabilidade em que vivem entregam seus filhos para serem criados por outras famílias e, essas últimas, em condições sociais menos extremas, têm a possibilidade de criar expectativas escolares para os filhos; condição distante das famílias que vivem próximas às situações de indigência.

Nessa literatura classe social é a categoria analítica fundamental, pois a posição social e as disposições gerais das diferentes classes forneceriam os princípios explicativos de seus valores e suas práticas educativas. Entretanto, essa literatura aborda pouco – quando muito – a religiosidade.

3.1. Estratégias educativas em meios populares

Diferentes dos meios médios e elitizados, em que é comum uma preocupação sistemática com o desenvolvimento de habilidades e desenvolvimento cognitivo, com disponibilidade de recursos financeiros para arcar com os custos de atividades extracurriculares, além da proximidade com a lógica escolar (LAREAU, 2007), os meios populares tendem a recorrer a outras estratégias de educação. Resende, Nogueira e Nogueira (2011) sustentam que, sendo pouco familiarizadas com as lógicas escolares e limitadas em oportunidades educativas, as famílias populares preocupam-se mais com outras referências na escolha dos estabelecimentos de ensino, como a facilidade de acesso, as informações e opiniões da rede de sociabilidade, a disciplina e a formação moral da escola. Assim, a reputação que uma escola tem do bairro se torna algo importante no momento da escolha de estabelecimentos (Cf. RESENDE, NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2011; COSTA, MÁRCIO et al., 2013; ALVES, BATISTA, RIBEIRO, ERNICA, 2015).

Diante da oferta de oportunidades educacionais restritas, em instituições nas quais identificam muitos problemas, a começar pela falta de segurança e pela falta de garantias em aprendizagens, a preocupação com a proteção física e moral são critérios importantes (BATISTA, CARVALHO-SILVA, 2013; NOGUEIRA, 2013).

“A análise de suas trajetórias familiares nos mostra que a falta de proteção e cuidado é o que poria as crianças em maior risco em suas trajetórias de vida. Sendo assim, as mães se mobilizam para obter essa proteção da escola. Afinal, é o primeiro e o único serviço público ao qual as famílias têm acesso cotidianamente” (SÁ, p.261).

Nogueira (2013) e Batista e Carvalho-Silva (2013) em pesquisas empíricas em meios populares, evidenciam um discurso recorrente da imagem negativa da escola pública, sendo muitas vezes vinculada a um ambiente propício às “más companhias”, a violência e ao consumo de drogas. Batista e Carvalho-Silva (2013) e Soares, Rigotti e Andrade (2008), notam que tal vinculação negativa do ambiente escolar está relacionada à concepção do bairro em que está inserida, entendido pelos próprios moradores como local violento. Assim, as problemáticas do bairro parecem se concentrar também na instituição escolar que parece impotente diante dessas situações.

A maioria dessas famílias precisam confiar na escola por não possuírem outras alternativas de escolarização. Dessa forma, a instituição escolar pública parece ter um sentido ambíguo no discurso dessas famílias, que desconfiam e ao mesmo tempo criam expectativas de uma escola segura e que seja capaz de instruir e socializar. Pais com maiores recursos, mais engajados e participativos na escolarização dos filhos e que possuem contatos sociais que facilitam o realocamento nos sistemas públicos de ensino¹² teriam maiores possibilidades de escolher a instituição educacional que melhor contempla suas expectativas.

Temendo a violência vicinal e impossibilitadas de recorrerem a outras instituições educacionais, as famílias, então, podem vir a adotar medidas de controle dos filhos que limitam as influências que consideram negativas, expressando-se também em outras ações, tais como o controle estrito da socialização dos filhos, a regulação de sua rotina etc. (BATISTA, CARVALHO-SILVA, 2013).

Nesses contextos, então, a participação religiosa pode se tornar um mecanismo de estratégia, mesmo que inconsciente, de assegurar uma educação segura e estável, corroborando com a evitação das más influências e dos demais perigos do território, presentes também na escola. Assim, o asceticismo religioso – de proibição do uso de drogas, lícitas e ilícitas; controle do corpo, com evitação da sexualidade; e distante da cultura jovem moderna – reforçado pela forte socialização dos meios evangélicos pode surgir como uma alternativa educativa para as famílias que buscam exercer um maior controle social e moral dos filhos.

Ainda em meios populares, famílias com maiores recursos e capazes de mobilizar um projeto cotidiano e de longo prazo buscam matricular seus filhos em estabelecimentos privados. Há no mercado educacional escolas “que cobram relativamente barato, ou possuem um sistema de bolsas de estudo” (ALVES, 2010) que aparecem como alternativas de escolarização privada também para as classes populares. Pesquisas feitas no período anterior à crise econômica que se instaurou no país a partir de 2015 constataram um aumento de matrículas na rede particular de ensino, com mensalidades relativamente baratas, principalmente no sentido de migração da escola pública. Ou seja, criaram-se “nichos de mercado” da escola privada em bairros que antes tinham uma predominância do uso da rede pública, com moradores de classes populares (MEDEIROS e JANUÁRIO, 2014). Nessas

¹² Para compreender as estratégias e os mecanismos de realocamento nas instituições públicas, ver: RESENDE, NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2011; COSTA, Márcio et al., 2013; ALVES, BATISTA, RIBEIRO, ERNICA, 2015.

pesquisas aparece o consenso entre as famílias investigadas de que as instituições particulares assegurariam demandas básicas de organização, proteção física e educação moral; condições nem sempre garantidas nas escolas públicas. Assim, quando a renda familiar aumenta há uma propensão para a saída do sistema público e a busca pelo sistema privado.

Um dado relevante trazido por Nogueira (2013) sobre o aumento do interesse das classes populares na matrícula em escolas privadas é a “associação feita, por um grupo razoável de famílias, entre ambiente controlado e mantenedora religiosa, com destaque para os colégios de orientação evangélica” (p.124). O que não significa, necessariamente, que a confissão religiosa da escola seja a mesma seguida pela família. Fernanda Souza (2012), ao analisar famílias de uma escola católica do Rio de Janeiro, aponta uma idealização da escola que envolve formação de valores e crenças, o que seria mais determinante do que a própria religião em si. “Neste sentido, verifica-se que o aspecto religioso se confunde com os valores, apesar de se constituírem em itens diferentes” (p.120). Enquanto para as famílias as escolas religiosas criam a expectativa de uma educação pautada nos valores morais, para as religiões elas aumentam seu poder de disseminação e fixação de valores e crenças, em contexto no qual isso é objeto de disputa com outras instituições religiosas e com o próprio conceito de educação.

As religiões evangélicas, como vimos, são predominantes nos grupos de baixa renda e escolaridade; essas classes sociais, de acordo com a literatura da sociologia da educação, possuiriam lógicas distantes das escolares, com dificuldades de mobilizar recursos e capitais e de lidar com as expectativas da instituição educativa. Porém, essa religiosidade também é marcada pelo seu forte ascetismo, pela sociabilidade e pela prática de leitura; características que parecem impulsionar para um ordenamento do corpo, uma gestão das atividades cotidianas e uma projeção de futuro; afastando também trajetórias que dificultam a permanência e o aprendizado escolar, como o envolvimento com drogas e a gravidez na adolescência. Questões estas valorizadas também no espaço educativo. Retomo, então, a questão da pesquisa: a religiosidade evangélica ativa em meios populares transformaria os modos de se relacionar com o sistema de ensino, entendidos como comportamentos, práticas e ambições escolares?

3.2. Mulheres das classes populares

A existência desse breve tópico se deu pela necessidade de pensar as particularidades de mulheres em classes populares, que costumam ser as principais responsáveis pela organização familiar e que possuem diversas dificuldades para exercerem esse trabalho em condições de vulnerabilidade social, sendo expostas e vítimas de diversas violências. Trajetórias marcadas por esses riscos, implicam em como essas mulheres compreendem e agem em relação a organização familiar, a educação dos filhos e as expectativas que criam em relação ao futuro.

Como apontado pela literatura da sociologia e da sociologia da educação, apesar dos avanços de igualdade de gênero, as mulheres são as principais responsáveis pela organização da vida doméstica. Sarti (1994), ao ter como objeto de estudo famílias de classes populares, aponta como nesses meios o trabalho feminino está mais atrelado ao trabalho doméstico que é concomitante a ideia de maternidade, conferindo a identidade feminina. “Assim, o trabalho da mulher está subsumido no desempenho do papel de mãe/esposa/dona-de-casa: que seja meio período, que seja em casa, que não afaste a mãe das crianças, reiterando a associação entre trabalho feminino e desordem familiar” (SARTI, 1994, p.140-141).

Destarte, o sonho do matrimônio é um projeto que se constrói cedo, tornando-se uma oportunidade de saída da casa dos pais para formar sua própria família nuclear. Adolescentes dos meios populares encontrariam também na maternidade um meio de reconhecimento social, sendo “uma alternativa viável para lidar com uma série de problemas e situações desfavoráveis presentes em seu contexto sócio-afetivo” (DIAS; TEIXEIRA, 2010, p. 127).

Apesar dessa expectativa do matrimônio, pesquisas com mulheres de classes populares como as de Souza (2009), Sarti (1994), Carvalho-Silva (2018) e Pinto et. Al. (2011) apontam como é comum experiências de violência domésticas das mais diversas formas, que podem deixar marcas físicas, mas principalmente emocionais. Souza (2009) aponta que a falta de referências de amor masculino e de relacionamentos não violentos potencializam as possibilidades de as novas gerações manterem a mesmas trajetórias de violências de sua mãe ou avós. Esses homens violentos, abusivos e com problemas de vícios aparecem na figura de pai, padrasto, tios, marido ou namorado.

Na ausência dessa figura masculina, em famílias chefiadas por mulheres em que ela é

a única provedora do domicílio, Pinto et al. (2011) apontam que a conciliação entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado gera mais dificuldades para essas mulheres garantirem a subsistência da sua família. Por terem de dividir o tempo entre esses dois trabalhos e possuindo poucas ou nenhuma alternativa de apoio para o cuidado dos filhos, essas mulheres ainda encontram dificuldades de conseguirem trabalhos bem remunerados ou estáveis, o que cria uma maior instabilidade social.

“A sobrecarga de papéis assumidos pelas mulheres frente às dificuldades sociais, econômicas e de violência experimentadas por elas expôs uma face perversa da condição feminina, sobressaindo, por um lado, a baixa autoestima, as frustrações, os medos e anseios e, por outro, a coragem e a perseverança na luta pela sobrevivência” (PINTO et. al., 2011, p. 169)

Em momentos de dificuldades, materiais e/ou imateriais, a rede de apoio estabelecida entre outros familiares, amigos e vizinhos pode ser decisiva para que essas mulheres consigam superar suas adversidades. Dependendo do contexto familiar – distância, conflitos – a rede de apoio entre vizinhos e conhecidos do bairro pode ser mais estreita do que uma relação de sangue, havendo relações de confiança e de responsabilidade mútua (SARTI, 1994). Essas redes de apoio podem se tornar peças chaves para a administração da rotina familiar e essenciais em momentos de dificuldades de manterem as condições básicas de reprodução da família.

A igreja, como vimos no capítulo sobre a religiosidade pentecostal, possui forte capacidade de socialização e de apoio emocional e material, podendo se constituir como mais uma rede de apoio na qual essas mulheres podem contar. Elas também são maioria dentro das igrejas¹³ e lá mantêm a fé e o apoio para conseguirem também inserir seus companheiros na religiosidade (TARDUCCI, 1994). O discurso evangélico é muito marcado pela condenação à diversos tipos de vícios, o uso de álcool, contra o adultério e, apesar de crer que a mulher deve ser submissa ao homem, também condena a violência doméstica. Assim, em contextos em que são comuns as mulheres possuírem esses tipos de relações com homens dentro da família, a igreja torna-se um local de apoio emocional que ainda permite manter a fé de alcançar uma maior união e estabilidade familiar (TARDUCCI, 1994).

¹³ Segundo o Censo de 2010, as mulheres representam 55,57% da população evangélica do país, de um total de 42,3 milhões de pessoas.

Um outro ponto importante da religiosidade cristã que já foi pontuado anteriormente, é a importância que a família possui nesse discurso. Nele, a mulher possui papel central na figura de administradora da família (TEIXEIRA, 2013; MACHADO, 1996; TARDUCCI, 1994), marcando também o papel que se espera da identidade feminina: “o discurso da família é o que abarca a mulher, já que não se concebe uma mulher adulta fora do matrimônio. A mulher é esposa e mãe, e também pode adquirir os papéis derivados desses, os de “viúva” ou “separada”” (TARDUCCI, 1994, p. 154). Enquanto figura central da união e do bem-estar familiar, no fundamentalismo religioso a mulher deve ser submissa ao homem: “Recomenda-se à esposa que não se queixe, não gaste o dinheiro provido pelo esposo em coisas desnecessárias, controle sua língua evitando espalhar mexericos, enfim, que mantenha com toda a diligência o asseio pessoal e do lar, aumentando assim a estima do esposo” (TARDUCCI, 1994, p. 157). Assim, segundo Tarducci (1994), a família cristã ideal possui os mesmos moldes da família nuclear burguesa do século XIX, com os homens responsáveis pela renda familiar e as mulheres dedicadas aos cuidados do lar; o esposo é o principal responsável pelas tomadas de decisões familiares. Por outro lado, apesar dessa submissão, mulheres vítimas de violências e que vivem constantes situações de vulnerabilidade encontram no discurso de fé – otimista frente às inúmeras adversidades e com exemplos tangíveis materializados no testemunho – um acolhimento e uma esperança de superação. Participar das atividades religiosas, ser reconhecida como uma “irmã”, assumir funções dentro da igreja, são outros pontos que a participação religiosa traz para a vida dessas mulheres, colaborando com sua autoestima.

“Com a sua capacidade de unificar níveis de experiência, o pentecostalismo ajuda a inserir as mulheres numa comunidade de pares já definida como aberta e solidária, mas também é certo que a solidariedade interna entre os membros se contrapõe a uma participação social mais ampla, uma vez que a oposição entre "mundo" e igreja é muito acentuada (...). No caso do pentecostalismo, a comunidade fechada ofereceria às mulheres uma forma de segurança, um microcosmos substitutivo da hostilidade do mundo.” (TARDUCCI, 1994, p. 161-162)

Assim, a forte socialização das igrejas pentecostais faz da igreja um espaço de acolhimento para a mulher fora do espaço doméstico, sendo uma possibilidade de vida pública, não no âmbito do Estado, mas na dimensão da sociedade civil na qual a religião faz parte; e que, apesar de se contrapor a cultura moderna individualizante, concepções

fundamentalistas e seculares mantém uma constante relação.

No que concerne à presente pesquisa, é importante salientar que diante dessas dificuldades às quais as mulheres de classes populares estão mais expostas, assumir total ou parcialmente a educação dos filhos com pouca presença ou até mesmo ausência da figura masculina ou de outro adulto responsável, coloca-se como um fator importante nas expectativas e ações de estratégia de educação familiar, ao influenciar as dinâmicas de renda e de organização do tempo da família, essenciais para o planejamento escolar. Sendo a religiosidade um importante fator na vida das mulheres entrevistadas, investigo como a participação e o pertencimento religioso atuam nas ações e percepções da organização familiar.

4. O TERRITÓRIO

4.1. São Miguel Paulista – Bairro Vila Harmonia

A pesquisa empírica foi desenvolvida com foco no bairro Vila Harmonia da subprefeitura de São Miguel Paulista (SMP), Zona Leste de São Paulo, uma região mais pobre que as regiões centrais da capital paulista. Apesar de pouca extensão geográfica, o bairro é muito populoso: em 2017 o Plano de Bairro do território identificou 12 mil pessoas residentes; número que o próprio colegiado e as agentes de saúde afirmam ter aumentado até o início de 2019.

O principal meio de acesso do Centro da capital até o território é pelo trem da CPTM. O bairro Vila Harmonia fica ao lado da estação que o separa do Centro de SMP. Apesar de fisicamente contíguos, são bairros socialmente distantes. Enquanto o segundo reúne comércio diversificado, os principais equipamentos públicos da região e a residência dos grupos socialmente mais bem posicionados, a Vila Harmonia é uma das áreas mais pobres da subprefeitura. O bairro está isolado e cercado pelo trem, por uma indústria de produtos químicos, por uma estação de tratamento de esgoto e pelo rio Tietê. Há um declive do terreno da estação da CPTM até áreas inundáveis do Tietê. Como salientam Torres e Machado (2016), essas características topográficas têm correspondência com o espaço social e com o processo de ocupação do local.

Próxima à região da estação está a área mais antiga e urbanizada do bairro Vila Harmonia, único local de passagem de carros e pedestres para entrar ou sair do bairro. É a área com maior concentração de comércio e grande fluxo de pessoas e automóveis. Nota-se que as residências dessa área do bairro são mais antigas, maiores e com melhores estruturas; diferente das demais áreas, há muitas casas regulares e únicas no terreno. Conta-se também com um conjunto de pequenos prédios originário de um mutirão de moradia na década de 1990. Os moradores dessa região são reconhecidos pela comunidade por serem o grupo socialmente mais bem posicionado do bairro. Por sua geografia elevada, é a área menos afetada pelas enchentes, grande problema do território. Utilizando as referências de caracterização do bairro de Torres e Machado (2016), usada também pelos próprios moradores, chamaremos essa área de *Alto Harmonia*.

Adentrando um pouco mais pelo bairro e afastando-se da linha do trem há outra área mais ao centro, o *Médio Harmonia*. Essa ocupação é mais recente que a do Alto Harmonia e seu processo foi “relativamente organizado, liderado pela Prefeitura e caracterizado por arruamento regular, calçamento de asfalto e infraestrutura de esgoto” (TORRES, MACHADO, 2016, p. 96). A área é composta por algumas vielas e é mais adensada em moradia do que a região alta, havendo muitos lotes compartilhados que abrigam mais de uma família. Alguns pontos dessa área são afetados pela enchente.

O *Baixo Harmonia* contorna os limites do bairro na estação de tratamento de esgoto e no rio Tietê. É a parte do bairro mais recente e não urbanizada, não possuindo asfaltamento, iluminação pública e sistema de saneamento básico. A maioria das moradias são construções irregulares e inacabadas, fruto de ocupações que disputam por sua permanência e reconhecimento por parte da prefeitura e da própria comunidade, que identifica a área como invasão. Muitas das construções do Baixo Harmonia são de tábuas de madeira, casas sobre palafitas e por cima do córrego que existe onde era o antigo leito do rio Tietê e que hoje possui características de esgoto. Apesar dessas condições vulneráveis, essa área está em constante crescimento, com a chegada de novas famílias e com comércio irregular de pequenos terrenos¹⁴. A população desse local é a que mais sofre com as enchentes, por estar na parte menos elevada do bairro e por ser local de desemboque do esgoto. É nessa região também que há o reconhecimento pelos moradores da presença mais intensa do tráfico de drogas.

“As características das três áreas do bairro afetam diretamente o cotidiano e as condições de vida das famílias. Morar na porção central ou nos fundos do bairro, em casas ao nível da rua, sujeita essas famílias ao risco de “perderem tudo” nas enchentes” (BATISTA; CARVALHO-SILVA, 2013, p.41).

Nessas áreas, é comum as casas terem comportas para evitar as inundações. Em épocas de chuva, “a realização das tarefas comumente mais simples, como “comprar pão” ou “ir à escola”, transformam-se em verdadeiros desafios” (BATISTA; CARVALHO-SILVA, 2013, p.38). Nessa situação, em um território com adensamento de moradia sem planejamento, é comum residências insalubres, constantemente úmidas pela baixa ventilação e luminosidade.

¹⁴ Em uma visita a essa parte do bairro, um morador chegou a comentar da venda de um pequeno lote, menos de 20 m², nessa área de ocupação pelo valor de 15 mil reais. Um informante conta que seu “barraco” custou 10 mil reais no total, sendo metade o valor do lote – irregular e em cima da várzea do rio ocupada pelo esgoto – e a outra metade para construir sua casa de palafita.

O sentimento de pertencimento do bairro está intimamente ligado a localização de moradia, sendo que os moradores confirmam haver uma sensação de superioridade nos que se encontram nas partes mais elevadas. Esses, por sua vez, culpariam as ocupações do Baixo Harmonia pelas dificuldades do bairro: enchentes, violência e tráfico de drogas¹⁵.

4.2. As escolas do bairro

No conjunto da subprefeitura de SMP, a oferta escolar é predominantemente feita pela rede pública, 75% em 2017¹⁶. Apesar de minoria, as escolas particulares tiveram um aumento de estabelecimentos e de matrículas a partir de 2008, apresentando um novo “nicho de mercado” que disputaria alunos com a escola pública. Este aumento é concomitante à diminuição das matrículas na rede pública, que de 29.692 matrículas em 2007, foi para 20.105 em 2015¹⁷. Após a crise econômica, porém, acredita-se que esse quadro tenha sofrido outras mudanças. Ao longo da pesquisa de campo não foram encontradas famílias com crianças e jovens matriculados em instituições particulares.

As regras que regulam o sistema de matrícula em escolas públicas determinam que, em primeiro lugar, a matrícula deve ser feita pela setorização, isto é, pela proximidade da escola em relação ao endereço de residência do estudante¹⁸. Dessa forma, em contextos de forte segregação social, como o município de São Paulo, “o perfil socioeconômico dos estudantes seria reflexo do território onde a escola está localizada” (MACHADO, 2017, p. 124). Pesquisas na subprefeitura de São Miguel Paulista, porém, apontam a existência de mecanismos de realocamento escolar (BATISTA, CARVALHO-SILVA, 2013), estratégia de

¹⁵ Pensar o sentimento de pertencimento do bairro foi discutido muitas vezes durante as reuniões do Plano de Bairro. Apesar de reunir as pessoas associativamente ativas do território, moradores de todas as áreas do bairro participam desse projeto. O contato com outros moradores e as visitas nas diferentes igrejas confirmam esse sentimento de pertencimento, como veremos adiante.

¹⁶ Nesta contagem foram consideradas as escolas federais, estaduais e municipais do ensino fundamental e médio. Dados coletados a partir das tabelas disponibilizadas pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de São Paulo, disponíveis em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/dados_estatisticos/info_cidade/edu-cacao/>. Acessos em 22 de abr. de 2019.

¹⁷ As informações completas sobre estabelecimentos e matrículas estão disponíveis no site Infocidade da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de São Paulo: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/index.php?cat=8&titulo=Educa%E7%E3o>. Acesso em 04 de maio, 2017.

¹⁸ No município de São Paulo, a matrícula escolar ocorre a partir das escolas localizadas em um raio de 2 km do CEP declarado pela família.

mudança de instituição escolar que possibilita a escolha de estabelecimento; revelando outra faceta das desigualdades educacionais dentro do próprio setor público, como evidenciado por Alves, Batista, Ernica, (2012) e Machado (2017) sobre o processo arbitrário de decisão da direção das escolas.

O realocamento ocorre no interesse da família em matricular as crianças e jovens nas escolas públicas que consideram mais adequadas, e/ou evitando escolas com reputações de “problemáticas”. Durante a pesquisa de campo, informantes e entrevistados apontaram três estratégias de realocamento: o cadastro de um CEP mais próximo à escola que deseja, a partir de um comprovante de renda emprestado; a tentativa de contato direto com a coordenação ou direção da escola que deseja matricular¹⁹; e o contato direto com a Secretaria de Educação, alegando a incapacidade de uma escola de má reputação garantir a segurança física e/ou o direito pleno a educação. Essas famílias procuram evitar escolas que consideram perigosas e buscam instituições que reforçam o que valorizam na educação escolar, não se submetendo a resignação burocrática do processo de alocamento; assim, são sujeitos que escolhem.

Assim, como sinalizado por pesquisas anteriores (Cf. ERNICA, BATISTA, 2012; ERNICA, 2013; CARVALHO-SILVA, BATISTA, 2013; ALVES, BATISTA, RIBEIRO, ERNICA, 2015) e confirmado pelo trabalho de campo, há uma hierarquização das escolas por parte dos moradores do bairro; mesmo os que não buscam estratégias de escolhas parecem perceber as diferenças entre instituições que são construídas a partir do contato com familiares e amigos, ou da experiência com os próprios filhos. As estratégias de preferência, analisadas em pesquisas anteriores em SMP e confirmadas no trabalho de campo, são: “fama” da escola em relação aos discentes, ao comprometimento do professores e a disciplina; localização de fácil acesso; evitam transferências, preferindo escolas que ofereçam toda a educação básica, do Ensino Fundamental ao Médio; valorização das instituições que oferecem atividades extracurriculares; escolas que tenham acesso a programas sociais (serviço de van escolar foi citado como um benefício que não existe mais). O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), não é um fator que aparece como componente de escolha; porém, as estratégias familiares de hierarquização/evitação possuem correspondência com os resultados do indicador.

¹⁹ Pesquisas apontam também para um sistema inverso, de escolha e seleção por parte das escolas, que priorizariam alunos com boas referências escolares e de comportamento, evitando alunos com o perfil oposto. Para aprofundamento, ver: ALVES, BATISTA, RIBEIRO, ERNICA, 2015.

| Notas do Ideb²⁰ Ensino Fundamental - Anos Finais | | | | |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | 2011 | 2013 | 2015 | 2017 |
| Escola Benevides | 4,3 | 3,2 | 4,1 | * |
| Escola Maria Amélia | 5,1 | 5,2 | 4,9 | 5,5 |
| Escola Macaé Evaristo | 5 | 4,9 | 4,8 | 5,3 |
| * "Escola sem Ideb ou sem cadastro no Censo da Educação Básica 2017". A Escola Nísia Floresta também não participou nesses anos do indicador. | | | | |

Na Vila Harmonia há uma escola estadual, Maria Victoria **Benevides** (Benevides), localizada na rua de acesso à estação de trem, no Alto Harmonia, criada em 1988 que atende desde o Ensino Fundamental I até o Ensino Médio. Apesar de oferecer toda a educação básica e estar no território, a escola Benevides não é bem vista por muitos moradores do bairro que se queixam da falta de infraestrutura e do comprometimento dos profissionais e alunos: a escola tem histórico de ser um lugar onde há venda de drogas; há casos de violência entre os alunos; informantes comentam que “por qualquer motivo não tem aula” e que alunos do Ensino Médio noturno não frequentam às sextas-feiras, o que seria aceito pela direção e pelos docentes, que acabam por não ministrar a aula quando há poucos alunos; a estrutura é precária e faltam equipamentos – os equipamentos de informática foram roubados em um assalto em 2017 e não tinha sido repostos até 2019. A partir desses casos, de maneira geral, é comum entre os informantes o discurso de que grande parte desses problemas está no próprio corpo discente da escola que não sabe valorizar o ensino.

Assim, estando em um território mais vulnerável que as escolas do centro, a escola Benevides é percebida por algumas famílias como extensão da rua, não garantindo a educação de qualidade a qual se propõe e tampouco parece ser um lugar seguro. Soares et. al. (2008) e Ernica e Batista (2012), entre outras pesquisas sobre hierarquias e desigualdades escolares no setor público, apontam que as escolas em territórios de alta vulnerabilidade, como a da Vila Harmonia, “tendem a ter uma população discente composta de crianças e jovens com baixos recursos culturais familiares e residentes no entorno da escola” (ERNICA, BATISTA, 2012, p. 654), sendo caracterizadas por sua homogeneidade. Dessa forma, as escolas “são um

²⁰ Consulta aos dados do Ideb em: <<http://portal.inep.gov.br/consulta-ideb>>. Acesso em: maio de 2019.

microcosmo do território de alta vulnerabilidade social, concentrando dentro de si os seus problemas, que se manifestam intensamente por vezes em proporções de difícil controle” (Ibid). Assim, os males da rua que deveriam ser evitados também estão na escola, dominando suas relações; ou seja, sem que a instituição aja sobre elas e impondo outro ordenamento das relações sociais e dos comportamentos, o que é percebido pelos moradores do bairro que preferem evitar a escola do território.

Além da escola do bairro, a população local também utiliza, principalmente, três outras escolas do centro de SMP, localizadas a menos de um quilómetro da estação de trem que liga os bairros Vila Harmonia e Centro. A escola municipal **Maria Amélia Pereira** (Maria Amélia) possui o Ensino Fundamental I e II. Ela é considerada uma das melhores instituições de ensino pública da região, sendo destacada por alguns informantes pela preservação da estrutura física e do comprometimento dos docentes. Durante o campo, soube-se de crianças que foram diretamente alocadas para a Maria Amélia após o término da pré-escola e também de famílias que buscaram meios de garantir a matrícula dos filhos nessa instituição.

Na mesma calçada da escola Maria Amélia, há a Escola Estadual **Nísia Floresta**, apenas com Ensino Médio, sendo muito comum a matrícula de alunos nessa instituição após a conclusão do ensino fundamental na escola vizinha. Com uma reputação melhor que a escola do território, que oferece toda a educação básica, a escola Nísia Floresta é reconhecida por alguns informantes como uma instituição que “já foi melhor”. Alguns desses sujeitos contam que essa escola oferecia uma educação muito boa, em um passado não muito distante, sendo disputada por muitas famílias da região. Hoje, tal cenário teria mudado devido a uma desvalorização da educação por parte das famílias, dos alunos e dos próprios professores. Como veremos no relato de uma mãe, a escola também recebe alunos em condição de liberdade assistida²¹ e já teve situações de violência armada; o que colaboram para a desvalorização do seu prestígio.

²¹ Liberdade Assistida é a condição do adolescente infrator que possui certa restrição de direitos e recebe acompanhamento sistemático pela Vara de Infância e Juventude, sem impor o afastamento do convívio comunitário. Mais informações em: <<http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servico-de-protecao-social-a-adolescentes-em-cumprimento-de-medida-socioeducativa-de-liberdade-assistida-la-e-de-prestacao-de-servicos-a-comunidade-psc>>. Acesso em: 02 de maio de 2019.

Uma outra instituição que apareceu com frequência em relatos de informantes é a Escola Municipal **Macaé Evaristo**, que oferece desde o Ensino Fundamental I até o Ensino Médio. Por atender toda a educação básica parece ser priorizada nesse sentido, evitando a burocracia do processo de matrícula após a conclusão do ensino fundamental. Por outro lado, a mãe Silvia que foi entrevistada aponta como característica negativa o fato de o ensino médio ser oferecido apenas no período noturno nessa escola, o que estaria relacionado a ideia de perigo e de bagunça.



Figura 1 - Escolas do bairro

Além da escola Benevides de educação básica, o território conta com duas creches que foram conquistadas após a atuação em conjunta da sociedade civil da região, do Fórum dos Moradores da Vila Harmonia e Adjacências e de uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que atua na região (TORRES, MACHADO, 2016). Além dos estabelecimentos de ensino escolar propriamente dito, há na Vila Harmonia uma organização da sociedade civil local que por meio de parcerias oferece aulas esportivas e de teatro para a comunidade, principalmente infanto-juvenil; o Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) localizado no mesmo terreno da Igreja Católica, desenvolvendo diversas atividades contraturno com crianças de 6 a 14 anos de idade; e a OSC que atua no território, desenvolvendo atividades culturais, sociais e até mesmo de ensino para diversas faixas etárias. É nesse último espaço que há uma biblioteca

comunitária que também realiza projetos autônomos e em parceria com a escola estadual do bairro, Benevides.

4.3. As igrejas do bairro

Na praça central de SMP, ao lado da estação de trem, localiza-se não só a capela de São Miguel Arcanjo, rara construção seiscentista, como também a sede da diocese de São Miguel Paulista. Há também ampla presença de igrejas evangélicas, com denominações de diversos segmentos: Igreja Batista (protestante histórica, não pentecostal); alguns ministérios da Assembleia de Deus; Igreja Mundial do Poder de Deus; Igreja Universal do Reino de Deus; Paz e Vida; Igreja Internacional da Graça de Deus; entre outras igrejas grandes ou pequenas. Sabe-se da presença de moradores espíritas e/ou adeptos de religiões afro-brasileiras, mas não cheguei a ser apresentada para nenhum praticante dessas crenças. Os comentários, na maioria pejorativos, em relação às religiões afro-brasileiras por parte dos evangélicos, indicavam que há terreiros de umbanda ou candomblé na parte baixa do território.

Na Vila Harmonia, as igrejas estão concentradas na área central, entre o Alto e o Médio Harmonia, e em uma área mais específica do Baixo Harmonia. Ao todo, há 20 igrejas observadas no território (assinaladas no Mapa 2) e as denominação evangélica são a grande maioria, perceptíveis em uma caminhada pelo bairro. Há apenas dois templos católicos – uma igreja localizada na rua de acesso ao bairro e uma capela não muito distante dela, ambas no Médio Harmonia.

Como apontado pela literatura sobre religiões evangélicas na periferia, percebemos uma variedade delas no território. Há igrejas de dimensões nacional e internacional – Congregação Cristã do Brasil, Deus é Amor, Igreja Adventista do 7º Dia e sete diferentes ministérios da Assembleia de Deus – e uma grande quantidade de igrejas pequenas que possuem origem tanto a partir de outras denominação mais novas e que não possuem a sede no bairro, mas estão na Zona Leste não muito distante do território (ao término da pesquisa só havia uma, no começo haviam duas), quanto outras pequenas igrejas que possuem sua origem no bairro e foram fundadas pelos próprios moradores (oito igrejas).



Figura 2 - Igrejas do bairro

Além da forte presença de igrejas no bairro, sabe-se que a população local também recorre a outras instituições, sendo comum ver pessoas se locomoverem para o trem aos domingos à tarde e à noite com Bíblias debaixo do braço; como é o caso da Primeira Igreja Batista de São Miguel, denominação histórica que está no bairro desde 1948, localizada próxima à estação CPTM e que possui frequentadores da Vila Harmonia. Igrejas reconhecidas pela literatura como da terceira onda pentecostal não se encontram na Vila Harmonia, mas são de fácil acesso a partir do centro: a Igreja Mundial do Poder de Deus fica na mesma quadra da estação de trem (segundo moradores esse terreno já foi espaço de outras denominações que ficaram por pouco tempo) e a Igreja Universal do Reino de Deus fica a menos de um quilômetro da estação. Como apontado pela bibliografia, elas se encontram nas vias de grande circulação (ALMEIDA, 2015). Durante essa etapa da pesquisa, não houve contato com frequentadores de denominações neopentecostais, não estando elas presente na pesquisa. Porém, como apontado por Mariano (2014) sobre a neopentecostalização das igrejas evangélicas, foi visto no bairro algumas igrejas locais que se aproximavam do discurso da Teologia da Prosperidade.

A pluralidade evangélica apontada pela literatura se manifesta na pesquisa de campo não apenas no que diz respeito a variações teológicas, mas também em relação a sua estrutura institucional, o que infere também no discurso religioso, na formação dos pastores, na produção de material e na proposta de atividades internas. A maioria das igrejas encontradas na pesquisa de campo são pequenas, locais, formadas pelos próprios moradores do território. Na maioria delas, os líderes religiosos possuem baixa escolarização, muitos com leituras

silábicas; há poucas igrejas de estrutura nacional ou internacional, em que seus líderes possuem uma formação teológica oferecida pela própria estrutura da denominação (formações essas com caráter escolar), apresentando também uma leitura mais fluente e maior complexidade de interpretação das passagens lidas em púlpito. Tais diferenças de estrutura também se refletem no público atendido: as igrejas com maiores estruturas foram as denominações presenciadas no território que possuem frequentadores com mais altos níveis de escolarização. Na Congregação Cristã do Brasil e na Igreja Batista há (poucas) pessoas com nível superior; na Assembleia de Deus há mulheres com curso técnico de enfermagem. Nas igrejas pequenas, por sua vez, assim como os pastores, é muito raro o acesso à educação superior ou mesmo técnica de nível médio entre os fiéis.

Com exceção das igrejas Batistas e a Congregação Cristã, os fiéis e até mesmo os não frequentadores (não evangélicos ou de outras denominações), referenciam-se as igrejas pelos nomes dos pastores, o que reforça a ideia de proximidade entre os praticantes e leigos com os líderes religiosos, como apontado na literatura. Essa maior identificação com o líder da igreja e seu consequente público também é materializado nas inúmeras falas ao longo da pesquisa de campo de que o importante na igreja é “sentir-se bem”, independente da denominação. Assim, não é incomum o trânsito religioso nas trajetórias dos evangélicos da pesquisa. Também por essa proximidade, não são raros os comentários que os moradores, religiosos ou não, fazem sobre o que pensam dos líderes e de outros frequentadores das igrejas, julgando se o comportamento desses condiz com o que pregam e com o que creem. A proximidade entre os integrantes da igreja e a constante vigilância impulsionam o comportamento ascético que caracteriza o modo de vida pentecostal (NOVAES, 1985; MARIANO, 2014; SCOTT, CANTARELLI, 2004).

O meu contato com as igrejas e seus integrantes e frequentadores se deu por cadeias de referências, a partir da estratégia snowball (BIERNARCKI; WALDORF, 1981; VINUTO, 2014), iniciada por uma abertura com pessoas de uma Ong local que me apresentaram a moradores da Vila Harmonia. Esses informantes do próprio bairro puderam me apresentar tanto a líderes religiosos locais como a pessoas que frequentam as diferentes denominações, permitindo a circulação da pesquisadora nos cultos. Devido à quantidade extensa de denominações (conforme o andamento da pesquisa e as visitas ao território descobria-se mais igrejas) e considerando que meus informantes iniciais são pessoas associativamente ativas (presidente de uma associação do bairro, agentes comunitárias de saúde, funcionários da OSC), não foi possível o acesso e informação sobre todas as igrejas. Também por esses

motivos e devido ao tempo limitado para a realização dessa etapa da pesquisa, não foi possível se aprofundar em todas as denominações visitadas.

Pontuadas as principais informações do bairro e da presença de instituições religiosas, a seguir são apresentadas as características e percepções das igrejas visitadas. Optou-se por apresentar todas as igrejas com as quais tive contato, mesmo as que foram pouco aprofundadas, pois elas corroboram para a construção do retrato do território e da diversidade religiosa ali presente.

4.3.1. Igreja Católica

A pesquisa tem como foco as religiões evangélicas, porém, para compreender o campo religioso do território foi necessário também conhecer a Igreja Católica e como ela atua no bairro. Logo nos primeiros dias de pesquisa de campo foram identificadas algumas pessoas católicas não praticantes que, ao comentarem sobre a pesquisa, transpareceram certo distanciamento em relação aos evangélicos do território; algo marcado diversas vezes ao longo da pesquisa. Dessa forma, a Igreja Católica também será brevemente apresentada.

A Catedral de São Miguel Arcanjo está localizada no Centro de SMP ao redor da praça onde fica a estação de trem, ou seja, próximo ao bairro Vila Harmonia. No território estudado há a Igreja Católica Jesus é o Mestre, que também abriga em seu terreno o Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) da Prefeitura de São Paulo. A poucos metros dali, mas ainda na região central da Vila Harmonia, há uma capela de São Expedito.

A Catedral de São Miguel, no centro de SMP, tem estrutura grandiosa e possui uma grande quantidade de frequentadores, não apenas aos domingos. Não se sabe se há católicos na Vila Harmonia que se locomovem até a catedral, preferindo essa igreja à do bairro, mas nota-se uma grande quantidade de carros no estacionamento da catedral e nas ruas ao redor durante a missa, sugerindo que pessoas de locais não tão próximos, como a Vila Harmonia, e com maior renda que a grande maioria dos moradores de lá frequentam a catedral.

O cenário é diferente quando cruzamos a linha de trem e vamos para a igreja local da Vila Harmonia, com um número bem reduzido de frequentadores. Não dá para saber ao certo qual o número de católicos praticantes do território; nas visitas realizadas, ou até mesmo ao

passar em frente a igreja em horários de missa, percebe-se menos de 30 adultos, sendo expressiva a quantidade de idosos. Ao longo da aproximação com o território, muitas pessoas do bairro se autodenominam católicas não praticantes e algumas delas, esporadicamente, vão a reuniões e cultos evangélicos quando convidados. Os católicos aos quais eu fui apresentada moram no Alto e no Médio Harmonia.

O contato com essa denominação se limitou a duas missas na catedral e duas na Jesus é o Mestre. O contato direto com o padre da igreja local não pôde ser estabelecido, justificado por sua irmã devido à agenda cheia de compromissos sociais e com outras paróquias. Ele não mora na Vila Harmonia e ministra apenas algumas missas; sua relação não é muito próxima dos moradores do bairro como os líderes evangélicos costumam ser, algo que também foi criticado por um informante católico não praticante.

Assim como pontuado pela literatura específica, a Igreja Católica é mais ativa politicamente comparada às denominações evangélicas, possuindo parcerias com a prefeitura em ações do bairro: participa do Plano de Bairro; possui convênio em um projeto cultural-educacional que atende famílias em situação de vulnerabilidade social de SMP; o CCA está localizado nas dependências da igreja. Essas atividades educativas são abertas ao público geral e não se restringem aos católicos.

De maneira geral, o catolicismo é atacado por diversas igrejas pentecostais. Em cultos e em conversas com evangélicos há recriminação a idolatria de imagens, a baixa participação religiosa e ao estilo de vida dos católicos. Para os pastores entrevistados, o comprometimento religioso levaria ao abandono do catolicismo e a busca por outras denominações. Há um discurso corrente de que a princípio todos são católicos até assumirem uma religião de fato. A oposição entre evangélicos e católicos também é marcada na busca de uniformidade moral e religiosa no interior da família, como assinalado pela literatura, em que pastores pontuam a dificuldade de um matrimônio entre católicos e evangélicos, por possuírem diferentes concepções de vida e de fé, o que seria atenuado em um casal de evangélico, mesmo que de diferentes denominações. Entre casais em que um é evangélico e o outro não o é há sempre a esperança de converter o parceiro não religioso.

4.3.2. Igreja Batista de São Miguel Paulista

A Igreja Batista é uma denominação histórica, internacional, não pentecostal. Ela não possui nenhum líder, mas não é ausente de hierarquias; pastores e igrejas locais precisam ser filiados a outras instâncias. No caso da igreja de São Miguel, o pastor precisa ser filiado à Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – Extremo Leste, e a igreja é filiada à Convenção Batista do Estado de São Paulo e essa é integrante da Convenção Batista Brasileira; ainda há a União Batista Latino Americana e à Convenção Batista Mundial²². As igrejas se organizam de maneira congregacional: a partir da mobilização da própria comunidade e possuem relativa autonomia.

A Batista de SMP começou com o auxílio da Batista da Penha, também na Zona Leste, a partir de um casal que chegou de Pernambuco e começou a organizar reuniões com mais algumas famílias em sua própria casa. Construída em seu primeiro local em 1948 a região ainda não era urbanizada; hoje está localizada a três quadras da estação de trem, na região central. Assim como recebeu o auxílio de uma igreja Batista mais antiga para a sua formação, a igreja de São Miguel ajudou a organizar 20 igrejas, na região leste da capital e também fora dela.

A Batista de SMP é uma igreja com capacidade para umas 300 pessoas, contando com 270 membros, mas com uma média de 180 participantes ativos, segundo o pastor; uma igreja grande comparada com a maioria das igrejas visitadas. No terreno da igreja há, além do espaço de culto, diversas salas para a realização de atividades da igreja, como sala para berçário e para crianças (mobiadas como sala de educação infantil), cantina, salas para ensaios musicais e artísticos etc.

A maioria dos frequentadores não moram próximos à igreja, como o próprio pastor, que me afirmou que o público reside em um raio de até 15 quilômetros do local. Dessa forma, muitos se dirigem à Batista de São Miguel de carro ou de transporte público, o que não é o caso das poucas famílias residentes da Vila Harmonia. O Centro de SMP, local da igreja, é

²² Todas as informações sobre a hierarquia e funcionamento das Igrejas Batistas no Brasil foram coletadas por entrevista com o pastor da Igreja Batista São Miguel. Segundo ele, atualmente no extremo leste da cidade de São Paulo há 51 Igrejas Batistas filiadas.

uma área comercial e possui poucas residências, o que justificaria a vinda de pessoas de áreas mais distantes, muitas em transportes particulares.

Apesar da Batista de São Miguel não ficar no território estudado há pessoas da Vila Harmonia que a frequentam e que fizeram o convite para conhecê-la. Foram realizadas quatro idas ao culto, uma entrevista com o pastor responsável e outras conversas com frequentadores da igreja. Essa é uma das poucas igrejas em que foi possível entrevistar o pastor que, entre receptividade e desconfiança, contou sobre sua trajetória escolar e religiosa e permitiu a presença da pesquisadora no culto.

A trajetória de sucesso do pastor Maurer está estreitamente ligada ao seu envolvimento com a Igreja Batista. Seus pais estudaram até o primário, mas formaram todos os filhos na educação básica em escolas públicas; de quatro filhos, apenas Maurer e uma irmã possuem ensino superior, em Teologia e Administração, respectivamente. Ele chegou sozinho em São Paulo saindo de uma zona rural do Rio de Janeiro em 1980, aos 20 anos, com o objetivo de trabalhar e converteu-se a denominação, abandonando a tradição católica da família, após dois anos na capital paulista a convite de um amigo. Lá se envolveu em diversos projetos e próximo a ocasião de seu batismo ele consegue comprar uma casa em São Miguel Paulista para a sua mãe, mudando-se para o local em 1987, já casado e mantendo-se aí até os dias atuais. O curso de teologia exigido para assumir cargos de liderança dentro da igreja Batista foi realizado com o auxílio da igreja da Penha, outro bairro da Zona Leste, que pagou 50% do curso e posteriormente o reconhecendo como pastor; sua chegada à igreja de SMP ocorre apenas em 2011, com um realocamento local. Após alguns anos na capital paulista, Maurer conseguiu abrir seu próprio negócio de embalagens, sendo sua renda exclusiva por 16 anos; hoje é apenas um complemento da renda enquanto não é efetivado em período integral na igreja.

Uma maior presença feminina é claramente perceptível nos momentos de culto, como nas demais igrejas, e com muitas pessoas de origem nordestina. Segundo o pastor, não há membros (ex)viciados em drogas, como visto em outras igrejas visitadas. Assim, os frequentadores da Igreja Batista parecem se distanciar de trajetórias marcadas pelos grandes problemas sociais dos territórios mais pobres da região, que são desfavoráveis à educação

escolar e que aparecem com frequência como preocupação entre os moradores da Vila Harmonia.

Apesar de Maurer afirmar que os fiéis da sua igreja são “gente simples”, o que seria uma característica do bairro, a Igreja Batista possui frequentadores com melhores condições sociais em relação ao público das igrejas do Vila Harmonia. Segundo o pastor, a maioria dos fiéis concluíram no máximo o Ensino Médio, havendo apenas alguns com ensino superior:

tem professores, tem pessoas advogadas, tem psicólogo também; mas assim, se for comparar com a igreja da Penha, a Igreja Batista da Penha, que hoje ela tá com 2 mil membros, né, o padrão é um pouco mais alto lá: lá tem juízes, tem gente com mais escolaridade, tá. Mas é uma característica aqui do bairro de São Miguel mesmo.

O ensino superior também é valorizado por esse pastor que conquistou seu título por esse meio, fazendo seu curso em teologia em uma faculdade da própria instituição Batista. É a partir desse diploma que Maurer legitima sua função de pastor e desdenha das igrejas pentecostais, as quais não seriam sérias na ideia do que é ser um líder, o que passa, obrigatoriamente, pela educação escolar:

Tem que ter uma formação teológica, psicológica, emocional, né, para lidar com vidas, para lidar com pessoas. Não desmerecendo nenhuma igreja que não faz isso, mas... eu creio que devia ser imprescindível um curso que você vai ver sociologia, psicologia, filosofia, as próprias doutrinas bíblicas mesmo bem aprofundadas pra lidar com pessoas.

Devido a essa formação exigida, não é de se estranhar que os líderes religiosos da Batista de São Miguel e os demais convidados façam uma leitura fluente da Bíblia; algo mais incomum nas igrejas da Vila Harmonia.

Em relação à ascese, Maurer me afirmou que a igreja não proíbe nada, mas aconselha que se siga o que está na Bíblia, entendendo-a como um livro que contém muitas metáforas. Em relação a isso, como pastor, orienta os fiéis de acordo com a interpretação que considera correta; assumindo, porém, que há famílias da Batista de São Miguel que adotam um estilo de vida mais ascético, a partir de uma leitura literal da Bíblia. Talvez receoso por um julgamento da pesquisadora, o pastor evitou falar ao longo da entrevista sobre o que a doutrina espera dos fiéis, mas a partir da nossa conversa, das idas aos cultos e dos materiais disponíveis online

sobre a igreja sabe-se que a igreja condena os vícios, prega a importância do trabalho e da união familiar, em que a mulher é a principal responsável pelos cuidados do lar.

Há diversos grupos de atividades e encontros no interior da igreja, a maioria dividido por faixa etária e por gênero. Assim como na Congregação Cristã do Brasil, há uma maior diferenciação entre as mulheres casadas ou solteiras, com grupos específicos destinados a esses públicos, algo que não ocorre para os homens. Esses grupos reforçam a socialização da igreja e parecem corroborar para a regulação moral, principalmente os relacionados aos papéis de gênero devido as separações dos grupos entre homens e mulheres. Essa importância da socialização na participação religiosa também é apontada pelo pastor Maurer; ele conta que após os cultos a lanchonete da igreja se torna um local de encontro entre os fiéis, que nesse momento conseguem formar as redes de amizade e estabelecer, assim, um outro conforto tão importante quanto o espiritual. Assim, a Igreja Batista investe na sociabilidade entre seus membros.

As atividades propostas pela igreja também possibilitam que os participantes desenvolvam habilidades e conhecimento: o aprendizado de um instrumento musical ou do canto, participando da banda da igreja; o estudo da Bíblia e o ensino de inglês, em um projeto desenvolvido pelo pastor Maurer de leitura da Bíblia na língua estrangeira, incentivando esse aprendizado. Todas essas práticas possuem afinidades com as lógicas escolares: letramento; respeitabilidade; ordenamento do corpo nos cultos e nas atividades; práticas de ensino que envolvem leitura, concentração e disciplina, como no caso do aprendizado de instrumentos.

Afora essas práticas que possuem afinidades com as lógicas escolares, foi presenciado em culto um discurso de um pastor convidado sobre como a igreja pode ser positiva para o desempenho escolar, no sentido de promover disposições para apresentar seminários e possuir a postura e o interesse esperados no âmbito escolar. Exemplificou com a história de uma mulher, filha de pastor, que completou seus estudos com esmero e hoje vive com o marido na Espanha. Dessa forma, a própria igreja se considera um meio de se aproximar das lógicas escolares.

Assim, conforme aponta a bibliografia, a Igreja Batista, uma denominação protestante histórica, valoriza a educação escolar e o conhecimento que se materializa na formação teológica dos líderes religiosos. Seus fiéis também parecem ter um perfil de maior estabilidade social que lhes permite projetar o futuro e perceber a educação como um longo

processo de aprendizagem. Como apontado por Lehrer (2004), em grupos religiosos marcados por maiores benefícios escolares – doutrina que não se opõe a educação secular e que possui frequentadores mais bem posicionados no espaço social – os investimentos em educação também tendem a ser mais fortes.

4.3.3. Congregação Cristã do Brasil

A Igreja Congregação Cristã do Brasil é uma denominação internacional, da primeira onda pentecostal no Brasil, com estrutura centralizada, na qual os líderes de cada igreja participam e recebem orientações dos dirigentes em reuniões frequentes na igreja sede, no bairro do Brás. Diferente das demais denominações visitadas, a Congregação não divulga sua doutrina e atividades, afirmando também não praticar o proselitismo. Assim, para conhecer a igreja e suas práticas e crenças, é preciso frequentar o culto e se inserir na comunidade religiosa. É por essas características que o líder religioso da Congregação visitada, o cooperador Pedro, recusou-se a me conceder uma entrevista seguindo às orientações de seus superiores. Dessa forma, as informações referentes a essa igreja são oriundas de cinco idas em cultos e das conversas com frequentadores.

A Congregação Cristã do Brasil visitada não fica exatamente na Vila Harmonia, mas no bairro Vila Xavier, bem próximo ao território focalizado, ambos do mesmo lado do trilho do trem e circunscritos pelo rio Tietê, mantendo as mesmas características socio-geográficas da Vila Harmonia. A igreja está localizada entre duas realidades contrastantes, uma de suas entradas é em uma rua com casas de alvenaria e acabamento, como vemos com mais frequência no Alto Harmonia; e a outra entrada é em uma rua que já se assemelha às construções e a infraestrutura pública do Médio e Baixo Harmonia.

A denominação chegou na região após uma família que frequentava a igreja na Vila Matilde se mudar para SMP em 1990 e abrigar as reuniões religiosas em sua própria casa. A filha desse casal se tornou informante da pesquisa e relatou esse início da igreja. Em 1996 a igreja conseguiu um espaço próprio, ampliado com a compra do terreno ao lado em 2010 que finaliza a construção de como está hoje em 2016. É uma igreja grande em estrutura física e quantidade de fiéis, com capacidade para mais de 300 pessoas e com a presença de mais de

100 pessoas em um culto de segunda-feira à noite, chegando a uma média de 200 aos domingos; assim, é a igreja visitada com o maior número de fiéis.

Ao comentar sobre a quantidade de pessoas com as informantes, uma delas acredita que a grande adesão da Congregação ocorre por não praticarem o proselitismo, despertando o interesse de maneira informal; e por haver uma identificação entre as pessoas da Congregação, tanto em vestimentas como no jeito de ser, falar e se comportar. Essa diferenciação que passa pelo corpo, expressa pela informante, é a oposição mais nítida dessa igreja com as demais. Na Congregação, há certa recriminação em como outras denominações expressam sua religiosidade – vestimentas, gênero musical, uso de gírias no púlpito – percebidas como uma maneira não adequada de se apresentar a Deus. Dessa forma, a valorização das vestimentas pela Congregação indica tanto o formalismo quanto o recato, o que aos olhos dos não religiosos é percebido como forte asceticismo e/ou busca por distinção social.

Os moradores da Vila Harmonia que não frequentam a Congregação, a descreveram como uma igreja distinta em relação aos seus pares religiosos, não apenas nos dogmas e na rigidez das disposições religiosas, mas (e intrínseco a isso) também pelas condições econômicas dos seus fiéis, considerados “esnobes” e “metidos”. Esta questão aparece principalmente no discurso de descrição das vestimentas, em que a igreja incentiva a ir aos cultos “com a sua melhor roupa”. O ideal e mais comum nos cultos são os homens vestidos com roupa social, se possível também de terno; as mulheres com saias ou vestidos na altura do joelho ou mais comprido, sem mostrar o colo ou os ombros, elas também não devem cortar os cabelos e devem usar o véu durante os cultos e nos momentos de oração. Essa distinção de vestimentas é justificada pelos frequentadores como uma prática de “apresentação a Deus”, como parte do ritual de adoração, em que não haveria distinção econômica ou constrangimentos. Porém, uma mãe entrevistada da Congregação, em conversa informal com a pesquisadora, relatou de como chamou a atenção uma família na igreja que estava de chinelo por não ter dinheiro para comprar sapatos, destacando os possíveis constrangimentos na seleção de melhores roupas. Esse caso, evidencia que as melhores roupas indicam uma hierarquia também de posições sociais entre os fiéis: a melhor roupa para quem está em posição mais baixa pode ser roupa do dia-a-dia e até mesmo roupas que são descartáveis por quem está na posição superior. Tal situação evidencia, entre fiéis e não fiéis da Congregação, a diferenciação social da denominação entre os pares do território.

A maioria dos frequentadores são dos bairros da Vila Xavier e da Vila Harmonia, das áreas Alta e Média dos bairros. Essa é a única igreja visitada com público majoritariamente do território pesquisado que possui um número significativo de pessoas com nível superior de ensino, como as três informantes – duas com pedagogia e uma com licenciatura em artes. Essa diferenciação também é marcada na fala de uma delas, “temos irmãos advogados, engenheiros, médicos”. Não se sabe se o cooperador precisa de alguma formação superior para se tornar um líder religioso, porém, todos os líderes fazem as leituras da Bíblia com fluência.

A doutrina da Congregação é reconhecidamente rígida pelos adeptos e não adeptos que, como as demais igrejas pentecostais visitadas, recriminam os vícios, o adultério, a homossexualidade; mas também se opõe mais nitidamente à cultura moderna, evitando músicas²³ de gêneros seculares e indicando quais as melhores formas de apresentação pessoal, principalmente para as mulheres, como pontuado anteriormente. Assim, os papéis de gênero são bem demarcados na doutrina e nas práticas da igreja, sendo que apenas os homens assumem cargos e funções de destaque. O mesmo ocorre no âmbito musical, em que apenas os homens podem fazer parte da orquestra e tocar instrumentos durante o culto. Essa diferenciação bem marcada entre o espaço/função da mulher e o do homem é mais perceptível visualmente – uso do véu, lado separado durante o culto, uso dos instrumentos, funções da igreja – do que em discurso, não sendo presenciado nenhuma pregação que coloque a mulher explicitamente em posição submissa ao homem. Diferentemente da maioria das igrejas visitadas, foi presenciado em culto a orientação para que ambos se envolvam e trabalhem para o bem do casamento e da família. A sexualidade masculina e feminina, por sua vez, são diferenciadas e aparecem nas pregações dos cultos em orientações de controle dos corpos, em que a mulher, além das restrições de vestimentas, devem evitar ao máximo “despertar” em seu comportamento os “instintos” masculinos, já que os homens seriam mais suscetíveis aos pecados do corpo e do desejo.

Apesar dos papéis sociais de gênero bem delimitados na família e na igreja e da valorização da unidade familiar, o casamento não é indissolúvel na Congregação. Segundo as informantes, casos de maus tratos e adultério são passíveis de separação e são recriminados no interior da igreja, sendo até mesmo o caso de um cooperador ser afastado por adultério.

²³ Os louvores cantados na Congregação Cristã do Brasil são próprios dessa denominação, valorizando a música sacra.

Dentro da igreja, além de ser reforçado constantemente em discurso a necessidade de se comportar conforme os preceitos bíblicos, pratica-se o testemunho, que atualiza a doutrina pelos sucessos e fracassos de quem testemunha, em que as perdas e ganhos da vida estão diretamente relacionadas ao poder divino, mas não necessariamente em batalha contra o mal. Diante desse contexto, há expectativa e vigilância dos participantes sobre a seriedade e o comprometimento com as doutrinas, ocorrendo fofocas entre os pares que fiscalizam outros integrantes que não estariam de acordo com os preceitos da igreja. Essa vigia também ocorre por parte dos não crentes, como relatado por demais evangélicos de outras denominações. Dessa forma, manter o comportamento de acordo com a doutrina da igreja é reforçado constantemente em diversos espaços, mesmo fora do momento do culto, estimulando disposições ascéticas.

Desse modo, apesar de também possuir escolas dominicais, aulas musicais para os homens e grupos de orientação para solteiros e casados, a regulação moral e de sociabilidade parece ocorrer principalmente pela vigia dos próprios integrantes e não por atividades impulsionadas no interior da igreja como forma de lazer e socialização entre os pares. O respeito e o controle do corpo, valorizados também no ambiente escolar, e o discurso em registro linguístico mais formal, buscando maior conformidade com a norma culta, parecem ser as principais afinidades da Congregação Cristã do Brasil com as lógicas escolares, além da leitura da Bíblia presente em todas as religiões pentecostais.

Ainda sobre a ascese, em culto voltado para crianças e jovens solteiros, o cooperador, de forma metafórica com o cotidiano escolar e suas constantes provas de conhecimento, explica que é preciso sempre estar preparado para Deus, recusando alguns convites, alguns “prazeres imediatos”, “não duradouros”, porque “o inimigo sabe das fraquezas e pega exatamente no que a gente não tá preparado”. Esse foi o único momento presenciado na Congregação de um discurso que faz referência a escola, um compromisso que o público do culto – crianças e jovens – deve ter, assim como com Deus, em que devem estar preparados. A grande maioria do público desse culto está em idade escolar, que além de receberem essa orientação para estarem “sempre preparados na escola”, ao estarem envolvidos ativamente nas atividades da igreja vivenciam também situações com lógicas análogas às lógicas escolares: respeito a hierarquia dos pastores; a escola dominical – com leitura, discussão e cópia escrita de um trecho da Bíblia –; para quem participa da orquestra (mulheres apenas no órgão) há o aprendizado de um instrumento, o que exige estudos, comprometimento e disciplina; e todas essas atividades com uma ordenação e regulação do corpo.

Devido ao pouco contato com o líder religioso, não se sabe qual a formação e a opinião dele e de demais líderes (todos homens) sobre a escolarização, mas todos fazem a leitura da Bíblia de maneira fluente. Nessa denominação há uma quantidade significativa de frequentadores com escolarização básica completa e alguns com ensino superior. O fato de as informantes serem todas formadas no ensino superior em cursos de licenciatura colabora para que elas valorizem a escolarização em termos de instrução e socialização, mas isso não significa ser uma posição da maioria dos integrantes e a defendida pela instituição, o que não foi possível averiguar.

Essa igreja, reconhecida como “esnobe” por moradores do bairro, recebe um público de posição social mais alta na Vila Harmonia; além dos frequentadores possuírem um nível maior de escolarização do que os presenciados nas demais igrejas, não foi presenciado nenhum testemunho sobre superação de vícios ou problemas financeiros, algo mais comum em outras denominações visitadas do território. Assim, os fiéis da Congregação possuem um perfil de maior estabilidade social que lhes permite perceber a educação como um longo processo de aprendizagem que deve ser investido. Como veremos na entrevista das duas mães frequentadoras da Congregação, ambas pedagogas, devido a religião elas não gostavam dos eventos escolares de tradição católica, como a festa junina, mas a partir da formação superior, ou também para não restringirem os filhos, permitiam que esses participassem das celebrações, flexibilizando sua crença.

4.3.4. Assembleia de Deus – Ministério de Belém – Setor 2

A Assembleia de Deus (AD) é também da primeira onda pentecostal, uma das primeiras denominações desse movimento a chegar no Brasil. A AD possui estrutura internacional, mas fragmentou-se em diversos ministérios (Belém, Brás, Madureira etc.) nas últimas décadas que, apesar da autonomia dos templos, mantêm a identidade e a doutrina assembleiana; dessa forma, a Assembleia de Deus é tão plural quanto o próprio meio pentecostal (ALMEIDA, 2015). Com essa diversidade denominacional que mantêm a identidade assembleiana, a AD é a maior denominação evangélica apontada nos últimos Censos.

A AD - Ministério de Belém da Vila Harmonia segue a hierarquia de acordo com as

instruções da sede em SMP que fica no centro do bairro, que por sua vez recebe as diretrizes da sede central no bairro do Brás, Centro da cidade, de maneira que todas as ADs Ministério de Belém pregam as mesmas coisas, usando os mesmos materiais. No território também há mais seis outros ministérios da Assembleia de Deus, mas que parecem não se relacionar entre si.

Essa estrutura centralizada se mantém também na formação dos líderes religiosos, existindo alguns institutos de ensino da AD oferecendo cursos de teologia em ensino superior reconhecidos pelo Ministério da Educação²⁴, que são obrigatórios para a consolidação da carreira ministerial. Os cursos oferecidos seguem uma lógica semelhante às etapas da educação escolar, com cursos técnicos, cursos médios, bacharelado e possibilidade de especialização. Assim como a Igreja Batista, a Assembleia de Deus também tem a escolarização como meio legítimo de formação profissional de seus líderes.

Também no âmbito educativo essa denominação possui a Casa Publicadora da Assembleia de Deus (CPAD), que publica literatura diversa sobre o universo religioso, além de materiais didáticos para os cursos dentro do meio evangélico (esse material foi encontrado em outras igrejas visitadas não assembleianas), como a escola dominical e o estudo da palavra que conta com livretos com instrução teórica e exercícios para serem feitos fora da igreja.

A Assembleia de Deus, assim, possui em sua estrutura um incentivo à cultura letrada e legitima a escolarização como meio de aquisição de saberes ao exigir de seus líderes uma formação de nível superior; possuindo, dessa forma, lógicas que se aproximam às lógicas escolares.

O contato com a AD – Ministério de Belém ocorreu a partir de um informante frequentador que apresentou a pesquisadora ao líder religioso, evangelista Daniel, cargo mais baixo que o de pastor, que lhe permite ministrar cultos, mas não exige a formação em teologia. Daniel foi receptivo e afirmou já ter recebido uma outra pesquisadora anteriormente, não se sentindo constrangido ou desconfiado com a entrevista sobre sua trajetória escolar e religiosa.

²⁴ O reconhecido pelo MEC é recente e de ensino superior, sendo do Ministério de Madureira, mas em uma busca rápida pelo Google se encontra diversas páginas ligadas a Assembleia de Deus que oferecem cursos, não reconhecidos pelo MEC, sobre teologia.

Daniel é natural do interior de Pernambuco, onde foi católico praticante até os 18 anos de idade, em uma época e região em que os evangélicos eram perseguidos. Segundo conta, sua conversão ocorre na busca de coerência entre o seu modo de vida e os preceitos bíblicos, já afirmando sua posição com a religiosidade católica que possui menos restrições morais.

Em Pernambuco, estudou até a 3ª série, aos 12 anos de idade, interrompendo a escolarização para trabalhar na pecuária e complementar a renda da família após o falecimento do pai. Daniel se descreve como autodidata e valoriza o conhecimento ao contar que se sentiu motivado a retornar os estudos após ver uma reportagem de uma mulher idosa se matriculando no ensino superior. Ele completa o Ensino Médio já em São Paulo, por volta dos 33 anos. Com o término da escolarização a vida profissional de Daniel melhorou, mas contou que continua trabalhando com serviços: já foi faxineiro, repositor de supermercado, faz serviço elétrico e no momento da entrevista trabalhava com “marketing de rede”, fazendo publicidade de produtos em rede sociais. Aos 44 anos, Daniel está desde os 22 na capital paulista, sempre na Zona Leste, mas um pouco afastado da Vila Harmonia.

A carreira religiosa começa a partir da admiração que tinha de seus líderes religiosos, iniciando suas atividades na direção do culto de jovens. Ao ser reconhecido por seus pares começou a assumir outros grupos e a se envolver mais na carreira de pastorado. Está na AD da Vila Harmonia há 4 anos após uma realocação de líderes que ocorreu na região que, segundo o entrevistado, ocorre conforme o perfil dos líderes e dos bairros. Daniel demonstra admiração pelas autoridades religiosas (da sede no Brás, internacionais, etc.) que parecem ter muito conhecimento, o que lhe motiva a seguir nos estudos religiosos, fazendo cursos dentro da AD, e mantendo o desejo de estudar filosofia ou fazer a especialização em escatologia. Essa admiração pelas autoridades religiosas também aparece ao legitimar a formação de seus professores que seriam todos “doutores”, enfatizando também a formação de outros pastores: advogados, engenheiros, professores universitários etc. Títulos que vão de encontro com a imagem midiática dos evangélicos percebidos como “ignorantes” e “alienados” (sic), a qual ele tenta se desvincular.

Diferente das referências de liderança religiosa do pastor Daniel, na Assembleia de Deus da Vila Harmonia, por sua vez, não há pessoas com ensino superior. O ensino técnico é o nível mais alto de escolarização, alcançado apenas por mulheres que são auxiliares de enfermagem. Da ocupação dos demais, Daniel citou que há pedreiros, pintores, eletricitas e desempregados. O líder nos conta que devido a pobreza e a instabilidade de emprego comum à região, a igreja se organiza, a partir de contatos com instâncias superiores e entre os próprios frequentadores, para distribuir cestas básicas, ou comprar um gás, como apontado pela bibliografia sobre as redes de proteção nos meios evangélicos. Assim, apesar da proximidade das lógicas da própria estrutura da AD com as lógicas escolares, o contexto social a qual a Assembleia visitada está inserida limita as possibilidades e expectativas escolares dos fiéis e do próprio líder religioso.

Por estar em um território próximo ao tráfico, na divisa entre o Médio e o Baixo Harmonia, Daniel conta que há pessoas viciadas e ex-presidiários que transitam pela igreja, sendo todos bem recebidos. Sem dar muitos detalhes, afirma que os frequentadores, apesar de não se envolverem, relacionam-se com pessoas viciadas e que vendem drogas, havendo uma preocupação por parte do líder em aconselhar os jovens e auxiliar famílias que não sabem lidar com os filhos:

(...) pra você lidar com o jovem hoje você precisa lidar com coisas que estão no contato do mundo dele. Como você vai mediar o jovem que está tendo amizades, por exemplo, com meninas da vida fácil que relatam pra eles coisas que são benéficas? Como você vai mediar isso? É bem complicado. Sem ferir a pessoa? Sem denegrir a imagem do amiguinho dele? Tipo, que tem gente que é assim, né, “a esse é aquele ali, esse é aquilo outro, não presta”. Pô, mas é o amiguinho dele, você não pode chegar lá e falar que o amigo dele não vale nada, né?

A moralidade aparece no discurso do livre arbítrio, assim como nas demais igrejas, em que há dois caminhos a se seguir: o do bem e o do mal. O primeiro não seria difícil de seguir se o indivíduo mantém a fé e segue a palavra de Deus. A autorregulação aparece nos comportamentos cotidianos, principalmente na valorização da família (ser melhor marido/esposa/mãe/pai/filhos), no controle do corpo e dos impulsos sexuais, dos desejos aos vícios, à agressividade etc. Esse controle do corpo também aparece nas vestimentas, nas quais os homens vão à igreja com calça e camisa social e as mulheres não são aconselhadas a cortar os cabelos, a usarem calças e shorts, sendo que as saias e vestidos devem ser abaixo do joelho.

Apesar de mudanças no seu interior ao longo dos anos, a doutrina assembleiana possui diversas restrições morais, opondo-se à cultura individualista moderna, como é próprio da primeira onda pentecostal.

As Assembleias de Deus são de abrangência internacional e possuem uma grande estrutura institucional, mas a AD – Ministério do Belém da Vila Harmonia é pequena no tamanho da igreja e na quantidade de fiéis; o que a impossibilita de oferecer atividades no seu interior além dos cultos, possuindo apenas ensaio para o coral. Dessa forma, a forte sociabilidade impulsionada pela própria instituição, afirmada nas pesquisas acadêmicas, não aparece nessa igreja; as disposições ascéticas são estimuladas por via da exemplaridade, presente nos testemunhos dos cultos, e do contexto de regulação moral e de vigilância comportamental entre os frequentadores, em que muitos ali são familiares e amigos. Assim, a sociabilidade regulada pelos valores religiosos – principalmente de evitação de práticas e comportamentos – e o apoio mútuo entre os integrantes corroboram para a formação de laços comunitários fortes, induzindo ao comportamento ascético, de autocontrole.

Apesar da estrutura das Assembleias de Deus possuir referências de cultura letrada – exigir ensino superior dos líderes religiosos, possuir uma casa editora de livros e materiais didáticos –, não há expectativas de Daniel em relação a escolarização dos integrantes da AD Ministério de Belém da Vila Harmonia. No relato do líder religioso a educação é valorizada sobretudo por permitir autonomia aos indivíduos, impedindo-os de serem “alienados” (sic). O ensino superior parece ser muito distante da realidade dos jovens que convivem com certa proximidade do tráfico de drogas. Assim como percebido nas demais igrejas que também recebem um público com baixa escolarização e que vivem em contextos de vulnerabilidade social, na AD a ênfase ocorre, de maneira geral, entre *rua – sinal de perigo* vs. *Igreja/estudo – referência de segurança*. Nesse contexto, a regulação de comportamentos e de socialização é uma estratégia que parece ser mais vantajosa que a própria escolarização, evitando trajetórias de vícios, tráfico de drogas e prostituição, que são comuns aos moradores do bairro e em que a própria ausência dessas situações garantem melhores posições no espaço social. Assim, a pressão cotidiana de vidas em situações de vulnerabilidade parece impossibilitar que a escola seja compreendida como um processo longo de aprendizado, em que a religião aparece mais como evitação do pior do que criaria um ethos com afinidades às lógicas escolares.

4.3.5. Igreja Pentecostal Ministério de Cristo

A Igreja Pentecostal Ministério de Cristo (MDC) é uma igreja local de São Miguel Paulista. A sede está localizada no bairro de Ermelino Matarazzo, onde ocorrem a maioria dos eventos e dos cultos, mas há também uma outra igreja localizada no Alto Harmonia que atende majoritariamente o público desse bairro. A MDC é originária da divisão de uma outra igreja pentecostal, a Maravilha de Jesus, próxima à sede em Ermelino. Os frequentadores atuais da igreja migraram, em sua maioria, da igreja Maravilhas de Jesus. A própria MDC também sofreu divisão em 2017, após a separação do pastor Jonas e do pastor Alves; esse último, atual líder da igreja Raridades de Cristo também na Vila Harmonia. A divisão da igreja é vista com desconfiança pelos moradores do bairro e por outros líderes religiosos, principalmente pelo fato do pastor da MDC, Jonas, ingressar na política e se candidatar como deputado estadual em 2014, compreendido como afastamento das funções religiosas.

O pastor fundador, Jonas, é o líder máximo da igreja e conta com um conselho para as tomadas de decisão – presidente (o próprio pastor líder), vice-presidente, secretário e tesoureiro. O pastor também participa da Convenção Geral das Igrejas Evangélicas do Brasil, Cogieb, uma convenção interdenominacional que promove aos afiliados “cursos, palestras, apoio jurídico e social específicos a igreja evangélica Brasileira”²⁵.

A MDC não possui muito contato com outras denominações do território. Segundo o líder da Vila Harmonia, a relação é amigável, mas se restringe a raros convites para ministrar em outras igrejas evangélicas. A Igreja Católica, porém, não possui essa proximidade. Casado com uma mulher que antes era ativamente religiosa no catolicismo, o líder da Vila Harmonia conta que as diferentes concepções de religiosidade e de vida antes da conversão da esposa foram motivos de algumas discussões.

Os frequentadores da sede da MDC são, na maioria, vindos da região de Ermelino Matarazzo, onde a igreja está localizada, recebendo uma média de 100 pessoas nos cultos dominicais. A igreja da Vila Harmonia conta apenas com uns 20 integrantes assíduos que se organizam em caronas para ir à sede da igreja. Tanto pelas vestimentas mais formais, ou com roupas de marca, quanto pela posse de carro (grande quantidade no culto de domingo) se percebe uma diferença social entre os frequentadores da Vila Harmonia e os demais que

²⁵ Informações retiradas de: <<http://www.cogieb.com.br/>>. Acesso em maio de 2018.

frequentam a sede; percepção que é reforçada ao conversar com uma frequentadora moradora do bairro Tatuapé que não vai aos cultos da Vila Harmonia por saber que esse bairro é pobre, o que lhe daria insegurança. Observando, porém, no próprio interior do território estudado, os frequentadores da MDC residem no Alto e Médio Harmonia. Além do líder de célula que é motorista, sabe-se de frequentadores que são vendedoras, autônomos, desempregados.

O contato com a MDC se deu por um informante que conhece o líder de célula desde sua juventude; assim foi possível fazer uma entrevista com ele e presenciar algumas atividades da igreja: um culto, uma reunião de célula e um ensaio de louvores.

O líder de célula Gustavo, cresceu no próprio bairro da Vila Harmonia e é o 10º filho de um total de 11. Seus pais não completaram os estudos básicos e sua mãe é semianalfabeta, trabalhando ao longo da vida como doméstica; seu pai foi funcionário público, trabalhando como zelador de creche. Gustavo e seus irmãos, por sua vez, completaram seus estudos nas escolas públicas da região; ele fez toda a educação básica na escola Benevides, instituição do bairro que afirma ter sido melhor e mais familiar no seu tempo do que é hoje. Após a educação básica, também fez curso técnico de construção civil, mas não trabalha na área; hoje é motorista. Em seu grupo social e religioso não é comum o acesso ao ensino superior.

Em relação a sua trajetória religiosa, assim como outros informantes, conta ter crescido em uma família católica não praticante, considerando o catolicismo como parte da cultura brasileira: “A gente diz que é católico quando ainda não tem uma religião”. Sua aproximação com o pentecostalismo começou na infância, levado por irmãos mais velhos que conseguiram mudar o quadro religioso de toda a família, atualmente evangélica. Gustavo conta que na adolescência parou de frequentar a igreja, convertendo-se apenas quando mais velho, aos 26 anos. Sem falar de uma mudança específica de sua vida que o impulsionou a se converter e se tornar mais ativo religiosamente, o líder narra sua inserção como se estivesse relacionada a maturidade, implicada em uma regulação moral cotidiana associada a renúncias, como as baladas e o consumo de álcool. Reconhecido por seu autocontrole e engajamento na igreja Gustavo foi convidado pelo pastor fundador para ser líder de célula da Vila Harmonia e tesoureiro da denominação.

Gustavo possui em sua fala um discurso bem marcado para a ascese, em que a regulação moral seria importante não apenas no âmbito religioso, mas para diversas situações da vida, como nas relações familiares e de trabalho. Assim, o líder defende que os ensinamentos bíblicos devem ser buscados em diversos contextos, não apenas o religioso, o que traria vantagens do comportamento ascético em outros espaços sociais.

A prática do testemunho se torna muito importante para esse processo de mudança de comportamento e possível produção de disposições, como apontado por Souza (2012) sobre a exemplaridade no interior das igrejas pentecostais. Gustavo conta que há dois tipos de testemunho, o que conta algo positivo da vida da pessoa e colabora “encorajando” os demais na mudança de comportamento e na assiduidade da fé; e o “tristemunho” (sic), que conta o que está acontecendo de ruim, prática não encorajada pelo líder de célula que acredita que esse tipo de narrativa é melhor em situações privadas, a qual os demais integrantes podem tentar colaborar de forma mais personalizada.

Por considerar o ascetismo como prova do comprometimento com a igreja, afirma que o maior desafio da instituição está em atrair os jovens, que estariam menos propensos a aceitá-los. O que reforça a hipótese da adesão concomitante a um processo de maturidade, como o da própria trajetória de Gustavo.

A igreja também não oferece atividades diversas além do culto e dos encontros de célula que ofereçam uma opção de lazer e um meio de reforçar as disposições ascéticas. Os frequentadores da MDC são pessoas acima dos 30 anos de idade e a partir dos cultos e das reuniões de células conseguem estabelecer uma rede de confiança e amizade com os demais fiéis, com apoio mútuo da autorregulação e da disciplina, como foi presenciado na reunião de célula na casa do casal que tentava se livrar do vício do álcool.

Na igreja sede, durante os cultos há um espaço para a “escolinha”, espaço onde as crianças ficam brincando e fazendo atividades com temáticas religiosas, monitoradas por mulheres da igreja que se revezam entre os cultos. Foi nesse espaço que foram encontrados os materiais para atividades infantis da Assembleia de Deus, produzido por sua casa editora. Nesse momento em que estão reunidas as crianças de até 12 anos de idade, há práticas e lógicas de socialização e de organização com afinidades às lógicas escolares: estimula-se o letramento a partir dos livros e atividades religiosas; há brinquedos, livros e demais materiais disponibilizados de maneira organizada e que devem ser respeitados; diferentes crianças dividem os mesmos materiais; valoriza-se um certo ordenamento do corpo, quieto e silencioso. Dessa forma, a “escolinha” da igreja incentiva disposições duráveis e que possui

afinidades com a escola de formação básica.

Ao ser questionado sobre o tema da educação no interior da igreja, Gustavo compreende que a escola é a prioridade na vida dos jovens, mas não a aponta como um processo longo de aquisição de saberes, assumindo um discurso vago de sua importância. O estudo e a aquisição de conhecimentos a longo prazo não fazem parte das trajetórias dos frequentadores da igreja e nem dos seus líderes, o que parece justificar a resposta de Gustavo. Apesar disso, parece que a maioria dos frequentadores completaram a educação escolar básica (ninguém cursou ou está cursando o ensino superior) e todas as leituras presenciadas foram fluentes. Enquanto líder, Gustavo possui abertura e confiança com algumas famílias para aconselhar sobre a educação escolar e moral de crianças e jovens, mas o mesmo não soube indicar famílias disponíveis que contemplassem o escopo da presente pesquisa.

4.3.6. Igreja Pentecostal Tempo de Avivamento

A Igreja Pentecostal Tempo de Avivamento, assim como a MDC, é uma igreja local de São Miguel Paulista e possui sua sede fora da Vila Harmonia, a um quilômetro de distância da estação da CPTM na principal rua de acesso e comércio à SMP. No início do trabalho de campo havia uma igreja no território no Médio Harmonia, que fechou em 2017 mantendo apenas a sede e uma outra igreja em Itaquaquecetuba. Dentre as igrejas visitadas, essa é a que mais se aproxima da terceira onda pentecostal, aproximando-se da Teologia da Prosperidade a partir de discursos reflexivos também para a prosperidade financeira, com um grupo masculino que fala sobre aconselhamentos econômicos. A Tempo de Avivamento também é a única que possui projetos de expansão da denominação a partir de missões evangélicas pelo mundo²⁶.

A igreja mantém contato com pastores de outras denominações evangélicas, convidando-os a ministrarem cultos e a participarem de atividades e festividades que são organizadas. Alguns desses convidados possuem certa visibilidade no meio evangélico, a partir de canais em redes sociais. Ao comentar sobre isso o pastor afirma ter respeito com todas as igrejas, inclusive com católicas e “com macumba” (sic), evidenciando

²⁶ Há cartazes no interior da igreja que indicam a expectativa de evangelização pelo mundo, com dizeres em inglês e espanhol que indicam alguns países de todos os continentes. O pastor também me informou ter enviado uma missionária para a Holanda, apesar de não contar muitos detalhes da organização e objetivo da viagem.

desconhecimento e possíveis preconceitos com as religiões afro-brasileiras.

O contato com a igreja foi dificultado por algumas situações: o fechamento da igreja na Vila Harmonia fez com que muitos frequentadores passassem a frequentar outra igreja de mais fácil acesso; nos dois cultos assistidos o pastor fundador demonstrou desconfiança com a presença da pesquisadora, concedendo apenas uma conversa rápida com pouca receptividade; houve ruptura de laços com o principal informante. Apesar disso, foram presenciados dois cultos, um com um breve contato com o pastor líder, e uma conversa informal com um outro pastor da igreja antes do seu fechamento na Vila Harmonia.

A denominação teve início em 1983 com uma família de microempresários, proprietários de uma fábrica de árvores e bolas de Natal. O casal de futuros pastores foram católicos praticantes por muito tempo, até que o filho, já adulto, converteu-se ao evangelho e impulsionou toda a família, que começou a dividir o tempo entre o trabalho e os estudos da Bíblia. No início, o casal de futuros pastores também acolhia moradores de rua, viciados em drogas e outras pessoas em situação de vulnerabilidade social em sua própria casa. Com a abertura da igreja, todos os membros do núcleo familiar se tornaram pastores: mãe, pai e o casal de filhos.

A igreja possui capacidade para umas 200 pessoas, mas conta apenas com uma média de 80 frequentadores entre jovens e adultos em um culto dominical, a maioria residente no Centro de SMP. Após o fechamento da igreja na Vila Harmonia poucos moradores do bairro continuaram frequentando essa denominação devido à distância, porém também ganhou alguns novos fiéis após o fechamento de outra igreja no território que também se aproximava do discurso da prosperidade. Tais movimentos de fiéis evidenciam o trânsito religioso comum nos meios evangélicos. Os frequentadores que moram na Vila Harmonia residem, majoritariamente, na parte média do bairro e trabalham com serviços: construção civil, vendedora, diarista.

A igreja que se origina de uma família empresária, de classe média, se aproxima da TP pela especificidade da racionalização financeira, presente no curso voltado para o público masculino, e por seu discurso de busca da prosperidade que incentiva nos cultos a autorregulação na superação das dificuldades cotidianas; distancia-se, porém, do discurso dos vícios e do uso de drogas como presenciado em muitas igrejas locais e que atendem um público que vive em situações de alta vulnerabilidade social.

A Tempo de Avivamento possui diversas atividades de socialização, principalmente para o público jovem, com grupos de música, dança e lazer em geral. Para o pastor, atrair esse público é um dos maiores desafios da atualidade, pois disputa-os com atrações não religiosas. Ainda assim, essa é a igreja visitada com o maior número de jovens em idade escolar ativamente participativos. De certa forma, a socialização incentivada no interior da igreja parece corroborar para o controle moral e de sociabilidade dos jovens, que parecem ser amigos e fazerem atividades juntos fora do espaço religioso: idas ao cinema, cantos e apresentações gospel em praças e em outros espaços públicos.

Ao comentar especificamente do tema da pesquisa, o pastor, afirma que “hoje a escola ensina muita coisa errada”, em um diálogo que parecia confrontar a pesquisadora. Dessa forma, demonstra desconfiança com a instituição escolar (e com a pesquisa em si) sugerindo que a sua função é apenas de instrução, na qual a educação moral caberia apenas à família e à religião. Por outro lado, outras características da denominação se aproximam de lógicas valorizadas no espaço escolar: o discurso de prosperidade e de racionalização financeira promovem uma ideia de planificação do futuro; as práticas de socialização dos jovens se assemelham às lógicas escolares em organização, aprendizagem de alguma prática e relação com um professor.

4.3.7. Comunidade Cristã Nascidos para Vencer

A Comunidade Cristã Nascidos para Vencer é uma igreja local que nasce no bairro em 2012 em um pequeno salão no Médio Harmonia, sob a liderança de um casal de pastores, moradores da mesma área do bairro e os únicos responsáveis pela denominação. Essa foi a única igreja visitada na Vila Harmonia que se aproxima da Teologia da Prosperidade, como o próprio nome sugere.

Além de pastor, George também é barbeiro e foi durante seu serviço de cabeleireiro que a pesquisadora conseguiu aproximação com o líder da igreja. Ao todo, foram três conversas com o pastor – uma em sua própria casa enquanto o salão não estava pronto, e as demais na barbearia inaugurada em frente sua residência – e três idas aos cultos. Apesar de sempre simpático, George demonstrou muita desconfiança com a pesquisa, recusando-se a conceder uma entrevista formalizada.

O pastor é natural de uma cidade do interior de Minas Gerais e chegou em São Paulo em 1986, com 24 anos. Ao relatar sua trajetória de vida, conta-a como a de um vencedor, assim como o nome da igreja sugere: investiu em negócios e atuou no mercado de trabalho de maneira empreendedora – teve lava-rápido; diz ser muito pesquisador; foi segurança; obteve sucesso em seleção de emprego; já vendeu chocolate no trem para comprar uma guitarra; faz cursos de aperfeiçoamento de barbearia e investe em bons e caros equipamentos. Ao relacionar sua trajetória com o nome da igreja, George afirma sempre pregar sobre a importância das decisões, o que exige disciplina e atitude. “Eu não sou o melhor, mas posso fazer o melhor”, ou “Davi só é Davi porque teve o Golias”²⁷ são frases do pastor que exemplificam seu discurso de responsabilidade individual relacionadas a sua trajetória pessoal e ao que valoriza enquanto líder religioso.

O espaço da localização da igreja é pequeno, contando apenas com uns 20 frequentadores assíduos entre jovens e adultos; moradores, majoritariamente, do Baixo Harmonia. Entre eles, há estudante de ensino técnico, donas de casa, autônomos, pedreiros e desempregados. Entre eles, havia um estudante de ensino técnico, donas de casa, autônomos, pedreiros e desempregados. Os homens eram minoria e eram mais transitórios, frequentando quando passavam por situações de dificuldades pessoais. Diante do contexto social dos frequentadores da igreja, a concepção de vencedor pregada nos cultos parece estar mais diretamente ligada ao autocontrole da vida pessoal do que a um sucesso financeiro: a superação de vícios e a melhora das relações familiares são contextos mais próximos aos vividos pelos frequentadores e estão diretamente relacionados a ideia de prosperidade.

A ascese é estimulada principalmente nos cultos, não havendo atividades sistematicamente organizadas para a socialização dos frequentadores. O casal de pastores também era próximo dos demais fiéis, encontrando-os ao longo do dia, principalmente George enquanto trabalhava na barbearia e tinha a oportunidade de conversar com diversas pessoas e saber da vida delas.

A educação, incentivada pelo pastor, que só permite jovens no grupo musical se esses estiverem frequentando a escola, é uma obrigação que eles devem cumprir, própria da idade. A valorização da escolarização em si aparece de maneira vaga em seu discurso, não considerada como algo importante para um sucesso futuro, mas sim como um meio de afastar a juventude dos demais riscos: vícios, tráfico de drogas para os homens e prostituição para as

²⁷ Davi, personagem bíblico que se torna herói ao derrotar o gigante Golias.

mulheres. Dessa forma, a escolarização está mais relacionada a socialização e a proteção, do que a um longo processo de aquisição de conhecimentos, atendendo as necessidades mais urgentes dessas famílias, como também evidenciado por Sá (2018) e Paixão (2008). A ênfase ocorre na educação moral com a oposição entre rua – sinal de perigo vs. Igreja/escola – referência de segurança. Assim como visto em outras igrejas que possuem fiéis com constante contato com os “perigos” do bairro e em situações de vulnerabilidade social, a religião aparece mais como um apoio às evitações, ascético, do que criaria disposições com afinidades às lógicas escolares.

O contato foi interrompido com uma mudança inesperada do pastor à sua cidade natal no interior de Minas Gerais, em abril de 2018. Há duas versões para a viagem do pastor: a da igreja, afirmando que George foi à Minas Gerais devido a um “chamado de Deus” para pregar naquela região; e a versão que circula pelo bairro, de que ele primeiramente fugiu pelas vielas do Baixo Harmonia após a polícia o procurar sob a acusação de não pagar pensão alimentícia. A pastora Linda, sua esposa, primeiro assumiu a Nascidos para Vencer, mas depois viajou ao encontro do marido. Ela declarou a intenção de manter a igreja à distância, nomeando obreiros que conduziriam a igreja. Porém, após dois meses da partida do casal o local da igreja passou a ser ocupado por uma nova igreja pentecostal local.

4.3.8. Igreja Pentecostal Amor e Prosperidade com Cristo

A Igreja Amor e Prosperidade com Cristo é uma igreja local, fundada por um casal de moradores, Kauã e Rosemeire (Rose) da Vila Harmonia em setembro de 2009. O casal de futuros pastores, após 18 anos como fiéis da igreja neopentecostal Renascer em Cristo e com uma passagem curta, mas mais ativa na direção da igreja Manacéis, começam a organizar reuniões na própria casa para ensinar a Bíblia, abrindo posteriormente uma igreja com 20 cadeiras no Médio Harmonia. Com o crescimento do ministério, em 2013 conseguiram mudar a igreja para um salão no Médio Harmonia com espaço para 100 cadeiras.

Durante a realização da pesquisa de campo o casal de pastores se separou e Kauã se mudou para o Maranhão, deixando os 3 filhos (10, 16 e 19 anos de idade) e a direção da igreja sob a responsabilidade da ex esposa. O contato com a igreja ocorre a partir da apresentação de um informante nascido e crescido no bairro que conhece a pastora Rose desde a infância. Apesar de se demonstrar receptiva e ser muito simpática, a pastora sempre se esquivava de uma aproximação, permitindo a entrevista após consecutivas idas ao culto (sete vezes). Além de pastora, Rose também é vendedora de cosméticos, roupas e lingerie, justificando a venda desse último produto ao valorizar o prazer sexual após o casamento.

Nascida em 1974 no interior de Pernambuco, filha de doméstica e de pai que trabalhou na manutenção de paralelepípedos na rua, Rose estudou até a 8ª série, tendo que interromper os estudos para trabalhar e ajudar na renda da família. Aos 17 anos chegou em São Paulo com uma irmã e uma tia e se estabeleceu na Vila Harmonia, região que posteriormente também se estabeleceram seus pais após a filha conseguir lhes comprar uma residência. Durante sua vida na capital paulista tentou retomar os estudos, matriculando-se em supletivos em escolas públicas do bairro, mas não conseguiu completá-los devido à falta de tempo que dividia entre trabalho e dedicação familiar. Rose que não cresceu em família religiosa, conhece a Reviver em Cristo em São Paulo, dois anos após sua chegada à capital paulista e em três meses se batiza.

A pastora diz se sentir recriminada por seus pares religiosos, principalmente por ser mulher e por atender pessoas em situações de alta vulnerabilidade social. Ela comenta a existência de disputa religiosa entre os pastores do bairro que encarariam a igreja como negócio e se aproveitariam dos fiéis; diferente dela que, apesar de morar no Alto Harmonia no conjunto residencial e se distanciar das condições sociais da maioria dos frequentadores da igreja, conta com orgulho de na sua posição não possuir nenhum carro, apesar de revelar o “sonho” de possuir esse bem material. Essa recriminação parece também existir entre fiéis de outras denominações; uma informante da Congregação Cristã do Brasil, igreja contrastante com a Amor e Prosperidade com Cristo em público e na maneira de se fazer o religioso, chegou a recriminar em uma conversa o quanto achava errado uma pastora se apresentar a Deus com roupas justas, batom vermelho, brincos grandes e falando gíria, como Rose ministra seus cultos.

A Amor e Prosperidade com Cristo possui uma grande quantidade de fiéis, comparada às demais igrejas locais do território, chegando a mais de 70 adultos em um domingo uma média de uns 40 frequentadores nos cultos diários. A maioria são moradores do Baixo Harmonia, alguns nas áreas de ocupação recente do bairro. Há muitos frequentadores jovens, com menos de 40 anos de idade; os mais velhos são minoria, outro contraste em relação às demais igrejas. Todos parecem se conhecer e mantêm relações de amizades e parentesco. Rose conta que a igreja recebe pessoas que estão envolvidas com o tráfico, usuários de droga, ex-prostitutas, alcóolatrás, a qual afirma ser “um ministério de ajuda”. Em relação a isso, há uma grande quantidade de pessoas transitórias – participam por um período da igreja e depois saem, podendo retornar ou não –, que buscam o ministério em um momento de dificuldade da vida:

“(...) situações de desemprego, drogas, as vezes problema de casamento... aí tudo isso junta e eles acha que não vai vencer, aí que que acontece? Procura mais uma vez nosso ministério e a gente recebe de braços aberto, abraça, senta, educa novamente, faz todo aquele projeto do início e a gente começa a fazer tudo de novo. Aí eles se afirmam novamente. Aí quando, do nada, some de novo.”

Assim, há um forte incentivo ao autocontrole e a disciplina para se manter afastado dos males que são frequentes na realidade dos frequentadores (vícios, envolvimento com o tráfico, brigas familiares). Com cultos diários, práticas de vigias (oração na casa de fiéis) e via redes sociais (grupos de WhatsApp) os comportamentos ascéticos são incentivados e atualizados; a pastora com frequência evidencia em púlpito o que considera desvios dos fiéis, chegando até mesmo a expô-los diante dos demais presentes.

Talvez por atender um público que estaria em constante contato com os perigos e tentações considerados do Diabo, a igreja possui certa flexibilidade em relação ao discurso bíblico, comparada às demais denominações visitadas. O culto é ministrado com animação, utilizando-se de muitas gírias; com histórias pessoais dos pastores e de pessoas que estão presentes; fala-se de sexualidade, importante na vida do casal; e não há restrições de vestimentas. Em relação à ascese, no interior da igreja se é aconselhado a manter distância das drogas ilícitas, do álcool, da prostituição, do funk, ocorrendo com certa frequência testemunhos que valorizam o afastamento dessas práticas. A necessidade de ser religiosamente ativo também é sempre lembrada, em que a pastora cobra a presença dos

fiéis nos cultos diários e pede para que façam publicações de adoração a Deus nas redes sociais, prática muito adotada pela pastora para divulgar seu ministério e estabelecer contato com outros pares evangélicos fora do território.

Talvez também por ser a única igreja liderada por uma mulher, a Amor e Prosperidade com Cristo é a igreja que menos possui um discurso marcado pelas divisões de gênero. Foram presenciadas falas sobre os desejos e as necessidades femininas, marcando mais enfaticamente a obrigação masculina de ser presente no lar e de respeitar a mulher, recriminando explicitamente a agressão doméstica. Em todas as igrejas visitadas, porém, encontrei discursos enfáticos de regulação do comportamento masculino, buscando afastar os homens de práticas condenadas não só na igreja, mas na sociedade como um todo – uso de álcool e de drogas, participação de jogos de apostas, sexo extraconjugal, comportamento agressivo etc. – e aproximando-os de práticas valorizadas – trabalhador, sendo um provedor presente na vida doméstica enquanto bom pai e esposo.

Em relação ao tema específico da presente pesquisa, a pastora, que vem de uma família com baixa escolarização – pais não concluíram o Ensino Fundamental – e tampouco chegou a completar a educação básica, parece possuir uma relação distante com a cultura escolar. Contrapondo-se à pesquisadora que está cursando a pós-graduação, Rose mostra com orgulho as fotos de seus filhos espalhadas pela parede da sala de sua casa, afirmando “esses são meus diplomas”. Sobre a escolarização deles, estudaram nas escolas do centro de SMP, matriculados automaticamente via o sistema de alocação da própria secretaria de educação. Rose parece não acompanhar de maneira sistemática a educação dos filhos, não oferecendo muitas informações; sabe-se, porém, que o desempenho escolar deles não é considerado tão bom. O filho mais velho, 20 anos de idade, relata que completou o Ensino Médio com muita dificuldade, sendo preciso mudar a matrícula para a escola do bairro de baixa reputação, Benevides, para melhorar suas notas e conseguir completar a educação básica; ele mesmo conta que considera a escola Benevides muito boa. Sua companheira não completou os estudos, saindo antes de completar o 2º ano do Ensino Médio. Nos cultos, a educação só é lembrada como a única justificativa plausível para os jovens não comparecerem à igreja.

Rose e mais um dos obreiros que costumam fazer as pregações, possuem dificuldade na leitura da Bíblia – pausada, sem entonações de acentuação e pontuação. Não parece haver nenhum frequentador com ensino superior e tampouco essa parece ser uma trajetória comum à pastora e aos demais fiéis; o diploma do Ensino Médio também é uma conquista pouco

frequente. Entre os frequentadores jovens da igreja que foram contatados, não se sabe de nenhum que faça algum curso profissionalizante, apenas a neta de uma das entrevistadas falou do interesse de fazer um curso técnico após o Ensino Médio.

Para Rose, o sucesso ou o fracasso escolar estão fortemente relacionados ao ambiente familiar que deve manter os filhos próximos através do amor e controlá-los para que não desviem do caminho considerado correto conforme os preceitos bíblicos – afastados de vícios, da violência, da prostituição. Dessa forma, a educação escolar não aparece como condição necessária para o sucesso na vida adulta, mas sim, como espaço que se contrapõe aos perigos da rua: “Porque enquanto eles estão no curso, na escola, numa faculdade, a gente sabe onde eles estão, e quando eles não estão em nenhum desses três lugares a gente não sabe onde encontrar” (trecho da entrevista com a pastora). A escola, dessa forma, está mais relacionada a um local de socialização e proteção, do que a um local de longo processo de aquisição de conhecimentos, atendendo as necessidades mais urgentes dessas famílias, como também evidenciado por Sá (2018) e Paixão (2008).

Destarte, a ênfase na educação moral tem como resultado evitar piorar as condições sociais já precárias dos frequentadores. Nesse contexto, a regulação de comportamentos e de socialização parecem ser mais benéficas que a própria escolarização, evitando trajetórias de vícios, tráfico de drogas e prostituição, trajetórias que parecem ser mais próximas aos frequentadores da igreja do que a aposta na educação escolar – um projeto árduo, longo e contínuo.

4.3.9. Igreja Pentecostal Raridades de Cristo

A Igreja Pentecostal Raridades de Cristo é uma igreja local, iniciada e liderada pelo pastor Alves, após sua saída da Ministério de Cristo. A igreja fica em um estabelecimento que parece ter sido reformado para ser uma igreja, em um terreno pequeno do Médio Harmonia. É uma igreja pequena com apenas uns 20 frequentadores assíduos entre jovens e adultos.

Não foi estabelecido muito contato com essa denominação, primeiro pela dificuldade de ser apresentada ao pastor líder que é considerado por parte da comunidade como uma pessoa “durona”, de difícil acesso; e segundo, pela quantidade de frequentadores, poucos, havendo apenas uma família com filhos em idade escolar. Dessa forma, não foi realizada a

entrevista com Alves, apenas ocorreu uma visita ao culto com breve conversa com o líder. Ele é do Ceará e conta como algo positivo a sua vinda para São Paulo ao falar de maneira pejorativa dos familiares que permaneceram na cidade natal. Alves é cabeleireiro e possui um pequeno salão no Alto Harmonia, mercado que disputa com pelo menos mais quatro estabelecimentos em um raio de 50 metros. Não se sabe seu grau máximo de escolaridade, mas sua leitura da Bíblia durante o culto é pausada, sem entonações de acentuação e pontuação. Seu filho é socorrista, o que indica uma formação técnica.

Assim como presenciado nas demais igrejas há o discurso de valorização da família e da importância da adoração a Deus que deve ser acompanhado de um comportamento segundo os preceitos bíblicos. O diferencial que se nota é uma menor responsabilização da mulher em relação ao matrimônio, observada na pregação em que um bom relacionamento (não apenas entre casais) depende de as partes estarem “de acordo”, exemplificada com a sua participação em tarefas do lar.

4.3.10. Igreja Evangélica Pentecostal Céu da Glória

A Igreja Evangélica Pentecostal Céu da Glória é uma igreja pequena, local, fundada pelo casal de pastores líderes Silvio e Amanda, moradores da Vila Harmonia. É uma igreja pequena no Médio Harmonia, com menos de 30 frequentadores entre jovens e adultos.

A Céu da Glória se diferencia das demais igrejas evangélicas visitadas por ser a única que contém instrumentos de percussão como o pandeiro e o atabaque. Como apontado pela bibliografia sobre as diversas influências religiosas no pentecostalismo, a igreja ao mesmo tempo que recrimina as religiões afro brasileiras em seu discurso, faz uso de instrumentos e ritmos comuns a essas crenças (MARIANO, 2014).

Não foi possível se aproximar muito dessa igreja e de seus membros, apenas uma ida ao culto precedida por uma rápida conversa com o pastor Silvio sobre as intenções da pesquisa. Os informantes do bairro não são próximos aos frequentadores, mas, principalmente, os líderes religiosos receberam a pesquisadora com muita desconfiança; situação distinta de todas as demais igrejas visitadas que viam na pesquisadora uma potencial futura evangélica.

Devido ao pouco contato, não se sabe quais as condições sociais dos líderes e dos frequentadores da igreja, porém acredita-se que não façam parte da franja superior do bairro: tanto pela leitura silábica dos pastores, quanto pelos testemunhos presenciados – um frequentador ex preso por assassinato e o comentário da pastora de ex viciados em drogas e ex prostitutas – contextos que se distanciam das igrejas que atendem moradores do Alto e Médio Harmonia.

Em relação a ascese, a líder da Céu da Glória afirmou aconselhar os jovens a se manterem longe das drogas, da prostituição, a estarem em casa depois das 22 horas, a evitarem bailes funk, a serem heterossexuais e a manterem o compromisso com o casamento, focando principalmente na mulher como responsável pela união familiar. A escola é obrigatória para os jovens e caso os líderes religiosos saibam do descaso escolar, afirmam chamar os responsáveis para conversar. De maneira geral, pela quantidade de atividades oferecidas aos jovens – canto, instrumentos e teatro – e pela aproximação entre eles (pareciam ser bem unidos) a igreja parece propiciar momentos de lazer e amizade integradas à vida religiosa, o que não estimularia e atualizaria as tendências indesejáveis que são contrárias aos preceitos religiosos, incentivando os sujeitos a manterem esse núcleo social religioso (SOUZA, 2012), ao mesmo tempo que controlam suas atividades externas: onde vão e que horas devem voltar. Assim, a regulação moral e o incentivo à ascese, com a promoção de disposições duráveis, ocorre também pela regulação social.

Como as demais igrejas locais que atendem um público majoritário do Médio e Baixo Harmonia, a Igreja Céu da Glória parece oferecer mais um suporte de evitação de piores condições sociais, constantemente presentes no território, do que promovendo um ethos com afinidades às lógicas escolares. A condição de exclusão social estável dessa população que vive em situação de alta vulnerabilidade social impossibilita que consigam agir diante do futuro, na qual a participação religiosa colabora na evitação das “más disposições” (SOUZA, 2009).

4.4 Considerações

A pesquisa de campo das igrejas foi uma etapa essencial para compreender como a religiosidade opera naquele território, contrastando com o debate levantado pela literatura e, posteriormente, compreendendo como as famílias entrevistadas se relacionam nesse contexto religioso. Ademais, para responder a questão levantada, nessa etapa da pesquisa foram analisadas a relação da escolarização com as igrejas a partir de quatro pontos: o discurso religioso dos pastores e o da denominação; a escolaridade dos líderes religiosos; a escolaridade dos fiéis; e as práticas oferecidas pelas denominações, como elas mobilizam saberes escolares ou se organizam com uma lógica escolar.

A literatura sobre religiosidade evangélica pontua principalmente as grandes denominações e foca no discurso institucional, pouco revelando como a religiosidade opera nas diferentes classes e frações de classe. Em todas as igrejas visitadas, a regulação moral está mais relacionado a um comportamento de evitação das “coisas do mundo” e que são muito comuns à muitas trajetórias ali (vícios, crime, sexualidade etc.), do que um comportamento prospectivo, que se aproxime de práticas que visam um bem futuro. Nas igrejas de SMP, apenas as denominações Nascidos para Vencer e a Tempo de Avivamento possuem um discurso que remete a ideia de prosperidade futura, mas os testemunhos dos fiéis – momento em que aparecem seus problemas e são religiosamente importantes para a identificação e atualização da fé – revelam que esse discurso institucional possui seus limites em contextos de pobreza. Como apontado por Teixeira (2013), o discurso da prosperidade das igrejas estão mais relacionadas a uma ideia de sacrifício, perseverança e aprendizado dos ensinamentos de Deus, na qual as temáticas variam conforme o público da igreja: trabalho e bem-estar familiar aparecem mais nas denominações que atendem os grupos mais bem posicionados do bairro; superação de vícios são mais comuns nas igrejas que recebem as pessoas em situações de alta vulnerabilidade.

Assim o discurso normativo das igrejas de impulso para a vida ascética foi visto em todas as denominações, mas o incentivo ao autocontrole varia conforme o contexto dos fiéis e até mesmo do líder religioso. A luta contra o mal, interna ao sujeito, apenas parece ter capacidade de autorregulação com efeitos duráveis nas igrejas com fiéis que já se encontram em uma posição social mais estável, sem viver constantemente riscos comuns ao território, como a relação com drogas, vícios etc. Nas igrejas que atendem os moradores do Baixo e do

Médio Harmonia, a participação religiosa, através de cultos, atividades internas, e seu consequente controle moral e de sociabilidade, aparecem como alternativa, ou estratégia de evitações dos perigos que o bairro apresenta, principalmente do uso de drogas. São essas igrejas que costumam ter cultos mais frequentes e outras atividades que acabam por promover a socialização mais intensa entre os frequentadores; como é o caso da Amor e Prosperidade com Cristo que possui cultos diários.

A maior transitoriedade entre os fiéis – entre denominações ou com períodos de afastamento da religiosidade – também apareceu na pesquisa de campo com maior frequência nas igrejas que recebem os fiéis em situações de alta vulnerabilidade social, a qual muitas das narrativas estão relacionadas a dificuldade de se adequar ao comportamento ascético. Como aponta Duarte (1983), nos grupos populares a religião não representa “uma totalização a priori”, em que as dificuldades de sobrevivência diária não os inspirariam a seguirem o modelo de sujeito ideal que “lhes desvela a cada momento muito cruelmente sua ilusão e falsidade” (p.61).

Em todas as denominações visitadas o discurso ascético também está relacionado a uma regulação dos papéis no interior familiar, definindo práticas e relações do que é ser um bom marido, uma boa esposa e bons filhos e filhas. Os filhos devem respeito e obediência aos pais; a esposa deve ser submissa ao marido, respeitando suas decisões e agradando-o no ambiente doméstico; e para os homens, propõe-se uma masculinidade ascética, que os afaste das “coisas do mundo” e os aproxime do ambiente familiar. A regulação masculina dos corpos e pulsões é a mais presente no discurso de todas as igrejas, inclusive nas denominações que atendem o público mais bem posicionado socialmente do território. Apesar disso, há pouca adesão de homens nas igrejas; em todas elas o público feminino era a grande maioria. Como veremos nas entrevistas com as famílias, muitas mulheres possuem a fé, ou até mesmo acreditam que possuem a missão, de converter seus esposos no evangelho e, assim, com a masculinidade regulada, conquistariam uma maior estabilidade familiar.

Sendo a maioria das igrejas do bairro pequenas e locais, elas não contam com muita estrutura para oferecer atividades que promovam uma forte socialização evangélica e acabam também por se distanciar do que a literatura traz como lógicas religiosas que possam ter afinidades com as lógicas escolares. São poucas delas que conseguem promover aulas artísticas, como o aprendizado de um instrumento, ou que possuam a prática de leitura litúrgica fora do contexto de culto. A capacidade de oferecer tais atividades é maior nas

grandes denominações que contam com um suporte institucional para oferecer material, espaço, apoio financeiro etc. Todas elas possuem a prática da leitura da Bíblia, mas a distância dos líderes religiosos e dos fiéis com a cultura letrada é reveladora ao nos depararmos em muitas denominações com leituras silábicas.

Os líderes religiosos de grandes igrejas, que exigem uma certa formação para o cargo de pastor (Igreja Batista e Assembleia de Deus), trazem um discurso da importância da educação não apenas para a profissionalização, mas também para a aquisição de conhecimentos gerais: Maurer da Batista, pontua isso ao valorizar a própria função do pastorado, citando disciplinas seculares que muitas vezes aparecem no debate público em embates com a religiosidade evangélica, como a sociologia; Daniel da AD comenta da importância da escolarização para não ser “alienado”. Porém esse discurso também encontra barreiras ao se deparar com a realidade dos fiéis e até mesmo do pastor que, como na Assembleia de Deus, vivem em um contexto em que o diploma escolar não é comum; ele traz vantagens no mercado de trabalho, com maior estabilidade, mas o ensino superior, um projeto longo e árduo, não parece ser uma realidade próxima.

Assim, como apontado pelas análises de classe social de Jessé Souza (2009; 2012), a religiosidade evangélica opera de distintas maneiras de acordo com as posições de classes de seus fiéis. No próximo capítulo, analiso como as famílias entrevistadas se relacionam com a educação escolar, investigando em que medida a vida religiosa ativa pode produzir ou reforçar comportamentos análogos à escolarização. Com a pesquisa de campo das igrejas, essa análise considera como essas famílias vivem a religiosidade e a relação com a educação escolar se atentando tanto a denominação a qual fazem parte, quanto a posição social que ocupam no território.

5. ENTREVISTAS

5.1 Família A – Mãe Silvia

Silvia tem 47 anos, é pedagoga com especialização em psicopedagogia, ambos cursados em uma universidade privada de massa, e trabalha na biblioteca comunitária do bairro; trabalho importante que orienta sua relação com a religião, a sua percepção de educação e a maneira de educar as filhas. Ela chegou ao bairro em 1998 após se casar com Edilson, fiscal de uma empresa de viação de transportes local. Lá constituíram a família e vivem com as duas filhas, Jéssica de 19 anos e Natália de 17 anos. A família reside no Médio Harmonia em uma casa própria que divide o terreno com a casa da mãe de Edilson, no andar de baixo. O casal, mas não as filhas, são batizados na Congregação Cristã do Brasil há mais de 25 anos, igreja que se distingue de seus pares locais pelo estilo de vida ascético de seus membros.

No momento da entrevista, a filha mais nova de Silvia estava no 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Nísia Floresta, cursando também ensino técnico em nutrição em Guaianases. Jéssica, a filha mais velha, estava no 4º semestre de direito em uma universidade privada de massa situada na região central de SMP, trabalhando também em uma indústria metalúrgica de materiais elétricos, para pagar seus estudos. Apenas os pais custeiam os gastos da casa.

O fato de Silvia e Edilson possuírem um emprego formal, sendo que o dela também exige formação do ensino superior, é um fator de grande importância para essa família: permite certa estabilidade financeira, possibilitando investimentos escolares e planificação do futuro; há regularidade de horários, rotinas; permite o contato com pessoas mais escolarizadas que o comum no contexto social do território e familiar.

Por trabalhar diretamente com o incentivo à leitura em uma OSC que atua no território, Silvia participa de diversas atividades e cursos sobre sociedade e educação, possuindo um constante contato com discussões políticas e acadêmicas. Estando inserida nesse contexto, ela também participa de diversas atividades sociais do bairro, possuindo um

discurso mais complexo sobre temas sociais do que as demais famílias contatadas e seus pares religiosos.

O contato com a Silvia se deu por seu trabalho na biblioteca comunitária da Vila Harmonia na OSC do bairro. Primeiro fomos apresentadas por seu trabalho e só apenas depois de alguns encontros na biblioteca fico sabendo que ela é da Congregação Cristã do Brasil. Além do contato estabelecido com a finalidade da presente pesquisa, também me relacionei com a entrevistada em outras atividades do território, como no Plano de Bairro e algumas de suas ações. Dessa forma, o conteúdo desse tópico não se limita apenas à entrevista em si, previamente combinada e gravada, sendo considerado também algumas conversas informais e impressões que foram estabelecidas ao longo dos contatos com Silvia. Os momentos específicos para a pesquisa foram realizados na sua casa, no Médio Harmonia, e no seu local de trabalho. Apesar de se mostrar muito receptiva com a pesquisadora, ao longo da entrevista ela parecia um pouco nervosa, tentando olhar o roteiro de entrevista da pesquisadora e respondendo algumas perguntas direcionando o seu corpo para o gravador.

Não apenas no momento da entrevista, mas também em seu ambiente de trabalho, Silvia possui um discurso próprio de afirmação de exemplaridade, em que procura se ajustar aos princípios de dois mundos distintos a qual transita: da religião ascética da Congregação Cristã do Brasil e a sociabilidade do trabalho, onde predominam valores liberais em termos de comportamento. Assim, a relação com a pesquisadora também é marcada por essa busca de coerência, em que me percebe como uma integrante do segundo grupo, com ensino superior e que circula pelos mesmos debates que seu trabalho lhe propõe, ao mesmo tempo que fala da sua relação com a igreja de maneira proselitista, convidando-me a conhecer algumas Congregações Cristãs de São Paulo, na Zona Leste e também na sede no bairro central do Brás.

5.1.1. História pessoal – *“Né, essas lembranças assim vêm meio como flash, né, mesmo sendo muito criança. Então, assim, a gente teve muita dificuldade”*

Silvia nasceu em Quixeramobim em 1972, a segunda maior cidade do sertão cearense, em uma família com seis filhos, sendo ela a mais velha entre as mulheres. A família se mudou

para São Paulo quando a entrevistada ainda tinha três anos, na tentativa de uma vida melhor. Eles se instalam, inicialmente, na casa de parentes no Itaim Paulista, também na Zona Leste de São Paulo. Apesar de pequena na época, Silvia se recorda que esse tempo foi marcado por dificuldades financeiras, morando inicialmente com familiares. Mesmo com a família já estabelecida em uma casa após a chegada à capital paulista, sua família possuía dificuldades de estabilidade financeira e desde os 15 anos Silvia passou a dividir as obrigações escolares com serviços em supermercado para colaborar com a renda da família; o que a fez adiar o sonho do ensino superior para a fase da vida adulta. Por sua importância na renda e nas obrigações familiares sua mãe se opôs quando ela decidiu se casar e sair de casa aos 26 anos, demorando alguns anos para aceitar o genro.

Ao contar de sua infância e adolescência e das suas relações familiares, Silvia fica com os olhos marejados e evita dar muitos detalhes.

5.1.2. Religiosidade – *“Porque pra mim, essa coisa de religião, é uma coisa de cada um, você tem que se sentir bem, né?”*

Silvia não nasceu em uma família religiosa; seus pais não costumavam frequentar igreja. Ela, por sua vez, disse que na juventude quis conhecer coisas novas e passou por algumas crenças: centro de umbanda/candomblé, Seicho-no-ie, Igreja Batista, Assembleia de Deus, Presbiteriana. Ela não se adaptou em nenhuma. Na Congregação Cristã do Brasil ela já tinha ido acompanhando uma cunhada, mas assim como nas outras, a princípio não se interessou.

O envolvimento com a Congregação aconteceu aos 19 anos; segundo ela, revelado em sonho. Nesse sonho ela via a Congregação do Brás, a maior da cidade de São Paulo, onde ocorria um ritual que ela achava muito bonito e a emocionava. Ela conta desse sonho para a cunhada que lhe diz que esse lugar é a Congregação do Brás, levando-a até lá. Desde esse dia, Silvia diz ter se encontrado na denominação, sentindo-se bem lá, o que a fez se batizar pouco tempo depois.

Naquela época ela morava no Jd. Dos Campos e frequentava a Congregação do Jd. Dos Ipês, sendo essa a sua “comum”²⁸. Ninguém em sua família, exceto sua cunhada que a levava, era religioso. Sua mãe foi contra a conversão da Silvia, chamava-a de beata por sua assiduidade aos cultos. Hoje, com a Silvia já adulta, a mãe não se opõe e até mesmo vai em alguns cultos, possuindo outros filhos que também se converteram ao evangelho.

O marido de Silvia também é batizado na Congregação Cristã do Brasil. Quando eles se conheceram ele ainda frequentava centro de candomblé, contexto religioso em que cresceu, por ter toda a família envolvida. Foi no próprio centro que ele afirma ter sido renunciado que deixaria os terreiros e viraria evangélico. Antes de se batizar na Congregação, frequentou outras denominações, as quais disse não ter se adaptado; a própria Congregação não lhe agradou a princípio, pois achou muito estranho os homens se cumprimentarem com beijo e abraço. Foi acompanhando um amigo que ele começou a se aproximar e se envolver mais da denominação.

Quando Silvia e Edilson se conheceram apenas ela era batizada. Mas, segundo o casal, a igreja foi importante para a união dos dois, uma vez que ambos afirmam ter recebido sinais divinos que os aproximaram da Congregação e que juntaram o casal. O grupo da igreja também foi muito importante para a festividade e a alegria dos recém-casados. Na tradição da Congregação não há cerimônias de casamento na igreja, mas é comum um evento de celebração entre parentes e amigos; Silvia e Edilson não tinham condições financeiras na época de arcarem com os gastos desse evento, mas com uma “vaquinha” entre os “irmãos” da igreja foi possível ter um vestido de noiva e alguns preparativos da festa. O que evidencia a rede de proteção emocional e material no interior da Congregação.

Hoje, o casal costuma frequentar os cultos da igreja da Vila Harmonia, indo aos domingos e, se possível, também durante a semana na segunda-feira e na quarta-feira. Quando podem, afirmam também ir em Congregações de outros bairros. Silvia ainda considera por carinho a Congregação do Jd. Dos Campos sua “comuna”, indo algumas vezes para lá (15 minutos de ônibus) e mantendo contato com os frequentadores dessa outra região. Apesar de possuir uma vida religiosamente ativa, indo aos cultos semanalmente e conhecendo a maioria dos frequentadores da igreja, Silvia não parece possuir relações com vínculos fortes com seus pares da Congregação, sua relação com eles se limita aos rituais religiosos.

²⁸ A Congregação Cristã onde os fiéis se batizam e frequentam são chamadas de “comum”.

Mesmo assim, a religiosidade é muito presente na vida da Silvia. Ela possui cabelos bem cumpridos, usa apenas saias e vestidos abaixo do joelho e não possui roupas que mostram os ombros e o colo; assim como é recomendado pela doutrina. Ela também costuma carregar o véu utilizado nos cultos em sua bolsa junto com a Bíblia, pois sempre os usa quando vai orar. Por essas características, diz ter sofrido muito bullying na faculdade, inclusive de professores.

Por frequentar espaços de discussões educacionais e sociais, Silvia se depara com certa frequência com discursos que se opõe às doutrinas religiosas, principalmente as de religiões evangélicas. Percebe que as pessoas a olham, mas ela evita entrar no assunto, afirmando que a religião é de cada um, que acredita no que lê na Bíblia e evita julgar, apesar de se sentir julgada. “Porque depois que eu entrei na faculdade, a gente começa a ter um olhar diferenciado, né? Não fica aquela coisa muito fechada, né? E outra, Deus prega o amor, se Ele prega o amor como eu vou me afastar dessas pessoas?”. Assim, Silvia tenta circular por esses dois mundos distintos, que muitas vezes se contrapõem, sem se sentir em contradição, distanciando-se na sua vida profissional e, de certa forma, também na vida familiar de discursos da sua igreja que são contrários aos comportamentos liberais defendidos nos meios acadêmicos e educacionais.

É por ter “esse olhar diferenciado” que Silvia possui uma visão de mundo e uma interpretação da religiosidade diferentes de alguns líderes religiosos da Congregação e do seu próprio marido. Na educação das filhas, Silvia não impôs as recomendações de vestimentas da doutrina; conversa sobre o respeito à homossexualidade e às diversas formas de existir no mundo, o que não é compartilhado por seu esposo.

As filhas acompanhavam a mãe nos cultos quando eram crianças e frequentavam o grupo da Mocidade, voltado para as crianças e jovens solteiros. Hoje, porém, quase não vão; devido ao princípio da Congregação de evitar o proselitismo, Silvia afirma não insistir para suas filhas irem aos cultos, mas as convida. Para ela, a salvação divina é individual e não diz respeito à denominação que frequenta, confiando na educação moral de amor e respeito que passou para as filhas e não as obrigando a seguirem os preceitos da doutrina, como as restrições de vestimentas. Diferente do presenciado em outros contextos familiares pentecostais, na família de Silvia não há restrições ao uso do álcool; ninguém da família também sofre com esse vício. Ela afirma, até em tom de brincadeira, que uma das filhas adora beber vinho.

Assim, ao falar da ascese no interior familiar, diz não proibir nada em nome da doutrina, mas que apenas educa conforme seus valores e, principalmente, em vista da segurança física das filhas; preocupação que é decorrente do seu medo da violência e das drogas do bairro. Assim, por mais que as filhas não estejam inseridas na religião familiar, Silvia criou estratégias de educação e controle social que permitiu a construção de valores e, principalmente, as afastou dos perigos da rua; estratégia comum em meios populares. Além dessa preocupação sistemática e consciente de Silvia, Jéssica e Natália são “nascidas no evangelho” (FERREIRA, 2017), o que reforça esse investimento ao serem socializadas dentro de um lar ascético.

A Congregação Cristã do Brasil do território é uma das igrejas mais ascéticas e seus fiéis são reconhecidos por isso até pelos não pentecostais. Dessa forma, é comum a vigilância e a fofoca no interior do bairro que deslegitimaria a fé e compromisso das pessoas batizadas. A família de Silvia já foi motivo dessa situação duas vezes: uma por seu esposo ser capoeirista, o que seria mal visto por ter relação com a cultura afro-brasileira e a sua religiosidade (contexto narrado por outra informante); e a segunda, Silvia recebeu ligação de uma “irmã” da Congregação para contar que seu marido foi visto no Centro de SMP com uma mulher mais nova, que, na verdade, era a sua filha. A vigilância, nesses casos, corrobora a percepção da Silvia de que a crença é algo individual e que a salvação não depende apenas de alguns comportamentos ascéticos, mas de um conjunto de valores não necessariamente religiosos. Com essa perspectiva respeita a crença das filhas e acredita, pela educação familiar, que criou boas pessoas.

5.1.3. Relação com o território – *“as pessoas começaram a me chamar pelo nome; eu comecei a escutar a história daquelas pessoas”*

Silvia chega no bairro da Vila Harmonia para se casar com Edilson, em 1998, em uma casa do Médio Harmonia, em uma área não afetada pelas enchentes, o que confere certa distinção social no território. A casa deles é própria e dividem o terreno com a casa da mãe de Edilson no andar inferior. Na época em chegou ao bairro Silvia não gostava dali, tinha uma imagem muito negativa relacionada a violência que só mudou após a sua inserção em um projeto de assistência e acompanhamento familiar da OSC local, depois de 10 anos já

morando no bairro. Até então, ela pouco se relacionava com os vizinhos e quase não circulava pelo território.

A imagem de um buraco no muro da estação de trem para dar passagem aos moradores da Vila Harmonia para o Centro, antes da reforma da passarela e da estação da CPTM em 2013, é bem simbólica para Silvia da sua relação com o bairro e das melhorias que o território conseguiu ao longo dos seus 20 anos ali. Atravessar o trilho do trem por esse buraco era duplamente perigoso: pelo próprio trem que passa por aqueles trilhos e pela violência local, tendo ela mesma visto alguns assaltos nesse ponto. A reforma da estação e a passarela de acesso entre os bairros melhorou a qualidade de vida dos moradores da Vila Harmonia e marca um período de melhoria na vida da Silvia, que já estava na faculdade, no estágio na OSC do território e ia mudando sua forma de ver o bairro e seus moradores. A violência diminuiu, aumentou a empregabilidade no interior da própria Vila Harmonia, o território conquistou a presença de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) em 2012, duas creches, um galpão de cultura para as atividades das OSC e o parque Jacuí em 2010, próximo ao bairro.

Além dessas melhoras visíveis, sua mudança de percepção do território ocorre em um momento em que Silvia passa a ser reconhecida no bairro, respeitada por seu trabalho que ocupa um espaço de alto prestígio no bairro: a biblioteca comunitária. Nesse posto, ela possui contato com diversos sujeitos de toda a Vila Harmonia estando em uma posição de prestígio naquela estrutura hierárquica.

“E foi assim, depois dessas reuniões que o meu olhar em relação a comunidade também mudou: eu tinha muito medo da comunidade, eu via as pessoas com um olhar feio, mas aí foi... As pessoas começaram a me chamar pelo nome, eu comecei a escutar a história daquelas pessoas. Aí, aquela bolha quebrou, né? “Nossa gente, não é tão feio como eu imagino, né?”. Então, a gente era... a gente tava muito fechada”

Apesar dessa mudança positiva da imagem do bairro que pontua, Silvia ainda identifica problemas que a aflige, como a enchente que atrapalha a vida do bairro como um todo, e a forte presença de drogas, percebida ao andar pelo bairro e se deparar com alguns grupos de jovens consumindo maconha. É por esse segundo ponto, principalmente, que Silvia não gosta que suas filhas se relacionem com os jovens do bairro; segundo ela, as filhas só possuem mais duas outras amigas que também moram no território. Ela não gostaria que Jéssica e Natália continuassem ali e se casassem com algum desses jovens que, segundo ela,

não trabalham e apenas se drogam; ao contrário de suas filhas que são esforçadas. Dessa forma, a mudança de concepção do território ocorre com o reconhecimento pelos moradores de que ela tem posição de destaque no bairro, criando empatia sem deixar de ter a ideia dos “outros indesejáveis” (ZANTEN, 2010), que por motivos diversos desvalorizariam o território, sendo prudente manter-se afastado. Silvia e o esposo, também por esses motivos negativos, sonham um dia ir para algum lugar melhor, apesar de terem conquistado ali a casa própria. Assim, a evitação do bairro aparece como um projeto de mobilização social, na qual, na educação das filhas, são mobilizadas estratégias de controle social e estratégias matrimoniais.

Pela violência, mas também pela falta de opções de lazer, a família da Silvia quase não sai pelo bairro, preferindo circular pelo Centro de SMP e outros bairros da Zona Leste.

“Apesar da gente estar aqui do outro lado, na Vila Harmonia, a gente tá bem localizado. Porque é isso, você tem a estação, chegou na estação você tem o trem, você tem acesso à ônibus pra vários locais, né? Então, a gente tá num local muito bom. Coisas que quando eu cheguei a 20 anos atrás eu não tinha esse olhar, pra essas melhorias. (...) que com essa vinda da estação ficou muito melhor”.

Ter uma percepção positiva do bairro ocorre para Silvia em um momento em que ela adquire capital simbólico, tornando-se respeitada e conhecida pelo território. Reconhecendo-se em uma posição superior naquela estrutura hierárquica, ela possui uma relação com o território direcionada para uma mobilização social de ascensão. Com estratégias positivas, que visam transmitir e aumentar os capitais acumulados, Silvia busca manter proximidade com pessoas de outros grupos sociais a partir de seu trabalho; e, evitando a deterioração dos capitais adquiridos, assume também estratégias negativas, de evitação, pelo controle da sociabilidade das filhas. Deseja, assim, que sua família saia do território.

5.1.4. Escolarização pessoal e familiar – “*A educação estourou minha bolha*”

Silvia é a única da sua família a ter ensino superior. Seus pais não frequentaram muito a escola; ela acredita que tenham estudado até o 4º ano. Trabalharam desde a infância, a mãe como doméstica e costureira e o pai na metalúrgica. Ela e seus irmãos completaram a

escolarização básica em São Paulo em escolas públicas do bairro Jd. De Campo, Zona Leste de São Paulo, onde moravam com a família.

Edilson, seu esposo, completou a escolarização básica e, motivado pela esposa e pela filha mais velha que estava no 1º ano de direito em uma faculdade particular em SMP, matriculou-se em administração na mesma instituição em 2018. Porém, priorizando a escolarização da filha na administração da casa, trancou a matrícula após o primeiro semestre.

Silvia fala de maneira muito positiva da sua escolarização, fazendo sempre oposição com a imagem negativa que possui das escolas atuais, nas quais não haveria respeito pelos professores e valorização da educação. Ao contrário, em seu tempo, os professores eram vistos como “heróis”, “tanto é que eu sempre quis ser professora por conta disso, por conta dos meus professores, né? É gostoso isso...” (trecho da entrevista). Foi por valorizar a educação que continuou os estudos até completar o Ensino Médio, período difícil devido à dupla jornada de escola e trabalho; lembra que nos períodos de prova tinha que estudar no ônibus.

Silvia gostava da escola e foi boa aluna mesmo precisando trabalhar concomitante aos estudos do EM, formando-se na idade adequada. Ela é de uma geração e de uma origem social em que o diploma do EM não é algo comum, mas seus pais, mesmo com baixa escolarização e vivendo em condições financeiras precárias, conseguiram formar todos os seus filhos na educação básica. Logo após a conclusão, ela prestou o vestibular em faculdades particulares, mas devido ao trabalho apenas conseguiu ingressar no ensino superior já adulta, casada e com as duas filhas pequenas. Ela foi a única entre seus irmãos que demonstrou esse interesse pela escolarização.

A entrevistada conta que sempre teve vontade de retornar aos estudos, mas se casou e dedicou os primeiros anos de matrimônio ao lar e à família. Em casa, para ter uma renda, começou a cuidar de outras crianças junto com suas filhas, aumentando seu interesse em ser professora. Segundo conta, Silvia só foi realmente atrás desse sonho após uma ida à igreja em que o cooperador falou algo que ela sentiu que se direcionava a ela:

Aí foi em 2009, acho que em 2008... é em 2008 eu levei elas [as filhas no culto de jovens], aí Deus enviou a palavra na boca do irmão Pedro, “Hoje eu vou separar as 99 ovelhas e vou falar só com uma. Apesar de ser uma reunião de jovens, eu vou falar com uma serva minha. Há anos atrás você tinha um desejo de fazer faculdade; eu não falei porque ainda não era tempo,

mas hoje eu vou cumprir o desejo do seu coração: pode fazer faculdade que Eu estarei contigo”

Após esse culto, entrou no recém comprado computador e disse que faria a primeira faculdade que aparecesse. A escolha de uma faculdade particular e do curso de pedagogia se dão pelo motivo em conjunto da facilidade de acesso, considerando as universidades públicas difíceis de passar no vestibular e sendo o curso de pedagogia um dos mais fáceis; em outro momento da entrevista ela revela que desejava cursar direito, curso que hoje a sua filha faz. A facilidade de acesso, porém não anula o orgulho que sente de si por ter passado em uma prova após 15 anos fora da escola, sem se preparar para ela. Na época, uma vizinha chegou a lhe falar que Silvia não tinha méritos, porque em faculdades particulares todos seriam aceitos; mas isso não abalou sua autoestima, principalmente por depois saber que um outro jovem do bairro que também fez a prova não foi aprovado, mesmo logo após ter concluído a educação básica; o que acabou por não deslegitimar seu mérito.

A questão financeira para continuar com os estudos ainda era uma preocupação pra Silvia que ganhava muito pouco cuidando de umas cinco crianças em casa. O que lhe permitiu continuar os estudos e, posteriormente, ter sido sua oportunidade de emprego, foi sua inserção no projeto de assistência familiar que ocorria na OSC local. Por essa ação socioeducativa ela conseguiu concluir seu estágio obrigatório da faculdade, inserindo-se mais no território que até então ela pouco conhecia, por receio, apesar de morar há mais de dez anos ali. Passados os dois anos de contrato de estágio da Silvia, a OSC em parceria com a prefeitura de São Paulo, cadastra a biblioteca comunitária no território, a qual ela é convidada para coordenar o espaço; função que ocupa até o momento da entrevista. Em seu relato, a OSC foi essencial para a sua formação, dando suporte não apenas financeiro, a partir da vaga de estágio, mas também emocional, apoiando-a nos estudos e nos cuidados com as filhas.

A sua formação superior (em pedagogia e a pós-graduação em psicopedagogia), a sua inserção na OSC local e as consequentes formações as quais Silvia teve oportunidade nesse espaço (circulando em ambientes de discussões com acadêmicos de universidades prestigiosas, assistindo, inclusive, a debates com pesquisadores de instituições nacionais e, eventualmente, de centros importantes do exterior), são muito valorizadas por ela, que afirma algumas vezes que “o estudo estourou a minha bolha”, ampliou sua visão de mundo. Esse seu modo de pensar que teria mudado após a escolarização aparece em sua narrativa também quando ela quer se diferenciar de um discurso religioso que não concorda, sabendo que sua igreja possui restrições morais e interpretações – principalmente relacionado à sexualidade –

que são consideradas intolerantes no debate público e nos espaços acadêmicos/educacionais; compreendeu também, a partir da sua própria formação em pedagogia, que as festividades de tradição católica no calendário escolar são partes de uma cultura e que não haveria problema suas filhas participarem, caso quisessem. Assim, Silvia está inserida em dois contextos que se contrapõem, a igreja e o trabalho, sendo os dois importantes para definir sua identidade e sua posição social. Para tentar conciliá-los, ela constrói uma narrativa de si que valoriza uma visão de mundo que se aproxima mais dos debates acadêmicos/educacionais, sem que isso afete sua crença individual. Essa situação, como veremos adiante, é essencial para a relação que Silvia construiu com suas filhas e que impactam como elas se colocam em seus espaços educativos, sociais e familiar.

5.1.5. Educação das filhas – *“Uma vez eu até fui falar com a professora de português – tudo bem que eu trabalho com isso – ‘Qual o livro que você tá lendo com os alunos?’ Não tinha.”*

O casal em conjunto se diz responsável pela educação das filhas. Mas Silvia dedicou-se integralmente aos cuidados do lar e das filhas durante a primeira infância delas e ia mais às reuniões escolares do que o esposo devido ao seu horário mais restrito por causa do trabalho. É a mãe, principalmente, que estabelecia contato com a escola quando havia algum problema e que frequentou as reuniões escolares das filhas até o Ensino Médio. Assim, Silvia parece ser mais responsável em administrar a educação familiar do que o esposo.

Tanto ela quanto Edilson completaram a educação básica, algo pouco comum no contexto em que vivem. A sua trajetória escolar é marcada por admiração aos professores; ela também trabalha em uma biblioteca comunitária e é formada em pedagogia. Assim, não é de se estranhar que Silvia faça apostas nos resultados de escolarização das filhas, estimulando-as às práticas de leitura e a desenvolver hábitos e conhecimentos valorizados no espaço escolar.

Os pais investiram na educação: acompanharam de perto a escolarização, por meio de reuniões escolares e do auxílio aos estudos em casa; pagaram curso particular de inglês para as duas filhas durante a adolescência, até concluírem; estimularam a profissionalização, via ensino técnico e apoio ao ensino superior. Com esses incentivos, ambas as filhas, mas principalmente a primogênita, são consideradas boas alunas. Além da relação da Silvia com a

educação, em sua própria trajetória escolar e no seu trabalho, tais investimentos também só foram possíveis devido ao emprego formal que ela e Edilson possuíram ao longo do crescimento das filhas, garantindo-lhes certa estabilidade financeira e a possibilidade mais concreta de planificação do futuro.

O estímulo à leitura aparece na narrativa de Silvia antes dela se tornar pedagoga; contando que uma vez viu sua filha mais velha, aos quatro anos de idade, orando para Deus que a ensinasse a ler, porque sua mãe não tinha tempo para fazer isso para ela; o que foi motivo de muita vergonha para a Silvia na época, tentando reverter esse caso ao ler e comprar livros com frequência para as filhas. As três chegaram a ter o hábito, durante a infância e adolescência das meninas, de fazerem leituras em conjunto de alguns livros, comprados ou retirados de alguma biblioteca, hábito que começou a ser mais estimulado após sua inserção na OSC no projeto de assistência familiar e do seu trabalho na biblioteca comunitária. O gênero que mais as agrada é o romance voltado para o público feminino juvenil.

Apesar de considerar as filhas independentes na escolarização, Silvia acompanhava de perto a educação escolar a partir das reuniões de pais e as ajudava nos deveres de casa, principalmente durante o Ensino Fundamental, ficando cada vez mais difícil de acompanhar a escolarização delas com o avanço das etapas escolares. Durante a escolarização delas, a mãe precisou ir algumas vezes para a escola resolver alguns conflitos, demonstrando ter conhecimento de seus direitos e não se sentindo intimidada frente à instituição. Silvia sabe usar poderes sobre a escola, demandando dos agentes educacionais a concessão de prerrogativas que as regras lhe concedem.

Apesar da presença constante nas reuniões de pais e do contato próximo que estabelecia com a educação das filhas, Silvia e Edilson não possuem relações pessoais com os professores e gestores escolares das filhas.

Preocupados com a socialização das filhas, o casal sempre preferiu que elas fizessem seus deveres em casa, indo poucas vezes na casa de colegas para fazer trabalhos e, quando isso acontecia, gostava de ter o contato dos pais dos outros alunos; algumas poucas vezes estudavam na própria escola.

Escolarização

As filhas de Silvia passaram por quase todas as principais escolas da região, exceto pela Macaé Evaristo que atende todas as etapas da educação básica. A Jéssica, filha mais velha, após a pré-escola foi matriculada via realocamento na Escola Municipal Maria Amélia Pereira, a melhor escola pública da região junto com a Macaé Evaristo, segundo Silvia.

A Natália, por sua vez, foi realocada na escola Benevides, que fica na Vila Harmonia. Ela ficou ali por pouco tempo, sendo transferida depois também para a escola Maria Amélia após a Silvia descobrir de uma implicância da professora com a filha que escrevia e copiava a lousa muito devagar. Apesar dessa situação, Silvia não considerava o Benevides uma escola ruim para os anos iniciais, acredita que faltou comprometimento e amor à profissão por parte dessa professora, crítica que faz à escola como um todo ao comentar dos boatos que há pelo bairro de dispensa de aula por falta de docentes. Sobre o Ensino Médio a crítica ao comprometimento dos profissionais se soma ao descaso dos discentes, considerando que “quem faz a escola são os alunos” e que no caso do Benevides a maioria dos jovens não querem estudar. Dessa forma, para Silvia a escola da Vila Harmonia é a pior instituição escolar da região.

Assim, como apontado pela literatura, a entrevistada hierarquiza as escolas da região a partir da reputação que essas possuem no território, evitando a escola do bairro que é marcada por críticas de violência, uso e venda de drogas e desinteresse de professores e alunos. Dessa forma, a instituição reproduziria os problemas vivenciados no território. A escola onde as filhas de Silvia fizeram todo o ensino fundamental, Maria Amélia Pereira, por sua vez, é percebida como a melhor da região, passível de ser comparada a uma escola particular por sua estrutura física e comprometimento docente.

Para conseguir a transferência da filha após a escola não tomar nenhuma posição referente ao comportamento antipedagógico da professora, Silvia se direcionou até a secretaria da escola Maria Amélia com o argumento que a filha mais velha já estava matriculada ali e assim seria mais fácil para a administração familiar que as duas estudassem no mesmo local. Porém, foi apenas com muita insistência, frequentando a secretaria cotidianamente durante um mês que ela conseguiu uma vaga para a sua caçula. Assim, Silvia é uma mãe que joga com as regras do sistema de matrículas para conseguir transferência, não se submetendo à designação burocrática do alocamento automático.

Nos primeiros anos do ensino fundamental das filhas na escola Maria Amélia, Silvia teve alguns problemas com a coordenação, o que não tira a reputação de uma boa escola. No primeiro caso, no mesmo ano em que a Natália conseguiu transferência de instituições, ela saiu da escola sem acompanhante aos seis anos de idade. A princípio, a escola não quis se responsabilizar e Silvia precisou fazer uma carta registrada do ocorrido.

E ainda falei assim, “Se a minha filha chegar amanhã em casa falando que vocês brigaram com ela, que vocês chamaram a atenção dela – porque isso não é culpa dela, isso é culpa de vocês, porque ela é uma criança de 6 anos – ela vai me contar e eu volto aqui novamente.” Tanto é que acabei ficando conhecida na escola [rindo].

Essa atitude da Silvia deu origem a uma mudança da organização da escola nos horários de saída, colocando as professoras das salas polivalentes nos portões, confirmando a entrega para um responsável.

No outro caso, Silvia teve que ir atrás dos seu direito a uma van escolar para a sua filha que não podia tomar sol. A coordenadora da Jéssica chamou a mãe na escola para avisar que ela não poderia mais utilizar o serviço de transporte, independente do laudo médico, pois sua residência era próxima da instituição. A coordenadora chegou a dizer que se a Silvia estivesse insatisfeita que fosse procurar seus direitos. Irritada com a situação, ela se direcionou ao Conselho Tutelar e relatou o ocorrido, tendo seu problema resolvido no mesmo dia. Segura de sua posição, voltou a escola e exigiu um pedido de desculpas, algo que só foi realizado por outra coordenadora, a que recusou o pedido inicialmente “não foi, não teve coragem”.

Na época desses atritos, Silvia ainda não fazia pedagogia, mas tinha consciência de seus direitos e por meio de informações entre conhecidos e entre outras mães de alunos (não necessariamente do círculo social evangélico), descobria os meios para alcançá-los, não se sentindo intimidada diante das posições de autoridade.

Para Silvia a escola Maria Amélia é a melhor instituição que as filhas passaram. Comenta do comprometimento dos professores, da cobrança que há com os alunos; da organização e do cuidado do espaço físico; do policiamento; e dos projetos pedagógicos que, segundo ela, envolvem muito as crianças. Pontos que são reforçados principalmente na comparação que faz com a escola vizinha, onde as filhas cursaram o EM.

Após a conclusão do EF na escola Maria Amélia, ambas as filhas foram alocadas pela prefeitura na escola Nísia Floresta. Transferência comum de matrícula entre essas escolas que oferecem apenas o EF e o EM, respectivamente, e são vizinhas uma da outra. A escola Nísia Floresta, quando a Silvia chegou ao território no final da década de 1990, era uma “escola de nome”, possuindo uma boa reputação, exigindo prova de admissão do ginásio; o que lhe animou ao ver suas filhas matriculadas ali. Porém, com problemas já no 1º ano do EM da Jéssica e alguns outros ao longo da escolarização da Natália, Silvia sentiu-se frustrada com a instituição e a considera apenas uma escola regular.

Satisfeita com a escola anterior, ela se recorda de uma fala do diretor da escola Nísia Floresta que a desagradou e marca o contraste entre as duas instituições: para ele, o EF seria brincadeira e não estudos, situação contrária ao do EM. Para Silvia, além de ser um absurdo um diretor de escola relativizar o comprometimento e importância de uma determinada etapa educacional, ela considera que a escola Maria Amélia é muito comprometido com o seu trabalho; diferente da escola Nísia Floresta, que é desorganizada, suja, falta comprometimento dos professores, faltam projetos, os alunos são desinteressados e não é um espaço seguro, com caos de violência armada e uso e venda de drogas.

No primeiro ano da Jéssica na escola ela teve seu celular furtado dentro da instituição. Silvia foi chamada para falar sobre o assunto: a princípio, não sentia que não podia reclamar porque celular não é permitido dentro da escola; por outro lado, a escola sabia quem era o autor do furto e alegava não poder tomar nenhuma atitude, pois esse mesmo jovem já havia levado arma de fogo para escola e disparado um tiro para o alto ameaçando uma professora, sendo temido por alunos e docentes. Esse aluno estava em liberdade assistida (LA), como é o caso de muitos jovens matriculados nessa instituição, o que seria um dos grandes problemas dessa escola que não está preparada para recebê-los, como conta Silvia:

“A diretora me falou tudo isso na conversa, que sabiam quem era o receptor, quem era o rapaz que furtou... Mas aí eu perguntei como que a minha filha tá segura, independente do celular; porque o celular tudo bem que é coisa material, mas e a vida da minha filha? Como é que fica? Aí eles ficaram todos meio assim [retraindo o corpo como se estivessem sem resposta, constrangidos]. Aí a culpa toda era dessa coisa do momento, que não era culpa deles e tal. Eu até entendo, mas e aí, cadê?”

Ao falar desse ocorrido, Silvia demonstra certo receio em culpabilizar os jovens na condição de LA e se sente impotente não podendo contar com meios legítimos como a escola para

resolver a insegurança das filhas; desconsiderando também uma opção violenta e informal que lhe sugerem e que revela como a ideia de fazer “justiça com as próprias mãos” é algo recorrente no bairro:

“Aí a gente fica... ai meu Deus. Aí a gente acaba tendo esse preconceito, né? Mas quando mexe com os filhos da gente é diferente, né? Tanto que uma pessoa chegou e falou “Se você quiser a gente vai lá pegar”; eu falei “deixa quieto, eu vou orar à Deus.” Aí eu ia buscar minha filha e tudo, né, porque eu tinha receio. Mas graças a Deus ela já saiu, já tá se formando, a outra também”.

Sem as condições financeiras para pagar uma escola particular, as outras opções que a Silvia possuía nesse momento em que sentia a vulnerabilidade física da filha eram: a Escola Benevides, na Vila Harmonia, mas que tinha uma reputação tão ruim, ou pior que a situação de violência e droga da escola Nísia Floresta; e a escola Macaé Evaristo, também no centro de SMP, instituição considerada muito boa, porém, que também manteria sua insegurança por a escola apenas oferece o período noturno no Ensino Médio, turno que não gostaria que suas filhas estudassem por ter preocupações de ordem moral, física, ou educacional com esse período escolar.

Apesar desse incidente, as duas filhas fizeram todo o EM nessa escola. A Jéssica, que vivenciou o episódio do furto, contudo, conseguiu se adaptar a instituição, era boa aluna e não possuía reclamações contínuas sobre a rotina escolar. Já a Natália, a filha caçula, não se sentia motivada pelos estudos; reclamava de acordar cedo para ir a uma escola desorganizada, com muita ausência de professores e, conseqüentemente, com falta de conteúdo. Silvia conta que ela cogitou desistir da escola ao longo do 3º ano do EM, finalizando apenas com o intuito da aquisição do diploma. Natália, nesse período tinha uma dupla jornada escolar, indo a tarde também na escola técnica de nutrição em Guaianazes, área que a interessava para o futuro ensino superior.

Em relação ao desânimo escolar da filha, Silvia fala positivamente da professora de matemática da escola Nísia Floresta, que ao perceber o desinteresse da aluna comunica os pais para uma conversa. Afora essa docente, Silvia possui diversas críticas ao comprometimento dos professores dessa escola, que não fazem parcerias com as demais instituições públicas ao redor – delegacia da Polícia Militar, para resolver problemas de violência; a UBS, para projetos voltada para a saúde – e tampouco estariam implicados em atrair o interesse dos

jovens para a escolarização; atitude importante e presente no cotidiano profissional da Silvia no Ponto de Leitura.

“A escola, a gestão da escola, tem que estar mais aberta. Porque a escola... a gente sabe que têm professores que são muito conservadores, né. Mas também têm professores que são abertos a novidades, as coisas novas que aparecem. Porque hoje a gente tá com uma juventude muito... não sei dizer, porque é uma juventude... tem que trazer provocações que aproximem esses alunos, ou coisas assim que interessam os alunos: poxa, eles gostam de RAP, vamos trabalhar ensinando RAP. Eles gostam dessa coisa do SLAM²⁹, vamos fazer uma aula em cima do SLAM. Eu penso assim, vamos trazer mais palestras, ou um livro mesmo, porque você pega um livro, faz uma roda de conversa. Mas assim, você pega um livro com uma linguagem próxima da do adolescente. Você consegue trazer ele pra cá, né? Eu penso nisso como mãe, porque eu vejo isso. Uma vez eu até fui falar com a professora de português – tudo bem que eu trabalho com isso – “Qual o livro que você tá lendo com os alunos?” Não tinha. “Qual projeto de literatura você tá tendo com os alunos?” Não tinha. Sabe? Tudo muito vazio”.

De maneira geral, nas narrativas da Silvia a desvalorização da educação seria a justificativa pela má qualidade do ensino. Professores desmotivados e sem amor pela profissão e alunos que não se interessam pela formação escolar, aparecem no discurso de Silvia como as principais causas da má qualidade escolar. O comprometimento de ambas as partes, mas principalmente dos docentes, conseguiria superar as dificuldades de estrutura enfrentada pelas escolas da periferia. Essa compreensão de maior responsabilização individual é comum ao se discutir desempenho e qualidade educacional, mas ganha força na narrativa da Silvia que possui uma trajetória escolar pessoal de sucesso apesar das dificuldades.

Com as preocupações de Silvia, seu engajamento e acompanhamento da escolarização das filhas, Jéssica e Natália sempre foram boas alunas. Apenas a caçula, Natália, por estar desmotivada ao longo do EM teve uma queda no rendimento escolar; mas ao mesmo tempo possui uma rotina cansativa de estudos, frequentando no período da tarde o ensino técnico de nutrição e chegando a ir a algumas aulas do cursinho popular oferecidas na OSC do território da Vila Harmonia.

²⁹ Slams são campeonatos de poesias faladas.

A Jéssica atualmente faz o curso de direito na Universidade Cruzeiro do Sul, no centro de SMP. Ela chegou a passar também no vestibular da Universidade Federal do Mato Grosso para o curso de biologia em 4º lugar, mas não chegou a se matricular por receio da mãe que se diz não preparada para se separar das filhas. Como veremos adiante, há também uma preocupação de segurança física e principalmente moral com essa decisão. A Jéssica chegou a ficar chateada na época por não poder ir fazer a faculdade pública, sabendo da melhor qualidade do ensino; porém, após conseguir seu emprego na indústria metalúrgica chega a comentar como ponto positivo sua permanência na casa dos pais, o que lhe permite certa independência financeira. Na faculdade ela ainda é boa aluna, mas suas notas caíram um pouco depois que ela começou a trabalhar, condição que ela não pretende mudar devido ao valor que dá a sua liberdade financeira, o que é compreendido e apoiado pelos pais.

Silvia educou suas filhas em lógicas socializadoras que se aproximam das lógicas dos grupos médios: investindo na educação escolar por meio do estímulo à leitura, do curso de inglês particular e de alguns cursos das OSC da Vila Harmonia; ao contestar as autoridades escolares quando se sentia lesada em seus direitos, Silvia também as estimulou a “um sentimento emergente de direito” (LAREAU, 2007, p.13) diante das instituições, como a Jéssica que se sente autorizada a contestar seus professores ao se sentir injustiçada, sem deixar de valorizar a educação, fazendo com a que a instituição atue a seu favor. Essas lógicas de educação familiar foram possíveis por diversos fatores presentes na trajetória da Silvia: a valorização da sua própria escolarização; o curso de pedagogia; e, principalmente, o trabalho na biblioteca comunitária iniciado quando as filhas tinham dez e oito anos, introduzindo-a em um contexto mais acadêmico e educativo, tanto em conteúdo a partir de cursos e formações, quanto pelo meio social, convivendo com pessoas de nível superior completo, algo pouco comum em seu contexto familiar e de vizinhança.

Silvia também se distancia do que Thin (2006) assinala como relação instrumental com a escola, algo que ela compreende estar relacionado a sua formação de pedagoga e psicopedagoga e ao seu trabalho, o que “estourou a bolha” para a compreensão da importância de saberes que se distanciam da vida prática, com fins em si mesmos.

As estratégias de evitação do território apontadas anteriormente, também aparecem aqui nas estratégias de escolarização, com orientação para um projeto de mobilidade ascendente projetado também no destino das filhas. Assim, Silvia sempre evitou a escola do bairro por sua má reputação, preferindo manter a filha em uma escola em que sofreu um

episódio de violência. Como veremos a seguir, Silvia também assumiu estratégias de regulação social e moralidade que asseguraram as suas filhas uma educação segura e estável.

Regulação social e moralidade

Sem obrigar, ou brigar a respeito, Silvia sempre tentou introduzir as filhas na vida religiosa, levando-as aos cultos para as crianças e jovens quando eram pequenas e mantendo o convite para acompanhá-la nos rituais. Porém, nenhuma das duas é batizada e quase não vão à Congregação Cristã do Brasil; a Natália, a caçula, teria mais interesse que a Jéssica em congregar. A primogênita se declara feminista e traz essa pauta para dentro de casa, discutindo ou questionando o pai, que, segundo Sílvia, não possui flexibilidade de compreensão da doutrina religiosa como ela, que constantemente fala do respeito aos homossexuais e sobre feminismo, algo criticado no interior da denominação em que a mulher assume papel de submissa. Assim, há uma disputa no interior familiar entre a concepção religiosa dos pais e a concepção de mundo das filhas, o que já foi motivo de discussões.

Apesar de não serem ativamente religiosas, Natália e Jéssica nasceram em um lar evangélico e receberam ao longo da educação familiar os valores religiosos prezados pelos pais. Silvia afirma passar sua religiosidade para as filhas não como algo punitivo, educando-as a fazerem o que julga correto sem pressionar para que se salvem perante Deus. “Eu também tento tomar um certo cuidado pra não fazer “Oh, se você fizer isso Deus vai te castigar; se você fizer isso, Deus vai cobrar de você”. Não, eu sei que eu não posso dizer isso, mas eu sei que tem pessoas que falam isso”.

Considerando que a religiosidade é importante para todos os aspectos da sua vida, ordenando sua maneira de ser e pensar o mundo, Silvia acredita que ser religiosa colaborou para educar as filhas no ensinamento de valores e orientando-a no matrimônio, a partir de grupos que aconselham o casal a não discutirem da frente dos filhos e a estarem próximos deles a partir do diálogo. Por outro lado, entende que é preocupação de todos os pais, religiosos ou não, em saber com quem os filhos possuem amizade, qual é a família dos amigos, quais lugares frequentam etc.

Seu principal cuidado para assegurar uma educação que julga adequada para as filhas foi o controle de sociabilidade ao longo da infância e adolescência, permitindo que

brincassem apenas em casa e não na rua como é comum pela Vila Harmonia, evitando que elas tivessem amigos no bairro (há apenas duas irmãs que são amigas da Jéssica e da Natália no território); estratégia facilitada também pelo fato das meninas não estudarem ali.

Silvia também, reforçado por sua formação e trabalho, buscou ter uma relação próxima de suas filhas a partir da conversa e do aconselhamento, permitindo-a a ter muitos conhecimentos sobre a vida privada das filhas e estabelecendo uma relação de confiança. Ela afirma que sempre conversou muito com as filhas, recorrendo ao diálogo para resolver problemas e aconselhando, tentando estabelecer não apenas uma relação de mãe e filhas, mas também entre amigas; o que parece ter sido distinto da sua relação com a própria mãe. Elas conversam sobre diversos assuntos, como flertes, amizades, sexualidade e uso de drogas. Essa relação construída ao longo da educação das meninas faz com que Silvia confie (não sem preocupação) nas suas filhas adolescentes, permitindo que saiam a noite – principalmente a Jéssica que já está na faculdade – e não restringindo as amizades. Silvia sabe que as filhas possuem amigos usuários de drogas, mas não inibe essa relação por fatores que lhe permite, de certa maneira, ter um controle dessa amizade: ela conhece o amigo e a sua família; e confia nas filhas que lhe contam sobre as amizades de maneira geral, acreditando que elas nunca tenham experimentado e que até mesmo podem ajudar o amigo a deixar de ser usuário de drogas.

“A gente tem muita confiança, porque ela chega em mim e fala tudo, ela chega em tal hora. E eu até falo brincando “Você não vai sair, porque enquanto você estiver na minha casa vai ficar embaixo da minha asa” [risos]. Mas eu tento ser flexível, porque eu vejo que se eu ficar muito nesse “vai - não vai”, em vez de tá trazendo ela pra mim eu tô afastando ela, né? Porque eles gostam muito de tá no perigo, né? [risos]”

Sobre a sexualidade, Silvia afirma que ambas as filhas são virgens, algo que seria raro entre as jovens de 17 e 19 anos. Ela conversa com as filhas sobre esse assunto no intuito de aconselha-las a se prevenirem de doenças e de gravidez indesejada; mas confessa que não se sente tão confortável com esse assunto, “Porque né, por mais que a gente seja uma mãe aberta, tem assuntos que a gente se fecha um pouquinho pra falar, né?”. A OSC chegou a organizar uma atividade sobre sexualidade voltada para o público jovem, a qual as filhas da Silvia fizeram parte e que segundo ela, foi muito positivo para educação das filhas e dela mesma enquanto mãe e educadora.

Apesar de em sua narrativa se descrever como uma “mãe aberta”, Silvia busca regular a vida das filhas, mesmo que a partir do diálogo, preocupando-se principalmente com a moralidade delas. Jéssica chegou a passar em 4º lugar no vestibular em Biologia da Faculdade Federal do Mato Grosso, mas não chegou a se matricular por receio dos pais do que poderia acontecer ao estar longe deles, por mais que reconhecessem a qualidade de uma educação superior pública. A primeira justificativa dada por Silvia para impedir a ida da filha foi em relação ao clima, afirmando que Jéssica poderia sofrer com suas alergias de pele em um local muito quente. Em seguida, afirmou seu receio da filha morar em uma república de estudantes³⁰, alegando que uma conhecida da sua irmã foi nessas condições para o Rio de Janeiro e teria voltado uma “pessoa estranha”, com uma personalidade que não condizia mais com os valores da família, tornando-se moradora de rua posteriormente.

O fato de Jéssica e Natália possuírem um comportamento, até certo ponto, ascético e de terem sucesso escolar – entrada no ensino superior logo após a educação básica – estão intimamente relacionados a toda influência que receberam de serem nascidas no evangelho e de toda as estratégias de investimento escolar e de regulação moral que receberam da mãe: evangélica, pedagoga e bibliotecária na OSC do bairro que lhe proporciona o contato com discussões educacionais e com pessoas com alta escolarização. O fato de Edilson também ser evangélico parece ter sido muito importante para que a estratégia de regulação moral impulsionada pela igreja fosse efetivada na educação das filhas, em que o casal como um todo compartilha a mesma visão de mundo, chegando até mesmo a participar de atividades da igreja para orientação familiar. Porém, Jéssica e Natália não são evangélicas e até mesmo questionam em alguns momentos a doutrina religiosa da Congregação, sugerindo que a efetivação de tal estratégia dependa de outras condições dessa família para que seja efetiva: a posição social que ocupam no bairro; as estratégias de evitação do território; e a relação da Silvia com a educação, a sua formação profissional e o trabalho que exerce.

Expectativas de futuro

Ao ser questionada sobre o que espera do futuro das filhas, Silvia demonstra a mesma inquietação que parece ter norteadado toda a educação familiar, a preocupação com uma

³⁰ Silvia demonstrou certo receio em compartilhar essa preocupação com a pesquisadora, talvez por ter conhecimento que essa viveu em tais condições.

trajetória segura e estável, mas que conta, na vida adulta, com o matrimônio. Os estudos, agora que elas terminaram ou estão terminando a educação básica e chegando ao ensino superior, já parecem ter sido conquistados. Para o casamento, ela espera que os futuros genros também possuam o mesmo compromisso com os estudos e com o trabalho que ela identifica nas filhas. Reconhece a independência das filhas e espera que os futuros companheiros possuam essa mesma ambição, respeitando-as na sua individualidade; o que não existiria na Vila Harmonia, com jovens que não estariam “à altura delas”; desejando, assim, que elas saiam do território. O futuro genro não precisa ser necessariamente da igreja, pois isso não garante a confiança no indivíduo.

“Mas eu peço a Deus que elas terminem esses estudos, que elas sejam mulheres guerreiras, sejam mulheres fortes. Mas eu tenho medo, assim, quando elas saem, porque a gente não sabe quem é a pessoa que tá ali. Quando elas demoram um pouquinho eu já começo a chorar e fico pensando assim “Ai meu Deus, será que algum carro parou e pegou elas?”. É muito ruim, a gente vive num mundo muito violento, né? A gente acaba descreditando das pessoas. Meu sonho, meu desejo, assim, é que elas terminem sim, que elas se formem. E que assim como elas se transformam diariamente, que elas também sejam pessoas que transformem outras pessoas pro lado do bem”.

Assim, Silvia parece almejar para suas filhas uma profissão que seja mediada pelo diploma, que confira reconhecimento pleno dos pares com ensino superior e que permita certa mobilidade ascendente das filhas, desejando que trabalhem e residam em uma parte mais urbanizada da cidade. Dessa forma, a aposta na escolarização ocorre tanto por um valor em si mesmo – proveniente da sua formação e do seu trabalho – quanto por uma profissionalização que permita essa mobilidade ascendente; há, assim, uma estratégia com duplo movimento: estratégia positiva, impulsionada pelos investimentos educacionais e de sociabilidade fora do território; e estratégia negativa, de evitação do bairro e de regulação moral e de sociabilidade.

*

Como apontado ao longo desses tópicos, Silvia parece ter um esforço de adequação tanto à religião como a uma moralidade liberal que predomina no trabalho, reconhecendo também a pesquisadora e seu orientador como representantes desse discurso mais liberal. A religião, por sua vez, parece ser reguladora do cotidiano e da vida familiar, impondo a ascese mesmo nas filhas que não frequentam a igreja. Assim, em seu cotidiano transita e busca um

compromisso entre essas duas forças que são muitas vezes contraditórias. Um detalhe importante é que ambos os contextos possuem em comum a valorização da leitura. Além do seu trabalho, Silvia também começa a cursar pedagogia quando suas filhas ainda eram crianças, o que “estoura sua bolha” não apenas para a importância da socialização e dos diversos conteúdos escolares, mas também lhe ensina as regras do jogo escolar que lhe permite disputar interesses com as instituições: escolhendo a escola, garantindo van escolar etc. Assim, como visto, as estratégias de regulação moral impulsionada pela igreja dependeram de outras condições do contexto familiar para serem efetivas; da mesma forma, para que essas estratégias se integrem às estratégias de escolarização foi essencial a trajetória escolar e profissional de Silvia.

5.2 Família B – Mãe Sônia

Sônia tem 39 anos e vive com Arnaldo, 42, em uma casa do Médio Harmonia, parte do bairro onde ambos cresceram e constituíram a família. O casal possui três filhos: o Rodrigo de 20 anos que ainda mora com os pais; a Thais de 18 anos que saiu de casa ao longo da pesquisa após engravidar e ir morar com o pai da criança em outro bairro da Zona Leste; e o Felipe de 10 anos que, pela diferença de idade entre os irmãos e sendo o único em idade escolar, recebia mais cuidados da mãe no momento da pesquisa.

Quando comecei o contato com a Sônia ela trabalhava em uma escola particular como auxiliar de sala da educação infantil, trabalho que conseguiu com a indicação de uma amiga do bairro, também “irmã” da Congregação. Porém ela estava desempregada quando realizamos a entrevista por, em um momento de desespero, ter pedido demissão ao descobrir da gravidez da filha no início de 2019, decisão que se arrepende. Seu interesse em cursar pedagogia surgiu principalmente da estratégia de poder ter melhores condições para educar seus filhos, com a possibilidade de matriculá-los nas escolas particulares em que trabalhasse; tal plano, porém, não chegou a ser concretizado por ela ter trabalhado por pouco tempo em escolas particulares e, principalmente, porque não gostou desse ramo. Seus filhos estudaram em escolas públicas da região, mas Sônia sempre buscou mecanismos de realocação de matrícula quando achava que a escola em que estavam não eram boas – percepção que tinha, principalmente, pela reputação das escolas no bairro e preferindo as escolas centrais, considerando também suas experiências nos estágios obrigatórios da faculdade. Essa sua distinção centro-bairro aparece em diversos momentos de sua narrativa e nas suas estratégias de educação e socialização. Felipe estuda no 5º ano do Ensino Fundamental na Macaé Evaristo, mesma escola onde sua irmã Thais se formou; apenas o filho mais velho, Rodrigo, terminou a educação básica na escola Benevides, do bairro Vila Harmonia, por opção dele.

Os filhos mais velhos não continuaram a educação logo após a conclusão do Ensino Médio, Rodrigo porque não gosta de estudar e Thais porque engravidou. Mas a mãe Sônia incentiva a formação profissional, afirmando que hoje em dia o diploma do EM não significa garantias estáveis de trabalho, como era antigamente. Ela fez o curso de pedagogia já na vida adulta, após o nascimento dos três filhos; seu esposo atualmente cursa Educação Física na mesma faculdade particular que Sônia estudou, algo que ocorreu na intenção de encontrar um trabalho na área de seu interesse e, segundo Sônia, pra ele “não ficar pra trás” em relação a ela nos estudos. Arnaldo atualmente trabalha como porteiro, mas passou longos períodos desempregado, na qual a Sônia era a responsável pela renda da família, trabalhando em

fábrica e atendendo suas clientes de estética, área que possui formação técnica e que ela realmente gosta de trabalhar, atuando de forma autônoma.

Os momentos de desemprego da Sônia ou do Arnaldo foram marcados por períodos de dificuldade da família, que precisava reorganizar sua rotina e não podia fazer investimentos materiais ou escolares. A conquista do emprego formal, por outro lado, trouxe maior estabilidade para a família, permitindo que Sônia fizesse seu curso técnico em estética e, posteriormente, o curso em pedagogia. Assim, as garantias do trabalho formal são muito valorizadas por essa mãe que aposta na educação técnica ou de ensino superior como meios de se conquistar profissões estáveis.

Sônia conta que começou a frequentar igrejas evangélicas quando seus filhos eram pequenos, fazendo uma associação em ser mãe – ter diferentes preocupações e medos em relação a criação dos filhos – e a possibilidade de a igreja ser um bom meio de formação moral, educando-os também sob a perspectiva cristã. Porém, apenas ela frequenta a igreja por escolha; o filho Felipe a acompanha e não gosta muito; o marido nunca foi; e os filhos mais velhos a acompanharam até o início da adolescência, depois pararam de ir. Thais chegou a se batizar em uma Assembleia de Deus, mas deixou de frequentar ao longo do seu Ensino Médio, preferindo as “coisas do mundo” e trazendo muitos conflitos para o interior da casa com suas escolhas.

Apesar da constante preocupação dessa mãe em educar bem seus filhos, a partir da religiosidade – na igreja mais ascética do território – incentivando para que os filhos também a pratiquem; e cursando pedagogia para o bem-estar familiar, além da sua boa vontade escolar compreendendo a escola como meio de aquisição de melhores e mais estáveis postos de trabalho, Sônia não consegue garantir que seus filhos sigam essas trajetórias. A falta de apoio de seu esposo na educação e nos cuidados dos filhos somada a rigidez do seu discurso de controle moral e social reforçados pelo discurso religioso, que entram em conflito com a realidade jovem do bairro, foram obstáculos para as investidas dessa mãe para que seus filhos traçassem “o melhor caminho” moral e educacional. Ela lamenta o desinteresse escolar e as escolhas pessoais dos filhos mais velhos e, devido a isso, busca educar o caçula de outras formas.

O contato com a Sônia se deu a partir da indicação de um informante, primo dela, que lhe a sugeriu por ser frequentadora da Igreja Congregação Cristã do Brasil, a denominação de

“pessoas esnobes” do bairro, como a família dele a descreveu. No momento em que fomos apresentadas Sônia foi muito solícita, principalmente, em um tom proselitista com o intuito de promover sua igreja para a pesquisadora. Ela também é formada em pedagogia e no momento específico da entrevista, antes de ligar o gravador, ela demonstrou uma certa insegurança com medo de “falar besteira”, não se demonstrando uma boa mãe ou educadora; essa sua preocupação aparece na entrevista ao evitar contar pontos de conflitos na sua família, ou buscando sempre valorizar a educação escolar. Apesar disso, Sônia gosta de conversar e sempre me recebeu bem em sua casa, onde nos encontrávamos. Eu a acompanhei em dois cultos da Congregação e fui com seu filho caçula, Felipe, ano culto dos jovens, tive também mais dois encontros na sua casa para falar especificamente da entrevista.

5.2.1. História pessoal – “Eu não tive luxo, mas tinha um lugar pra morar, né?”

Sônia nasceu em Itaquera, mas suas maiores lembranças da infância são de quando morou no Tatuapé (ambos bairros da Zona Leste de São Paulo) com sua mãe e suas irmãs até seus dez anos de idade. Sua mãe era camareira de um famoso motel da Zona Leste e criava as filhas sozinha. Com a morte da mãe por um derrame cerebral, cada filha foi morar num lar. O pai de Sônia é bandido, como ela denomina e, por isso, não sabe muito e não gosta de falar sobre ele. Desse pai ela tem mais três irmãos, dois que são pelo menos dez anos mais velhos que ela, com os quais Sônia tem pouco contato e que não moravam na mesma casa quando a mãe faleceu; e uma outra irmã, Laura, um pouco mais velha, que antes de ir morar com a Sônia na infância, vivia com o pai em uma cidade do Norte do país, onde era violentada fisicamente e sexualmente por ele. Quando a mãe delas morreu, além da Sônia e a Laura, moravam no Tatuapé também uma outra meia-irmã caçula de Sônia, filha da mãe com outro pai, em uma pequena casa, em que as quatro moradoras dividiam uma cama beliche. Após o falecimento da mãe, a meia-irmã foi morar com a irmã mais velha de Sônia, a que ela tinha pouco contato. A entrevistada e a sua outra irmã mais velha, Laura, foram raptadas pelo pai e ficaram por 15 dias em cárcere privado em uma casa em Guarulhos³¹; foi o irmão mais velho de ambas que conseguiu resgatá-las. Elas foram, então, morar com a madrinha de Sônia na Vila Harmonia, mas sua irmã, que estava na adolescência, não se adaptou a nova casa, “não

³¹ Município da Grande São Paulo, na Zona Leste, bem próximo de São Miguel Paulista.

aceitava que ninguém pegava no pé”, e transitou entre casas de familiares, amigas e, por fim, morou na casa de um patrão onde trabalhava como doméstica. Esse momento delicado de sua vida é uma dor que a Sônia ainda sente muito e evita contar.

Sônia, então, foi morar com a sua madrinha – católica e de consideração – na Vila Harmonia, em uma rua movimentada da área média do bairro. Ela foi a terceira de quatro filhos adotivos do casal: quando a Sônia chegou na casa aos 10 anos, também moravam Rogério, 8, e Paulinho, uns 14, e posteriormente, quando a Sônia já era adolescente, sua madrinha também adotou a Cinthia, recém-nascida. Apesar de ter crescido nessa nova fase da vida junto com outras crianças, Sônia não é próxima e tampouco alimenta um carinho de irmão com essas outras crianças adotadas por sua madrinha. Nessa casa, o único provedor era o seu padrinho, dono de um bar do bairro que mantém até os dias de hoje; sua madrinha nunca trabalhou. Os filhos biológicos do casal, já casados nessa época, também colaboravam com a renda familiar. “Eu não tive luxo, mas tinha um lugar pra morar, né?”.

A Sônia morou nessa casa até ir morar junto com Arnaldo, aos 20 anos de idade. Eles começaram a namorar quando ela ainda tinha doze anos e ele dezesseis, “era namoro assim, vamos dizer, criança, namoro criança; não inocente, mas crianças, era criança: só beijava na boca”. Ela conta que perdeu a virgindade após cinco anos de namoro, aos 17 anos, engravidando do primeiro filho, Rodrigo, logo em seguida; a união definitiva do casal ocorreu quando Sônia estava grávida de três meses do segundo filho, indo morar junto com o companheiro. Até então, Sônia morou com sua madrinha que temia o relacionamento do casal por achar que Arnaldo não era trabalhador, preocupando-se apenas com o seu interesse no futebol.

5.2.2. Religiosidade – “É que quando a gente tem filhos a gente começa a ter um pensamento diferente, a gente começa a ter medo de umas coisas, a gente sabe que tem que levar nossos filhos no caminho certo”

Sônia não soube me dizer especificamente em que sentido a mulher que lhe criou é sua madrinha, se é de batismo católico³² ou apenas de consideração. A madrinha é religiosamente

³² Sônia comenta que não sabe direito, mas acha que ela é sua madrinha de crisma, um ritual de confirmação católica que ocorre após o batismo e a comunhão; mas, como veremos, a Sônia não chegou a fazer a primeira comunhão, ritual anterior ao da crisma.

católica e tentou inseri-la no catolicismo no período em que a entrevistada era criança e adolescente, porém sem sucesso. A entrevistada chegou a começar o catecismo duas vezes, mas desistiu; ela conta que já naquela época não gostava de santos e imagens religiosas – crítica comum dos evangélicos em relação aos católicos – e fala com alívio de não ter passado pelos rituais sagrados do catolicismo, “Eu nunca gostei, nunca, nunca! Não fiz nada, graças a Deus”.

Foram suas irmãs mais próximas – que moraram com ela e a mãe – que lhe apresentaram as igrejas evangélicas quando Sônia tinha por volta dos 22 anos de idade, quando já era mãe de duas crianças. A sua irmã mais velha já frequentava a Congregação Cristã do Brasil, mas era considerada chata por Sônia que a julgava como a “dona da verdade” ao proferir seu discurso proselitista. Essa irmã começou a ir à igreja após sofrer com a separação do esposo que a traía, encontrando refúgio na igreja, como a própria Sônia pontua. A entrevistada começou a se tornar mais disposta ao discurso religioso após sua irmã mais nova também passar a frequentar igrejas evangélicas.

Ela sabe dessa influência das irmãs que foram companhia e estímulo para seguir na religiosidade, porém, Sônia pontua que seu real interesse religioso ocorreu com a preocupação da criação moral dos seus filhos:

“é que quando a gente tem filhos a gente começa a ter um pensamento diferente, a gente começa a ter medo de umas coisas, a gente sabe que tem que levar nossos filhos no caminho certo, você tem que procurar um caminho que eles possam crescer corretamente, entendeu?”

Assim, sua busca por uma igreja começou quando ela já era mãe de dois filhos, a Thais com cinco anos e o Rodrigo com sete. De início ela frequentou uma igreja pentecostal na região central de SMP, levando também sua irmã e cunhado, depois começou a frequentar a cada sábado uma nova denominação, buscando um local a qual ela se sentisse bem, acolhida espiritualmente. A permanência na Congregação como a sua denominação ocorreu logo depois que a sua irmã que também morou na Vila Harmonia por um breve tempo deixou o bairro; ou seja, sem a insistência da irmã para que ela a acompanhasse nessa igreja. Ao narrar que recusava os convites das irmãs e de que considerava a irmã que já frequentava a Congregação como a “sabichona”, ela ri ao perceber que é a mesma relação que ela possui com sua filha.

Quando seus filhos eram pequenos, Sônia deixou de frequentar por duas vezes a igreja, desanimada porque “não acontecia nada”. Foi após o nascimento do terceiro filho que

ela voltou a frequentar a igreja e não parou mais de ir, preocupando-se com a educação moral dos filhos.

“Ai eu tive o Felipe e depois [de] muito tempo, muito tempo, muito tempo, ele cresceu e um dia eu parei e [pensei] “não, não posso ficar sem ir na igreja”; porque depois eles ficam grande e eles não querem ir mais, aí é difícil de voltar; depois de grande, de adolescente é muito difícil levar pra igreja.”

Afora essa preocupação com os filhos, Sônia não possui uma narrativa de trajetória de sucesso após a sua adesão na igreja, como é comum no meio evangélico. Essa narrativa que pouco ou quase nada exalta de conquistas após a conversão, graças recebidas por aceitar a Deus, talvez se dê porque ela é a única na família que segue a doutrina evangélica; seu esposo nunca frequentou e o seu filho mais novo que vai aos cultos o faz porque Sônia o obriga. A falta de interesse de Arnaldo em conhecer a igreja e tornar-se evangélico é motivo de discussão do casal, na qual Sônia admite “não saber lidar”, insistindo constantemente para que ele a acompanhe. Além do princípio proselitista em que os fiéis tentam converter novos indivíduos ao evangelho, o interesse da Sônia que seu marido se converta também está relacionado a regulação do papel masculino na família, em que o homem evangélico aparece nos discursos religiosos como um bom pai e um bom esposo, sendo presente no lar e na criação dos filhos; queixa que Sônia possui do marido por ser ela a principal responsável pela organização da rotina e da educação escolar e moral familiar.

Sônia lamenta desde o dia que nos conhecemos o fato de não ser batizada. Segundo a doutrina evangélica, a pessoa precisa estar casada para morar junto com alguém, caso contrário, estaria “vivendo no pecado”. Ela não é casada no civil com o Arnaldo, o que a impossibilita de participar dos principais rituais da igreja, sendo algo de grande frustração para ela. De certa forma, ela não se sente pertencente ao grupo da Congregação; quando fomos conversar com o cooperador da igreja ela não se sentiu autorizada em falar com o líder religioso, pedindo para que a Silvia (mãe A da pesquisa) nos apresentasse. Apesar de ir semanalmente na igreja (mais de uma vez por semana), obrigando seu filho mais novo também a comparecer semanalmente no culto de jovens, Sônia se considera “meio devagar” para orar, sentindo-se cobrada por Deus em suas noites de insônia. Suas práticas religiosas se limitam as idas aos cultos e ao canto de hinários em sua casa, acompanhado via mídia social. Sua religiosidade aparece bem marcada no seu discurso e comportamento ascético, seguindo a

doutrina da igreja que recrimina o consumo de álcool, cigarros e outras drogas, ter tatuagens, ouvir músicas seculares etc.

Apesar do seu ascetismo e da estratégia de inserir os filhos nas atividades da igreja quando eles eram pequenos, apenas o caçula Felipe, 10, frequentava também a igreja no momento da pesquisa. No dia em que o acompanhei em um culto de jovens, enquanto a sua mãe procurava preocupada um sapato fechado para ele ir à igreja – pois não pode se apresentar a Deus de chinelo – ele chegou a sussurrar perto da pesquisadora que não queria ir, demonstrando achar chato. Apesar disso, ele possui amigos homens na igreja que o levam para casa de carro todo final de culto – a família da Sônia comprou um carro apenas no final da pesquisa, sendo algo raro para a família o uso desse meio de transporte até então –, assim, a igreja também é um espaço de socialização e lazer para Felipe, que chegou a cogitar a participar da orquestra da Congregação, mas não se interessou pelo aprendizado musical em si.

O filho mais velho, Rodrigo de 20 anos, assim como o Felipe, também frequentava a igreja quando mais novo, mas deixou de ir quando conquistou autonomia de dizer quando não queria ir mais, por volta dos 13 anos de idade. Sônia conta que quando pequeno ele gostava bastante, “até chorava porque ele queria ir na Congregação”, mas depois que entrou na adolescência perdeu o interesse e nunca mais voltou. Como veremos no tópico sobre a educação moral dos filhos, apesar de não frequentar mais a igreja, Rodrigo se tornou um jovem que “não dá trabalho”, internalizando (ou dissimulando) práticas ascéticas valorizadas pela Sônia.

Thais, a filha do meio, foi a única que seguiu por mais tempo e de forma assídua a doutrina evangélica. Ela acompanhou a mãe na Congregação Cristã até por volta dos seus doze anos de idade. Nessa época, a família se mudou para a Vila Xavier morando em um terreno que dividia com uma amiga de infância da Sônia (uma casa em cada andar), na qual os filhos dessa amiga tinham quase a mesma idade da Thais e do Rodrigo. A Thais, então, começa a frequentar uma Assembleia de Deus com essa amiga e com outras jovens do bairro. Essa AD possuía muitas atividades para o público jovem, mas ainda é uma denominação ascética, sendo bem vista, até certo ponto, por Sônia: “ela foi pra Assembleia, que tinha um monte de menina da idade dela, lá eles tem dança... É mais diferente que a Congregação, a Congregação é mais tranquila”. Foi a partir dessa igreja que Thais conheceu seu primeiro namorado, um menino também da AD um pouco mais velho que ela, “de boa família”. Sônia sempre brigou muito com a filha, como se fossem irmãs, como a mãe fala, mas foi no período

da adolescência, enquanto Thais estava na Assembleia de Deus que começaram os piores conflitos entre elas. A princípio, Sônia não gostava muito da AD porque essa igreja já tinha falado mal da Congregação para a sua filha; porém, o maior atrito se deu quando a Thais se batizou na igreja sem pedir sua permissão. A preocupação de Sônia se deu principalmente por ela ser menor de idade, o que exigiria o consentimento dos responsáveis para a tomada dessa decisão que Sônia considera muito importante e na qual, de certa maneira, ela reprova a denominação escolhida pela filha. A avó da Thais, por sua vez, discordou do batismo religioso da neta por ela ter entrado em um rio com um homem mais velho durante o ritual, recriminando o ato por uma via moral, na qual mulheres não deveriam ficar próximas de outros homens, principalmente mais velhos e dentro de um rio. Após o conflito familiar, Sônia também foi falar com o pastor da AD para pontuar seu descontentamento. Um outro conflito familiar que surgiu a partir da frequência da filha na AD, próximo ao episódio do batismo, ocorreu quando Thais ficou noiva de seu namorado,

“Ah, ela chegou [e] falou que ia ficar noiva, que o [namorado] ia comprar as alianças; fez um noivado sem eu saber! Diz o pastor que abençoou, eu não sei o que aconteceu direito. Eu fiquei nervosa que ela se batizou, fui até conversar com o pastor que eu achei errado o que ele fez, ele batizar... eu não sei direito o que ele fez no noivado que eu fiquei muito nervosa na época.”

No período desses acontecimentos, Thais estava com uns 15 anos e tinha acabado de ingressar no Ensino Médio da escola Macaé Evaristo. Segundo Sônia, as amigas que a filha fez na escola começaram a influenciá-la de maneira negativa, incentivando-a a mentir para os pais e a abandonar os preceitos religiosos. Por fim, ela deixou de frequentar a igreja aos 16 anos, deixou o namorado da igreja e, segundo a Sônia, “começou a dar muito trabalho”. Logo após a conclusão do Ensino Médio, Thais conheceu um jovem via redes sociais, começaram a namorar e ela engravidou; situação que desestabilizou a Sônia que esperava para o futuro da filha uma trajetória mais próxima dos preceitos evangélicos, já que a própria Thais é batizada.

Apesar de os filhos não demonstrarem no momento da entrevista um interesse pela religiosidade evangélica, Sônia acredita que o futuro deles é na Congregação: “Mas tem promessa na vida deles [P: como assim promessa?] De eles serem músicos, os dois [Rodrigo e Felipe], e ela [Thais] organista³³. [P: E como foi revelada essa promessa?] Em oração, em

³³ O órgão é o único instrumento que as mulheres podem tocar segundo a doutrina da Congregação Cristã.

oração... teve uma oração aqui em casa e foi revelado”. Ainda que Sônia fique muito frustrada com as escolhas de vida dos filhos, culpabilizando também seu esposo por não assumir o papel de bom pai e bom esposo, ela mantém a fé que “no tempo de Deus” seus filhos se insiram na religiosidade evangélica.

É importante notar que a única igreja do território estudado que Sônia frequentou é a Congregação Cristã do Brasil, uma igreja que é reconhecida pelos moradores como uma denominação distinta – a mais ascética e com um público mais bem posicionado socialmente no bairro –, as demais igrejas pentecostais a qual ela transitou foram todas do Centro de São Miguel Paulista. Assim, a distinção centro-bairro, na qual o primeiro aparece como melhor em diversos momentos, manifesta-se também na fala de Sônia na sua trajetória religiosa, buscando distinguir-se de uma possível imagem negativa associada ao bairro Vila Harmonia.

Ela também demarca bastante a diferença da Congregação com as demais denominações que não seriam tão sérias e não estariam, de fato, trazendo a palavra de Deus. A força espiritual da sua igreja estaria no fato de todas as Congregações ocorrerem no mesmo horário e seguindo a mesma lógica, a qual Deus estaria atuando simultaneamente em todas. Ela também desvaloriza outras igrejas, especificamente a Amor e Prosperidade com Cristo e a pastora Rose, que permitiria uma mulher ministrar, ainda uma mulher que “usa uns brincões, batom vermelho, fala gíria ali na frente”, o que não seria a forma adequada de se apresentar a Deus. Nesse sentido, caracteriza essas igrejas como *bagunçadas*, diferente da Congregação que seria *discreta, ordenada, limpa*, como também o é a música dos hinários; características que também marcam a sua intenção de distinção social no bairro.

5.2.3. Relação com o território – “porque tem bairro que te levanta, né? Que te puxa pra cima. E não só o bairro, são as pessoas, você vê as pessoas progredir mais, mais estudiosos, sabe?”

Sônia não se lembra muito de como era o bairro quando chegou na Vila Harmonia aos dez anos de idade após o falecimento da sua mãe para morar com a sua madrinha em uma casa na região média do território. Ela está há quase 30 anos no bairro e relata o passado sinalizando uma maior aproximação de amizade e confiança entre os moradores do que o

período atual. A família da sua madrinha e a família do seu marido moram próximos, também no Médio Harmonia, área do bairro na qual ela costuma circular. Ela chegou a morar também, por alguns anos, na Vila Xavier, em uma casa no mesmo terreno de sua amiga, para pagar menos no valor do aluguel. A casa em que moram atualmente era de uma amiga da mãe de Arnaldo; após o falecimento da proprietária a casa ficou abandonada e se tornou um ponto de consumo e venda de drogas, o que motivou a família de Sônia a se mudar para ali para garantir a segurança da casa. Inicialmente eles começaram a pagar aluguel, mas no momento da pesquisa Sônia e Arnaldo estavam pagando as prestações para a aquisição do imóvel.

A casa tem quatro cômodos: a cozinha, por onde entramos na residência; um quarto à direita, onde dormem os filhos; e o quarto do casal à esquerda é suíte, sendo esse banheiro o único da casa. Na parte de fora, há um quintal cimentado, sem acabamento, que é o espaço da lavanderia. É no quarto dos filhos que Sônia também faz seus atendimentos de estética³⁴, guardando ali a maca, alguns equipamentos e produtos para seu trabalho.

Descrevendo-se como caseira desde a sua juventude, Sônia diz sair de casa apenas quando tem algum compromisso; de maneira geral, ela apenas sai para ir à igreja, para atender suas clientes de estética e para organizar a vida familiar. O marido costuma frequentar o campo para jogar futebol, local que Felipe, o filho caçula, só pode ir acompanhado de adultos, normalmente um tio, pois Sônia teme que ali também seja um local de consumo de drogas. Thais, quando morava no bairro, e Rodrigo, circulam por espaços mais diversos do território – festas, bares, casa de amigos – algo que Sônia tenta controlar por serem práticas contrárias aos seus ensinamentos religiosos.

Ela diz gostar do bairro e atribui os pontos negativos – roubos e o aumento do uso e dos pontos de venda de drogas – aos novos moradores e as pessoas de fora do bairro que circulam por ali. Assim como a mãe Silvia (família A), Sônia busca evitar o território direcionando algumas ações para uma mobilização social de ascensão: valoriza a educação, principalmente as escolas de fora do território; evita circular pelo bairro e controla a sociabilidade dos filhos. Como veremos adiante, essas suas estratégias nem sempre são bem-sucedidas e a influência do contexto onde vivem é apontado por ela, entre outros motivos, como a principal fonte de conflito, sendo um fator negativo importante na criação dos filhos. Assim, Sônia deseja que toda a sua família consiga um dia sair do território, mas que se mantenham próximos geograficamente.

³⁴ Sônia faz limpezas de pele, depilação, sobrancelhas, alguns tipos de massagem etc.

“Eu queria ir pra um bairro melhor, assim. Eu sei que droga, bagunça tem em todo lugar, né, mas tem lugar mais tranquilos, assim, não tão mais tranquilo, mas tem. Mais por conta assim.... que tem bairro que te levanta, né, que te puxa pra cima. E não é só o bairro, são as pessoas, você vê as pessoas progredir mais: mais estudiosos, sabe? O bairro aqui tem muita pessoa largada, pessoa que não quer nada com a vida. Por isso eu gostaria muito que eles fossem mais pra frente, fizessem faculdade, estudassem. Quanto mais estudar melhor, entendeu? Isso que eu prezo muito.”

A situação de pobreza predominante do bairro também é lamentada por Sônia ao falar especificamente do seu trabalho com estética, não havendo público para pagar o que ela tem a oferecer em produtos, equipamentos e técnica. Assim, seu preço é caro comparado aos demais salões de beleza do bairro. Devido a escassez do público – algumas poucas clientes fixas e outras poucas esporádicas – ela precisa buscar clientes em outros bairros.

5.2.4. Escolarização pessoal e familiar – “Pra mim, naquela época, eu achava que fazer uma faculdade estava muito longe pra mim, não era fácil. Não é fácil que nem é hoje”

As falas da Sônia sobre escolarização – pessoal, familiar e dos filhos – pareciam ser ditas com a preocupação de não cometer nenhum “erro” diante da pesquisadora; no começo de nosso encontro ela verbalizou esse receio e valorizou, ao longo de toda a sua narrativa, a educação escolar.

Sônia é a única da sua família que completou o ensino superior. Ela não sabe falar sobre a escolarização dos seus pais, mas sabe que sua mãe era alfabetizada. Seus padrinhos não estudaram, contudo o padrinho é alfabetizado e a madrinha “sabe pegar qualquer tipo de ônibus”. Apenas sua irmã mais nova também completou o Ensino Médio, os demais interromperam a escolarização em etapas anteriores que a Sônia não sabe identificar. Assim como ela, os outros filhos adotivos da sua madrinha também completaram o Ensino Médio no período adequado, estudando nas escolas públicas de São Miguel Paulista. Sônia não sabe ao certo, mas acredita que seus sogros não estudaram; Arnaldo possui o Ensino Médio também estudando na escola do bairro e em outras escolas do Centro de SMP. Pelo o que ela conta, o

marido não gostava muito de estudar e teria ingressado no ensino superior na vida adulta pelo exemplo da sua companheira que também já tinha esse nível de escolarização e por encontrar um estímulo para isso no seu atual trabalho; Arnaldo trabalha como porteiro em um clube da Polícia Militar que lhe dá acesso a diversos equipamentos e espaços de atividade físicas. Com essa oportunidade, somada a sua paixão por futebol, ele decide se matricula no curso de Educação Física de uma universidade particular de grande abrangência na região, no Centro de SMP.

Ao ser questionada sobre a formação escolar da sua família Sônia reflete sobre a mudança da realidade educacional do país da época em que ela estava na idade escolar em relação aos dias de hoje, com a universalização do acesso ao ensino público.

“Hoje, pra nós, uma graduação é como se fosse Ensino Médio, não é? Há pouquinho tempo, tipo, na minha época... Na época deles [geração da sua madrinha], quem tinha a 8ª série já era grande coisas, né? 3º ano, na minha época, 3º ano já era grande coisa. Hoje você fala que tem uma graduação, é nada, não é? Graduação hoje, qualquer pessoa faz. Então, pra eles, quem tinha a 8ª série já era uma grande coisa já”.

Sônia, então, compreende uma desvalorização do diploma de ensino básico após a expansão do ensino superior, em que nem ela e nem Arnaldo conseguiram bons postos de trabalhos com o diploma de ensino médio. Foi a partir de suas formações profissionais, em estética e pedagogia, que ela conquistou maior estabilidade profissional e financeira. Apesar de ela comentar que “qualquer pessoa faz” graduação, o acesso a esse ensino ainda é raro nos meios aos quais ela circula.

O discurso de valorização da educação escolar da Sônia não parece ser apenas para não “errar” perante a pesquisadora; ela conta que quando criança era considerada “CDF”³⁵ pelos seus colegas de sala, sentava-se na frente e não podia faltar. Sônia conta que a morte da sua mãe “bagunçou” um pouco a sua cabeça e que ela ia melhor antes de morar com a sua madrinha, mas ela não consegue lembrar muito desse período, pois tinha menos de dez anos de idade; sua lembrança da escola era de que a comida era boa. A dor da perda da sua mãe e da separação das suas irmãs é algo que marca sua narrativa de escolarização, “tinha época que eu chorava... isso bagunçou um pouco a minha cabeça, até na escola”. Sônia, então, demonstrando certa melancolia, afirma sempre ter sido muito caseira, apegando-se a escola,

³⁵ Gíria para pessoa estudiosa.

como se as suas responsabilidades escolares fossem um lugar seguro, a qual ela também era reconhecida. Assim, Sônia conta de episódios em que brigava com a sua madrinha quando ela não podia ir em alguma reunião escolar dela, ou de quando acontecia alguma coisa em que ela precisava faltar.

Esse seu grande interesse pela escola durou todo o período do seu Ensino Fundamental, quando estudou na escola Benevides; nessa época a escola não oferecia o Ensino Médio e ela foi matriculada em uma instituição pública no Centro de SMP, transferência comum entre os adultos do bairro que também estudaram na Benevides. Essa mudança foi algo bem visto por ela na época que já na adolescência diferenciava a escola do bairro das demais escolas do Centro, “Eu tinha muita vontade de estudar lá pra cima, (...) é que assim, o pessoal aqui de baixo tinha vontade de estudar lá pra cima; eu mesma tinha, eu lembro que tinha”. Apesar de estar em uma escola que considerava melhor, menos “bagunçada” que a Benevides, no Ensino Médio Sônia passou a ter mais autonomia e saía da escola após o intervalo para ficar com o seu namorado que já não era mais estudante. Ainda que tenha deixado de ser considerada CDF, ela afirma que nunca deixou de cumprir com seus compromissos escolares: saía mais cedo, mas não faltava e completou a escolarização sem interrupções.

Logo que terminou o Ensino Médio Sônia teve seu primeiro filho:

“Pra mim, naquela época, eu achava que fazer uma faculdade estava muito longe pra mim, não era fácil. Não é fácil que nem é hoje que tem financiamento, tem mais cursos técnicos, tem mais faculdade, tem a distância... Hoje tem bem mais... Hoje tem CIEE³⁶ que você pode ser estudante e trabalhar meio período... Antigamente não tinha essas coisas, não tinha. Então, fui cuidar de criança. Eu terminei o Ensino Médio grávida e fui cuidar do meu filho, fui ser mãe, dona de casa.”

O seu interesse, mas, principalmente, suas condições para se profissionalizar ocorreram apenas quando seu filho mais velho estava com 13 e o mais novo tinha mais de dois anos; ela pretendia fazer um curso técnico em radiologia em uma instituição do Centro de SMP, mas admirada com uma vizinha que trabalhava toda de branco ela se interessou pela área de estética;

³⁶ Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) é uma associação que por meio de programas facilitam o acesso de estudantes ao mercado de trabalho. Para mais informações, acessar: < <https://portal.ciee.org.br/institucional/o-que-e-o-ciee/>>. Acesso em 20 de nov. 2019.

“Eu queria muito radiologia, até fui ver tudo... aí tinha até uma moça aqui de frente, aí uma vez eu vi ela chegando toda de branco, eu perguntei, aí ela “ah, é estética e não sei o que...”, só que eu não sabia o que era estética direito; mas eu achei bonito o que ela falou. Aí fui procurar, aí fui atrás, comecei a estudar; no segundo dia desisti, porque pensei “não é pra mim”, porque foi aula de anatomia, aí eu falei “não é pra mim”, comecei a chorar “não é pra mim, não é pra mim, por que que eu entrei? Eu não sei se eu tenho...”; aí quando deu o tempo de um mês certinho, aí eu falei “eu vou voltar, eu vou voltar!”, aí eu comecei a pesquisar mais, a saber direitinho e fui me interessando. Menina, amei! A aula que eu mais gostei foi anatomia.”

Como vemos nesse relato, Sônia gostou muito da área de estética e devido a esse interesse também se destacou como aluna durante o curso: não faltava, estudava fora das aulas e tirava boas notas. Ela gosta muito dessa área e após a formação nunca parou de atuar de forma autônoma.

No ano seguinte da conclusão do curso de estética, que teve a duração de um ano e meio, ela decidiu entrar em pedagogia, pois acreditava que com esse curso ela teria mais tempo para cuidar dos filhos – pensando na possibilidade do trabalho em meio período – além de nutrir a expectativa de trabalhar em uma escola privada e conseguir matricular seus filhos ali de forma gratuita. Seu esposo que a apoiou durante toda a sua formação, responsabilizando-se pelos cuidados da rotina familiar nesses períodos e quando ela era a única que trabalhava na casa, hesitou no início com a intenção da esposa em mudar de área, mas como essa formação implicava uma estratégia de escolarização dos filhos, ele aceitou posteriormente.

A facilidade de acesso ao ensino superior após os anos 2000 também aparece na fala de Sônia ao comentar do seu ingresso na pedagogia:

“A UnicSul eu já sabia de há muito tempo... E de pedagogia, na época que eu fui fazer pedagogia muita gente fazia pedagogia, muita gente. Aí eu pensei “vou fazer... que tá todo mundo gostando”. Aí já pensa que vai cuidar de criança, que é fácil, já faz isso em casa... [rindo] vai ser o de menos... e não é bem assim, né?”

Diferente do curso técnico de estética, Sônia não gostou do curso de pedagogia e cogitou desistir algumas vezes; foram suas amigas de curso que a incentivaram a não abandonar. Por não gostar da área, ela conta que não fez todas as horas exigidas de estágio e

não era tão preocupada com a frequência e boas notas como costumava ser. Seus estágios obrigatórios foram realizados nas escolas do bairro: na EMEI e na escola Benevides. Ao longo da graduação ela também conseguiu um estágio remunerado em uma escola pequena em outro bairro da Zona Leste de São Paulo, mas por não gostar da área e, principalmente, por não se entender bem com o proprietário, Sônia ficou apenas duas semanas na escola.

Quando ela se formou em pedagogia Rodrigo já tinha completado a educação básica e a Thais estava no meio do Ensino Médio, então, sua estratégia de matricular seus filhos em uma escola privada que ela trabalhasse poderia acontecer apenas com seu filho caçula, Felipe. Por indicação de uma amiga de infância, também “irmã” da Congregação, Sônia consegue um trabalho como auxiliar de sala de educação infantil em um outro bairro de SMP, mas sentindo-se humilhada pela diretora dessa escola e conseguindo uma vaga na educação infantil em outra instituição, mais próxima de sua casa, ela fica apenas 8 meses nessa primeira. Sônia também conta que sentia que a diretora não iria permitir que ela matriculasse seu filho ali. Na segunda escola ela também ficou por pouco tempo, dois meses, pois entrou em desespero com a notícia de que a sua filha estava grávida; algo que se arrepende, pois o salário colaborava com as contas da casa.

A partir da sua própria relação com a escolarização e a melhor estabilidade profissional que conquistou com seus cursos técnico e de graduação, Sônia possui uma relação pragmática com a educação escolar, percebendo-a como um meio de acesso a melhores e mais estáveis postos de trabalho. Como veremos adiante, ela cria expectativas de que seus filhos concluam o ensino superior ou técnico e tenham empregos de acordo com esses níveis de escolarização, garantindo-lhes estabilidade social. Essas expectativas também são alimentadas pela sociabilidade da comunidade religiosa, com frequentadores das melhores posições do espaço social do bairro e em que muitas das “irmãs” da Congregação Cristã são pedagogas. Porém, sem o apoio do esposo e vivendo em um contexto do território que compete com seus desejos de regulação moral e de escolaridade dos filhos, Sônia possui muita dificuldade de efetivar uma estratégia de reprodução social, ainda que a verbalize e tente traçar planos.

5.2.5. Educação dos filhos – *“Eu sempre queria procurar uma escola melhor. Sempre ficava pensando assim, é melhor, é melhor, e ia trocando.”*

Sônia foi e é a principal responsável pela educação e cuidado dos filhos; seu esposo assume algumas responsabilidades apenas quando ela não pode e raramente interfere nos conflitos (ora de maneira brincalhona, ora de maneira agressiva), situação que Sônia lamenta, “ele é muito sossegado nessa parte, mas eu acho que o homem tem que ser firme também. Porque se não... tem que ser um ajudando o outro. E nessa parte ele deixa muito a desejar”. Ele teria ficado um pouco mais participativo após seu ingresso no ensino superior, mas não compartilha das mesmas expectativas que Sônia em relação a educação escolar e moral dos filhos.

É a mãe que acompanha a escolarização dos filhos, tentando ir em todas as reuniões e ausentando-se apenas quando não pode ir por motivos de trabalho; nessas situações Arnaldo é quem deveria ir, mas nem sempre isso acontece. Sônia também os ajuda a estudar, mas esses momentos são raros; não há uma rotina de estudos e ela apenas interfere quando eles pedem ajuda: há poucas atividades para serem realizadas fora da escola e os alunos também se tornam mais autônomos com o avanço das etapas escolares; o Felipe ela ainda ajuda em suas dificuldades, mas esses momentos são raros. Esses auxílios costumavam acontecer em uma mesa da cozinha, mas após ganhar um armário de sua sogra, não há mais espaço para esse móvel, também não existindo local específico para os estudos.

Durante a maior parte da escolarização dos seus filhos mais velhos, Rodrigo e Thais, Sônia ainda não tinha contato com o curso de pedagogia, sendo os conhecimentos dessa formação sendo proveitosos apenas para a educação do Felipe. Ao longo da entrevista ela lamenta algumas de suas ações em relação a educação dos filhos mais velhos e que evita com o caçula a partir dos conhecimentos que adquiriu na sua formação.

Apesar de valorizar a escolarização e traçar algumas estratégias educacionais e de controle moral e social dos filhos, os filhos mais velhos de Sônia não seguiram inicialmente a trajetória por ela esperada. A falta de participação de Arnaldo, os contextos sociais que circulam que são contrários às suas expectativas, a pouca referência de trajetórias bem-sucedidas na escolarização (até mesmo a de Sônia que não gosta de sua área) e a falta de estratégias cotidianas de incentivo à escolarização, ou de práticas valorizadas no âmbito escolar são alguns aspectos que entram em conflito com a boa vontade escolar dessa mãe.

Escolarização

Os filhos de Sônia sempre estudaram em escolas públicas de SMP, próximas ao bairro Vila Harmonia e da Vila Xavier, onde a família morou. Apesar da matrícula automática pelo sistema da Secretaria de Educação, essa mãe sempre buscou meios de colocar seus filhos nas escolas que ela considerava melhores ou que melhor se adequavam à rotina familiar; o que fez com que seus filhos mais velhos, Rodrigo e Thais, mudassem algumas vezes de instituições ao longo do Ensino Fundamental. Ela conta que os mudou tantas vezes de escola que não consegue precisar em quais etapas as transferências foram realizadas. Após ter realizado o curso de pedagogia ela afirma que não faria isso com seu filho mais novo, Felipe, compreendendo que essas mudanças podem ser prejudiciais para a criança.

A Thais chegou a frequentar por pouco tempo uma creche no Centro de SMP, mas como a instituição era afastada da residência da família e era o pai o principal responsável pelo cuidado das crianças nesse período, enquanto Sônia trabalhava em uma fábrica, logo ela foi tirada da instituição para uma melhor adequação da rotina familiar. Assim, nem o Rodrigo e nem a Thais fizeram creche, eles entraram na instituição escolar na pré-escola em uma EMEI do Centro de SMP, a qual tinham direito ao serviço de perua escolar pela prefeitura. O Felipe, por sua vez, fez toda a pré-escola em duas instituições, uma no bairro da Vila Xavier e outra no Centro de SMP, ambas as matrículas realizadas pelo processo de setorização da Secretaria de Educação.

Após a pré-escola Rodrigo e Thais foram automaticamente direcionados pela prefeitura a estudarem na escola Benevides, mas como Sônia não gostava da instituição, achando-a “bagunçada”, e preferindo sempre as escolas da região central, ao longo da primeira etapa do Ensino Fundamental esses dois filhos transitaram entre a escola do bairro e outras do Centro de SMP:

“Aí dali eles foram para o X [escola do Centro], onde meu marido terminou. Aí eles fizeram o primeiro ano.... Eu sei que depois eu troquei aqui pra cá, pra Benevides, depois eles voltaram pra lá... eu não sei, foi uma bagunça que eu fiz. Nem eu sei direito... mudando de escola porque achava que não tava bem, aí ia e mudava.”

Além das reputações que Sônia construía das instituições educacionais, a localização das escolas também era um ponto considerado pela família, que retornava a matricular na

Benevides pela facilidade de acesso a essa instituição. Durante a primeira infância dos filhos mais velhos Arnaldo ficou por muito tempo desempregado, sendo o principal responsável pelo cuidado dos filhos, ao passo que ele também não é um pai presente, como Sônia lamenta. Essas mudanças eram buscadas pela mãe que pressionada pela sogra voltava a matriculá-los na escola Benevides para maior comodidade do esposo. Arnaldo, por não compartilhar das mesmas preocupações e expectativas morais e escolares dos filhos, buscava não se envolver nas decisões.

Sônia conta com naturalidade sobre a sua estratégia de realocação de matrícula, como se fosse um conhecimento difundido a possibilidade de demonstrar interesse e pressionar a instituição a qual deseja que seus filhos estudem. Há um período específico, no final do ano, para manifestar interesse na matrícula das instituições e Sônia sempre se mobilizou para colocar o nome de seus filhos na lista de espera das escolas do Centro que ela considerava de boa qualidade.

Ela considera alguns pontos para determinar o que é uma boa escola: as escolas municipais são melhores que as escolas estaduais; a estrutura física da escola; e o público que ela atende, que é concomitante a localização da instituição. Segundo Sônia, as escolas municipais seriam mais organizadas, com mais recursos e possuiriam mais e melhores condições de realizar projetos educativos. Ela afirma, contudo, que os benefícios sociais oferecidos por essas instituições nunca foi o que lhe motivava a matriculá-los ali, demonstrando também que tinha maiores ambições escolares do que algumas famílias do seu meio:

Não... eu nunca fui assim, de querer meu filho por causa de leite, até porque eu não dava leite. Não é por conta disso, eu achava um absurdo quando eu via uma mãe pegar um leite e vender, pegar e brigar por causa de leite... “ah, você vai só por causa de leite?” não! Eu procurava o aprendizado. Eu sempre tive essa concepção, independente se eu fiz faculdade, ou não. Eu queria que eles aprendessem, eu queria que fosse o melhor pra eles no aprendizado. Não, não me importava se não tinha leite, se não tinha perua.

Ao pontuar a sua indiferença para o acesso a outros benefícios sociais a partir da escolarização e recriminando mães que se preocupam com isso, Sônia também marca a sua distinção com a população mais vulnerável do bairro.

A instituição que melhor atende aos requisitos dessa mãe é a escola central Macaé Evaristo, uma escola municipal que atende toda a educação básica, possui boa estrutura física

e que fica na parte “de cima” da linha do trem, como ela pontua. Sônia conta que na época dos seus filhos mais velhos essa instituição era mais disputada do que atualmente, e ela demorou anos até conseguir uma vaga para eles ali: o Rodrigo já estava no EM e se recusou a fazer a transferência, preferindo a comodidade da escola mais próxima, formando-se na escola Benevides; a Thais foi para a Macaé Evaristo no final da segunda etapa do Ensino Fundamental e terminou sua escolarização básica nessa instituição. No momento da entrevista, o filho Felipe estava matriculado no 5º ano do Ensino Fundamental também na Macaé Evaristo a partir da mobilização de Sônia que demonstrou interesse para que ele estudasse ali e prontamente foi atendida, o que, segundo ela, demonstra que a instituição não está mais tão concorrida.

O caçula foi primeiramente alocado, via sistema da Secretaria de Educação, para uma escola estadual no bairro da Vila Xavier, onde eles moravam na época, mas Sônia tinha uma péssima imagem dessa instituição. Segundo ela, os banheiros eram sujos, com infraestrutura precária. Além disso, sendo uma escola “da parte de baixo” do bairro atendia a um público a qual Sônia quer se distinguir:

“Sabe quando você vê a mãe muito largada? Muito desbocada? Sabe? Eu nunca gostei muito desse ambiente. [P: Em que escola você acha que tinha isso?] Na Benevides... lá na Vila Xavier que tinha muito... A creche lá – que como eu morava perto da creche – eu via muita mãe desbocada; se já tivesse isso eu já nem pensava em pôr, nem pensava! Então eu não sei te dizer se é um preconceito, eu não sei te dizer.”

Assim, a partir de uma imagem negativa das instituições que se localizam e atendem o público em piores condições sociais do bairro, fazendo ainda uma relação entre instituições municipais e estaduais, Sônia hierarquiza as escolas da região a partir de um conhecimento prático. Ao longo de sua formação em pedagogia ela também fez estágios nas escolas da Vila Harmonia, na EMEI e na escola Benevides, o que corroborou com sua imagem negativa dessas instituições:

Eu achava muito largado... se eles quisessem aprender... Eu vi, eu fiz um estágio e eu vi... Eu sei que, assim, não por conta das professoras... sei lá... Os livros... sei lá... faltava, faltava. Não puxa tanto, acho que a educação tinha que ser bem melhor. Eu sempre pensava isso.

Todas as escolas onde os filhos estudaram eram “fracas”, segundo ela, em projetos e outras atividades que envolvem os alunos na instituição e os motivam a estudar. Apesar dessa

condição negativa da educação que é inevitável diante das opções das escolas públicas do bairro, Sônia considera que quem faz a escola são os alunos, dependendo deles a boa vontade escolar e o bom desempenho. E mesmo essa mãe se preocupando sistematicamente em colocar seus filhos nas melhores instituições disponíveis, sendo presente nas reuniões e eventos da escola, não admitindo que eles faltassem e acompanhando o desempenho deles a partir da constante comunicação com as escolas, Sônia não conseguiu despertar o interesse dos filhos na educação escolar. Rodrigo não tirava boas notas, tendo dificuldades em manter uma nota mediana. Na 4ª série a sua professora chegou a chamar a Sônia para conversar da possibilidade dele ser reprovado, algo que não foi bem aceito por essa mãe na época que se esforçou para que o filho fosse aprovado; hoje, após ter feito o curso de pedagogia ela afirma que se arrepende dessa decisão que fez com que Rodrigo fosse agravando suas dificuldades escolares no decorrer das etapas: “Eu achei que ele foi empurrado (...) Então, é isso, eu acho que se eu tivesse feito pedagogia antes eu pegava mais no pé, entendeu? E eu fui deixando, fui deixando, não soube...”. Assim como o pai, Rodrigo gosta muito de futebol e não se interessava pelos aprendizados escolares, mas Sônia nunca admitiu que seus filhos reprovassem ou abandonassem a escola: “O Gu eu peguei menos no pé, hoje eu me arrependo que eu peguei pouco no pé dele. Que o Rodrigo é só futebol que nem o pai dele. Mas tem que terminar, pelo menos o Ensino Médio”. Após a conclusão da educação básica ele não quis ingressar no ensino superior, mesmo com o suporte financeiro e emocional da família para que ele estudasse junto com seu pai na faculdade privada do bairro.

A conquista do diploma do EM é algo inegociável para essa mãe que em sua trajetória escolar o completou sem dificuldades (uma conquista da sua geração) e que compreende que este título está desvalorizado com a ampliação do acesso ao ensino superior.

A Thais, por sua vez, tinha mais facilidade com o aprendizado, destacando-se principalmente nos conteúdos de português. Ela venceu um concurso de redação promovido por um candidato a deputado da região entre as escolas públicas do bairro; como prêmio, ela e mais algumas alunas vencedoras ganharam uma festa de debutante coletiva, realizada em um grande clube esportivo da Zona Leste de São Paulo. Por outro lado, Thais sempre teve problemas de comportamento, mesmo quando era evangélica e frequentava assiduamente a igreja; após a sua saída, esses maus comportamentos pioraram: “De estudar ela sempre foi esperta. Não era fã igual eu, CDF, mas em questão de levar de qualquer jeito, ela levava de qualquer jeito e eu sempre no pé”. Sônia era chamada constantemente na escola para falar sobre os conflitos que a filha se envolvia com professores e colegas, mas tinha muita

dificuldade de educá-la nesse sentido sem o apoio do esposo que deslegitimava suas estratégias:

“Na minha ignorância... não estudava, não tinha feito pedagogia ainda, brigava, brigava muito com ela. Falava, “eu não aceito”, não chegava a bater. Mas meu marido, tem essa mania, você vem, tá falando de alguma coisa e ele vem com uma brincadeira; então, ela nunca me levou a sério, porque as vezes eu tava tentando falar pra ela o correto, o certo, “não, não é assim, você tem que fazer diferente”, aí meu marido vinha com brincadeira; ela nunca me levou a sério, né? Então...”

Essa falta de seriedade do pai é, de certa forma, internalizada pela filha que chegou a protagonizar um episódio de conflito em sua escola, postando na internet um vídeo de um aluno negro que se machucou em uma situação da escola. Tal situação causou grande constrangimento para a Sônia que precisou se desculpar por ela e pela filha que continuava alegando ter sido uma brincadeira mesmo após ser acusada de racismo. Thais também teve problemas ao discutir e desrespeitar os professores, situações essas em que Sônia sempre se desculpava pela filha e tentava corrigi-la em casa, com conversas e discussões.

Ao longo do seu Ensino Médio Thais trabalhou em um escritório de crédito para aposentados e pensionistas, auxiliando nas contas da casa e adquirindo uma autonomia financeira. Os pais incentivaram a filha a ter esse primeiro emprego acreditando que ela poderia criar mais responsabilidades e, conseqüentemente, diminuiriam os conflitos dela com a família e com a escola; algo que não ocorreu de fato.

Thais chegou a pensar em fazer veterinária ou enfermagem, mas como ela engravidou logo após a conclusão da educação básica esse desejo tornou-se uma possibilidade mais distante, talvez retomada futuramente como a sua própria mãe que também engravidou do primeiro filho aos 17 anos de idade. O companheiro de Thais, pai do bebê, está completando o Ensino Médio e tem pretensão de fazer um curso técnico de bombeiros após a educação básica. O ensino técnico seria uma saída para se profissionalizar e lidar com a desvalorização do Ensino Médio no mercado de trabalho.

Na escolarização de Felipe, o filho caçula, Sônia já tinha cursado pedagogia e afirma estar educando-o de maneira diferente dos demais filhos: evitando as constantes trocas de instituição e acompanhado mais sistematicamente os acontecimentos escolares dele. Ele possui um primo de quase a mesma idade que mora na mesma rua e eles brincam diariamente de futebol ali. Sônia, apesar de gostar dessa amizade que costuma ser sempre supervisionada

por um adulto, fica apreensiva que Felipe seja influenciado pelos hábitos da família desse primo, em que a criança possui espaço de negociação caso não queira ir para escola, não reconhecendo, como ela, a escolarização como o principal compromisso das crianças e jovens:

“Tanto que eu ouvi uma diretora uma vez falando em uma reunião: “Mães, você tem que incentivar seus filhos a virem pra escola”, isso eu tenho já na minha cabeça, “Que o primeiro compromisso que eles tem que ter é com a escola; não é vir quando quer”. Isso eu já tenho e eu acho um absurdo pensar diferente e pensam... Tem horas que eu desfoco ele, eu tiro... ele gosta de brincar, tudo, tudo bem que é primo, mas não é porque faz lá que eu deixo aqui... de jeito nenhum!”

Sabendo dessa possível influência do meio na vida dos filhos, somado ao seu comportamento ascético motivado pela religião, Sônia sempre se preocupou que as amigas pudessem atrapalhar nos estudos e nos bons comportamentos dos filhos. Ela confessa que não soube lidar com isso com a Thais, na qual ambas brigavam constantemente ao longo da adolescência da filha sem que essa escutasse os conselhos da mãe. Segundo Sônia, foi uma amiga da escola que a teria influenciado negativamente; com o Felipe ela procura agir diferente, assumindo a estratégia da conversa e controlando – enquanto ainda consegue – sua sociabilidade.

Apesar dessa maior preocupação e acompanhamento da educação do filho caçula, com conhecimentos especializados sobre educação escolar e desenvolvimento infantil a partir da sua formação em pedagogia, Sônia também encontra dificuldades de despertar o interesse pela escola em seu filho, disputando a atenção com outras atratividades do seu contexto. Na última reunião escolar dele, antes da entrevista, Sônia foi informada que seu filho fala muito durante as aulas, prejudicando o aprendizado da sala e o seu próprio, e que se ele continuasse com esse comportamento ao longo do ano haveria o risco de ele reprovar o 5º ano do EF. Diferente dos demais irmãos, Felipe ficou aflito com essa possibilidade depois que sua mãe lhe alertou da situação, preocupando-se em melhorar seu comportamento e suas notas.

Nenhum dos filhos fez alguma atividade extracurricular ou contraturno da escola ao longo da infância e da adolescência. No período livre eles brincavam com os amigos na rua, de maneira supervisionada, ou dentro de casa, ou também ficavam na televisão ou na internet do celular. Por esse aparelho Felipe gosta de ficar em jogos e assistir vídeos. Na casa, ninguém possui o hábito da leitura. Assim, apesar da Sônia se preocupar com a educação

escolar dos filhos, pensando nos seus benefícios para uma melhor posição no espaço social e no mercado de trabalho, ela não possui disposições valorizadas na escola que despertem o interesse pelo conhecimento escolar nos filhos e nem condições financeiras para investir a partir de algum curso extracurricular. Ademais, no contexto em que vivem não há exemplos de muitas pessoas que conquistaram melhores posições no espaço social a partir da escolarização, mesmo a Sônia considerando que o acesso ao ensino superior tenha se ampliado e seja requisito básico para melhores posições no mercado de trabalho.

Apesar de possuir suas concepções do que é uma boa escola e mover esforços para que seus filhos sejam matriculados ali, além de fazer uma graduação em pedagogia visando melhorar a educação dos filhos, Sônia também se distancia do cultivo orquestrado (LAREAU, 2007), próprio das classes médias. Nos momentos de conflito com a instituição escolar ela sempre possuía uma postura passiva diante das decisões da instituição, sem questioná-la, mesmo que isso contrarie suas concepções de vida e religiosas: ao ser questionada sobre a existência da festa junina no calendário escolar ela conta que não via problema deles participarem quando pequenos, achando gracioso vê-los fantasiados, mas depois que eles começaram a crescer Sônia os orientou a não mais participarem, o que não foi motivos de conflito com a instituição escolar; porém, Thais teria sido informada pela escola durante o EM que a participação era obrigatória na festividade, pois implicaria em notas, o que não foi contestado pela Sônia que não viu problemas na situação.

A relação de Sônia com a educação escolar se aproxima do que Thin (2006) assinala como relação instrumental, isto é, orientada pela expectativa de que os conhecimentos e as credenciais escolares sejam eficazes em termos simbólicos e econômicos. Compreendendo a desvalorização do EM com a ampliação do acesso ao ensino público (ganhos escolares vividos por sua geração), Sônia deseja que seus filhos ingressem no ensino superior ou, uma alternativa inferior, o ensino técnico, para que tenham mais garantias de melhores e mais estáveis postos de trabalho. Porém, ela possui muita dificuldade de efetivar esse desejo com a falta de apoio do esposo, que não compartilha as mesmas expectativas, e com o contexto do bairro que parece ir na contramão de seus anseios escolares, “empurrando para baixo” como ela diz. Como veremos a seguir, Sônia também encontra dificuldades de efetivar sua estratégia de reprodução moral; basicamente pelos mesmos motivos.

Regulação social e moralidade

Sônia conta que a sua inserção na vida religiosa estaria relacionada ao fato dela se tornar mãe que seria acompanhado por uma preocupação com a formação moral dos filhos:

“Mas é que quando a gente tem filhos a gente começa a ter um pensamento diferente, a gente começa a ter medo de umas coisas, a gente sabe que tem que levar nossos filhos no caminho certo, você tem que procurar um caminho que eles possam crescer corretamente, entendeu? Tem gente que fala: “Ah, é normal você deixar sair pra ir pra um baile...”. Tudo bem, eles tão adolescentes agora, mas é uma coisa que eu não consigo aceitar, não consigo. A minha cabeça é lá das pessoas antigas: de dormir fora, de salão... Hoje também, porque tá bem mais perigoso, né? Ou as coisas são bem mais escancaradas, né? Porque antigamente as coisas, era tudo mais coberto, né? É uma coisa que eu não consigo aceitar, eu não consigo!”

Apesar dessa estratégia deliberada de criação dos filhos, na qual a sua denominação religiosa é a mais ascética do bairro e se coloca de maneira contrária a práticas que costumam ser atrativas ao público jovem, como os “bailes”, Sônia não conseguiu a partir de seus estímulos e orientações inserir seus filhos adolescentes na vida religiosa e criar disposições ascéticas valorizadas por ela e fortalecidas pelos dogmas da igreja. Rodrigo, Thais e Felipe, apesar de desde pequenos irem à igreja não chegam a ser “filhos do evangelho”, pois o pai nunca foi a igreja; o que é um conflito para a Sônia que compreende o homem evangélico, discurso reforçado pela Congregação, também deve ser presente no lar e na criação dos filhos. A religião, então, também parece ter para a Sônia uma relação instrumental, de regulação dos papéis familiares: boa esposa, bom marido e bons filhos³⁷

Assim, sem um suporte para uma educação religiosa e ascética, essa mãe conseguiu fazer com que seus filhos mais velhos a acompanhassem nos cultos e nas atividades religiosas apenas enquanto eles ainda eram dependentes dela socialmente; o filho Felipe, de 10 anos, que a acompanha também demonstra não gostar muito dos seus compromissos religiosos.

³⁷ Essa busca pela família nuclear, ideal no discurso religioso, se contrapõe a experiência de família que ela teve ao longo do seu crescimento. Sônia, assim como a mãe Júlia (família D da pesquisa), foram crianças em circulação, sendo criadas por outras mulheres que não suas mães biológicas. Para saber mais sobre o tema, ver Sá (2017).

A filha Thais continuou com as práticas religiosas ao longo de sua adolescência em uma outra igreja, mais atrativa para o público jovem e na qual ela fez amizades e conheceu seu primeiro namorado. Sônia, porém, não gostava muito da denominação frequentada pela filha, pois essa teria dito coisas contrárias a Congregação Cristã do Brasil e teria batizado a adolescente sem o consentimento da mãe. Assim, as duas que sempre brigaram muito (divisão das tarefas da casa, sempre feminina, e por empréstimos de roupas) também tiveram conflitos por motivos religiosos. Apesar disso, Sônia conta que a filha era “bem mais tranquila” quando frequentava a igreja, não possuindo o hábito de mentir e nem gostava de frequentar festas como ocorreu após seu afastamento da religiosidade. Antes de sua saída Thais tinha uma sociabilidade restrita entre os seus compromissos escolares, familiares e religiosos; seu namorado da época, também assembleiano e já completado a escolarização, buscava-a diariamente na escola. Segundo a mãe, porém, por influências de amizades da escola Macaé Evaristo, quando ela estava no 2º ano do EM, Thais teria parado de frequentar a Assembleia de Deus, rompendo também seu relacionamento de mais de três anos:

“Mas dessas amizades, quando eu falo, é de uma menina só. A amizade dela, na verdade, era só homem, né? Era só homem. E essa menina que ela justamente tinha amizade que foi incentivando ela a mentir, entendeu? Eu sei que ninguém obriga ninguém a nada, só que foi a partir da amizade dela.”

A escola Macaé Evaristo, mesmo sendo uma das melhores instituições da região, foi o local onde a filha se “desencaminhou”, contrapondo-se ao comportamento ascético que ela costumava ter sendo integrante da Assembleia de Deus. Apesar de já haver muitas discussões entre mãe e filha também sobre religiosidade, é na escola que Sônia perdeu o controle sobre a sociabilidade da filha.

Com a sua saída da igreja, Thais começou a mentir onde estava, frequentando festas, talvez fumando narguilé e usando álcool, além de se relacionar com alguns homens, atitudes essas inconcebíveis para Sônia que nunca teve esses hábitos. Arnaldo, seu esposo, também não consome álcool e nunca fumou, nem quando jovem. Porém, apesar da falta de exemplos no ambiente familiar, os jovens da Vila Harmonia convivem com o estímulo de uma cultura jovem que estimula essas práticas: ao longo da pesquisa abriram pelo menos três bares específicos para o uso de narguilé; há inúmeros bares pelo território; ao caminhar pelo bairro nos deparamos com jovens usuários de drogas e as festas de funk ou samba também são muito comuns. E mesmo o pai também não sendo um exemplo para essas atitudes, Sônia não podia contar com o esposo para a educação ascética dos filhos, sentindo-se impotente nos momentos

de conflito: “Ah, eu ficava muito ameaçando. Porque isso eu acho que tem que fazer. [P: Você ameaçava em que sentido?] Bater, esconder o celular, quebrar o celular, não comprar mais celular se tivesse...se perdesse; tudo eu falava pra... mas não adiantava [risos]”.

Rodrigo, o filho primogênito, apesar de não ter se comprometido com uma crença religiosa que promove o asceticismo, como a Thais, nunca teve esses hábitos durante a adolescência; segundo a Sônia, o seu interesse estaria apenas no futebol, como o pai. No momento da entrevista ele tinha iniciado recentemente seu primeiro emprego em uma loja e conquistado uma maior independência financeira e com isso, como diz sua mãe, “querendo pôr as asas pra fora”: saindo para namorar, para ir em bares e festas. A relação mais tranquila dessa mãe com o Rodrigo em relação a filha Thais parece estar tanto relacionada a uma ideia de o homem estar mais autorizado a circular pelos espaços públicos do que as mulheres, quanto, e concomitante a isso, ao seu hábito de informar por onde circula, atendendo também prontamente o seu celular quando a mãe o liga.

Apesar dessa maior liberdade, Sônia também busca controlar a sociabilidade do filho mais velho. No momento da entrevista, um sábado à noite, Rodrigo saiu para ir a um samba, mas antes teve que responder a algumas perguntas sobre o local e o horário de retorno, sendo também informado que ela ligaria para seu telefone caso ele não voltasse no horário combinado. Ela também confia que ele não consome álcool ou outras drogas.

Assim, de maneira geral, Sônia tenta controlar a sociabilidade de seus filhos, sempre buscando saber onde vão, com quem e que horas voltam. Com o filho Felipe, que ainda é criança, ela consegue ter um controle mais assíduo, não permitindo ainda que ele circule pelo bairro sozinho, sem a companhia de um adulto.

Ela diz não se importar se os amigos ou namorados de seus filhos são religiosos ou não, mas que se preocupa em saber quem são e/ou se possuem histórico de maus comportamentos:

“Mas eu vejo, assim, se é um menino muito de rua; se a mãe deixa ele ficar muito à vontade eu deixo. [Mas] brincou um pouquinho... (...) Ah, eu fico vigiando... Quando eu sei que tem amizade com um menino que já ouvi histórias, né? Aí eu já fico querendo saber quem é, ou se eu conheço eu falo “evita, não fica andando...”. Eu cobro muito, eu cobro muito nessa parte [do consumo de drogas]”

Sônia não conseguiu inserir seus filhos na religiosidade evangélica e a possuírem disposições ascéticas, mas ela acredita que ter os criado a partir dessa referência foi positivo para a educação deles, pois, “se já vai pra igreja já tem essa consciência que o respeitar é em primeiro lugar”; mesmo a Thais, a única filha que chegou a se batizar no evangelho, ficando até os seus 16 anos na igreja, tendo vários episódios de desrespeito a colegas e professores da escola. Em relação a isso, ela acredita que a filha viveu uma fase crítica da adolescência e crê, tanto para ela quanto para o filho mais velho, que eles retornarão aos compromissos religiosos com a maturidade, assim como foi com ela. Ela também crê que um dia seu marido se converta ao evangelho e, com isso, torne-se um esposo e um pai mais presente. Além da regulação de papéis familiares que ela acredita que a conversão de Arnaldo implicaria, o casal também compartilharia as mesmas expectativas de regulação moral dos filhos; o que poderia trazer mais vantagens para a sua estratégia de reprodução moral, ineficaz até então.

Expectativas de futuro

Ao ser questionada sobre o que espera para o futuro dos filhos Sônia comenta três grandes desejos: que eles tenham uma vida profissional estável; que eles se convertam ao evangelho; e que se casem com boas pessoas.

Em relação a vida profissional Sônia deseja que os filhos tenham um “bom emprego” que lhes garanta estabilidade financeira social. Ela acredita que para isso é necessário a profissionalização e que o ensino superior é o melhor caminho para isso, mas considera também que um curso técnico também pode dar acesso a essas condições. Pensando também na sua própria relação com a sua formação de nível superior, Sônia também comenta que deseja que eles trabalhem com algo que gostem. Ela parece falar do ensino técnico principalmente em relação ao seu filho mais velho, Rodrigo, que nunca se interessou pelos estudos e não possui o desejo de ingressar na faculdade, como seus pais. Thais falava ao longo do final do seu Ensino Médio que gostaria de fazer faculdade, veterinária ou enfermagem, mas não chegou a concretizar essa sua vontade após sua gravidez não planejada no início de 2019; mesma idade que sua mãe engravidou do primeiro filho. O filho caçula, Felipe de 10 anos, ainda está longe de pensar em faculdade, mas Sônia fala de seus estudos com entusiasmo, comentando que ele já falou que queria fazer um “curso digital”, sobre tecnologia.

Ela parece se sentir frustrada com as escolhas escolares de seus filhos mais velhos, lamentando que seria diferente caso seu esposo fosse mais presente na criação dos filhos: “Se meu marido fosse assim que nem eu, de pegar no pé em relação a estudo, eu tenho certeza que eles não tinham.... que eles tinham ido mais além”.

Ainda sobre a ocupação profissional, Sônia parece ter internalizado nos filhos mais velhos o valor pelo trabalho, que garante estabilidade social e independência. Ao longo do Ensino Médio Thais trabalhou por iniciativa própria e reservava parte do seu salário para colaborar com as contas da casa. Rodrigo está no seu primeiro emprego e possui a mesma atitude. Tudo o que eles desejam comprar para eles próprios enquanto moram com os pais deve considerar essa obrigação que possuem com as contas da casa. Thais, que foi morar com seu esposo após engravidar, começou a trabalhar após três meses do nascimento de sua filha, como auxiliar de fotógrafo do cunhado do seu marido; um emprego formal, mas que não requer o diploma técnico ou superior.

Em relação à vida religiosa, Sônia crê – a partir de uma revelação religiosa – de que o destino dos seus três filhos está na Congregação Cristã do Brasil participando enquanto músicos.

“Eu creio que Deus tem promessa, então eu creio, né? Eu tenho que crer, né? Não faz sentido eu ir na igreja, né... Mas eu acredito que sim, que é coisa de tempo, que ela vai amadurecendo, que o tempo vai passando, ela vai ver que o que eu falava pra era real, que eu quero o bem, que eu quero que ela estude, que acima de qualquer coisa ela tinha que respeitar todo mundo, como eu, o pai, o professor.”

Essa fala de Sônia acima, específica sobre a Thais, também serve para exemplificar o que essa mãe crê para o futuro religioso do Rodrigo, que no momento da pesquisa negava qualquer interesse religioso. Em relação ao Felipe, ele ainda acompanha a mãe nos eventos religiosos; até que ele continue a participar ele estaria no caminho certo.

O seu sonho de ver os filhos casados também tem uma implicação religiosa, fazendo uma relação entre ser evangélico e ser uma boa pessoa. Ao ser questionada especificamente sobre o desejo do matrimônio ela me respondeu:

“Principalmente [penso sobre casamento]! Eu falo pro meu filho, o mais velho: “Procura uma menina mais de família, entendeu? Que ela possa ser uma boa esposa pra você”; pra ela [Thais] a mesma coisa. Meu sonho é que eles peguem alguém da igreja, né, mas às vezes a gente sonha demais, não

sei... Mas que nem a Thais, por exemplo, eu não queria que ela fosse no mundo, que ela fosse procurar no mundo, que eu não queria que ela sofresse. Eu queria que ela pegasse alguém da igreja, mas eu sei que em todos os lugares têm pessoas boas e têm pessoas ruins, mas assim, é... alguém estruturado.”

Ela crê também que o futuro matrimonial da Thais está reservado para alguém da igreja e reprova o seu atual companheiro, pai da sua filha. Ele é todo tatuado, algo religiosamente reprovado por Sônia, e não parece que conseguirá ser um bom marido para sua filha, dando a estabilidade financeira e social que ela sonha para seus filhos.

*

Sônia acredita na escolarização como meio de acesso a melhores e mais estáveis condições sociais. Ela criou ao longo da criação dos seus filhos algumas estratégias para que eles tivessem o que ela considerava a melhor educação: buscava as melhores escolas, fez pedagogia e ampliou a sua fé na religiosidade evangélica, acreditando que isso que lhes conferiria uma melhor formação moral. Porém, no que tange a escolarização, seus filhos parecem reproduzir as condições de vida da geração de Sônia, sem conseguirem dar continuidade ao percurso de ganho da escolarização – facilitado com a ampliação do acesso ao ensino superior – e de posição social que ela deseja. Também, o seu esforço de transformar a ascense em uma estratégia de regulação moral, impulsionada pela religiosidade, não encontra relações objetivas que permitam transformá-las em práticas ou organizar as relações familiares e de sociabilização que a Sônia espera. A não eficácia dessas estratégias parecem ocorrer principalmente por dois motivos: seu marido não compartilha das mesmas expectativas e projetos que ela em relação a educação escolar e moral dos filhos, tirando a legitimidade de suas estratégias. Assim, há um duplo controle moral na casa, em que suas expectativas não são hegemônicas. O segundo fator preponderante que vai de encontro com seus projetos é o próprio contexto do bairro, que “puxa pra baixo”, com uma socialização jovem impulsionada para o uso de drogas e com manifestações da sexualidade, além do baixo nível escolar que é majoritário no bairro. Dessa forma, suas estratégias acabam sendo de defesa, evitando o território. São estratégias negativas e não prospectivas, comuns aos meios populares.

5.3. Família C – Avó Angelina

O contato com Angelina se deu a partir da indicação da pastora Rose, da Igreja Pentecostal Amor e Prosperidade com Cristo. Durante todas as idas aos cultos ao longo da segunda etapa da pesquisa Angelina estava presente, sendo uma das fiéis mais assíduas da igreja, sempre acompanhada da sua neta Barbara. A pastora a indicou sem dar muitos detalhes, sugerindo o seu nome e de mais duas mulheres que são responsáveis por jovens em idade escolar. Entre as demais mulheres, apenas Angelina aceitou de prontidão conversar com a pesquisadora, demonstrando no início uma grande vontade de contar sobre a sua vida. Após algumas ligações para marcar (e desmarcar) as visitas, fizemos a entrevista em sua casa. Angelina não demonstrou nenhum constrangimento com o gravador e com as perguntas feitas. Ao longo do dia da entrevista, sua neta Barbara e sua filha Claudia passaram pela casa e conversaram brevemente com a pesquisadora. Barbara que já me conhecia dos cultos se apresentou e contou alguns detalhes da sua escolarização que Angelina não sabia dizer. Claudia passou para visitar a mãe e trocar algumas informações sobre sua procura por emprego e sobre a possibilidade de Barbara conseguir um curso extracurricular que lhe foi oferecido.

Após, primeiramente, assumir o compromisso de orientar as aulas de pintura no centro cultural-educacional para terceira idade que frequenta, e depois devido a uma cirurgia malsucedida de catarata, ela cessou o contato.

Angelina tem 70 anos, é aposentada após trabalhar em diversos serviços de limpeza e em indústrias. Ela estudou até os dez anos de idade e afirma que na escola não aprendeu nada; é analfabeta e apenas sabe escrever o seu nome. Ela frequenta a igreja Amor e Prosperidade com Cristo com sua neta há cinco anos, no Médio Harmonia, e lá é obreira. Mora, porém, no bairro vizinho, Vila Xavier, também na região da várzea do Rio Tietê, em uma região equivalente ao Médio Harmonia. Ela chegou no território em 1991, após consecutivas mudanças em bairros da Zona Leste paulista, ao ganhar um terreno de um líder da ocupação que ali se instalava. Dessa forma, ela possui a casa própria, um sobrado, em que mora com a neta Barbara de 16 anos e com uma “irmã do coração”, alugando ainda duas pequenas casas no andar de baixo, uma outra renda para a casa. Angelina divide o quarto com a neta e a amiga fica em um quarto separado que tem acesso por uma parte de fora da casa.

No momento da entrevista, nenhuma das mulheres trabalhava; sua amiga, também da terceira idade, recebe pensão do ex-marido. A neta de Angelina, Barbara, está no 1º ano do Ensino Médio na escola Nísia Floresta no Centro de SMP, fazendo pela segunda vez essa série nessa mesma instituição; reprovou em 2018 após um ano conturbado da escolarização em que precisou mudar de escola.

A filha de Angelina e mãe de Barbara, Claudia, mora no bairro com um companheiro e parece não assumir nenhuma responsabilidade da criação e cuidado da filha. Ela é alcólatra desde a adolescência. Completou a educação básica e, devido ao vício, nunca teria se interessado em trabalhar. A relação de Claudia com a mãe, apesar de próxima, é conturbada e com muitas cobranças.

A pastora Rose percebe Angelina como uma mulher comprometida com as responsabilidades da igreja, assim como a sua neta que também a acompanha nos cultos, tornando-se no começo de 2019 secretária da pastora Rose. A filha de Angelina e mãe de Barbara, Claudia, não é batizada, mas frequenta uma igreja pentecostal em outro bairro da Zona Leste que tem como foco dependentes químicos e de álcool.

5.3.1. História pessoal – *“Mas a gente sempre fica com uma mágoa dentro de si. Eu tenho; porque de homem e filho eu não tive sorte”*

Angelina nasceu em Salomé, cidade do agreste alagoano, mas ainda bebê foi para Barreiras de Coruripe, no litoral de Alagoas. Ela é a caçula de uma família de oito filhos. Todos seus irmãos trabalharam na plantação desde a infância e ela começou aos cinco anos de idade. Parou de frequentar a escola aos dez anos, depois de ser expulsa por uma briga com um colega. Todos os demais irmãos frequentaram a escola; apenas a irmã mais velha teve uma escolarização interrompida como a sua, mas só a irmã retomou os estudos na vida adulta. Dessa forma, entre seus irmãos, Angelina é a única analfabeta.

Ela se casou aos 12 anos e oito meses com um homem de 29 anos, logo após a menarca, em um casamento arranjado pelo irmão enquanto passava um tempo em sua casa em Maceió. Ele não queria que ela voltasse para os casa dos pais, pois estaria “dando trabalho”; a mãe de Angelina a princípio não sabia desse acordo do filho. Todas as irmãs também tiveram casamentos arranjados pelos pais, mas ela foi a única a se casar na infância. A sexualidade

feminina sempre foi muito controlada em seu ambiente familiar; uma outra irmã mais velha chegou a ser expulsa de casa após perder a virgindade com o namorado da época.

Desse primeiro casamento, teve três filhos, mas dois faleceram por volta dos dois anos de idade. Foi um casamento marcado por violências, alcoolismo e traições do marido. Por isso, ela fugiu para São Paulo aos 18 anos junto com o filho. Na capital paulista revezou a hospedagem entre as casas de dois irmãos que moravam na Zona Leste, um em Cumbica e a outra em Artur Alvim. Seus sobrinhos maltratavam seu filho que ficava na casa dos irmãos enquanto ela trabalhava durante a semana em casa de família como empregada doméstica. Assim, por ter motivos para não confiar na família se mudou diversas vezes pela Zona Leste da cidade, entre a casa dos irmãos e entre quartos e barracos de madeira. Vivendo sempre em condições de vulnerabilidade social, o filho começou a trabalhar por volta dos dez anos na Guarda Mirim, no contraturno da escola, fazendo também bicos de carregador de supermercado. É nesse período que ela se casou pela segunda vez, aos 25 anos, com um amigo do irmão; casamento consentido, porém por conveniência por causa de sua condição de vulnerabilidade social. Esse marido também era alcólatra e possuía uma amante; tiveram seis filhos, mas apenas Claudia sobreviveu até a vida adulta, os demais morreram ainda na infância. Assim como no primeiro casamento, fugiu de casa com os filhos após consecutivos casos de violência, inclusive um episódio no qual ela mesma chegou a quase matar o marido. Ela se casou mais uma vez, mas seu terceiro esposo a abandonou no mesmo período em que o filho mais velho dela é assassinado, quando Angelina tinha 40 anos. Assim, do total de 11 gestações, só Claudia está viva.

Morando há 52 anos em São Paulo, ela voltou para visitar os familiares em Alagoas apenas uma vez. Alguns de seus irmãos cogitam dela ir morar lá, mas ela tem receio de deixar sua vida em São Paulo com o risco de não ser bem aceita pelos filhos e netos dos irmãos, como já aconteceu no passado e, assim, voltar a não ter onde morar.

Como apontado por Pinto et al (2011), Angelina constrói sua identidade como mulher, mãe e avó, “a partir dessa exposição à violência e do seu enfrentamento” (p. 176) e buscou criar seus filhos e, agora, sua neta de maneira a evitarem os sofrimentos que sentiu.

5.3.2. Religiosidade – *“E agora que eu sou da igreja também, que eu também não sou santa”*

Angelina cresceu em uma família católica não praticante. Antes de “virar crente”, como ela mesma fala, frequentava esporadicamente as missas de uma capela de Nossa Senhora Aparecida que há na Vila Xavier. Há seis anos começou a frequentar igrejas evangélicas, estando há cinco anos na Igreja Pentecostal Amor e Prosperidade com Cristo da pastora Rose. Confessa que não gostava muito dos evangélicos antes de se converter, irritando-se com o proselitismo; mas mesmo assim frequentava, ainda mais esporadicamente que a igreja católica, alguns cultos em casas de amigos.

“Eu não gostava de crente não. Quando passava algum vizinho e falava ‘bora pra igreja?’ e eu, ‘não! quando Deus me tocar eu vou’. Essa era a minha resposta. Era uma palavra assim que os crente dizia ‘Aleluia!’, e pra mim tirar um sarro, porque eles falavam muito ‘aleluia’, eu respondia: ‘um bife no prato, farinha na cuia’ [risos]. Eu falava assim, porque eu nunca tinha vontade de ser crente, nunca, nunca.”

É a partir do convite de uma inquilina que ela começou a ir a uma igreja pentecostal local da Vila Xavier, batizando-se e frequentando ao longo de um ano. Angelina interrompeu o contato com essa igreja após se sentir desconfortável com o comportamento de um casal de jovens que ficavam namorando dentro da igreja. Ela chegou a questionar os pastores responsáveis, mas esses não tomaram nenhuma atitude em relação a isso e um deles chegou até mesmo a evitá-la. Durante esses desencontros, uma amiga lhe falou da Igreja Amor e Prosperidade com Cristo, da Vila Harmonia, lhe afirmando que a pastora dali tinha uma pregação que lhe agradaria. Depois de frequentar umas duas vezes a igreja da pastora Rose, ela se dirigiu a um dos pastores da antiga igreja que frequentava e o avisa que está mudando de igreja. A moralidade dentro da igreja, principalmente a sexual, é um ponto que é importante para a Angelina. Por mais que ela não pontue nenhuma situação específica que a tenha impulsionado a começar a frequentar a igreja, sua inserção ocorre no período em que sua neta está com onze anos, próxima a fase da adolescência, o que parece ser uma forma dela conseguir controlar e conduzir a socialização de Barbara.

Angelina possui uma vida religiosa ativa, vai a todos os cultos e só se ausenta quando está com chuva muito forte, mesmo morando a um quilômetro de distância da igreja. Ela paga

a conta de água da igreja, além de colaborar com o dízimo. Por essa assiduidade, foi nomeada obreira, mas se recusa a assumir outras funções. Por um tempo, chegou a sediar em sua casa alguns cultos, tentando expandir a denominação para o bairro onde mora; mas não gostou da experiência, afirma que não sabe pregar e que não sabe ler, o que dificultaria o cumprimento dessa atividade. Esses cultos em sua casa também estavam vazios. Apesar de não saber ler, carrega a Bíblia; suas principais práticas religiosas, afora os cultos, são orar e jejuar.

A igreja parece de fato ser uma rede de apoio para a Angelina e a sua neta que vão diariamente aos cultos e possuem relação de confiança com a pastora e outros integrantes da igreja, porém, como veremos na sua relação com o território, ela não se limita a uma socialização exclusivamente evangélica, contando principalmente com as amizades antigas da vizinha.

Talvez por sempre conviver com homens alcoólatras e violentos, começando por seu pai, Angelina afirma que nunca gostou de beber, de dançar, de fumar, mesmo antes de se tornar evangélica. Ao longo da entrevista, ao contar de sua vida, afirma que tinha tudo para se “perder na vida”, ter algum vício, ou se tornar prostituta, mas que ao longo das dificuldades que passou sabia que esses caminhos não a salvariam de sua condição de pobreza. Mesmo se convertendo, não parece recriminar esses atos por uma motivação religiosa, mas sim pelos malefícios que trazem para a vida de maneira geral.

“Mas, sabe, eu acho que uma pessoa só entra numa coisa se quer, se quer! Era pra eu ser a mulher mais puta do mundo se eu não pensasse em mim! Entendeu, Marina? Mas eu não, isso não ia me levar a nada! Ao desespero... Não é porque um casamento não deu certo, porque... porque um outro rapaz não deu certo, um outro também não deu... Pus a cabeça no lugar, eu vi que não era vantagem pra mim. Eu vejo o sofrimento das outras por aí, que fica pegando os homens das outras, bebendo, isso e aquilo outro. Não, não, não! Isso nunca foi pra mim, nunca foi! E agora que eu sou da igreja também, que eu também não sou santa também; mas na base de beber, dançar, fumar, essas coisas toda... não! de jeito nenhum!”

Ela não educou os filhos para uma confissão religiosa, mas Claudia já frequentou terreiros de candomblé ou umbanda e atualmente vai à alguns encontros de uma igreja pentecostal que dá suporte a pessoas com problemas com bebida alcoólica, em Itaquera. A neta Barbara, por sua vez, sempre acompanhou a avó na igreja, no período em que era católica e, atualmente, de maneira assídua na Amor e Prosperidade com Cristo. Também por ser

assídua, é obreira e foi nomeada no começo de 2019 a secretária da pastora Rose, organizando suas atividades religiosas. Bárbara também ficou noiva nesse período de maior assiduidade religiosa de um jovem que conheceu na igreja e é três anos mais velho que ela. Em uma conversa rápida com a pesquisadora, Barbara conta que ela e o noivo, apesar de serem assíduos nos cultos, não jejuam como é recomendado pela doutrina religiosa, tendo como punição de Deus consecutivas brigas no relacionamento, principalmente relacionadas ao ciúme.

Ao olharmos para a trajetória pessoal de Angelina que em diversas situações emergentes manteve autocontrole e se distanciou de práticas que sua igreja constantemente prega para combater – vícios, prostituição – Angelina parece fazer com que Barbara a acompanhe na igreja não apenas pela crença em si, mas como uma estratégia quase deliberada de controle da neta. Como veremos adiante, a avó procura ser bem rígida com a Barbara para que ela se afaste das trajetórias de vício, de gravidez na adolescência e de homosssexualidade, como ocorreu com sua filha Claudia.

5.3.3. Relação com o território – *“Aqui, antes, matava 10 e deixava 15 pra mais tarde”*

Angelina é uma das primeiras moradoras do bairro Vila Xavier, quando chegou, ali só havia pasto e mais algumas famílias construindo a própria casa. Ela chegou em 1991, após um colega que pegava cesta básica em Itaquera junto com ela lhe informar de uma doação de terrenos que estava ocorrendo na Vila Xavier, indicando um líder para que Angelina o procurasse. Após ir por uma semana no território com a carta de despejo da casa em que morava nas mãos, encontra o líder que haviam lhe indicado e consegue um bom terreno, em uma parte mais elevada na várzea do Rio Tietê, após mentir na quantidade de filhos: cinco ao invés de uma. Para ganhar de fato o terreno, precisaria levantar uma casa no período de um mês. Conseguiu o dinheiro para a construção emprestado de um vizinho e pagou vendendo bolo, lanches e utensílios de casa para as construções que se levantavam no bairro. No início, a filha Claudia dormia na casa da vizinha temendo que homens pudessem vir a noite para violentar a filha, enquanto Angelina ficava na casa inacabada. Sua patroa, na qual trabalhou por 24 anos como empregada doméstica, a ajudou financeiramente na construção da casa por

terem construído uma relação de afeto e confiança que se manteve mesmo após a saída de Angelina.

A casa foi construída aos poucos e atualmente ela mora no andar de cima, alugando o que antes foi sua casa no andar de baixo para dois inquilinos. Angelina divide o quarto com a neta e a sua amiga fica em quarto que possui acesso separado da casa; há também na casa um terraço coberto que liga os cômodos, uma cozinha e um banheiro.

Afirma que desde que chegou ao território essa área é violenta, contando diversos casos de homicídio. Atualmente ainda é violento, mas melhorou. Assim como na Vila Harmonia é comum ver os moradores das regiões Alta e Média culpabilizarem os moradores da ocupação pela violência local; Angelina afirma que a violência mais intensa ocorre “nas casinhas do fundo”, um local do bairro da Vila Xavier que se equivale ao Baixo Harmonia na relação com o território. O tráfico de drogas é intenso e há um ponto de vendas na rua da sua casa. Conta, com certo orgulho de sua façanha, que é devido a um caso de violência armada que conseguiu montar a cozinha da casa, pegando e posteriormente vendendo uma arma de um homem que tinha sido assassinado próximo de onde estava.

Apesar da violência e da presença do tráfico de drogas, ao ser questionada sobre o que seria pior no bairro, Angelina pontua questões relacionadas a moral: falta de respeito com doentes, falta de respeito com as pessoas em luto etc. Seu descontentamento é com a população mais recente e também mais jovem, que seriam desrespeitosos. Por outro lado, e quase de maneira contraditória, afirma que o melhor do bairro é o companheirismo, tendo vizinhos próximos que chegaram ao território no mesmo período que ela. Assim, Angelina possui amizade com as pessoas mais antigas do bairro, como ela, que lhe são solidárias e a ajudam mais que a filha quando precisam ir a algum médico; são, dessa forma, sua principal rede de apoio.

Assim, Angelina não possui pretensões de sair do bairro. A sua casa – própria e que ainda lhe garante uma renda com os aluguéis do andar inferior – é símbolo do lugar que lhe acolheu: lhe deram um terreno e lhe ajudaram a construir; essas pessoas se tornaram seus amigos e são mais próximas que seus próprios familiares. “Essa é a minha casinha, feita por mim”.

5.3.4. Escolarização Pessoal e Familiar – *“Eu não sei ler não, Marina; mas eu penso, eu penso”*

Angelina é a única entre seus irmãos que não é alfabetizada e que não frequentou de maneira sistemática a escola por um longo período. Ela interrompeu a escolarização aos dez anos, ao ser expulsa da instituição após uma briga com um colega. Do tempo que passou pela instituição não se lembra de muita coisa, mas afirma categoricamente que não aprendeu nada. Seus pais não chegaram a frequentar a escola e trabalharam desde a infância, assim como ela, em plantações. Os irmãos não têm ensino superior, mas alguns sobrinhos e sobrinhos-netos, sim: três são advogados. Angelina fala deles com orgulho e ressentimento ao mesmo tempo; orgulho por reconhecer e valorizar a profissão e ressentimento pelo pouco contato com esses familiares, que a descrimariam por suas piores condições sociais. “Eu tenho irmã aqui e sobrinhos. Mas tudo é melhor do que eu, melhores condições, e aqui eles não vêm por que é favela, né?”. Segundo conta, possui um sobrinho desembargador, o que é visto com grande admiração e, por isso, valoriza a educação escolar como meio de adquirir melhores condições de trabalho.

Mesmo não sendo alfabetizada ela conta com orgulho como conquistou sua casa própria e passou por outras muitas dificuldades sozinha. Assim, apesar de valorizar a escolarização como meio de acesso ao mercado de trabalho de formal, parece priorizar os saberes práticos, “Eu não sei ler não Marina, mas eu penso, eu penso. Antes de dar um passo pra frente eu penso!”, ou “Porque toda a minha vida eu tive a cabeça no lugar. E penso, penso, penso e muito”, são duas das muitas vezes que ela se auto refere para afirmar as escolhas que tomou ao longo da vida que, apesar de uma trajetória distinta dos seus irmãos, ainda considera de sucesso diante das dificuldades que viveu.

Angelina não teve proximidade com a escola, mesmo assim insistiu para que seus filhos estudassem e não fossem analfabetos como ela, mesmo em situações de extrema vulnerabilidade social: morando de favor, em barracos de madeira, construindo a própria casa, e muitas dessas situações em períodos que estava desempregada. Valoriza o trabalho em detrimento da escolarização, mas compreende a educação como um processo importante para conquistar melhores condições de vida, permitindo o acesso ao trabalho formal. Seus dois filhos que chegaram à vida adulta completaram a escolarização básica nas escolas públicas das regiões onde moraram na Zona Leste. Claudia completou o EM numa escola pública do

centro de SMP, considerada boa por vários adultos da Vila Harmonia que ali estudaram. Angelina, que sempre viveu as dificuldades de não saber ler e escrever, sofrendo em trabalhos mal remunerados e afastado da família (morou em casas de famílias como doméstica), financiou diversos cursos profissionalizantes para a filha Claudia: cabeleireiro, manicure, doceira, datilografia e computação. Após construir e se estabelecer na casa própria e antes de alugar alguns cômodos, chegou a construir uma bomboniere e um salão de beleza no mesmo terreno da casa, para que ela e a filha pudessem trabalhar juntas; porém Claudia não seguiu com o negócio. As trajetórias infortunadas dos dois filhos, um assassinado e outra alcóolatra, faz com que crie sua neta com outras estratégias, como veremos.

5.3.5. Educação escolar e moral dos filhos – “*A Claudia nunca gostou de trabalhar, nunca, nunca, nunca...*”

Angelina, apesar de comentar em alguns momentos da entrevista que seu filho primogênito foi assassinado, ela quase não fala sobre sua relação com ele. Demonstra um profundo afeto ao relatar que ele era a principal companhia dela em diversos momentos de muitas dificuldades sociais. Em respeito a sua dor não chegamos a falar especificamente sobre ele, mas sei que ele chegou a completar a educação básica e que trabalhou durante parte da infância e por toda a adolescência para ajudar na renda da família.

A Claudia é filha do terceiro casamento, com o homem que chegou a ficar por 11 anos e que parece ser o que ela menos guarda mágoas. Angelina também não fala muito sobre Claudia e quando o faz é para lamentar o que considera as más escolhas da filha: alcoolismo, um aborto, uma relação homoafetiva e a falta de comprometimento com o trabalho, com a filha Barbara e com ela mesma, Angelina.

Sobre o aborto realizado, Angelina conta que a princípio falou a Claudia que não a aceitaria em casa como mãe solteira, a mesma reação que seu pai teve com sua irmã mais velha. “Você não vai ficar como mãe solteira, porque hoje você tem um e pra no outro ano ter outro e no outro ano ter outro... que você tá nova, tá com sangue na guerra, tá com toda a garra, todo ano vai ter um pra eu criar e eu não vou criar, de maneira alguma!” (trecho da entrevista em que simula a conversa que teve com a filha). Posteriormente Angelina foi a uma farmácia e compra uma pílula abortiva, a qual afirma ter combinado com o farmacêutico da possibilidade de devolução, caso não fosse utilizada. No momento da entrevista Angelina

afirma saber que agiu errado em comprar, mas a principal culpada seria a própria Claudia, que aceitou o medicamento ao invés de assumir a responsabilidade da maternidade.

É lamentando da filha que Angelina conta que ela investiu na escolarização da filha: a matriculou em escolas públicas das regiões que moravam, Claudia não trabalhou na adolescência apesar das dificuldades financeiras que enfrentavam e pagou cursos profissionalizantes – cabeleireira, manicure, confeitaria, datilografia e computação. Tudo visando para que a filha conquistasse postos estáveis no mercado de trabalho e não sofresse como ela sofreu longe da família e mal remunerada.

5.3.6. Educação da neta – *“A Barbara é da casa pra igreja, da casa pra escola, mas também porque eu fico em cima”*

É a avó que cuida integralmente da neta; Claudia e Barbara são beneficiadas pelo programa Bolsa Família e a mãe usa o benefício para seus gastos, o que não é o certo, segundo Angelina, que acredita que a sua filha deveria usar esse dinheiro para custear os gastos de Barbara.

A entrevistada frequentou a escola por pouco tempo e suas lembranças desse período eram de crianças, apenas das brincadeiras. Ela tampouco conseguiu se adaptar à lógica escolar, não se alfabetizou e foi expulsa após puxar o banco alto de um colega e machucá-lo. Seus pais também não foram escolarizados. Casou-se ainda na infância. Com essa trajetória, Angelina entende que a escolarização permite melhores postos de trabalho. Na educação de sua filha, conseguiu que ela terminasse a educação básica e fizesse alguns cursos profissionalizantes, mas sente-se frustrada com as escolhas morais de Claudia. Com a neta, Angelina tenta ser diferente e busca manter um maior controle moral e social. Assim como com a filha, a avó incentiva que Barbara complete a escolarização básica, mas não parece almejar o ensino superior, mas sim conhecimentos técnicos e práticos que lhe garantam uma profissão estável; porém, no momento da pesquisa, não possuía condições financeiras para investir em cursos profissionalizantes para Barbara como pôde fazer com Claudia.

Escolarização

Barbara estudou na pré-escola e na primeira etapa do Ensino Fundamental em escolas particulares de SMP, em bairros de mais de dois quilômetros de distância da residência. Na segunda etapa do EF ela foi para a escola pública e pelo processo de setorização é matriculada em uma EMEF de um bairro vizinho, mais central de SMP. Posteriormente ela foi matriculada em uma escola estadual localizada a mais de três quilômetros da residência, via sistema de setorização da Secretaria de Educação. Bárbara ficou apenas o primeiro semestre do ano nessa escola, devido a ameaças que estava sofrendo de um rapaz interessado nela e que não aceitava seu namoro com seu atual noivo. Tal situação foi lamentada pela família que considerava a escola de boa qualidade, com bons professores, que tinha como problema apenas as más amizades, os outros indesejáveis (ZANTEN, 2010).

É a jovem quem conta para a pesquisadora sobre as escolas que estudou; Angelina, quando comenta, faz comentários genéricos e não parece acompanhar a escolarização da neta, ou saber muito sobre as instituições escolares que ela frequentou ou sobre a própria rotina escolar. Quando precisou retirar Barbara da escola em que estava sendo ameaçada ela se direcionou para a secretaria das escolas que conhecia, indo primeiramente na escola municipal do bairro, onde lhe informaram que não havia vagas, porém ela apenas oferece as etapas de EF. Segue para a escola Maria Amélia Pereira, por indicação, porém essa também não oferece o EM, etapa em que Barbara estava. Consegue finalmente a matrícula na escola vizinha, Nísia Floresta, para continuar o 1º ano. Assim, diferente da mãe Silvia vista anteriormente, Angelina não está familiarizada com as lógicas escolares, possuindo também pouco conhecimento sobre as escolas do bairro e sobre os mecanismos de matrícula, assumido uma posição passiva diante das instituições educativas.

No ano de 2018 Barbara repete, junto com mais quatro colegas homens de sua sala. Assume que não gosta de estudar e por isso teve maus resultados, além da mudança de escola em si que a prejudicou no aprendizado. Angelina concorda, afirmando que a neta é muito preguiçosa. No ano de 2019 ela fez novamente o 1º ano do EM na escola Nísia Floresta e tem se destacado como aluna. Devido às boas notas, conseguiu cinquenta por cento de desconto em um projeto que lhe daria, uma vez por semana, aulas de inglês, informática e administração. Porém, mesmo com esse desconto não consegue pagar o valor de R\$180,00 da mensalidade.

Angelina não possui críticas da atual escola da neta, Maria Amélia Pereira, e tampouco parece ter algo específico a dizer; fala de maneira genérica que os professores são bons e compreende que a culpa é de Barbara de ter reprovado o 1º ano do EM por sua falta de dedicação, o que seria comprovado pelo seu bom desempenho no ano seguinte em que estaria mais dedicada.

Barbara diz pensar em fazer um ensino técnico concomitante ao 3º ano do EM, mas ela ainda não sabe em qual área teria interesse. Dessa forma, as apostas mais concretas para a escolarização estão orientadas para profissões manuais que não requerem ensino superior. Sabendo que possui um primo desembargador, a jovem fala como um sonho distante o desejo de conquistar essa profissão, afirmando quase com resignação que sabe ser necessário muito estudo para alcançar tal posto e que talvez ela não seja capaz. Assim como sua avó, Barbara não possui muito contato com essa parte da família, apenas via rede social com um primo advogado que é a sua referência de sucesso escolar e profissional.

Não possuindo familiaridade com as lógicas escolares, mas compreendo a escolarização como uma fator importante para a aquisição de melhores e mais estáveis posições no espaço social, Angelina investe para que a neta termine a educação básica e busca, por meio da suas redes de apoio, informações para que Barbara consiga fazer cursos gratuitos ou de baixo custo pelo bairro; não consegue, porém, acompanhar a educação da neta ou estimular disposições valorizadas no espaço escolar. As práticas de organizações racionalizadas, escritas, a boa postura corporal e todo um autocontrole do corpo parecem, no caso de Barbara, serem mais impulsionadas pelo seu empenho na Igreja Amor e Prosperidade com Cristo e seu conseqüente asceticismo, do que pela socialização familiar.

Regulação social e moralidade

Angelina e sua neta Barbara são frequentadoras assíduas da igreja e lá assumem posições de confiança. A avó não parece possuir muitas dificuldades em manter um autocontrole para o comportamento ascético, mas sua neta sim, algo que é afirmado por ambas: Angelina por temer que Barbara tenha uma trajetória similar a da sua filha Claudia; e a própria Barbara que espontaneamente fala para a pesquisadora que seu relacionamento com o noivo possui muitas brigas porque eles não seguem a doutrina como deveriam. Dessa forma, apesar de possuir uma vida religiosa ativa e se preocupar com os ensinamentos religiosos,

Barbara confessa não seguir todas as recomendações da igreja. Assim, há a crença de uma promessa de êxito caso os comportamentos forem ajustados às normas religiosas, o que impulsiona o autocontrole no ascetismo do jovem casal.

A avó, apesar de não transparecer essa preocupação por um viés religioso, é muito severa com a neta, o que é motivo de atrito entre elas:

“A Barbara é da casa pra igreja, da casa pra escola... mas também porque eu fico em cima (...) [Pesquisadora: Ela sempre foi na igreja com você?] Sempre, sempre comigo. Porque não dá pra deixar ela, como é que eu vou deixar ela? Do jeito que é jovem... eu chego e ela tá no mundo? Não... onde eu for, ela vai”

Assim, o controle se dá, principalmente, em relação a sociabilidade e a moralidade, controlando onde Barbara vai e não permitindo que saia até tarde, vigiando também para que a neta não engravide do atual noivo. “Sou e sempre fui muito severa. Com a Barbara dobra os encantos. Porque se solta o cabresto já teriam umas duas, três crianças aqui pra eu cuidar”. Ao longo das visitas na casa de Angelina em que Barbara não estava, a neta ligou para avisar onde ia e se tinha acontecido algum imprevisto para justificar a sua demora; mostrando que os meios de controle social e moral da neta tiveram os resultados esperados.

Expectativas de Futuro

Ao falar do que espera do futuro da neta, Angelina faz um discurso genérico sobre como gostaria que Barbara tivesse um trabalho e uma boa família. O emprego para que conquiste melhores posições no espaço social e a família está relacionada a ideia do matrimônio que parece intrínseco a etapa da vida adulta. Deseja, porém, que esse destino do casamento não seja como foram os seus matrimônios: com violências, traições e por comodidades. Nesse sentido, fica feliz que a neta esteja noiva de um jovem da igreja, sinal de um bom rapaz e que possui as mesmas concepções de vida da neta. A concretização do matrimônio será apenas realizada quando o casal tiver condições financeiras de sustentarem a própria família; segundo Angelina, Barbara ainda é nova para se casar.

Em relação a escolarização, não há pretensões para que a neta curse o Ensino Superior após a conclusão do Ensino Médio. A avó e a neta pensam na possibilidade de Barbara cursar um ensino técnico, mas a jovem ainda não possui anseios para um curso específico, ou

também não possuem informações sobre cursos técnicos da região. Barbara tem vontade de fazer curso de informática e de inglês, compreendendo esses dois conhecimentos como importantes para o mercado de trabalho atual, o que traria melhores e mais estáveis condições sociais.

Angelina, após diversas mudanças em situações de alta vulnerabilidade social pelos bairros da Zona Leste de São Paulo e a conquista de sua casa própria, criou fortes laços de afetividade com o bairro da Vila Xavier, onde reside. Ali possui uma rede de apoio entre os vizinhos e seus amigos da igreja, no bairro da Vila Harmonia. Por isso, não consegue se imaginar saindo desse território e tampouco imaginar sua neta, o único membro da família a qual ela possui real proximidade e relações de afeto. Apesar de compreender os problemas de violência e tráfico de drogas de bairro, Angelina já viveu contextos piores ali e não almeja que a neta saía da região também se afastando dela.

*

A estratégias de educação de Angelina para Barbara ocorrem principalmente no que ela acredita não ter alcançado com a filha Claudia. Assim, possui a preocupação de que a neta conclua a educação básica como meio necessário para alcançar estabilidade no mercado de trabalho, mas não apresenta pretensões de um ensino superior e tampouco parece possuir estratégias cotidianas de acompanhamento escolar, o que é justificado por sua distância com a escolarização. Sua preocupação principal e, assim, seus esforços, estão voltados para um controle moral da neta, evitando que essa engravide ou adquira algum vício. Nesse movimento, a participação religiosa parece ter um papel fundamental na educação da Barbara, mas não parece ter garantia de trazer vantagens para o espaço escolar: mesmo após já inserida dentro da igreja, Barbara fez amizades com “más companhias” na escola anterior e chegou a repetir de ano após a mudança de instituição.

5.4. Família D – Mãe Júlia

Júlia tem 39 anos e vive com Jonas, seu esposo, desde seus 17 anos, quando engravidou da primeira filha. O casal vive com seus seis filhos em uma casa própria na parte mais elevada do Baixo Harmonia, em um terreno que é compartilhado com mais outras duas casas da família de Júlia. Após o nascimento da filha mais velha, Mariana de 21 anos, Júlia estava no 1º ano do Ensino Médio e precisou interromper seus estudos para se dedicar aos cuidados da filha que contraiu meningite bacteriana no hospital quando recém-nascida. Jonas também não completou os estudos, saindo da escola na 4ª série para ajudar a família trabalhando na feira. Após o nascimento da Mariana, Júlia teve trabalhos temporários, a maioria no comércio, mas com o crescimento da família decidiu há anos se dedicar apenas aos trabalhos domésticos. Jonas é pedreiro e é ele quem executa as reformas da casa, usando-a como meio de divulgação de trabalho. A falta de um trabalho estável na família, somado aos antigos problemas de vício de drogas do Jonas, faz com que a família viva momentos de alta vulnerabilidade social, necessitando de ajuda de projetos sociais realizados no bairro e de redes de apoio de familiares e amigos.

No momento da entrevista a filha Mariana não participava de nenhum programa ou projeto voltado para pessoas com necessidades especiais e, devido sua condição física, cognitiva e social, interrompeu a escolarização antes de completar a primeira etapa do Ensino Fundamental. A matrícula de todos os filhos foi realizada via sistema automático da Secretaria de Educação: na escola no bairro, Benevides, estudam a Luana, 17, no 2º ano do EM, a Marília, 13, no 7º ano do EF e o Luan, 12, no 5º ano do EF; a Larissa, 7, é a única que está matriculada em uma escola do centro, Macaé Evaristo, no 2º ano do EF. A filha caçula, Laura de 3 meses, fica em casa com a mãe.

Júlia busca inserir os filhos em programas e projetos sociais que são oferecidos no bairro, como uma alternativa ao lazer na rua em que eles estariam mais expostos aos riscos de violência e as más amizades. Essa família conta com os projetos sociais do bairro de maneira ampla: como alternativa de lazer; com projetos de apoio familiar a partir de informação, apoio psicológico, de saúde e até mesmo material.

Júlia não cresceu em um contexto religioso, mas converteu-se ao evangelho na vida adulta após investidas da sua mãe biológica, quando já era mãe de quatro filhos. Sua trajetória religiosa é marcada pela transitividade antes da sua inserção da Nascidos para Vencer e após o

fechamento dessa. A igreja do pastor George foi a denominação a qual ela mais se identificou, frequentando-a por mais de 6 anos, batizando-se ali e tornando-se evangelista. A religiosidade é algo muito importante na vida da Júlia, sendo muito marcada em sua fala, e permitindo, a partir da inserção nesse contexto, criar sua narrativa de sucesso, ou de vencedora, como era dito na *Nascidos para Vencer*. As filhas mais velhas e as mais novas acompanham a mãe na igreja: Luana, 17, antes do fechamento da Igreja *Nascidos para Vencer* tornou-se obreira nessa denominação; a Marília, 13, e o Luan, 12, não gostam de ir; a Mariana, 21, cadeirante, e as mais novas, Larissa, 7, e Laura, 3 meses, acompanham a mãe na maioria de seus compromissos e participam das atividades religiosas em que Júlia está inserida. Assim, de acordo com a doutrina evangélica, os pais dão liberdade para que seus filhos compartilhem ou não a crença da família, não sendo um conflito os filhos do meio “acharem chato” ir na igreja; as demais filhas, por acompanharem mais sistematicamente a mãe em seus afazeres – religiosos ou não – parecem se identificar com os ensinamentos evangélicos.

Júlia e seu esposo não completaram a educação básica e estão distantes de práticas educativas valorizadas no âmbito escolar. Assim, práticas de leitura – mesmo as de caráter religioso – momentos de estudos e acompanhamento escolar são quase inexistentes na rotina familiar. Apesar de muito religiosa, assumindo um comportamento ascético que também cobra de seu esposo, ser evangélica não impulsiona Júlia a assumir estratégias de controle moral e social também para seus filhos, apoiando-se no discurso, também religioso, do livre-arbítrio e dos planos de Deus. Assim, Júlia parece se justificar e se resignar com a possibilidade de seus filhos terem trajetórias moralmente recrimináveis diante do contexto de alta vulnerabilidade em que vivem.

O contato com a Júlia se deu a partir da apresentação do pastor George da Igreja *Nascidos para Vencer* – antes do seu fechamento em abril de 2018 – indicando-a por ser mãe de seis filhos, quatro em idade escolar, e por ser uma fiel assídua que acompanhava a denominação há anos. Júlia sempre foi muito simpática e antes mesmo de sermos formalmente apresentadas pelo pastor, ela me cumprimentava com um sorriso no rosto de maneira amigável; uma característica marcante da entrevistada, que se orgulha das boas relações pessoais que possui. Desde o momento em que ficou sabendo da pesquisa ela se colocou à disposição para participar, sentindo-se muito à vontade para contar sobre sua trajetória. Ela fala bastante, fazendo longas digressões na sua narrativa que costumam estar relacionadas ao tema religioso, como a fé afeta a sua vida, ou a gratificação que sente por ser

querida ou considera uma boa pessoa, algo que é reconhecido principalmente entre seus pares religiosos.

Um ponto importante a ser considerado sobre a Júlia é que ela parece se confundir com as datas e os tempos da sua narrativa, apresentando algumas dificuldades em organizar no tempo sua trajetória por meio de seus relatos. Descrevo aqui da maneira que ela contou; porém, é possível verificar algumas imprecisões, como em relação a quanto tempo o Jonas enfrentou os vícios de álcool e drogas, suas narrativas sobre sua infância e escolarização, seu tempo em cada igreja, o tempo de permanência da filha com necessidades especiais em cada instituição etc.

Ela me recebeu em sua casa no início do Baixo Harmonia, em quatro encontros de pelo menos duas horas cada, que ocorreram na sala da sua casa enquanto seus filhos circulavam por ali brincando ou realizando seus afazeres. Sua mãe biológica, que mora no mesmo terreno em uma casa vizinha, e outros amigos também frequentam a casa ao longo do dia, interrompendo a entrevista em alguns momentos para pedirem favores ou comentar alguma coisa cotidiana com a Júlia. Eu só encontrei o seu esposo, Jonas, na última entrevista em um dia que a visita se estendeu até as 18 horas, horário em que ele volta do trabalho. Jonas chegou, acomodou a bicicleta na sala e subiu para assistir televisão em sua cama, apenas cumprimentou brevemente os presentes da sala e brincou um pouco com a bebê; mas pediu para que seus filhos e sua esposa lhe levassem o café da tarde. Tal postura confirma o que a Júlia fala sobre ser a responsável por tudo na casa, na qual Jonas não se preocupa com os afazeres domésticos ou um cuidado sistemático com os filhos.

5.4.1. História pessoal – *“Necessidade eu já passei, até de ir de porta em porta eu já passei, de não ter o que comer. Eu não me envergonho de falar”*

A história da Júlia é marcada por diversas violências que ela contou para a pesquisadora quase como um desabafo; mas contava sempre com um sorriso no rosto porque acredita que suas dificuldades foram importantes para o seu aprendizado e valorização da vida, invocando um discurso evangélico para justificar seus sofrimentos e suas alegrias e, assim, construir sua narrativa de sucesso.

Já no primeiro encontro ela se sentiu a vontade de me contar sua trajetória pessoal: Júlia é fruto de um estupro³⁸ do companheiro da sua avó com a enteada dele, o que faz do seu pai ser também um avô. Após o nascimento de Júlia, sua mãe biológica fugiu de casa e ela cresceu, principalmente, com a sua avó, chamada carinhosamente de mãe-vó. Ao narrar essa parte de sua história, Júlia transparece sentir um remorso da mãe que lhe abandonou recém-nascida; sentimento que não parece ao falar do seu pai que violentou a enteada, afirmando que ele era uma boa pessoa apesar de mulherengo. Essa diferença de gênero na relação e no compromisso com a família aparecem também na relação da Júlia com seu esposo e na criação de seus filhos, como veremos adiante.

Antes da avó conseguir um terreno na atual residência da família, Júlia morou em alguns lugares da Zona Leste de São Paulo, morando ora com sua mãe biológica, ora com a sua avó e ora com a sua bisavó; mudanças que se davam por desentendimentos entre a Júlia e os responsáveis por ela. Essas mudanças atrapalharam sua escolarização, chegando a repetir a 2ª série do EF. Após a conquista do terreno na Vila Harmonia, Júlia apenas deixou de morar com sua mãe-vó em um momento de desentendimento entre as duas, em que a entrevistada chegou a morar quatro meses na rua, por volta dos 14 anos de idade, recusando-se a pedir ajuda para seus familiares. Foi uma amiga da vizinhança que, a reconhecendo na praça, conseguiu convencê-la a aceitar abrigo, indo a princípio na sua casa e depois retornando a viver com a mãe-vó. Sua recusa em aceitar ajuda estava relacionada tanto ao conflito familiar, na qual ela não queria mais viver as discussões e até agressões que sofria dos companheiros da sua mãe biológica ou da sua avó; quanto a uma vergonha de estar na situação de moradora de rua perante seus colegas da escola; período esse que interrompeu os estudos e retornou no ano seguinte.

Durante a adolescência de Júlia sua mãe-vó possuiu trabalhos estáveis como coopera e não havia uma urgência familiar para que a Júlia também trabalhasse; mas, para garantir uma independência financeira, ela começou a trabalhar na adolescência cuidando de crianças do bairro e, posteriormente, como vendedora, o que permitia que ela saísse para dançar com os primos aos finais de semana. Tal situação era motivo de constantes brigas entre ela e a sua mãe-vó, que não queria que a neta trabalhasse e desejava que ela passasse mais tempo dentro de casa, no intuito de controlar sua sociabilidade.

³⁸ A própria Júlia usa o termo estupro para narrar o ocorrido.

Júlia conheceu Jonas após o término de um relacionamento de quatro anos com um homem que a traiu. Em pouco tempo de namoro ela engravidou da Mariana, aos 17 anos, e desde então, os dois vivem juntos. No início da união do casal Júlia disse que não sabia que ele não tinha completado a escolarização; e foi a partir do convívio mais íntimo do casal que ela descobriu que ele era alcólatra e usuário de drogas. Jonas sempre foi violento e a agrediu diversas vezes, chegando a ser preso uma vez por lhe dar uma cabeçada na testa, período em que Júlia estava grávida da Marília, a terceira filha do casal. Além da violência física, seu esposo também a agredia emocionalmente, xingando-a e lhe negando afeto: ela lamenta em alguns momentos de nossas conversas sobre a sua aparência, em que seu esposo e outras pessoas lhe chamariam de feia.

“O Jonas é assim – antes – hoje não: nós trabalhava; o que ganhava ficava no bar, droga, amizade. Ele chegava em casa sempre mal e eu vivia de ajuda. Como eu tinha muito conhecimento as pessoas me ajudava, o finado [deputado presente na região], o pessoal da [OSC] mesmo. Então, é o que falo, eu vivia de ajuda. No entanto, tudo que ele pegava, ia embora. Necessidade eu já passei, até de ir de porta em porta eu já passei, de não ter o que comer. Eu não me envergonho de falar. E as agressões: o Jonas era muito agressivo”.

Assim, Júlia também era a única responsável por garantir o sustento da família, não deixando faltar comida, roupas e outros utensílios de emergência. Muitos familiares e amigos próximos lhe aconselharam a se separar, com medo de que ele a matasse, ou desejando que a Júlia tivesse uma vida melhor. Ela, porém, nunca desistiu do esposo, pois dizia sentir que ajudá-lo a superar os vícios era a sua *missão* perante Deus.

“Porque é assim, tá com pessoas que é usuário, dependente de álcool, né, isso não é fácil e pra sair não é fácil. E se você não tem alguém pra te apoiar, pra te ajudar, tando ali do seu lado, ela não vai, ela sempre vai ter a recaída. Eu sempre fiquei no pé, no pé, e aí que eu tive o conhecimento com Deus. E eu comecei a orar por ele, a ajudar ele e eu vi que as portas estavam realmente se abrindo e ele tava se livrando daquilo que tava lhe fazendo mal. Não só pra ele, mas pra todos nós, né. E pra honra e glória do Senhor, o Jonas não bebe, o Jonas não fuma, não usa droga, é um pai exemplar, é um pai trabalhador – trabalhador ele sempre foi – mas hoje é um pai família, não fica mais altas horas fora de casa; não sai, quando sai leva os filhos juntos, leva os filhos pra passear. Então, ele tá participando

da vida dos filhos e da minha também. Então, é o que falo, hoje a gente já é uma família mais estruturada, sabe? Mais união, sabe? Não tinha união na vida da gente, não tinha diálogo, hoje tudo é sentado, é relatado, sabe? Hoje tem aquela união, hoje a gente tudo faz junto, entendeu?”

A conversão de Jonas no evangelho foi essencial para a sua mudança de condutas, regulando seus comportamentos e pulsões que antes traziam instabilidades financeiras e familiares. Assim, a conversão religiosa masculina promoveu, como ela mesma diz, uma família mais estruturada.

Mesmo após a superação do vício do Jonas, ela afirma ainda ter “anjos da guarda” que sempre aparecem para lhe ajudar, dando móveis e colaborando com outras necessidades que a família possa passar³⁹. Essa sua rede de apoio parece ser extensa e estar relacionada ao longo tempo da família no bairro e pela simpatia da entrevistada que diz conhecer e conversar com quase todo mundo do território.

5.4.2. Religiosidade – *“Até quem tá no altar tem gente pra contar que foi traficante, que foi isso, foi aquilo... Tudo o que acontece não é por acaso: algum propósito tem. Os planos de Deus é perfeito”*

A Júlia não cresceu em um contexto religioso; sua mãe-vó frequentava terreiros de umbanda ou candomblé, mas ela mesma disse que não ia. A primeira a se converter no evangelho foi sua mãe biológica que conseguiu, depois de muito tempo, também levar a mãe-vó e depois a Júlia. Todas elas transitaram por denominações evangélicas no interior do território pesquisado, sendo a Igreja Nascidos para Vencer a denominação que as três mulheres participaram com mais assiduidade; a Júlia se batizou ali.

Ela sempre falava da igreja do George com muita alegria e carinho; lamenta o seu fechamento e diz orar para a volta dos pastores no território. Por diversas vezes ao longo das entrevistas, Júlia trazia de maneira espontânea o quanto gostava e lhe fazia bem essa igreja. Ela começou a frequentá-la após seis meses de sua abertura no bairro; antes, transitou por outras igrejas evangélicas do território, sendo uma Assembleia de Deus a denominação que

³⁹ Durante o intervalo entre duas das entrevistas, a cozinha da Júlia tinha sido inteiramente reformada por Jonas, com móveis que a família tinha recebido de doação de conhecidos do bairro.

ela mais participou. Contou não se sentir muito bem nessa AD, insinuando que as pessoas ali estavam mais preocupadas com coisas pessoais e materiais – foi citado as pessoas muito preocupadas com a roupa, em conhecer ou se aproximar de alguém do sexo oposto, ou apenas buscar a palavra em situações difíceis, abandonando a fé após a superação dos problemas. Diferentemente, a Nascidos para Vencer, apesar de pequena, teria qualidade nas relações, pessoas que estariam compromissadas em servir a Deus e que se preocupavam com os demais presentes. Ela afirma isso contando que foi pouco acolhida pela AD no período em que teve uma gravidez interrompida; situação que seria muito distinta da igreja do George.

Esse acolhimento e conforto propiciado no interior da denominação aumentaram a autoestima da entrevistada que diversas vezes durante a conversa dizia com orgulho da sua personalidade reconhecida por seus familiares, amigos e líderes da igreja: ser uma pessoa empática, com carisma e alegria, sendo sempre capaz de ajudar com alguma palavra de conforto; já foi considerada uma missionária por orar pelas pessoas e por sempre falar de Deus, contando que a melhor gratificação é levantar pessoas que estão “desviadas”. É por ter esse *dom*, como ela chama, que se tornou evangelista na Nascidos para Vencer.

Essa denominação também tem grande importância na vida da Júlia por ter sido no período em que a frequentava que seu marido largou os vícios de álcool e drogas, convertendo-se ao evangelho e frequentando a igreja Nascidos para Vencer junto com a família, por três anos. A conversão de Júlia ao evangelho parece estar muito relacionada a essa sua batalha de viver esse relacionamento, dando-lhe suporte emocional nos conflitos cotidianos e colaborando para que ela mantivesse a fé de converter também Jonas e, assim, tornarem-se uma família estruturada, como ela pontua. Desse modo, Júlia compreende que a conversão de seu esposo era uma missão que Deus destinou a ela e, hoje, após a superação dos vícios, assume esta narrativa como a trajetória de sucesso familiar, concretizada por meios sagrados. Jonas, mesmo após a conversão, não é tão assíduo como a Júlia, que nunca falta, mas ele a acompanha na maioria dos cultos.

Após a saída dos pastores fundadores do bairro, Júlia se tornou a principal responsável em assumir a igreja Nascidos para Vencer, sendo intermediada pelos pastores à distância; posto esse que a fez se sentir muito honrada. Porém, em menos de um mês a igreja fechou e seus frequentadores, inclusive a Júlia e seus familiares, começaram a frequentar outras igrejas do bairro. Júlia conta que o pastor George indicou aos seus fiéis a frequentarem a Igreja Tempo de Avivamento. Essa indicação pode estar relacionada tanto a uma proximidade entre os dois pastores, quanto a uma afinidade teológica, em que ambas, segundo a pesquisa de

campo, são as igrejas que mais se aproximam do discurso da Teologia da Prosperidade. Júlia, porém, não aceitou a indicação alegando ser uma igreja longe, na qual teria muitas dificuldades de locomover toda sua família.

No momento da última entrevista Júlia estava frequentando uma igreja evangélica local, Manancial de Cristo, bem próxima a sua residência e que não fez parte da pesquisa do campo religioso. Ela não soube precisar por quanto tempo ficou sem ter uma nova igreja para frequentar após o fechamento da Nascidos para Vencer, mas afirmou ter frequentado esporadicamente uma AD do território e que cogitou a acompanhar a sua mãe biológica na Amor e Prosperidade com Cristo, da pastora Rose. Ao relatar da sua ida na Manancial de Cristo afirmou que “tinha que ser uma que o Jonas fosse também”, pois ele não a acompanhava com entusiasmo e assiduidade aos cultos das igrejas as quais ela transitou. Tal situação dá ênfase na importância da localidade próxima para a participação do esposo na vida religiosa, pois ambas as igrejas, Manancial de Cristo e Nascidos para Vencer, ficam bem próximas de sua casa. Ela também me afirmou que quando começaram a frequentar a nova denominação não conheciam nenhum fiel dali.

A Igreja Manancial de Cristo já estava no território no início da pesquisa de campo em 2017 e está localizada no Médio Harmonia em um quarteirão de divisa com as recentes ocupações do bairro. A denominação é dirigida por um casal de pastores, na qual a mulher assume as principais funções da organização já que o esposo também trabalha como motorista de Uber. Ao longo da pesquisa de campo a igreja ampliou sua organização e estrutura: pintou e reformou a entrada; a Júlia contou que estão organizando grupos de louvores e um espaço específico para as crianças, algo novo na denominação. Acredita-se que seus frequentadores possuam baixa escolaridade e vivam em situações de alta vulnerabilidade social, tanto pelo erro ortográfico do nome da igreja em sua fachada (inicialmente escrito “manacial”, sem o “n”), quanto por alguns testemunhos que a Ana contou: fiéis ex-usuários de drogas, ou na tentativa de abandonar, e pessoas que já cometeram assaltos e assassinatos.

A filha Luana, 17, foi nomeada obreira na Nascidos para Vencer por ser muito ativa na organização dos cultos; ela começou a frequentar a igreja junto com a mãe no início dessa

denominação, período esse em que ela estava com 11 anos e ainda estava sendo alfabetizada⁴⁰. A concretização da sua alfabetização é vista pela mãe como uma intervenção de Deus, após orações. Luana continua acompanhar a mãe em seus compromissos religiosos na Manancial de Cristo, porém com menos intensidade após ingressar no Ensino Médio no período noturno, coincidindo com os horários de culto durante a semana. Apenas os filhos do meio, a Marília, 13, e o Luan, 12, não gostam de ir à igreja, acham “chato”; as filhas Mariana, 21, a Larissa, 7, e a bebê acompanham a mãe na maioria dos seus compromissos e vão também na igreja. Segundo a Júlia, a Larissa adora louvar (cantar música gospel no altar). Em casa, na televisão aberta ou via internet (YouTube), é comum elas assistirem a pregações de pastores famosos e escutarem músicas gospels, como foi visto ao chegar em sua casa em algumas entrevistas.

Por Júlia viver com intensidade a sua fé, seus filhos, por mais que não frequentem a igreja ou recebam um investimento sistemático da mãe para se converterem, são crianças que convivem com o universo evangélico pelas falas da Júlia, pela Bíblia aberta embaixo da televisão, pelas mídias evangélicas ligadas pela casa, pela trajetória de superação do pai etc. A história de Jonas como ex alcólatra e viciado em drogas é um testemunho que o casal conta tanto na igreja quanto em casa, servindo de exemplo para outros que buscam abandonar o vício e para que os filhos não cometam os mesmos erros. Apesar disso, Júlia assume não possuir nenhum cuidado sistemático em relação a isso, afirmando apenas que ora para que seus filhos façam “as escolhas certas”, pois possuem o livre arbítrio. Pela experiência do próprio marido e pelos testemunhos que há nas igrejas que frequentou, aceitar e acolher os filhos apesar do que considera escolhas erradas parece algo essencial para a Júlia, pois fariam parte dos *planos de Deus*. Assim, apesar de ela possuir um discurso de busca de conhecimento religioso constante, considerando a Bíblia a principal fonte de sabedoria, Júlia não possui meios ou estratégias sistemáticas de transmitir esses fundamentos para os filhos, nem mesmo a partir de um forte controle moral e de sociabilidade, comum na literatura sobre religiosidade evangélica.

É pensando no livre arbítrio que Júlia também me afirmou não julgar ninguém por sua religião; diz não ter medo ou receio de entrar em casa de umbandistas, como é comum entre seus pares evangélicos. Há um terreiro de umbanda próximo a sua casa e ela conhece e se

⁴⁰ Como veremos adiante nos tópicos sobre escolarização, Luana sofria muito bullying na escola o que prejudicava seu desempenho escolar. A partir de um projeto da OSC no bairro a Júlia, a Luana e o Luan passaram por psicólogos que os ajudaram a enfrentar problemas pessoais e escolares, melhorando o desempenho de ambos os filhos que ainda não estavam alfabetizados.

relaciona com a dona desse espaço: “Porque religião é uma coisa, as pessoas são outra. Cada um com a sua fé, né? Cada um com a sua religião. Se Deus não fez exceção de pessoas, quem sou eu?”.

5.4.3. Relação com o território – *“Nisso, graças a Deus, Deus nunca me desamparou nessa parte: de pessoas, né, pra ajudar a gente quando precisa”*

Júlia chegou com dez anos no bairro Vila Harmonia junto com a sua mãe-vó, o seu pai biológico e um irmão, depois de viverem em outros bairros da Zona Leste de São Paulo em casas de aluguel de apenas dois cômodos. Como ela era pequena, diz não se recordar de como foi a conquista do terreno, mas sabe que a posse aconteceu em um período de ocupação do território. De início construíram uma casa de dois cômodos e posteriormente uma outra ao lado nos mesmos padrões; essas, hoje, são as casas do tio e da mãe biológica de Júlia. A casa em que ela mora com seu esposo e filhos foi comprada com a ajuda do pai da Júlia e pertencia anteriormente a outra família. Atualmente, a casa é um sobrado, com três quartos e banheiro no piso superior e sala e cozinha no piso inferior, mas foi sendo ampliada conforme as condições financeiras da família (que melhoraram após o fim dos vícios de Jonas), que chegou a viver em três cômodos (quarto, cozinha, banheiro) com seis moradores. A ampliação da casa com a construção do piso superior e da laje também foram possíveis com a mobilização de um líder comunitário do bairro, atendendo as necessidades de maior espaço físico que a filha Mariana precisava. Também pensando nas necessidades da filha cadeirante, Júlia e Jonas pretendem reformar um espaço no piso de baixo para a maior comodidade da filha para que ela não precise mais subir as escadas.

Jonas também cresceu no bairro, chegou de Pernambuco com seis anos de idade e ali se instalou com a família em uma região do Médio Harmonia, mas que naquele período também era fruto de ocupações.

Assim, ambos possuem familiaridade com o território e conhecem muitas pessoas que ali moram: outras famílias que chegaram junto com seus familiares em um período de expansão do bairro e outros novos moradores que foram conhecendo na convivência pelo território. A rede de apoio que a Júlia possui no bairro é muito importante para a sua família que sempre conta com doações de utensílios domésticos, de comida, roupas etc. O contato com pessoas de organizações da sociedade civil que atuam no bairro e com as agentes de

saúde também foram essenciais para o acesso a programas sociais de complementação de renda, de acesso a atividades culturais para os filhos, de apoio familiar e de desenvolvimento físico e cognitivo da Mariana que teve sequelas de uma meningite bacteriana. Foi a partir de um desses projetos que visava um acompanhamento a famílias em situação de vulnerabilidade social que a Júlia teve a oportunidade de passar por uma psicóloga, assim como seus filhos Luan e Luana que eram considerados muito agressivos pela família e pela escola.

Afora as idas ao culto, as saídas para os afazeres domésticos e de cuidado dos filhos, Júlia quase não sai de casa e não possui lazeres. Em nossa última entrevista ela contou ter ido com o seu esposo a um parque ecológico de bicicleta. Ela contava muito feliz do primeiro passeio desse tipo realizado entre o casal, sendo raro momentos de lazer apenas entre os dois. O lazer dos filhos está principalmente nas brincadeiras na rua com os irmãos e amigos ou nos smartphones, em jogos ou vídeos. Júlia não gosta que eles saiam do bairro ou que vão a lugares muito distantes, mas não possui esse controle sistemático, confiando nos filhos e no seu próprio conhecimento do bairro.

Tendo crescido na Vila Harmonia e possuindo uma forte rede de sociabilidade e de apoio, Júlia gosta do território e não pretende sair dali; como também deseja que seus filhos não saiam de perto dela. Ela sabe que a sua casa é pequena e possui problemas de infraestrutura, que o bairro é violento⁴¹ e que convive com o tráfico e uso de drogas, mas isso não chega a ser um motivo que lhe faça imaginar a saída do território para um lugar com melhores condições sociais e de moradia. Na Vila Harmonia, com suas redes de apoio de amigos e familiares e na qual vive um momento de estabilidade, sem vícios e agressões de Jonas, Júlia não consegue imaginar um futuro próspero em outras condições. As possibilidades de melhoras sociais para ela e para os filhos parecem se encontrar ali mesmo na Vila Harmonia.

⁴¹ Em uma de nossas entrevistas a televisão estava ligada em um programa policial que noticiava uma fuga de assalto no bairro vizinho, na Vila Xavier. Todos reconheceram o local pelas imagens e começaram a conversar a respeito; a Júlia, um vizinho e a sua filha Marília me relataram casos de violência no bairro e de como a polícia perseguia suspeitos pelas vielas. Como uma espécie de euforia, todo o bairro parecia mobilizado para saber o desfecho do assalto, com pessoas indo de bicicleta até o bairro vizinho para acompanhar a movimentação; por outro lado, Júlia comentou que os moradores das casas onde a polícia estava próxima deveriam estar mais acuados, com receio de serem invadidos tanto pelos ladrões quanto pela polícia.

5.4.4. Escolarização pessoal e familiar – *“Então eu tive que abrir mão dos meus estudos, né, da minha vida por ela”*

Na família da Júlia ninguém completou a educação básica; ela sabe que a sua mãe-vó e a sua mãe biológica estudaram, não eram analfabetas, mas não soube dizer nada sobre a escolarização delas. As duas sempre trabalharam com serviços de limpeza, em casas particulares ou em empresas; trabalhos em firmas eram mais valorizados por terem mais benefícios.

A Júlia também não soube falar muito sobre a sua escolarização; não me dando nenhum detalhe de como estudava, do que gostava ou qualquer outra memória desse período, apesar de se recordar uma aluna estudiosa. A repetência na 2ª série do Ensino Fundamental ocorreu porque ela faltava muito por viver mais na casa da sua avó e estar matriculada em uma escola próxima da casa da sua bisavó, um pouco mais distante. Na adolescência trabalhava e estudava, interrompendo por um ano – série que ela não se recorda qual – quando morou por 8 meses na rua; retornando no ano seguinte. Ela abandonou a escola no 1º ano do Ensino Médio após o nascimento da sua primeira filha que recém-nascida, segundo ela por descuido hospitalar, pegou uma meningite bacteriana ficando com sequelas físicas e cognitivas. Ela disse que chegou a estudar na escola Benevides, do bairro; porém, não soube precisar o período; provavelmente no final da primeira etapa do EF e no início dessa segunda etapa. Sua maior lembrança está em outra escola estadual, num bairro vizinho, onde se formou no Ensino Fundamental. Ela não se recorda porque ocorreu a mudança de instituição no meio dessa etapa. Após a conclusão da 8ª série, ela foi automaticamente matriculada em outra escola, no centro de SMP e próxima da instituição anterior.

Mesmo sem completar a escolarização básica, fez cursos profissionalizantes após o nascimento da primeira filha, chegando a concluir um curso de datilografia no Senac⁴² e posteriormente iniciou um curso de informática em uma escola especializada nessa área. Esse último ela não chegou a concluir porque sua filha Mariana demandava muita atenção. Ela nunca chegou a trabalhar com nenhuma dessas funções, mas conta com alegria do reconhecimento que teve no curso de informática por ser uma boa digitadora, o que poderia

⁴²Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

lhe proporcionar um trabalho estável. Ao comentar desse momento da sua vida, Júlia lamenta “Então eu tive que abrir mão dos meus estudos, né, da minha vida por ela”.

A falta de detalhes sobre a sua educação e a falta de estratégias de escolarização com os filhos, como veremos adiante, sugerem que a Júlia não era familiarizada com a cultura escolar. Por outro lado, sua mãe-vó não queria que a neta trabalhasse concomitante aos estudos, priorizando o compromisso da neta com a escola; além disso, Júlia buscou cursos profissionalizantes sabendo da importância de habilidades e conhecimentos técnicos para a conquista de trabalhos mais estáveis. Ela também conta, quase como curiosidade, que participou de um projeto para idosos analfabetos do bairro da OSC do território, em que ela os ajudava a ler e a escrever: “Tem até uma coisa engraçada, que antigamente eu dava aula aqui pros idosos”; um projeto que lhe foi gratificante, mas que durou pouco. Assim, Júlia valoriza a educação por reconhecer seus benefícios no mercado de trabalho e possui algumas lembranças positivas da sua relação com a educação, mas não consegue sentir o futuro a partir da educação e planejá-lo em ações presentes para que se alcance objetivos futuros ao pensar na educação dos filhos.

5.3.5. Educação dos filhos – *“Com as dores que a gente passa, a gente tem experiência e essa experiência, a gente mostra pra eles de uma maneira que eles possam entender e não fazer o mesmo erro que a gente”*

A Júlia é a principal responsável pela educação dos filhos. Apesar de dizer que Jonas após a superação dos vícios é um pai e um marido presente, ele parece assumir algumas responsabilidades apenas na impossibilidade de a Júlia fazê-los, como ajudar em algumas lições de casa dos filhos ou repreendê-los por comportamentos indevidos. Foi ela quem sempre buscou os tratamentos médicos da filha com necessidades especiais; que resolve os problemas escolares e de saúde de todos filhos; cuida da casa etc. Júlia acompanha a escolarização dos filhos indo nas reuniões, nos eventos organizados pela escola e os ajudando em algumas lições de casa quando eles a solicitam; mas sua presença mais ativa e de comunicação com os professores e gestores ocorre apenas em momentos de conflito. Ela aprendeu muito com a participação de um projeto familiar organizado pela OSC sobre a importância do diálogo na vida familiar e sobre seu direito de contestação da escola quando

sente que seus filhos estão lesados; o que mudou a dinâmica de educação familiar e a sua relação com a instituição escolar de seus filhos.

A trajetória escolar da Júlia foi irregular, com muitas faltas, repetência e abandono. Sua escolarização precisou ser interrompida com o início da sua formação familiar, no 1º ano do EM aos 17 anos; e mesmo lamentando não ter concluído a sua escolarização, esse processo parece não ter sido prioridade ao longo de sua trajetória. Em sua família e no seu convívio social também não há pessoas próximas que concluíram a educação básica. Assim, apesar de ela desejar que seus filhos concluam a escolarização, Júlia não consegue mobilizar ações que lhes garanta um bom desempenho. Em relação a formação moral e a sociabilidade deles, Júlia aposta no diálogo e na confiança dos filhos e não possui nenhuma estratégia sistemática de controle. Seu discurso cristão, presente em praticamente todas as suas falas, de alguma forma influenciam os filhos, mas também na religião ela encontra as justificativas para os possíveis desvios de conduta que lhe parecem uma possibilidade objetiva.

Escolarização

Júlia fala com precisão da idade e dos anos escolares dos filhos, hesitando brevemente apenas em falar a série da filha mais velha: na escola Benevides estudam a Luana, 2º ano do EM noturno, a Marília, 7º ano do EF, e o Luan, no 5º ano do EF; a Larissa está no 2º ano do EF na escola Macaé Evaristo, no centro de SMP e que atende todas as etapas da educação básica. Todos os filhos foram matriculados pelo sistema automático da Secretaria da Educação. A única tentativa de mudança de instituição escolar ocorreu com a Mariana que, por falta de uma estrutura adequada para cadeirantes na escola Benevides, precisava ser carregada diariamente até a sala de aula, o que era feito por um funcionário ou pela própria Júlia ⁴³. A mãe chegou a procurar uma instituição com acessibilidade, porém disse não ter encontrado nenhuma escola da região com esse quesito. Afora a Mariana, primogênita, que foi matriculada na pré-escola em uma instituição particular, os demais filhos frequentaram a EMEI do bairro.

⁴³ Júlia conta que havia uma verba da escola destinada a construção da rampa de acesso que foi disponibilizada justamente pela presença da Mariana na escola, porém essa rampa não foi construída. Em uma reunião das lideranças de bairro surgiu a informação de que essa verba havia sido desviada pela diretora e por sua filha.

Júlia parece priorizar as necessidades e compromissos da Mariana em relação aos demais filhos, porém conta que foi ficando muito difícil levá-la em suas atividades com o crescimento da família. Essa filha estudou na escola do bairro até a antiga 4ª série do EF; depois dessa série ela parou de ir à escola, mas continuou participando da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD). Nesta instituição Mariana ingressou na primeira infância e continuou até por volta de uns 15 anos, sendo desligada do projeto por possuir muitas faltas. A inserção na AACD se deu por indicação de um primo de Júlia que já tinha um filho que participava do programa. Essa foi a principal instituição por onde Mariana passou e que a atendeu conforme suas necessidades físicas e cognitivas, desenvolvendo suas capacidades que lhe possibilitaram melhorar sua fala, sentar-se e a aprimorar seus movimentos que lhe permitem comer e se banhar sozinha. Apesar de tais conquistas, Mariana mal consegue escrever seu nome e não lê; ela passa a maior parte do tempo assistindo televisão ou no celular. Mariana tem direito a participar do projeto da AACD até os seus 30 anos de idade e a Júlia afirma que buscará novamente esse direito quando sua filha mais nova ficar mais independente e, assim, conseguir organizar melhor seu tempo. No momento da última entrevista, Mariana estava na fila do programa Hora Certa⁴⁴ para conseguir uma órtese para suas pernas e assim conseguir andar. Devido às limitações da filha, Júlia demonstra priorizar os compromissos e necessidades da Mariana do que dos demais filhos, preocupando-se principalmente com o seu bem-estar, porém sem ter expectativas de que a filha se torne totalmente independente.

Embora assumo ter um maior cuidado com a filha Mariana, Júlia se diz muito presente na escolarização dos demais filhos, buscando o diálogo com as instituições nos momentos de conflito e sempre que é solicitada em reuniões ou atividades da escola. Ela afirma se ausentar apenas quando possui um outro compromisso ou situação inadiável. Apesar de afirmar seu interesse em participar e se atualizar da escolarização dos filhos, Júlia afirma sentir um certo constrangimento por parte da escola em chamá-la para falar dos filhos, por acreditarem que ela já tem problemas demais com a filha especial. Ao comentar isso, lamenta e se justifica do pouco tempo que dedica no acompanhamento escolar deles, sendo trabalhoso ser dona de casa e mãe de seis filhos; porém compreende que a escola não pode se omitir em lhe relatar o que ocorre, sendo necessário o diálogo família-escola:

⁴⁴ <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/noticias/?p=187188>>. Acesso em: jun. de 2019.

Então tem essa participação escola e família. Tem que ter participação, isso que é importante. Mesmo que ela [a família] não tenha aquela estrutura (...): “Ah, o fulano é isso”, “Ah, o pai não liga”; chega lá às vezes ele [o pai] tem um pouco de receio de procurar, né? Porque chega lá, né, porque, no caso, não é todo mundo, né - que não tá escrito na testa quem é bom ou quem é ruim, como eu disse. Mas é que nem eu falo, tem que procurar a família, saber por que que ele é assim, porque que tá assim, entendeu? Isso é importante. Que nem eles fazem comigo: meu filho tava desse jeito, minha filha tava desse jeito, por quê? Eles procura saber como que tá a família, como que tá a convivência, o que que tá acontecendo. Muitos sabem o que aconteceu aqui.

Assim, Júlia valoriza a boa relação entre a família e a escola para um bom aprendizado e desenvolvimento dos alunos, compreendendo que muitas vezes os pais se sentem impotentes diante da educação dos filhos. Esta sua compreensão ocorre principalmente após a sua participação em um projeto de planejamento familiar realizado pela OSC do bairro, em que ela e seus dois filhos com maiores problemas escolares, Luana e Luan, são atendidos ao longo de um ano por uma psicóloga, além de participarem de outras atividades sobre planejamento familiar. Essa especialista relatou a Júlia que seus filhos sofriam muito bullying na escola o que, somado a realidade violenta no interior da família, estaria influenciando no comportamento das crianças.

Quando eles viam que tinha alguma coisa pra conversar, eles chamavam, né, pra conversar, né. Então, eu achava esse trabalho muito importante, né? Por quê? Além de ajudar, a conhecer algumas coisas dos meus filhos que eu não conhecia; porque eu não sabia dessa parte que eles sofriam, que foi com os psicólogos que eu comecei a entender e também a corrigir umas coisas, né? Porque a gente... [parece meio sem graça] a gente dava umas palmadas nos filhos, dava mesmo. E aí a gente começa a entender porque os filho é agressivo. Por que ele é agressivo assim, dessa maneira? Não, pera aí. “Porque ele é ruim”, porque tinha muita gente que fala “Você é ruim, você é ruim, isso é ruindade, que você não presta”. Não, não é assim, muitas vezes não é! E como que eu descobri? Com a psicóloga. Não era eles, era o que eles estavam passando, era o que eles estavam escondendo, não me passavam pra... assim, pra não me dar trabalho. Porque a minha vida é muito corrida. Que aí eu comecei a ter aquele entendimento, pra poder também a ajudar eles, né?

Para ajudar a filha a superar o bullying que sofria, além de Júlia repensar e mudar algumas relações familiares (como a troca das agressões pela priorização do diálogo com os filhos), ela também foi conversar com os pais dos colegas da sala da Luana da época para que esses orientassem seus filhos sobre o respeito com o outro. Júlia se dirigiu aos responsáveis das crianças ao invés de buscar a solução diretamente com a escola por compreender que esse conflito não se dava apenas por uma situação escolar, mas principalmente por uma questão moral e de educação familiar, assim como sua própria família que também influenciava o comportamento violento dos filhos. Para Júlia, a principal responsabilidade em educar moralmente está na família; a escola deve trabalhar em conjunto, mas não deve assumir um papel disciplinador, sendo seu papel o ensino curricular, função esta que ela confia na instituição.

Tal situação também é evidenciada no caso de discriminação sofrido por Luan, em que sua professora do 2º ano do Ensino Fundamental da escola Benevides lhe chamava de macaco, lhe batia e limitava seu acesso ao banheiro, o que fez com que ele chegasse em casa mais de uma vez urinado ou com fezes nas calças. Nesse período, Júlia conta que percebeu Luan mais quieto, algo incomum em seu comportamento, mas que, por outro lado, estava começando a se alfabetizar. Assim que as agressões foram descobertas a partir do relato de outras crianças amigas de Luan, Júlia buscou apoio de conhecidos do bairro (um deles chegou a mobilizar um advogado) para ir conversar com a professora, que a recebeu na defensiva: “seu filho não é santo”. A mãe concordava que o filho era uma criança agitada e difícil de lidar, porém defendeu que é a família quem deve educá-los moralmente, cabendo a escola apenas a função da instruí-los; sendo ainda inadmissível agressões físicas contra os alunos. Apesar da presença de um advogado do lado de fora da escola, Júlia não tomou nenhuma atitude, por reconhecer que a professora estava fazendo um bom papel de alfabetização e por acreditar que todos merecem uma segunda chance.

Eu falei, “Inclusive, a senhora é uma ótima professora. Eu não vou falar... seu ensino é perfeito! Mas não condiz com você pegar e bater no meu filho e jogar ele da carteira... Não, não! Ele tem mãe e ele tem pai. E eu sou uma mãe presente, eu não sou uma mãe ausente!” Porque tem mães que põe seus filhos na escola e deixam lá, não participa de reunião, não vão saber como tão as notas, não vão atrás de nada. Mas eu não. Eu sou uma pessoa muito ocupada, eu deixo tudo pra fazer... eu faço aquilo que é melhor pra eles.

Na época desse conflito, Luan foi atendido pela psicóloga do projeto de planejamento familiar da OSC do bairro e melhorou seu comportamento em relação a agressividade; por outro lado, continuou sendo um menino que não gosta da escola e não se adequou às normas de comportamento da instituição. Júlia é chamada com frequência pela escola para falar sobre o comportamento do filho que faz constantes brincadeiras e atrapalha o desenvolvimento da aula. Por esse motivo, ele chegou a ficar um tempo fora da escola, por opção da Júlia na tentativa de cessar os conflitos.

Ao ser questionada sobre o que as professoras lhe falam nessas reuniões em que ela é solicitada, Júlia conta que lhe sugeriam castigá-lo impedindo que ele faça coisas que gosta caso não se comporte ou não estude, como a retirada do celular para os jogos ou impedindo que ele vá brincar de soltar pipa. Porém Júlia afirma ter dificuldade em executar tais castigos devido as atribuições de administrar uma família com muitos filhos. O revés em educar o Luan nesse sentido também parece estar relacionado a uma questão de diferenciação de gênero, em que ele é o único filho homem: ele é o único da casa que possui um quarto individual (os pais dividem com as filhas mais novas) e o único que não possui obrigações domésticas e familiares – ele deveria manter o seu quarto arrumado, algo que não ocorre com frequência. Assim, por não possuir responsabilidades domésticas, como as suas irmãs, e possuindo como referência masculina um pai agressivo e que tampouco participa dos afazeres domésticos, para Luan parece ser mais fácil negociar ou até mesmo se isentar de algumas responsabilidades, como a escolar. Ele chega a falar diretamente para a pesquisadora que não faz as lições, chegando a ser repreendido de maneira amorosa e em tom de brincadeira pela mãe que o abraça e diz “Não gosta de estudar, né Luan?”.

A filha Luana foi alfabetizada apenas aos 11 anos de idade, no período em que a família começou a frequentar a igreja Nascidos para Vencer, sendo a alfabetização da filha considerada uma graça recebida por Deus:

Ela [Luana] só ia nos cultos. Só de começar [a ir], começou a ler. É uma coisa assim que não tem explicação. De uma hora pra outra uma pessoa começar a ler assim? Porque foi pra igreja! É uma coisa espiritual! Não é uma coisa assim, um problema que ela tava, era uma coisa que era espiritual. É uma coisa que eu digo, se oração tem poder, imagina nas escolas como vai mudar?

Porém, em outro momento da entrevista, Júlia conta que a alfabetização da Luana ocorreu após seu acompanhamento com psicólogo, ajudando-a a superar a situação de

bullying que vivia na escola. Além da sua dificuldade com os conhecimentos escolares, Luana também falta algumas vezes na escola quando precisa ajudar sua mãe com os afazeres domésticos. Essas suas obrigações também foram o motivo da sua transferência para o período noturno, possuindo assim mais disponibilidade para as obrigações familiares. Após o nascimento da sua irmã mais nova, Júlia foi chamada pela escola para conversar sobre a piora do desempenho escolar da Luana, em que ela não estava mais fazendo seus deveres de casa ao assumir outras responsabilidades de organização familiar. Assim, a educação escolar não parece ser uma prioridade nas atividades da filha.

As filhas Larissa, do 2º ano do EF da escola Macaé Evaristo, e a Marília, do 7º ano do EF da escola Benevides, são as crianças da casa que não possuem problemas de comportamento no ambiente escolar e por isso Júlia pouco sabe falar sobre a escolarização delas. Evidenciando que ela apenas acompanha ou possui diálogo com a escola em situações de conflito. A Larissa ainda não está alfabetizada, o que não é visto como uma preocupação para Júlia que se anima em falar dessa filha por ela ser educada e amorosa. A filha Marília, nunca teve problemas de comportamento ou de aprendizagem na escola, sendo a única da casa que possui como lazer visitas à biblioteca comunitária do bairro, onde lê e desenha quadrinhos de mangá, ou participa de atividades oferecidas ali.

Não há na rotina familiar momentos para estudos e nem práticas letradas. Ela incentiva que os filhos façam cursos, atividades e participem de projetos tanto no intuito de ocupá-los, em contraste com o tempo livre na rua e do que considera más amizades, quanto na intenção de qualificá-los para o mercado de trabalho. A Luana já fez um curso de panificação na OSC da Vila Harmonia e chegou a buscar outros cursos profissionalizantes no centro, mas não conseguiu realizá-los devido ao valor da matrícula ou da mensalidade, inviáveis para as condições financeiras da família.

A Luana também fez parte do Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) durante todo o período que lhe era permitido, dos seis aos 15 anos de idade. Lá as crianças desenvolvem diversas atividades contraturno e a Júlia lamenta a Luana não poder mais participar do projeto, pois é uma alternativa de lazer para as crianças e jovens em contraposição ao lazer livre e perigoso da rua. No momento da entrevista apenas os filhos Luan e Marília faziam parte desse projeto; a filha Larissa ainda não conseguiu vaga no projeto CCA, como seus irmãos. Ela teve a oportunidade de ingressar no projeto, porém a vaga surgiu no período em que a Júlia estava com complicações na gestação da Laura e não conseguiu garantir a vaga da filha caçula, que voltou para a lista de espera.

A oferta de projetos e atividades diferenciadas que promovem conhecimento e lazer para as crianças e jovens – em contraposição aos males que percebe no território, como os vícios e a sexualidade na adolescência – também são valorizadas por Júlia no interior das instituições escolares, pois seriam os melhores meios de atrair a juventude para a escola. É por essa percepção que ela acredita que a escola Macaé Evaristo, onde estuda Larissa, e a escola Maria Amélia⁴⁵ são melhores escolas que a Benevides. A Larissa possui aulas de informática, algo inexistente na escola da Vila Harmonia. Também pela escola Macaé Evaristo, Júlia presenciou uma apresentação de ginástica olímpica que lhe chamou muito a atenção, desejando que as instituições escolares oferecessem essa atividade para as meninas e o futebol para os meninos.

Precisa ter mais coisa pra entreter eles, pra trabalhos, né. Alguma coisa que chama a atenção pra eles querer tá lá fazendo aquilo, querer tá na escola. (...) Outra coisa que melhoraria aí é esporte: ginástica olímpica para as meninas e futebol para os meninos. Por quê? Porque além de incentivar eles: olha, se você tirar boas notas você vai entrar no grupo tal, entendeu? vai incentivar... e se as crianças não se sentir motivada, não gosta, tudo bem, não gosta; mas já ter outra coisa, informática. Entendeu? Já puxa pra outra coisa; de alguma coisa eles vão gostar. Então, tem que ter mais projeto!

Apesar da escola Benevides não desenvolver atividades e aulas diferenciadas e Júlia já ter tido alguns conflitos com essa instituição – falta de acessibilidade para filha cadeirante e as discriminações sofridas por seus filhos – ela a considera uma boa escola na sua função de ensinar, “Os professores... os professores são capacitados realmente para dar aula”. Ela também parece gostar da instituição por possuir boas relações com muitos dos funcionários e até mesmo os alunos dessa escola.

Assim, estando distante das lógicas escolares, Júlia valoriza a educação de maneira generalizada, considerando-a fonte de conhecimento do mundo, e não se sentindo autorizada a questionar a instituição escolar em sua função de ensino. A família, porém, é quem é a principal responsável pela educação moral e comportamental. Compreendendo essa divisão das funções educativas entre família e escola, Júlia não questiona a qualificação da docente em sua habilidade de ensinar – alfabetizando o filho – e a poupa de uma denúncia; mas reclama seu direito da educação moral e da disciplina.

⁴⁵ Apesar de nenhum filho ter estudado lá, Júlia comenta que é um senso comum entre as famílias que as escolas Macaé Evaristo e Maria Amélia são as melhores escolas da região.

Para ela os conhecimentos do mundo prático e da Bíblia, pela religiosidade evangélica, são mais importantes que o conhecimento escolar. Ela não consegue contribuir muito para a escolarização dos filhos, mas procura, por meio do diálogo (prática adquirida após o atendimento com a psicóloga) e dos discursos e testemunhos evangélicos, educar para que eles sejam boas pessoas. A escola também deve atuar para isso, sendo responsável por uma boa convivência entre os alunos; por isso ela valoriza a comunicação família-escola e acha importante a oração voltar para as salas de aula. Júlia considera que os principais ensinamentos da vida estão na Bíblia e que a oração pode ser um importante aliado no aprendizado, como o que teria acontecido com a Luana que teria sido alfabetizada após começar a frequentar a igreja:

“Que nem oração, seria ótimo se tivesse nas escolas, uma coisa gratificante, por quê? Porque a oração tem poder, faz o que? Porque hoje em dia não existe mais aquele amor ao próximo que nem Deus ensina, por quê? Porque não tem mais oração, não tem. Muitas vezes a gente fala de orar na escola, uns aceita e outros não. Mas se tiver, todos respeita. Ali é um incentivo também, não só no lar – que tem aquele respeito, que tem aquela mudança – mas na escola também. Precisa, precisa muito. O que tá faltando é aprender o conhecimento; o conhecimento começou da onde? Da Bíblia. As primeiras vidas começou da onde? Da Bíblia. (...) Esse é o primeiro livro do mundo, as coisas estão ali. Cadê? Não tinha escrita. Então, é isso que eu penso, que tá faltando nas escolas o conhecimento da Bíblia; porque muita coisa a gente leva pra nossa vida, é um aprendizado também. Tanto na escola, né, por que como que eles aprendem a ler?”

Assim, distante das lógicas escolares e vivendo uma situação de riscos social constante, a escola não é para essa família um projeto que recebe árduos investimentos. Ser uma boa pessoa, ter boas relações com a comunidade do bairro e possuir um comportamento ascético – longe dos vícios e sem agressividade – são características mais valorizadas por Júlia do que o diploma escolar.

Regulação social e moralidade

Júlia possui um constante discurso proselitista, sempre introduzindo alguma referência religiosa em suas falas, o que faz com que seus filhos, principalmente os mais novos devido a

conversão do pai, sejam crianças nascidas no evangelho. Assim, a educação familiar é pautada nos valores e no ascetismo evangélico que a mãe pratica. Júlia não insiste para que eles sejam evangélicos, pois acredita no livre arbítrio, mas investe na educação moral dos filhos a partir de suas narrativas cristãs e dos testemunhos de superação de vícios e agressões que ocorreram na própria família.

A Luana, a filha que mais divide os afazeres domésticos com a mãe e parece ter uma relação de companheirismo com ela, é bem envolvida com a religiosidade evangélica, principalmente enquanto estava na Nascidos para Vencer, tornando-se obreira ali e mantendo uma relação de amizade com os demais jovens da denominação. Ela acompanha quando pode os pais na Igreja Manancial de Cristo, pois estuda no período noturno que é quando ocorrem os cultos.

Considerando que a sua fé é importante para todos os aspectos da sua vida, ordenando sua maneira de ser e pensar o mundo, Júlia acredita que ser religiosa colabora na educação dos filhos porque a força de suas orações e o aprofundamento do conhecimento da Bíblia trazem paz e prosperidade no interior familiar. É acreditando na força da oração que ela defende que essa prática devia voltar as escolas, colaborando tanto para o aprendizado dos alunos quanto para a formação moral. Júlia, porém, por acreditar no livre arbítrio, não possui ações sistemáticas de educação moral e religiosa em relação aos seus filhos:

Então, é isso que eu passo pra eles, pra sempre tá buscando. Eu sempre converso bastante. (...) Tudo a gente conversa, a gente senta, faz aquele diálogo e tal; explico o que tá errado e isso. Explico também coisas que o mundo tá oferecendo e não é gratificante pra eles. Então, né, isso é bom. É bom a gente tá sempre levando [os ensinamentos religiosos], não como... você viu, não só pros meus filhos, mas pra quem precisa. Né, isso também que eu falo, é mostrar o amor também, que Deus é amor.”

Júlia diz controlar os horários em que os filhos devem voltar para casa, mas não parece ter um controle sistemático de onde eles circulam no bairro, apesar de afirmar que não gosta que eles brinquem muito na rua devido as más companhias. A mãe diz saber de tudo, pois fica sabendo pela vizinhança quando os filhos estão em algum lugar que não deveriam ir. Porém, como presenciado nas idas a casa da entrevistada, as crianças transitam livremente pela rua: Luana, Marília e Luan (principalmente ele) entravam e saíam da casa para fazer alguma coisa na rua e nem sempre avisavam onde iam; na maioria das vezes estavam jogando futebol na rua em frente à sua casa, mas também saem para soltar pipa, andar de bicicleta ou fazer

alguma outra atividade pelo bairro. Assim, sua relação com os filhos é de confiança, “Conheço [os amigos], de todos eles. É que nem eu falo, eu não faço exceção de pessoas, eu não tenho aquele negócio de se é isso, se é aquilo lá, se fez errado, se matou, se fez não sei o que lá, não. Eu não tenho isso”. Isso não significa que ela não se preocupe com o que considera más amizades, aconselhando-os em relação a isso. Ela sabe que eles possuem amizades com jovens que são usuários de drogas: “É que nem eu falo, “se ponha no seu lugar, se ele faz é ele com Deus”, eu explico bem claro “é dele com Deus, vocês não façam igual!””.

Acompanhar todas as atividades dos filhos também é um grande desafio para a Júlia que cuida de seis filhos, sendo uma cadeirante e uma bebê, não possuindo disponibilidade para monitorá-los. Por isso, valoriza os projetos sociais oferecidos no bairro que seriam uma opção ao tempo livre na rua ou em casa; confia nessas instituições apesar de algumas percepções negativas que essas atividades podem ter para alguns de seus pares evangélicos:

“Porque o CCA, eu vou falar pra você, é muito disputado no bairro. Por quê? Tem pais que não gosta – porque eu sou evangélica – “ah, tem dança e eu não quero meu filho dançando Hip-Hop”. Tem esses preconceitos. Não. Não é melhor tá ali dançando Hip-Hop do que tá ali na rua aprendendo coisa que não presta? Ou atrás de uma televisão que às vezes na frente não tá vendo, mas por trás tá vendo coisa errada? É uma atividade ótima que tá tendo por ali. O CCA foi a melhor coisa que aconteceu aqui nessa vila.”

Assim, para Júlia, as atividades culturais e educativas oferecidas no bairro cumprem, principalmente, a função de afastar as crianças e jovens do ócio sem supervisão e dos perigos da rua. Como em outras famílias, as instituições educativas são compreendidas enquanto lugar de segurança.

Ela também não vê problemas em os namorados dos filhos não serem religiosos, porém se preocupa com a origem da família dos companheiros. No momento da entrevista Luana estava namorando e ambas as famílias combinaram de se conhecer. A principal preocupação em relação ao namorado da filha veio da parte de Jonas que como pai se sentiu no direito de interrogar o garoto, perguntando-lhe sobre seus hábitos. Apesar dessa preocupação em conhecer a família, Luana viveu um primeiro namoro com relações de violência que só foi interrompido com a intervenção da mãe: seu parceiro anterior era ciumento e agressivo (Júlia o encontrou uma vez enforcando a filha no sofá), chegou a segui-la na rua e a invadir a sua rede social após o rompimento. Tais atitudes do garoto são justificadas pela Júlia por ele ser autista e rejeitado por sua família. Ela gosta muito do garoto,

chegando a considerá-lo um filho; ele a retribui a chamando de sogra mesmo após o rompimento do casal; porém, apesar desse afeto, Júlia aconselhou o término do relacionamento que já estava criando planos de casamento e poderia repetir o matrimônio violento que ela viveu com Jonas.

Melhor parar por aqui agora do que ela sofrer mais tarde e eu aqui chorar, né? Que tem muitos pais que não tão nem aí, que deixa os filhos aí pra vida e não tão nem aí... e ainda acha que o filho tem que aprender sozinho. Não é dessa maneira, a gente tem que orientar. É o meu pensar, o meu pensar.

Expectativa de futuro

A Júlia não consegue imaginar o futuro dos filhos de maneira objetiva e, após o gravador desligado em uma conversa mais informal, ela falou que pensa no presente, que o futuro ela não sabe e o passado já não importa. Ela deseja que todos os filhos cresçam e permaneçam no bairro, próximos a ela e com a família unida.

Ao ser questionada diretamente sobre o desejo de ver os filhos completando a escolarização ela faz uma pausa para pensar e diz que gostaria que “eles estudem, que eles tenham conhecimento, que eles sejam pessoas de bem, que sejam pessoas boas”, não conseguindo criar expectativas concretas de escolarização para os filhos. Júlia assume principalmente um discurso de honradez respaldado pela religião – “que tomem um bom caminho” “que gostem de ajudar os outros como eu sou” – e adota a estratégia do diálogo na resolução de conflitos, prática que desenvolveu ao participar de um projeto da OSC.

É como eu falo, a gente põe expectativas na nossa maneira, mas os planos de Deus não são os nossos; então, o que posso dizer? No caso, cada um tem as suas escolhas, tem suas próprias escolhas. Nós, pais, orientamos os filhos o caminho que deve seguir, vai deles abraçar o que a gente tá falando: “Como Deus abençoou a minha vida, vai abençoar a sua. Você vai seguir o caminho, qual caminho você quer seguir? Esse é o tortuoso e esse é o certo, qual você vai seguir? Que eu tô te ensinando, vai por esse daqui que você não vai quebrar a cara, se você quiser ir nesse outro aqui eu não vou impedir. Mas você vai aprender uma lição muito dolorida pra chegar no caminho certo”.

O discurso religioso do livre-arbítrio respalda sua maneira de educar os filhos sem planejamento sistemático. Porém, não a impede de criar “expectativas a sua maneira” e algumas estratégias que evitem os “caminhos tortuosos”, como inseri-los nas atividades desenvolvidas pelas OSC do bairro e mantendo uma relação de confiança entre eles a partir do diálogo.

Suas expectativas de futuro aparecem quando ela fala de Luana, a filha que está mais próxima de completar a educação básica, comentando do interesse dela fazer algum curso técnico gratuito pelo bairro. Nem a mãe e nem a Luana conseguem falar de algum curso que possam achar interessante, Júlia apenas comenta de ser importante o aprendizado de algumas técnicas e habilidades para mais opções de trabalho. No momento em que conversávamos sobre esse assunto, Luana estava limpando a casa e foi convidada a participar da conversa, afirmando com orgulho que ela já trabalha vendendo pulseiras e brincos na escola e na igreja; atitude valorizada pela mãe que vê a filha tomando iniciativa para conseguir suas próprias coisas, “Vai vender, vai embora! E continua: faz as coisinhas dela, faz pulseira, pega os brinquinhos, vende e com o lucro faz mais. É que nem eu falo, tem que fazer alguma coisa, eu falo “oh filha, já é um começo”. Grandes empresários começam como? Do zero!”.

Em relação ao matrimônio, Júlia orienta seus filhos a partir da sua própria experiência para que eles não cometam o que considera os próprios erros: engravidou aos 17 anos e precisou a partir desse momento se dedicar apenas a família; e viveu um relacionamento com constantes agressões. No primeiro namoro da Luana, Júlia entrevistou para o rompimento principalmente pelas violências que a filha sofria, mas também lhe aconselhou que antes de pensar em casamento (o pedido ocorreu quando Luana estava com 15 anos) eles deveriam estudar e trabalhar, compreendo que o casamento é algo mais complexo do que o imaginário dos jovens.

*

Preocupada com riscos diários de sobrevivência e distante das lógicas escolares, Júlia não consegue criar expectativas de uma melhor condição de vida para os filhos. Nesse contexto de alta vulnerabilidade social, a escolarização não aparece para a Júlia como uma aposta que mereça árduos investimentos; apesar de ela reconhecer a escola como um espaço de aprendizado e de socialização, “ensinando o conhecimento do mundo” e colaborando junto com a família na formação do caráter. O conhecimento religioso, da Bíblia, lhe parece mais vantajoso. Porém, tais formações e investimentos, religiosos ou escolares, segundo Júlia, também sofreriam influências espirituais que atuariam tanto para o bem quanto para o mal: as

escolhas individuais a partir do livre-arbítrio, que são tomadas a partir da formação do caráter e do ascetismo, aparecem no discurso da Júlia mais como um plano divino do que como resultado de diversas ações individuais e externas; o que parece lhe confortar diante de tantas incertezas e vulnerabilidades do seu contexto: “Porque muitas vezes acontecem e não é por causa de carnal, carne, é espiritual também. É muita perseguição também, que Deus... (...) Tudo é um aprendizado, a Bíblia é um aprendizado e eu também aprendi isso. A gente não bate boca, a gente ora e conversa com Deus primeiro”. Assim, Júlia não consegue mobilizar estratégias de regulação moral e de sociabilidade dos filhos, compreendendo enquanto possibilidade objetiva que seus filhos possam traçar caminhos que não condigam com os ensinamentos bíblicos.

5.5. Família E – Mãe Tereza

O contato com a Tereza se deu a partir da apresentação da pastora Rose da Igreja Amor e Prosperidade com Cristo no dia em que ela me apresentou as demais mulheres responsáveis por crianças e jovens em idade escolar que frequentam a igreja. Entre elas, Tereza é a entrevistada que menos se mostrou disposta a participar da pesquisa: nunca estava disponível e quando consegui marcar de nos encontrar ela demonstrou grande desconfiança e desconforto. Tereza parece ter aceitado participar inicialmente da pesquisa apenas porque sua pastora a indicou, por isso, apenas nos encontramos duas vezes fora da igreja e foi preferível não insistir no contato. Apesar de marcado com antecedência em um horário que a Tereza se disse disponível, ambos os encontros foram breves com ela se dizendo atarefada com obrigações da casa e da igreja. Ela não me autorizou a gravar a entrevista e manteve uma postura de desconfiança ao longo de toda a nossa conversa: suas respostas eram curtas, sem elaboração de detalhes, apenas com respostas diretas e falando baixo.

Nas minhas duas visitas ela estava com os filhos gêmeos de nove meses e acompanhada de algumas crianças e adultos que iam e vinham na casa: as filhas Lúcia, 8, e Cecília, 6, a sobrinha Larissa, 11, uma cunhada com seu filho de uns 3 anos e a mãe de Tereza. Todos frequentadores da Igreja Amor e Prosperidade com Cristo. A cunhada que estava na casa quando eu cheguei se retirou com a minha chegada, mas as crianças circulavam por aquele pequeno espaço durante toda a minha conversa com a entrevistada, que parecia se sentir mais segura com a presença deles, principalmente com a sua mãe que ficou a maior parte do tempo em pé ao nosso lado enquanto a entrevista era realizada na cama; único lugar disponível para se sentar na casa de madeira de dois cômodos (quarto e banheiro).

Assim, devido ao seu desconforto, esta parte da análise de sua família pode parecer incompleta se a compararmos com as demais entrevistas realizadas, pois não consegui me aprofundar em aspectos da sua trajetória pessoal e da dinâmica da educação das crianças das quais é responsável; porém, sua desconfiança e a falta de sentido que algumas perguntas pareciam lhe suscitar parecem ser pertinentes nesse trabalho ao indicarem, como Sá (2017), que em casos de extrema vulnerabilidade social as famílias perdem condições de planejar o futuro e, por isso, de assegurar esforços educativos, ainda que os típicos dos meios populares. A participação assídua da Tereza nas atividades da igreja também não lhe garantem a produção de novas disposições (SOUZA, 2009), já que sua sociabilidade é restrita, com pouca

extensão lateral (ALMEIDA, 2009), e parece lhe ajudar a evitar comportamentos e trajetórias negativas que lhe são comuns: violências, instabilidade familiar, uso de drogas.

Tereza tem 36 anos, trabalhou em alguns serviços de limpeza, mas estava desempregada ao longo de toda a pesquisa – quando nos conhecemos ela estava grávida dos gêmeos e depois não conseguiu voltar ao mercado de trabalho. A principal renda familiar vem de seu esposo que faz bicos de ajudante geral. Eles moram em uma casa de palafita, com piso e paredes de tábuas de madeiras, tendo como porta apenas um pano que impede a visão de dentro da moradia. A casa não parece ter mais que 20 m² onde moram sete pessoas: dois adultos, Tereza e seu esposo, e mais cinco crianças: a sobrinha Larissa, 11, e os filhos Lúcia, 8, Cecília, 6, e os gêmeos homens de 9 meses. Ao entrar, há um móvel à direita que contém utensílios diversos da casa e de cozinha, mas não há fogão; à esquerda há um armário de roupas aberto que divide esse corredor da entrada com a cama de casal que ocupa quase metade do espaço da residência; na frente da cama, uma televisão e ao seu lado a entrada para o banheiro, que segundo Tereza está cedendo o piso devido as enchentes.

Nenhum dos dois adultos completou o Ensino Fundamental, o que dificulta a aquisição de postos de trabalhos estáveis. Uma filha mais velha, casada na adolescência, abandonou os estudos; a sobrinha Larissa, 11, e a filha Lúcia, 8, estão matriculadas na escola do bairro, Benevides, e nenhuma das duas estavam alfabetizadas no momento da entrevista; a filha Cecília, 6, está matriculada na EMEI do bairro.

A participação na Igreja Amor e Prosperidade com Cristo, com cultos diários, é o único espaço social que a família parece frequentar, deixando de ir apenas se alguma criança está doente. Sua mãe e sua cunhada também vão na mesma igreja e possuem a mesma assiduidade. Tereza, que já era evangélica, frequenta a igreja da pastora Rose há oito anos e se tornou missionária há cinco; seu esposo converteu-se ao evangelho posteriormente, há quatro anos, e no início de 2019 foi nomeado pastor; estreitando, assim, todo o laço familiar com a denominação.

5.5.1. História pessoal⁴⁶

Tereza tem 36 anos, é cearense, mas veio com os pais para São Paulo aos cinco anos de idade, quando seus progenitores deixaram o trabalho da roça para tentar uma vida melhor na capital paulista. A família residiu em SMP desde que migraram, mudando algumas vezes pelo bairro, mas sempre próximo à várzea do Rio Tietê. Seus pais não foram escolarizados e não tinham trabalhos estáveis; seu pai era pedreiro e a mãe fez serviços de limpeza. A falta de estabilidade de emprego é um importante fator que agrava e corrobora para a permanência da condição de alta vulnerabilidade social (WILSON, 1993), como é o caso da Tereza que carece de direitos básicos e se vê constantemente preocupada com a sobrevivência cotidiana.

Tereza iniciou sua escolarização em uma EMEI de São Miguel Paulista, mas não chegou a terminar o ano letivo, pois a escola era muito longe de sua casa, mais de três quilômetros. Fez todo o Ensino Fundamental I em uma escola estadual próxima à Vila Xavier, bairro que residia com sua família, sendo posteriormente transferida pela própria escola para uma outra instituição que oferecesse a segunda etapa do E.F. Vivendo com seus familiares sem muitos recursos financeiros e carente, com necessidades básicas não atendidas, se viu sem condições de continuar com a escolarização e a interrompeu na 6ª série. Assim, como sua mãe, teve alguns trabalhos não estáveis principalmente na área da limpeza; e após engravidar dos gêmeos no início de 2018 não conseguiu mais trabalhar. O esposo de Tereza também não chegou a completar a educação básica, interrompendo na 4ª série do Ensino Fundamental. Ambos são alfabetizados.

Tereza comenta que já teve outros filhos além dos que moram atualmente com ela: duas meninas, uma de 18 anos que é casada, mora no bairro e não completou a educação básica; e a outra que foi assassinada aos 15 anos de idade, pelo esposo viciado em drogas. Ambas se casaram na adolescência e, segundo a própria Tereza, não tiveram trajetórias positivas, pois a mais velha teria abandonado os estudos e não trabalhava no momento da entrevista.

Assim, sem narrar os detalhes da sua trajetória pessoal, percebemos que a trajetória de Tereza foi marcada por carências e violências. A precariedade de trabalho presente em toda a

⁴⁶ Diferente das demais famílias que me permitiram gravar a entrevista, na família da Tereza não há citações de suas falas e tampouco nos subtópicos ao longo da análise.

sua vida – com seus pais e atualmente com sua família nuclear – corroboram para a dificuldade de acesso a direitos básicos, como moradia, educação, lazer e, possivelmente, alimentação; vivendo uma situação de exclusão social estável (SOUZA, 2009). Tal situação também se repete na geração seguinte, com suas filhas mais velhas: ambas com casamento na adolescência, uma não completou os estudos e a outra foi assassinada pelo esposo.

5.5.2. Religiosidade

Tereza é evangélica e frequentou diferentes igrejas de acordo com seu lugar de moradia no bairro de SMP; contando que antes de começar a frequentar a Igreja Amor e Prosperidade com Cristo ela ia, junto com sua mãe, na denominação nacional Deus é Amor. Tereza é missionária há cinco anos na sua atual denominação, assumindo uma posição de responsabilidade e respeito diante das atividades da igreja. Seu marido, que se tornou pastor ao longo da pesquisa, foi nomeado líder religioso no início de 2019 após ter se convertido há quatro anos no evangelho. Ele é muito participativo na organização dos cultos: faz parte do coral, faz orações no púlpito, interage com o que é dito. Sua participação mais ativa na igreja se deu em um momento de maior participação de homens dentro da Igreja Amor e Prosperidade com Cristo, algo que não havia no início dos contatos com a pastora Rose em 2017. Esses homens possuem entre 30 e 40 anos, parecem ter uma relação de amizade, e traziam testemunhos de superação de vícios e de envolvimento com o tráfico de drogas. Não posso afirmar, porém, que o esposo de Tereza também viveu essas situações.

As crianças sempre os acompanham e transitam pela igreja ao longo do culto, sendo algumas vezes repreendidas pelos pais e por outros adultos por estarem brincando e fazendo barulho. Ao ser questionada sobre a influência de ser evangélica na educação dos filhos, Tereza afirma que os ensinamentos religiosos são os mais importantes para a vida, transmitindo-os de forma indireta a partir do convívio dos filhos com a cultura evangélica vivida pelos adultos: idas ao culto, consumo de música gospel e exemplaridade de condutas.

A sociabilidade da família parece se restringir ao espaço religioso, seus amigos e familiares também frequentam a mesma denominação, diariamente. Mas Tereza afirma que possui contato com pessoas de outras religiões e que isso não é um problema. A Igreja Amor e Prosperidade com Cristo, com cultos diários, cria uma rede de apoio emocional em que a intensa sociabilidade a partir do afeto, do reconhecimento, do incentivo e da fé, ajuda muitos

dos frequentadores a se afastarem dos vícios, do tráfico e, conseqüentemente, a melhorarem as relações da vida familiar; algo perceptível nos testemunhos. Esta sociabilidade também cria uma rede de apoio material, em que a pastora e os próprios fiéis ajudam como podem quando um dos frequentadores passa por uma necessidade extrema⁴⁷, como a Tereza que ganhou uma doação de fraldas com o nascimento dos seus gêmeos.

5.5.3. Relação com o território

Tereza não contou detalhes da sua trajetória, mas chegou a nomear durante a conversa três bairros de SMP nas várzeas do Tietê que ela já morou desde que chegou na infância com a sua família do Ceará. Ela está há seis anos na Vila Harmonia em sua casa de palafita logo no início da recente ocupação; uma região com vielas estreitas, com pontes de tábuas para passar pelo esgoto e com apenas casas de madeira. A casa está em uma área que alaga com fortes chuvas, mas como está próxima a uma rua larga e asfaltada permite a circulação das pessoas em caso de enchentes; o que é inviável para os demais moradores da ocupação que residem nas partes mais baixas do terreno.

A desconfiança que senti da Tereza em relação a mim ocorreu com outras pessoas as quais tentei estabelecer contato próximo a sua residência. Uma moradora que voltava da escola com uma criança e que a abordei para confirmar o endereço da Tereza, ao me encontrar novamente no bairro confirmou se naquele dia eu a havia encontrado, aproveitando para perguntar se eu não era assistente social, sondando meu interesse com a entrevistada e, talvez, com receio que eu fosse alguma agente do Estado que pudesse promover riscos na configuração familiar da Tereza; situação que ameaça muitas mães que vivem em situações de extrema vulnerabilidade, como me explicou uma agente de saúde.

A família não possui atividades de lazer além das idas ao culto. Afirma que quando saem de casa é para trabalhar ou procurar trabalho, ou para resolver afazeres domésticos. As crianças brincam na rua, como foi percebido ao longo da entrevista, em que elas entravam e saíam da casa com frequência. Não há espaço na casa para brincarem, apenas para se acomodarem na cama e assistirem televisão. Apenas uma de suas filhas, Lúcia de 8 anos,

⁴⁷ Além da doação de fraldas, sabe-se que a igreja se organiza entre os fiéis e por ajudas externas a montar cestas-básicas para as famílias em situação de vulnerabilidade.

conseguiu vaga e participa de um projeto de uma OSC do bairro ao lado da Vila Harmonia, no contraturno da escola; sua outra filha e a sobrinha ficam em casa ou na rua, sem atividades dirigidas e/ou pré-elaboradas.

Apesar da precariedade da condição de moradia, com falta de espaço e riscos constantes de enchente, e de conviver com o tráfico e com usuários de drogas que circulam próximo de sua residência, Tereza diz gostar de onde vive e não ter pretensões de sair, desejando que seus filhos permaneçam ali nas proximidades. Ao ser questionada sobre o que não gosta do bairro hesitou antes de responder, como se não entendesse a pergunta, e comentou das enchentes que alagam sua casa trazendo, principalmente, prejuízos materiais. A trajetória pessoal de Tereza é marcada por constantes mudanças de bairro, na qual sempre morou em condições precárias; ela está em seu atual barraco há seis anos e essa estabilidade, apesar de ser em um terreno irregular, lhe evita contextos de ainda maior vulnerabilidade. Permanecer nesse território, hoje com a família toda evangélica, configura-se, assim, como uma condição de estabilidade positiva que a família parece ter conquistado a pouco tempo.

5.5.4. Educação dos filhos e dos sobrinhos

A Tereza não completou sua escolarização, assim como as pessoas com as quais convive: seus familiares também não concluíram a educação básica e na igreja, seu principal local de sociabilidade, trajetórias de sucesso escolar ou de ascensão social via escola não são presentes. Distante da cultura escolar e vivendo em precárias condições de moradia, perguntas do roteiro semiestruturado da entrevista sobre sua participação na educação escolar das crianças pareciam não fazer sentido para a entrevistada que respondia de forma direta e simples. Ademais, demonstrando desconfiança em relação ao meu interesse pela sua trajetória e pela escolarização das crianças, Tereza respondia sempre de maneira genérica e positiva, tentando não demonstrar falhas na sua criação.

Ao ser questionada sobre quem é o principal responsável pela educação e cuidado das crianças, Tereza afirma primeiramente que ela e o esposo são responsáveis; mas posteriormente admite que ela é quem organiza e administra as atividades e os cuidados das crianças. É ela que leva as filhas e a sobrinha na escola e no posto de saúde quando estão doentes. Afora essa organização da vida diária, Tereza não realiza ou organiza atividades que visam promover alguma habilidade ou conhecimento dos filhos e da sobrinha. Também não

demonstra, como em outras narrativas familiares, uma preocupação sistemática com os “perigos da rua”, como o tráfico e o uso de drogas, com as crianças brincando com certa liberdade pelas vielas dessa área da ocupação. Ela fala, de maneira genérica, sobre a preocupação que tem com as amizades de influência negativa das crianças. Assim, por sua trajetória e condição de alta vulnerabilidade social, Tereza não possui condições de planejar o futuro e, de assegurar esforços educativos, mesmos os típicos dos meios populares.

Escolarização

A filha Lúcia, 8, que está no 2º ano do EF e a sobrinha Larissa, 11, que está no 6º ano estudam na escola Benevides e anteriormente fizeram a pré-escola na EMEI do bairro, sendo transferidas automaticamente pela Secretaria de Educação após a conclusão da pré-escola. A Cecília, 6, está na mesma EMEI e os gêmeos de 9 meses ficam em casa com a mãe. Lúcia também faz parte de um projeto de uma OSC em um bairro vizinho no contraturno da escola, que promove atividades culturais e artísticas para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de SMP. Tereza soube desse projeto, pois um sobrinho já fazia parte, conseguindo matricular uma das filhas; a sobrinha Larissa está na fila de espera.

Com respostas diretas, Tereza me disse que considera a escola muito boa e não soube me dizer nada em específico que considera positivo na escola Benevides. Afirmou ir às reuniões e que gosta da professora. Quando há tarefas escolares para casa é ela quem ajuda as crianças no espaço da cama, que serve para descanso, lazer, socialização e estudos. Ao se questionar se tem algo que não gosta da escola, ou que acha ruim, ela fala da falta de segurança nos momentos de entrada e saída em que não há vigia para averiguar quem entra e quem está levando as crianças⁴⁸; por isso, ela as leva e busca no portão. A escola em si, no seu interior, não é perigosa.

Questionada sobre que tipo de conhecimento a escola deve passar Tereza afirma apenas que a “escola precisa ensinar”. Insisti se esse ensino estava relacionado aos conteúdos, ou se também deveria ensinar alguns valores e outros conhecimentos; pergunta esta que não

⁴⁸ Logo no início da pesquisa de campo em 2017, na Vila Harmonia, duas meninas de três anos desapareceram e foram encontradas mortas, também tendo sido estupradas. Elas moravam bem próximas da casa da Tereza e foram vistas ali antes de desaparecerem. O crime abalou bastante a comunidade, principalmente quem conhecia a família das vítimas; trazendo também uma maior preocupação para as mães e pais com filhos pequenos.

parecia fazer sentido para ela que me respondeu apenas concordando que a escola deve ensinar tudo isso. Devido a sua distância com a cultura escolar, Tereza não possui conhecimento dos conteúdos que são passados na escola e não percebe como algo negativo a sobrinha que está no 6º ano ainda não ser alfabetizada, como se é esperado para esta etapa da educação.

Apesar da distância com as lógicas escolares e da falta de referências da educação escolar como uma etapa importante e viável para a aquisição de melhores e mais estáveis posições no espaço social, Tereza reconhece a importância da educação como algo necessário para a vida. Demonstra isso ao comentar com pesar de suas filhas mais velhas em que ambas não completaram a educação escolar; fala da filha viva de maneira negativa por suas escolhas de não estudar e não trabalhar.

Regulação social e moralidade

Apesar da Tereza dizer que tem medo do momento da entrada e da saída da escola pela falta de vigia de adultos nesse momento, o que estaria relacionado a um “perigo da rua”; ela não possui um controle sistemático do local e das pessoas que seus filhos convivem no dia a dia, em que eles brincam com certa liberdade nas vielas próximas a casa onde moram. Ao ser questionada sobre as amizades das crianças, afirma que não limita ou proíbe nenhuma amizade, mas diz “ficar de olho” e que conversa para que elas evitem determinados comportamentos: uso de palavrão e consumo de drogas. Ao ser questionada especificamente sobre a preocupação com as drogas ela hesita em responder, chegando a afirmar “sim” e depois “não”; responde ao final, de maneira confusa, que conversa aconselhando que amigos de verdade não oferecem drogas. É só nesse momento que ela conta, com bastante receio, que perdeu uma filha de 15 anos assassinada pelo marido viciado em drogas.

Assim, Tereza se preocupa com essas questões que são comuns no contexto em que vive, mas se vê impotente diante de ações que possam evitar tais trajetórias. A prática religiosa, hoje feita por todos os adultos da casa, que colabora para que os indivíduos mantenham um comportamento ascético, afastado da imagem do delinquente ou de viciado em drogas, é o principal meio que Tereza encontra de educar as crianças a partir de uma perspectiva moral, influenciando-os também pelo comportamento e discurso ascético dos adultos da família. Para ela, os ensinamentos bíblicos são os mais importantes para a vida,

porém ela não soube me elaborar em que sentido seria positivo – comportamental, de entendimento de mundo –, apenas concordando com o que a pesquisadora falava. Diante da proximidade de trajetórias de vícios, violências e de riscos sociais diários, conseguir que as crianças mais novas a qual Tereza é responsável internalizem o asceticismo religioso, evitando essas trajetórias, já aparecem para essa mãe como uma conquista de trajetória de sucesso, na qual a educação escolar não aparece como um projeto muito viável, ou importante para a constituição dessa honradez. A conquista de comportamentos e condições dignas, moralmente não reprováveis, parecem receber a melhor aposta no apoio da igreja, que diariamente atualiza por meio de exemplos palpáveis os comportamentos que devem ou não ser evitados. Não garante, porém, a aquisição de disposições rentáveis no espaço de educação escolar, na qual a posição de classe e as referências familiares de escolarização são determinantes.

Expectativa de futuro

Tereza e sua família parecem viver riscos diários que ameaçam sua sobrevivência, marcados pela precária condição de moradia e a instabilidade de emprego que prejudicam o acesso a outros direitos: saúde, educação, saneamento básico, lazer, alimentação. Nessas condições, o planejamento para um futuro distante parece inviável. Tereza até pensa no futuro, desejando que as crianças, seus filhos e sobrinha, completem a educação escolar, trabalhem e não se envolvam com drogas; porém não possui condições objetivas para agir em relação a essas expectativas.

A escolarização – projeto longo e acumulativo – não aparece como aposta palpável de investimento, intensificado pela falta de exemplos de trajetórias escolares positivas. Apesar da Tereza fazer um esforço em responder de forma positiva sobre a sua relação com a educação dos filhos e da sobrinha, suas respostas curtas e sem elaboração evidenciam sua distância com a cultura escolar que parece não fazer sentido no contexto de alta vulnerabilidade social em que vive.

6. CONCLUSÃO

Busquei nessa pesquisa analisar a possível relação entre participação religiosa em igrejas evangélicas, em meios populares, na transformação da relação com a educação escolar.

Parti de algumas teses desenvolvidas na sociologia da educação: em primeiro lugar, a partir de Bourdieu (2007), a de que os diferentes grupos sociais se relacionam com a educação escolar em função do volume e da composição de seus capitais e da necessidade que têm das credenciais escolares para a sua reprodução social; em segundo lugar, a que estipula o conflito entre as lógicas socializadoras das famílias dos meios populares e às lógicas escolares.

Como visto na parte teórica desse trabalho, pesquisas da economia da religião e da economia da educação evidenciam uma relação positiva entre valores e práticas religiosas e aprendizagem, apontando ainda variações entre denominações religiosas. Católicos e protestantes históricos teriam desempenho maior do que de pentecostais e neopentecostais em português e matemática. Uma das hipóteses explicativas, como vimos, é que a expansão do pentecostalismo e do neopentecostalismo se dá em meios populares. Assim, tanto classe social quanto os próprios valores religiosos seriam variáveis que influenciam na escolarização.

As pesquisas sobre religiosidade evangélica no Brasil se dedicam a estudar a expansão dessa crença principalmente entre os grupos mais pobres e menos escolarizados, indicando que a adesão ao evangelho promoveria um estilo de vida específico, marcado pelo asceticismo e a decorrente evitação de situações moralmente repreendidas. Parte dessa literatura (MARIANO, 2014; NOVAES, 1985; KERSCH, da SILVA, 2012) aponta que esse estilo de vida, associado às práticas letradas promovidas por essas igrejas produziria comportamentos e práticas adequados também às expectativas escolares. Ou seja, disposições de comportamento religiosas seriam rentáveis em um outro campo, o escolar. Porém, apesar dessa literatura fazer relações das práticas e do discurso evangélico com a crescente expansão desse fenômeno nos meios populares, há três características recorrentes nela que limita a possibilidade de interpretar a relação dos fiéis de meios populares com a escolarização: primeiro, a ausência de classe social como categoria analítica, segundo, a ênfase dada ao discurso institucional das igrejas e, terceiro, a ênfase dada a denominações com grandes estruturas e muitos fiéis.

Atentando-se diretamente para a variação de classe social, Jessé Souza (2009; 2012) analisa como a religiosidade evangélica opera de distintas maneiras em diferentes frações de classes. Porém, diferente das demais pesquisas já referenciadas, o autor não explora a variação de denominações religiosas, produzindo, assim, uma análise geral do fenômeno evangélico nesses grupos que não considera a pluralidade desse segmento que vem crescendo e se diversificando ao longo das últimas décadas.

Assim, na presente pesquisa, ao investigar nas famílias a possibilidade de a vida religiosa ativa em meios populares transformar a relação com a escolarização, procurei considerar, como princípios analíticos, tanto a variação das denominações religiosas presentes no território estudado, quanto a variação de posição social dos fiéis.

Na primeira etapa da pesquisa, busquei compreender o liame que estrutura o segmento do campo religioso existente no bairro, associando-o às relações que estruturam desigualdades socioespaciais da região. Foram mapeadas 18 igrejas evangélicas no interior da Vila Harmonia: a grande maioria delas são dependentes de poucos fiéis, sendo comum a transitividade entre igrejas (ALMEIDA, 2009) e muitas delas são denominações locais, criadas por moradores do próprio bairro. Assim, parece haver uma fragilidade institucional que coloca em risco a existência da própria igreja ou as impossibilita de oferecer atividades que impulsionam uma maior sociabilidade entre os pares evangélicos e/ou que possuam afinidades com as lógicas escolares, como apontado pela literatura específica. Apenas as denominações que possuem uma estrutura maior, além do próprio território da Vila Harmonia e que contam com uma quantidade significativa de fiéis assíduos, possuem a capacidade de oferecer tais atividades.

A prática da leitura da Bíblia, característica comum aos meios evangélicos, não apareceu na pesquisa como uma ação que poderia colaborar para o desenvolvimento do letramento. O nível de escolarização dos líderes religiosos costuma ser os mesmos que os dos fiéis da igreja que atuam; assim, nas igrejas com maiores estruturas e que possuem práticas de formação de líderes análogas à escolarização, os líderes possuem uma leitura fluente e conseguem fazer interpretações complexas das passagens bíblicas nos momentos de cultos; seus fiéis também já possuem um nível mais alto de escolarização. Essas também são as denominações em que foram presenciados, em culto ou em diálogo com o líder religioso, discursos de incentivo à escolarização. Nas igrejas pequenas, por sua vez, os líderes religiosos, assim como o público em geral, possuem baixo nível de escolaridade, sendo

comum a leitura silábica da Bíblia e uma explicação confusa do que foi lido. Destarte, a relação com a cultura letrada preexistente dos fiéis parece ser a mesma que há nas denominações que frequentam, não sendo o contato com a leitura da Bíblia impulsionador de uma melhor relação com o letramento, como visto por Kersch e Da Silva (2012).

O discurso ascético, de regulação moral, foi presenciado em todas as denominações evangélicas visitadas, em que se prega o afastamento das “coisas do mundo”; mas as motivações e os temas abordados em relação a esse asceticismo parecem variar mais em decorrência do público que cada igreja recebe do que a vertente teológica em si. A Igreja Batista, histórica, e a Congregação Cristã do Brasil, da primeira onda pentecostal, ao atenderem fiéis mais bem posicionados socialmente abordam temas relacionados mais ao valor da família e do trabalho, quase não aparecendo narrativas de superação de dificuldades sociais. Estas últimas são mais comuns nas igrejas que atendem um público em condições sociais de maior vulnerabilidade, como é o caso da Assembleia de Deus visitada, que também é da primeira onda pentecostal. Assim, a regulação moral pregada em cada denominação parece ser decorrente dos modos de vida do público que atende, havendo uma constante relação/negociação entre doutrina religiosa e modo de vida dos fiéis.

O discurso institucional apontado pela literatura específica sobre religiões evangélicas que indica a adesão a um estilo de vida ascético, de autorregulação, está presente em todas as igrejas visitadas e no modo de vida das entrevistadas. Essas mães parecem buscar na religião e no seu consequente comportamento ascético estratégias negativas⁴⁹, de evitação contra o que consideram os males do território, para a autorregulação e para a regulação de outros membros da família. Porém, no que diz respeito a educação, essas estratégias não são geradoras, por si, de investimentos escolares de longo prazo, pois estes pressupõem uma série contínua e regular de práticas que se dão no presente, mas que visam resultados no futuro, em médio prazo. Essa aposta no futuro requer estratégias positivas, que não apareceram nas denominações visitadas, como era possível esperar a partir da disseminação da Teologia da Prosperidade.

Assim, as entrevistas com as cinco famílias nos permitiram inferir, principalmente, a força da variável *posição social* para analisar tanto a relação e as estratégias de escolarização,

⁴⁹ Os conceitos de estratégias positivas ou negativas utilizados neste trabalho não são valorativos. Ambos se referem a estratégias de reprodução social. Enquanto as estratégias negativas que visam à manutenção do patrimônio já possuído, evitando seu desfalecimento, as estratégias positivas são orientadas para o futuro, visando a manutenção ou o aumento na posição social do agente (BOURDIEU, 2007).

como as formas de operação da relação com a religiosidade. Mesmo em um território relativamente pequeno, foi possível apreender a partir da pesquisa de campo três frações das classes populares que se diferenciam por suas condições de (ins)estabilidade com o trabalho, com a escolarização, com a moradia e nas relações familiares. Esses grupos correspondem ao encontrado em outras pesquisas sobre grupos populares em periferias urbanas, como é caso de Sá (2017) que encontrou esses três mesmos grupos estudando uma região periférica da periferia Norte do município de São Paulo.

As diferentes condições sociais desses grupos inferem tanto nas ações e expectativas escolares, quando na relação com o religioso. Assim, a adesão a um modo de vida religioso, que seria característico dos fiéis evangélicos, apenas parece produzir comportamentos, práticas e ambições análogas à escolarização quando há outras condições sociais que também atuam de modo análogo.

De modo geral, pude observar que a religião está associada mais comumente a estratégias negativas e, mais raramente, a estratégias positivas de reprodução social. Nas três frações das classes populares estudadas a religião aparece para essas mães como geradora de estratégias negativas, isto é, que se expressam em práticas de evitação do que compreendem ser males do território. Apesar de comum aos três grupos, há uma particularidade no grupo mais exposto às urgências das necessidades sociais não atendidas que precisa ser salientada: no caso dessas famílias mais pobres, mesmo essas estratégias ou práticas negativas, de evitação dos males do território, são frágeis e pouco eficazes, pois elas têm poucos meios para produzirem comportamentos e efeitos duradouros.

Por sua vez, as estratégias positivas, isto é, que se expressam em práticas orientadas para o futuro, visando um certo controle da posição social a ser ocupada futuramente, são raras. Isso é importante porque os investimentos escolares dependem de estratégias positivas. Apenas as mães Silvia e Sônia, por possuírem condições sociais mais estáveis e com trajetórias de longevidade escolar, ambas com ensino superior, conseguem mobilizar ações e criar expectativas positivas, orientadas para o futuro, em relação a educação dos filhos. A avó Angelina e as mães Júlia e Tereza, ao viverem em condições sociais mais vulneráveis e distantes da cultura escolar, ficam impossibilitadas de criar essas estratégias positivas, de garantir a eficácia das estratégias negativas e, dependendo do grau de vulnerabilidade, até mesmo de efetua-las.

O primeiro grupo identificado corresponde à família da Silvia (A), a única família que possui diversas condições de estabilidade que permite que suas estratégias de reprodução

social em termos de educação escolar e moral sejam eficazes. Tanto Silvia quanto seu esposo, de maneira geral, tiveram estabilidade de emprego ao longo da criação das filhas. O trabalho formal permitiu a organização da rotina e o planejamento futuro; possibilitou também que o casal investisse na educação familiar: das filhas, com o curso de inglês, e dos pais que cursaram o ensino superior já na vida adulta. O trabalho de Silvia na biblioteca comunitária, além de lhe garantir essa estabilidade social, lhe permite também transitar por contextos análogos à escolarização. Com a sua formação em pedagogia e seu trabalho na OSC, Silvia se distancia do que Thin, (2006) e Paixão (2005) denominam de uma relação instrumental com a escola, típica dos meios populares, em que as credenciais escolares são valorizadas como meio de conquistar posições mais estáveis no mercado de trabalho; Silvia passa a se relacionar – ao menos de modo declaratório – com as práticas letradas de maneira mais desinteressada e transmite isso a suas filhas. Também no que diz respeito a escolarização, Silvia e Edilson concluíram a educação básica na idade adequada em uma época e em um contexto de pobreza em que o diploma escolar não era comum; assim, a família também possui estabilidade escolar nas trajetórias dos adultos.

Em termos concretos da educação escolar, o acesso ao ensino superior para essa família já é uma realidade para os pais e é um objetivo explícito a ser alcançado para as filhas, sendo que, para realizá-lo, a família faz investimentos específicos.

Uma outra condição essencial para a eficácia das estratégias de reprodução social nessa família é a estabilidade das relações familiares, em que ambos os adultos compartilham dos mesmos valores e expectativas morais. Nesse contexto, as estratégias de evitções – do bairro, da escola do território, na regulação da sociabilidade etc. – possuem mais condições de sucesso na disputa com os “perigos” do bairro. Concomitante a essas estratégias, a mãe Silvia também possui estratégias prospectivas que corroboram para sua expectativa de ascensão social e que fortalecem as estratégias de evitação: induzindo a sociabilidade e o lazer das filhas para o Centro de SMP; investindo em cursos de inglês; promovendo uma relação desinteressada com a cultura letrada.

A vida religiosa na Congregação Cristã do Brasil faz parte da identidade desse casal que procura se distanciar das imagens negativas que o bairro está atrelado e corrobora também para uma certa unidade moral no interior do lar. Porém, as condições de estabilidades de emprego, das trajetórias escolares, das relações familiares e a especificidade do trabalho de Silvia – que muda sua relação com a escolarização, “estoura a bolha” – parecem ser mais determinantes na organização e nas expectativas da vida familiar do que a influência da

participação religiosa em si; visto que Jessica e Natalia até mesmo questionam as crenças dos pais, mas não deixaram de conquistar as expectativas escolares e morais de sua mãe.

O segundo grupo identificado nesta pesquisa é o das famílias que possuem certas estabilidades de vida, mas sem muito controle garantido sobre elas e, por isso, vivem em situação de maior vulnerabilidade social; isto é, mais expostas aos riscos sociais. A instabilidade do trabalho é a condição que mais compromete as possibilidades de investimentos escolares e de organização familiar, limitando também as relações e expectativas dos indivíduos com o futuro. Sabendo da importância do trabalho formal, as mulheres dessas famílias mantêm uma relação instrumental com a educação (THIN, 2006; PAIXÃO, 2005), apostando que os conhecimentos ali adquiridos sejam eficazes em termos simbólicos e econômicos, dando acesso a posições mais estáveis no mercado de trabalho e que os afastem da exposição contínua aos riscos da pobreza (Cf SÁ, 2017). Esse é o caso da mãe Sônia (B) e da avó Angelina (C).

Sônia, porém, em termos de expectativas escolares, se aproxima da posição social ocupada pela mãe Silvia, estando no limítrofe entre o primeiro e o segundo grupo identificados. Ao ter conquistado a graduação na vida adulta, Sônia almeja o ensino superior e o percebe como um horizonte possível, mas não sem dificuldades. Ela sente os efeitos da desvalorização do diploma do Ensino Médio e não encontra dificuldades para obtê-lo, insistindo para que seus filhos sigam na escolarização, agora como meio de se profissionalizar. Para a Angelina, por sua vez, o ensino superior está em um horizonte distante e ela encontra até mesmo dificuldades para garantir a regularidade da educação básica da neta; ela almeja o ensino técnico também como meio de garantir melhores e mais estáveis postos de trabalho.

Por mais que a Sônia almeje o ensino superior para seus filhos, suas estratégias de educação escolar são as típicas dos meios populares – hierarquização das escolas do bairro, visando a matrícula na melhor instituição; relação passiva diante da instituição escolar (LAREAU, 2007); relação instrumental com os saberes escolares. Diferente de Silvia, Sônia não possui estratégias prospectivas de educação escolar e moral que de fato mobilize a família para a conquista de melhores posições no espaço social. Além da falta de apoio do esposo em suas expectativas de educação escolar e moral, a família não possui práticas da cultura letrada em seu cotidiano que os aproximem das lógicas escolares; como a Silvia que acessa a esse universo a partir do seu trabalho.

Angelina viveu em condições de alta vulnerabilidade social ao longo de toda a sua vida; ela adquire alguma estabilidade social após chegar na Vila Xavier, conquistando a própria casa, e, principalmente, com o seu trabalho estável na casa de uma família como doméstica. Além da relação de proximidade que ela estabeleceu com a sua patroa, em que a dona da casa lhe ajudou a construir a residência onde hoje a Angelina mora, a estabilidade financeira desse emprego permitiu que ela investisse no futuro de sua filha Claudia, custeando cursos técnicos e profissionalizantes. Investimentos realizados por acreditar que as credenciais escolares são um meio de adquirir melhores e mais estáveis postos de trabalho. Estando muito distante da cultura escolar, o ensino técnico profissionalizante é a sua mais alta aposta de escolarização.

Assim, o horizonte que Sônia e Angelina buscam é a conclusão do Ensino Médio; as ambições são menores, vinculadas mais à permanência naquilo que é assegurado pelas políticas públicas: a conclusão da educação básica obrigatória. São também orientadas por uma perspectiva temporal mais curta e não preveem a superação da barreira não garantida pela escolarização obrigatória: o acesso ao ensino superior.

Essas duas famílias também são as únicas que parecem se relacionar com a vida religiosa a partir de uma estratégia quase deliberada de regulação moral dos seus filhos ou neta. As estratégias, porém, são sempre negativas, de evitação: do bairro, das escolas, da sociabilidade jovem, da sexualidade. Contudo, a eficácia dessa estratégia de regulação moral a partir da religião dependem da coesão moral que os jovens estão inseridos.

Por mais que a Sônia se engaje religiosamente no intuito deliberativo de educar moralmente seus filhos, suas ações são pouco eficazes em afastá-los do que ela considera como as coisas negativas “do mundo” que existem no território, sendo deslegitimada por seu esposo que não compartilha das mesmas expectativas e visão de mundo que ela. Porém, sua participação na Congregação Cristã do Brasil corrobora para que Sônia mantenha suas expectativas de melhores condições sociais: ali ela convive com moradores do bairro mais bem posicionados socialmente, alguns com ensino superior, o que também a motivou a cursar essa etapa do ensino; Sônia também mantém a fé que no “tempo de Deus” sua família toda se tornará evangélica e, assim, assumirão os papéis de bons pais/filhos/companheiros, discurso religioso propagado para a regulação dos papéis familiares que promoveria a estabilidade familiar.

Angelina, por sua vez, não disputa o controle moral de sua neta com mais ninguém no lar, encontrando mais facilidade em suas estratégias. Sua maior atenção está diretamente

relacionada à regulação moral de Barbara, no intuito de evitar que ela cometa o que considera os erros de Claudia em relação a sexualidade. A Igreja que Angelina frequenta com sua neta possui cultos diários e os temas levantados em cultos são principalmente relacionados a evitação do que essa avó teme que possa acontecer com Barbara: casos de vícios, envolvimento com tráfico, gravidez na adolescência etc. Assim, a participação nessa denominação com seu consequente controle moral e de sociabilidade é um fator importante para essa avó que busca deliberadamente controlar sua neta. A garantia, porém, de que Barbara se mantenha no “caminho de Deus” também é frágil, disputando constantemente com as demais atratividades jovens “do mundo”; sem o acompanhamento obstinado da avó que não consegue mais sair com frequência de casa, Barbara também começa a cessar seus compromissos religiosos.

Assim, para essas duas famílias que mantêm uma relação instrumental com a escolarização, a influência da religiosidade na capacidade de transformar as relações com a educação escolar também parece fraca. Além da coesão moral, para que o discurso religioso ascético seja eficaz e tenha efeitos duradouros nas estratégias de regulação moral é preciso também contar com disponibilidade de recursos que permitam a ação de estratégias prospectivas, como é o caso da Silvia. Apesar dessa mãe mais bem posicionada no bairro também fazer uso de estratégias de controle das filhas, evitando a socialização no território, ela possui recursos financeiros, culturais e escolares – devido ao seu trabalho – que corroboram para a produção de estratégias também prospectivas de educação moral e escolar: cursos de inglês ou técnicos fora do território; consumo das práticas letradas; investimento na cultura de maneira desinteressada; condições financeiras de promover um lazer fora da Vila Harmonia. Na ausência desses recursos, a vida religiosa ativa e a internalização do modo de vida ascético não parecem ser suficientes para transformar a relação com a escolarização em comportamentos, práticas e ambições escolares. A trajetória escolar familiar, a estabilidade de trabalho, a relação com a escolarização em si e a coesão moral do universo do jovem são variáveis que se demonstraram de grande importância para as estratégias de escolarização e regulação moral. A religiosidade quase não aparece.

No terceiro e último grupo identificado da pesquisa estão as mães Júlia (C) e Tereza (D), que vivem uma condição de exclusão social constante: elas não têm assegurados os meios de vida elementares e estão expostas constantemente a situações extremas, com muitas necessidades sociais urgentes não atendidas; ainda que com grandes diferenças entre elas. Garantir as necessidades básicas de sobrevivência é a preocupação cotidiana dessas famílias.

A ausência do trabalho regular marca a instabilidade financeira, de moradia, de condições básicas de sobrevivência, e as impossibilita de agir e fazer investimentos no presente visando um bem futuro.

Nenhum dos adultos das famílias da Júlia e da Tereza completaram a escolarização básica. A mãe Júlia é a que mais avançou na escolarização: interrompeu no primeiro ano do EM, mas chegou a fazer cursos profissionalizantes visando uma melhor posição no mercado de trabalho; algo que não chegou a se concretizar devido aos cuidados que precisou dedicar a sua família. Apesar de ela compreender a educação como um processo importante para a aquisição de conhecimentos que sejam eficazes em termos simbólicos e econômicos, dando acesso a posições mais estáveis no mercado de trabalho, Júlia também está muito distante da cultura escolar. São os projetos de caráter social do bairro – o de planejamento familiar na OSC e o CCA para as crianças – que lhe ensinam sobre a importância de acompanhar a educação dos filhos nas reuniões, preocupando-se também com o bem-estar psicológico deles e os inserindo em atividades e projetos sociais do bairro. Essas ações, porém, não aparecem como uma estratégia de escolarização em que o foco está no melhor aprendizado e na melhor trajetória escolar dos filhos; aproxima-se mais do que Lareau (2007) denomina como crescimento natural em relação às lógicas socializadoras, enfatizando a busca por um crescimento seguro.

O diploma do Ensino Médio para a Júlia é uma opção possível, mas não é a prioridade do que deseja para os filhos, sendo sua conquista já uma vantagem. A sua filha mais velha, a Luana, estava no segundo ano do EM no momento da entrevista e tudo indicava que ela continuaria nos estudos, mas ela tem que dividir seu tempo entre suas obrigações escolares e as da casa, sendo essa última a priorizada.

Diante das necessidades diárias de organização familiar e de garantias de sobrevivência, a educação escolar não é a prioridade para nenhuma dessas famílias. Para a mãe Tereza, que vive em condições de extrema pobreza, nem o acesso ao Ensino Médio lhe parece uma opção no horizonte. Assim como visto por Sá (2017), essa mãe não possui condições até mesmo de planejar o presente, sem condições de mobilizar esforços para se reproduzir socialmente. Tereza também não consegue se inserir nas atividades e projetos sociais do bairro como a Júlia; ações que poderiam aliviar sua condição de exclusão.

A religiosidade para essas mães, diferente de todas as demais, não parece estar relacionada como uma forma de reprodução moral, assumindo-a como estratégia de evitação

dos riscos extremos do bairro e de regulação de papéis no interior da família. A regulação de papéis familiares ocorre em relação ao desejo de regular a figura do homem (também presente nas expectativas da mãe Sônia), em que o homem ideal propagado pelo discurso religioso é provedor financeiro, um bom pai e um esposo presente, também não possui vícios e não é violento; o que de fato traz melhores condições dentro do âmbito familiar. Tanto o esposo da Júlia quanto o da Tereza tornaram-se melhores pais e maridos após a conversão do evangelho, melhorando a dinâmica familiar como um todo. Porém, no que diz respeito a educação dos filhos, nem a Júlia e nem a Tereza assumem o comportamento ascético religioso como uma estratégia de regulação moral e social; a religiosidade evangélica e a consequente adesão a um estilo de vida pentecostal é para elas algo íntimo e individual, em que ambas compreendem ser possível – por “obra de Deus” – que seus filhos tenham escolhas “do mundo”, contrárias aos ensinamentos bíblicos. A possibilidade objetiva de que essas crianças e jovens se envolvam com o universo das drogas ou que vivam uma sexualidade não condizente com o discurso evangélico é algo sabido por essas mães. Elas, portanto, não possuem os meios para desenvolver estratégias positivas, orientadas para o futuro, e tampouco possuem meios necessários para assegurar a eficácia das estratégias negativas, de evitação dessas trajetórias sociais dramáticas a que estão sujeitas. Essa ausência de estratégias é legitimada pelo próprio discurso religioso levantado pelas entrevistadas, que embora preveja o livre-arbítrio dos indivíduos, afirma que todas as ações e acontecimentos têm uma justificativa divina.

Assim, essas mães também não podem desempenhar com eficácia estratégias de regulação moral dos filhos. Se para as entrevistadas do grupo dois, Sônia e Angelina, o discurso ascético religioso como estratégia de regulação moral depende da coesão moral e de recursos econômicos e simbólicos para a sua eficácia, para as mães Júlia e Tereza essas estratégias nem existem; não há força para assumirem essas estratégias negativas. O que se verifica é um esforço de regulação moral da própria conduta e do comportamento masculino, do provedor da família, sem força para regular o comportamento dos filhos.

O horizonte educacional é ainda mais curto, não prevendo com certeza sequer a conclusão da etapa final da escolarização básica obrigatória: o Ensino Médio.

Desse modo, a religiosidade evangélica ativa está associada a estratégias negativas, de evitação dos males do território, mas a eficácia dessas estratégias é mínima no caso das

famílias mais pobres, que não têm meios para implementá-las. Os investimentos escolares, contudo, dependem de outro tipo de estratégia, as positivas, orientadas para o futuro. Essas são mais raras, apenas vistas na fração de posição social mais alta, que pode, portanto, nutrir ambições escolares maiores.

As igrejas também variam entre as frações de classe, havendo uma distinção marcada: as igrejas mais estruturadas e maiores, nas quais há práticas letradas e possui meios de fornecer atividades que possuam lógicas análogas às lógicas escolares, estão no grupo socialmente mais alto do bairro. Tanto o grupo intermediário como o baixo frequentam igrejas de pequeno porte, com poucos fiéis e com líderes com baixa escolarização, por vezes com dificuldade até mesmo para leitura em voz alta fluente. Até mesmo as Assembleias de Deus, com sua estrutura nacional e que a educação formal (teológica) é uma exigência para a ascensão nos cargos de pastorado, no bairro Vila Harmonia são igrejas pequenas e afastam-se das práticas letradas.

As igrejas que parecem corresponder ao modelo teórico da vantagem escolar (letramento, estratégias prospectivas) não estão nos grupos mais pobres (intermediário e baixo). Essas igrejas têm mais comumente fiéis do grupo mais alto encontrado na pesquisa e de grupos médios, que não estudamos, e que são ainda mais escolarizados.

Desse modo, a resposta à pergunta de pesquisa – se a o modo de vida religioso, impulsionado pelo envolvimento na crença evangélica, transforma os comportamentos, as práticas e as ambições de famílias populares em relação a educação escolar e moral – só pode ser respondida se forem consideradas outras variáveis que não apenas as confissões religiosas. A posição social dos sujeitos é determinante. As disposições das famílias como também das igrejas que se aproximam das disposições valorizadas pela escola não existem em todos os grupos e são raras (quando não existentes) nas posições sociais mais baixas. Como resultado, temos o seguinte quadro síntese.

Apenas a fração mais alta das classes populares pode empreender estratégias negativa e também apostar em estratégias positivas; no que diz respeito à escolarização, verifica-se estratégias orientadas para o acesso ao Ensino Superior. Já a fração intermediária tem meios para empreender com certo êxito as estratégias negativas, mas não os tem para empreender as estratégias positivas presentes na fração mais alta; no que diz respeito à escolarização, a aposta mais comum nesse grupo é a conclusão da escolarização obrigatória. Por sua vez, a

fração mais baixa nem mesmo consegue mobilizar estratégias negativas no sentido restrito, não possuindo meios suficientes para assegurar a regulação de outros membros da família; no que diz respeito à escolarização, esse é o grupo mais distante da escola e com as menores ambições, que sequer supõem por assegurada a conclusão da escolarização obrigatória.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ronaldo de; BARBOSA, Rogério Jerônimo. *Transição Religiosa no Brasil*. In: ARRETCHE, Marta. *Trajetórias das Desigualdade: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos*. São Paulo: Editora Unesp; CEM, 2015.

ALMEIDA, Ronaldo. *Religião e desigualdade urbana*. In: *Interações*, Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 126-135, jul, 2011.

ALMEIDA, Ronaldo de. (2009). *Pluralismo religioso e espaço metropolitano*. In: R. de Almeida & C. Mafra (orgs.). *Religião e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

ALMEIDA, Ronaldo de. *Religião na metrópole paulista*. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo. vol. 19, n. 56, pp. 15-27, out. 2004.

ALMEIDA, R. R. M.; D'ANDREA, Tiarajú. *Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana*. In: *Novos Estudos*, São Paulo, v. 68, p. 94-106, 2004.

ALVES, Fátima. *Escolhas familiares, estratificação educacional e desempenho escolar: quais as relações*. **Dados**, Rio de Janeiro, vol. 53, n. 2, p. 447-468, 2010

ALVES, Luciana; BATISTA, Antônio Augusto Gomes; RIBEIRO, Vanda Mendes; ERNICA, Maurício. *Seleção velada em escolas públicas: práticas, processos e princípios geradores*. *Educ. Pesqui.* 2015, vol.41, n.1, pp.137-152.

ANUATTI-NETO, Francisco; NARITA, Renata Del Tedesco. *A influência da opção religiosa na acumulação de capital humano: um estudo exploratório*. **Estud. Econ.**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 453-486, set. de 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010141612004000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 de nov. de 2018.

ARANTES JUNIOR, P. F.; GADELHA, S. R. B. *Economia da Religião: Uma Resenha sobre Religião e Educação*. *Revista ciências da religião: história e sociedade*, v.15, n.1, 2018. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/10123>. Acesso em: 26 de nov. de 2018.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes e CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de. *Família, escola, território vulnerável*. São Paulo: CENPEC, 2013.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling: problems and techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**, v. 10, p. 141-163, 1981.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 89-94

_____. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 320 p. Tradução Sergio Micele.

CARVALHO, Cynthia P.; RAMOS, Maria Elizabete N. Religião e sucesso escolar na rede municipal do Rio de Janeiro. In: Educação em Revista, Belo Horizonte, n.33, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698162025>>. Acesso em: 26 de nov. de 2018.

CATROGA, Fernando. *Entre deuses e Césares: secularização, laicidade e religião civil*. Cap. III. A secularização do ideal de tolerância (pp. 65-91); Cap. VII. A secularização como laicidade (pp. 273-315). Cap. VIII. A laicização externa e interna (pp. 317-350); Cap. VI. A França: uma Pátria no lugar de Deus (pp. 227-269). Coimbra: Almedina, 2006.

COSTA, Livia. Família, Escola e Religião. *Que conflitos e negociações?*. Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 20, n. 35, jan./jun. 2011.

COSTA, Márcio; KOSLINSKI, Mariane. Quase-mercado oculto: a disputa por escolas “comuns” no Rio de Janeiro. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 41, n. 142, p. 246-266, jan./abr. 2011.

COSTA, Márcio et al. Oportunidades e escolhas: famílias e escolas em um sistema escolar desigual. In: ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir (Org.). Família & escola: novas perspectivas de análise. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 131-164.

CUNHA, Luiz Antônio. Autonomização do campo educacional: efeitos do e no ensino religioso. Revista Contemporânea de Educação. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação - UFRJ, v. 1, p. 1-15, 2006.

CUNHA, Nina M.; RIOS-NETO, Eduardo L. G.; OLIVEIRA, Ana Maria H. C. Religiosidade e desempenho escolar: o caso de jovens brasileiros da região metropolitana de Belo Horizonte. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Brasília, v. 44, n. 1, p. 71-116, abr. 2014.

CURY, C. R. J. Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente.

Revista Brasileira de Educação. Campinas, SP. n.27, p. 183-191, set./out./nov./dez. 2004.

DIAS, Ana Cristina Garcia; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, p. 123-131, Apr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2010000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 Nov. 2019.

DINIZ, Debora; LIONÇO, Tatiana; CARRIÃO, Vanessa. Laicidade e Ensino Religioso no Brasil. Brasília: Unesco, Editora Letras Livres, Editora UnB, 2010.

DUARTE, Luiz F. HEILBORN, Maria L.; BARROS, Myriam de; PEIXOTO, Clarice. *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

ERNICA, Maurício; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *A escola, a metrópole e a vizinhança vulnerável*. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 640-666, Ago. 2012.

ERNICA, Mauricio. *Desigualdades educacionais no espaço urbano: o caso de Teresina*. *Rev. Bras. Educ.*, Set 2013, vol.18, no.54, p.523-788

FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Acesso em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

FAN, C. S. Religious participation and children's education: a social capital approach. *Journal of Economic Behavior and Organization*, v. 65, p. 303-317, 2008.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. *Ser crente: Experiência e linguagem religiosa da vida pentecostal*, tese (Doutorado em Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz e Fora, Instituto de Ciências Humanas, 2017.

FRESTON, P. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*, tese (Doutorado em Sociologia) Campinas, IFCH-Unicamp, 1993.

GOMES, Edlaine de Campos. **Família e trajetórias individuais em um contexto religioso plural**. In: DUARTE, Luiz F. HEILBORN, Maria L.; BARROS, Myriam de; PEIXOTO, Clarice. *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

KERSCH, Dorotea F.; da SILVA, Michele O.. *Meu modo de falar mudou bastante, as pessoas notaram a diferença em mim: quando o letramento é desenvolvido fora do contexto escolar*.

In: Trab. Ling. Aplic., Campinas, n. (51.2): 389:408, jul/dez. 2012.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. Bernard. O sucesso escolar nos meios populares: a razão do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LAREAU, Annette. *A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas*. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, n. 46, p. 13-82. Dec. 2007.

LEHRER, Evelyn L. Religion as a Determinant of Economic and Demographic Behavior in the United States. In: Population and Development Review, 2004. Disponível em: <<http://ftp.iza.org/dp1390.pdf>>. Acesso em: 26 de nov. de 2018.

LEITE, Márcia P. *Religião e política no espaço público: moradores de favela contra a violência e por justiça*. In: R. de Almeida & C. Mafra (orgs.). **Religião e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

MACHADO, Alexandre Fabio. Desigualdade de acesso a oportunidades educacionais: acesso à escola de mais alto desempenho relativo em Carapicuíba. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2017.

MACHADO, Carly Barbosa. *Pentecostalismo e o sofrimento do (ex)bandido: testemunhos, mediações, modos de subjetivação e projetos de cidadania nas periferias*. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 153-180, jul./dez. 2014.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo, SP: ANPOCS, 1996.

MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo. (orgs.). *Religiões e Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. 247 páginas.

MAFRA, Clara. *Distância territorial, desgaste cultural e conversão pentecostal*. In: R. de Almeida & C. Mafra (orgs.). **Religião e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5ª ed. São Paulo, Loyola, ago. 2014.

_____. Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço. *Perspectiva Teológica* (Belo Horizonte), v. 43, p. 11-36, 2011.

MARIZ, Cecília. *Comunidades de vida no Espírito Santo: um novo modelo de família?* In: DUARTE, Luiz F.; HEILBORN, Maria L.; BARROS, Myriam de; PEIXOTO, Clarice. **Família e Religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 263-286, 2006.

MATOS, Teresinha. Caseiras pentecostais: mulheres felizes. In: *Último andar, Caderno de Pesquisa da Ciência da Religião*, São Paulo, n. 16, 129-182, jun., 2007.

MEDEIROS, J. M. S. JANUARIO, A.. *A nova classe trabalhadora e a expansão da escola privada nas periferias da cidade de São Paulo*. In: 38º Encontro Anual da Anpocs, 2014, Caxambu-MG. Anais do 38º Encontro Anual da Anpocs, 2014.

MONTERO, Paula. “Religiões Públicas” ou religiões na Esfera Pública? Para uma crítica ao conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 128-150, June 2016. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872016000100128&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Dec. 2019.

MONTERO, Paula. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 167-183, 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872012000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Dec. 2019.

MUNIZ, Tamiris Alves. *A Disciplina Ensino Religioso no Currículo Escolar Brasileiro: institucionalização e permanência*. 2014. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2014.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOGUEIRA, M. A. **No Fio da Navalha: a (nova) classe média brasileira e sua opção pela escolaridade particular**. In: ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir (Orgs.). *Família & Escola: novas perspectivas de análise*. Petrópolis: Vozes, 2013.

NOVAES, Regina. Os escolhidos de Deus: Pentecostais, trabalhadores e cidadania. *Cadernos do Iser – Instituto de Estudos da Religião – Marco Zero*, Rio de Janeiro, São Paulo, n. 19, pp. 1-159, 1985.

NUNES, A. I. C. Discurso religioso no cárcere: caminhos e possibilidades. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

OLIVEIRA, Lesly Guimarães Vicenzi; PEDROSO, J. da S. Desenvolvimento de crianças sob influência dos contextos sociais e da religiosidade. In: *Interação em Psicologia* (online), v. 21, p. 1-8, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/46448>>. Acesso em: 17 de novembro de 2018.

PAIXÃO, Lea Pinheiro. Significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão. *Cadernos de Pesquisa*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 124, p.141-170, Jan/ abril. 2005

PAIXÃO, Lea Pinheiro. Expectativas de socialização na escola entre mães de camadas populares do Rio de Janeiro. *Revista de Educação Pública*, [S.l.], v. 18, n. 36, p. 33-48, sep. 2012. ISSN 2238-2097. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/518>>. Acesso em: 15 may 2019.

RAMOS, Maria Elizabete N. *Influência das redes religiosas no acesso e permanência em escolas públicas com bons resultados escolares*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2014.

RESENDE, T. F.; NOGUEIRA, Claudio M. M.; NOGUEIRA, M. A. *Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares*. *Educação Sociedade* (Impresso), v. 1, p. 953-970, 2011.

RIBEIRO, Vanessa da Silva P. *Redes de amparo e os evangélicos pentecostais em favela: uma abordagem a partir da Assembleia de Deus no norte fluminense*. In: 41º Encontro Anual da Anpocs, 2017, Caxambu-MG. *Anais do 41º Encontro Anual da Anpocs, 2017*. Acesso em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt29-11/10879-redes-de-amparo-e-os-evangelicos-pentecostais-em-favela-uma-abordagem-a-partir-da-assembleia-de-deus-no-norte-fluminense/file>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

RIBEIRO, Luiz César; KAZTMAN, Ruben. *A cidade contra a Escola? Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina*. Rio de Janeiro, Letra Capital: FAPERJ; Montevideu, Uruguai: IPES, 2008.

ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir (Orgs.). *Família & escola: novas perspectivas de análise*. Petrópolis: Vozes, 2013.

SÁ, Lilian Lucia Felix de. *A circulação de crianças e os sentidos da escolarização para mães de criação que vivem em territórios vulneráveis*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Campinas: Unicamp, 2017.

SCOTT, Russel Parry; CANTARELLI, Johhly. Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares. In: CADERNO CRH, Salvador, v. 17, n. 42, p. 375-388, Set./Dez. 2004

SILVA, L. F. Pentecostalismo e sociabilidade no espaço escolar público: enfrentamentos e arranjos possíveis. In: 41º Encontro Anual da Anpocs, 2017, Caxambu. 41º Encontro Anual da Anpocs, 2017.

SOARES, José Francisco; RIGOTTI, José Irineu Rangel; ANDRADE, Luciana Teixeira de. *As desigualdades socioespaciais e o efeito das escolas públicas de Belo Horizonte*. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; KAZTMAN, Ruben. *A cidade contra a escola?: segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina*. Rio de Janeiro: Letra Capital, FAPERJ; Montevideu: IPPES, 2008. p. 119-144.

SOUZA, Fernanda de Lima. *A escolha de um estabelecimento de ensino católico por algumas famílias moradoras do Méier: a pluralidade do ato de escolher*. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

SOUZA, Jessé (2010), *Os Batalhadores Brasileiros: Nova Classe Média ou Nova Classe Trabalhadora?*. 2ª Ed. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

SPYER, Juliano. *Classe C não usa Facebook para mobilização política, mas a rede motiva o jovem pobre a ler e escrever*. [Entrevista concedida a] Flávia Marreiro. **El País**, Brasil, 28 de nov. de 2017. Redes Sociais. Acesso em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/20/politica/1511197107_444639.html>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. *Conjugalidade, sexualidade e prosperidade como razões pedagógicas na Igreja Universal*. In: 37º Encontro Anual da Anpocs (Apresentação de Trabalho/Comunicação), 2013, Águas de Lindóia-SP. Anais do 37º Encontro Anual da Anpocs, 2013. Acesso em: < <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/37-encontro-anual-da-anpocs/spg-2/spg11-2/8725-conjugalidade-sexualidade-e-prosperidade-como-razoes-pedagogicas-na-igreja-universal>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

THIN, Daniel. *Famílias populares e instituição escolar: entre autonomia e heteronomia*. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 36, n. spe, p. 65-77, abril. 2010.

THIN, Daniel. *Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras*. **Rev. Bras. Educ.**, ago 2006, vol.11, nº.32,

p.211-225.

TORRES, H; MACHADO, W. *Revelando o território: transformações da região de São Miguel Paulista*. In: FUNDAÇÃO TÍDE SETUBAL. *Conexão São Miguel Paulista: uma década de experiências da Fundação Tide Setubal no enfrentamento de desigualdades em periferias urbanas*. São Paulo, SP: Fundação Tide Setubal, 2016.

VAN ZANTEN, Agnès. A escolha dos outros: julgamentos, estratégias e segregações escolares. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 409-433, Dec. 2010. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 maio de 2019.

VINUTO, J.A Amostragem em bola de neve a pesquisa qualitativa: Um debate em aberto. **Temáticas**, v.22, p. 203-220, 2014

WILSON, William Julius. The New Urban Poverty and the Problem of Race. In: The Tanner Lectures on Human Values, vol. 16. Salt Lake City: University of Utah Presse; 1993, pp. 2-34.

XIMENES, Salomão Barros. O Ensino Religioso as Escolas Públicas Brasileira: do Direto à Liberdade de Crença e Culto ao Direito à Prestação Estatal Positiva. In: RANIERI, Nina. *Direito à Educação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ZAGO, N. *Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar*. In: NOGUEIRA, M.A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs.) *Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.17-43.

ZAGO, Nadir. *A relação escola-família nos meios populares: apontamentos de um itinerário de pesquisas*. In: DAYRELL, Juarez. **Família, Escola e Juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. P. 132-150.